MARIANE DA SILVA PISANI

“Sou feita de chuva, sol e barro”: o futebol de mulheres praticado na cidade de São Paulo

Versão corrigida

Tese apresentada ao programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutora em Antropologia Social.

Orientadora: Dr^a. Prof^a. Heloisa Buarque de Almeida

São Paulo
2018

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

P674" Pisani, Mariane da Silva
"Sou feita de chuva, sol e barro": o futebol de mulheres praticado na cidade de São Paulo / Mariane da Silva Pisani ; orientador Heloisa Buarque de Almeida. - São Paulo, 2018.
245 f.

Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
Departamento de Antropologia. Área de concentração: Antropologia Social.

1. Estudos de Gênero. 2. Antropologia. 3. Antropologia do Esporte. 4. Futebol. 5. Futebol Feminino. I. Almeida, Heloisa Buarque de, orient. II. Título.

“Sou feita de chuva, sol e barro”: o futebol de mulheres praticado na cidade de
São Paulo

São Paulo
2018

PISANI, Mariane da Silva. **“Sou feita de chuva, sol e barro”: o futebol de mulheres praticado na cidade de São Paulo**. Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutora em Antropologia Social.

Aprovado em: _____

Banca Examinadora

Titulares

Professor(a): Dr^a. Heloisa Buarque de Almeida (presidente)

Instituição: Universidade de São Paulo

Julgamento: _____

Professor(a): Dr^a. Silvana de Souza Nascimento

Instituição: Universidade de São Paulo

Julgamento: _____

Professor(a): Dr. Heitor Frugoli Jr.

Instituição: Universidade de São Paulo

Julgamento: _____

Professor(a): Dr. Leonardo Turchi Pacheco.

Instituição: Universidade Federal de Alfenas

Suplentes

Professor(a): Dr. Julio Simões de Assis

Instituição: Universidade de São Paulo

Julgamento: _____

Professor(a): Dr^a. Rocio Alonso Lorenzo

Instituição: Universidade de São Paulo

Julgamento: _____

Professor(a): Dr. Guilherme Aderaldo

Instituição: Universidade de São Paulo

Julgamento: _____

Professor(a): Dr. Martin Christoph Curi Spörl

Instituição: Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Julgamento:_____

Julgamento:_____

Professor(a): Dr^a.: Stephanie Schütze

Instituição: Freie Universität Berlin

Julgamento:_____

Professor(a): Dr^a. Leda Maria da

Costa

Instituição: Universidade Estadual do

Rio de Janeiro

Julgamento:_____

Para Osni e Josefina.

&

Para Felipe.

AGRADECIMENTOS

À Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), processo 2013/10845-8, que tornou essa pesquisa possível.

À minha orientadora maravilhosa, Heloisa Buarque de Almeida, que aceitou orientar essa tese sobre futebol e que, em muitos momentos foi mais que orientadora: foi mãe, ouvinte, conselheira e amiga. Obrigada por transformar de maneira positiva minha experiência na pós-graduação, por compreender e acolher as dificuldades que tive ao longo dessa trajetória, por compartilhar tantos momentos de angústia e de alegrias vividos em campo. Você é inspiração – de trabalho dedicado, sério, comprometido e afetuoso - para todas suas orientandas e ex-orientandas.

Aos funcionários da secretaria do Departamento de Antropologia: Ivanete Ramos, Soraya Gerbara Toledo, Rose de Oliveira, Celso Gonçalves e Edinaldo Faria Lima, pessoas dedicadas e pacientes que nos auxiliam cotidianamente.

Aos professores do Núcleo dos Marcadores Sociais da Diferença (NUMAS/USP): professor Julio Simões, professora Lara Moutinho, professora Lilia Schwartz, pela generosidade das trocas acadêmicas, sugestões e acolhimento ao longo dos últimos anos.

Aos professores do Núcleo de Antropologia Urbana (NAU/USP): em primeiro lugar ao professor José Guilherme Cantor Magnani, que me acolheu no NAU, me recebeu em São Paulo com muita generosidade e, confiando em meu trabalho, me abriu portas nos primeiros anos desse doutorado. Em segundo lugar à professora Silvana de Souza Nascimento, por todo apoio, incentivo e carinho comigo e com essa pesquisa.

Ao professor do Grupo de Estudos de Antropologia da Cidade (GEAC/USP): professor Heitor Frúgoli Jr., pelas trocas acadêmicas, pelas sugestões e observações cuidadosas em relação ao desenvolvimento do trabalho de campo e por todo aprendizado possível ao longo do estágio docente.

Aos professores e colegas do Laboratório de Imagem e Som (LISA/USP), especialmente ao Ricardo Berro, que auxiliou na montagem do vídeo que integra e compõe essa tese.

À professora Carmen Rial e aos colegas do Núcleo de Antropologia Audiovisual (NAVI/UFSC), que se dispuseram a ler e que contribuíram com muitas sugestões para melhoria dessa tese.

Ao professor Niko Besnier e aos colegas do grupo GLOBALSPORT: Adnan, Uros, Mark, Domenica, Daniel, Sebastian e Megan que me acolheram em Amsterdam durante meu Estágio de Pesquisa no Exterior.

Aos colegas de Pós Graduação, sempre preparados/as para a luta e para o fervor: Marisol Marini, Michele Escoura, Gustavo Saggese, Ana Fiori, Bruno Cesar Barbosa, Marcella Betti, Pedro Lopes, Márcio Zamboni, Gibran Teixeira Braga, Ramon Reis, Tatiane Manhães, Laís Miwa Higa, Luiza Ferreira Lima, Isabela Venturoza, Rafael Noletto, Lauren Zeytounlian, Valéria Alves, Izabela Nalio, Fernanda Kalianny, Paula Alegria, Carol Parreiras, Thiago Oliveira, Tulio Bucchioni, Letizia Patriarca, Lucas Bugarelli, Arthur Fontgaland, Beatriz Accioly Lins, Bernardo Fonseca Machado, Bruna Triana, Gleyci Mailly Silva, Renata Guedes Mourão Macedo, Bruno Puccinelli, Carolina Marazziello, Hélio Menezes, Clara Coelho, Felipe Piva, Thiago Haruo, Waldor Botero, Antonio Gouveia, Gabriel Bocchi, Rocio Lorenzo, Guilherme Aderaldo, Hugo Prudente, Lucas Carvalho, Leonardo Braga, Talita Lanzarini, Kelen Pessuto, Giancarlo Machado, Jacqueline Teixeira, Yara Alves, Camila de Paula, Jorge Gonçalves.

Aos colegas dos grupos de trabalho sobre Antropologia dos Esportes: Martin Curi, Leda Maria Costa, Gustavo Bandeira, Leonardo Turchi Pacheco, Luiz Rojo, Luiz Burlamaqui, Claudia Kessler, pessoas com quem dialogo, cresço e aprendo mais sobre Antropologia do Esporte desde o ano de 2010.

Ao Corinthians, sem precisar de porquês ou justificativas.

Às mulheres jogadoras de futebol, que esse caminho e o desenvolvimento dessa tese me permitiu conhecer. Especialmente à Ita e as atletas que jogam junto dela. Você são inspiração de comprometimento, alegria, superação, força e garra.

À Marcinha (Bina!!!) e à Gabi. Foi com muita emoção e com muito prazer que acompanhei vocês ao longo dos últimos anos: dos campos de futebol aos bancos da Universidade. Duas jogadoras de futebol e agora também duas Educadoras Físicas. Meus parabéns por terem concluído seus TCC's, aprendi e ainda aprendo muito com vocês. O mundo é de vocês, meninas!

Às mulheres invencíveis que a cidade de São Paulo me proporcionou conhecer e que dividem comigo o amor pelo futebol: Luciane de Castro e Aira Bonfim. Queridas, muito obrigada pelas trocas, pelos afetos, pelas parcerias e pelo caminho trilhado em conjunto ao longo dos últimos anos. Sigamos em frente, com muita força e muita coragem, sempre!

Aos queridos/as colegas de turma de doutorado de 2013/1, em especial à Jacqueline, Ana, Talita e Marisol, pelo carinho, cuidado e afeto divididos ao longo desse caminho. Sobrevivemos, queridas!

Aos PPGATOS/AS: Ana, Camila, Helena, Isabela, Jacqueline, Jorge, Léo, Letizia, Talita, Yara, Augusto e Fabi.

Às mulheres fortes e destemidas, musas inspiradoras: Isabela Venturosa, Izabela Nalio, Letizia Patriarca, Luiza Ferreira Lima, Fernanda Kalianny, Thais Tiriba. Que todo amor e afeto se multipliquem e que vocês possam encontrar muitas alegrias ao longo da vida.

À Juliana, pois 21 anos de amizade dizem mais do que essas tortas linhas ousariam descrever.

Ao Guilherme e à Sirley, pelo carinho e conselhos sempre lúcidos e pontuais.

Aos meus queridos Rafael, Gandhi e Jéssica, pelos momentos de descontração, parceria e amizade que foram fundamentais para que eu não pirasse (muito!) na batatinha ao longo do processo de escrita.

Aos queridos Natan Kremer, Heloisa Domingos, Diane Macedo e Rachel Abrão, que compartilham comigo as (des)aventuras de tornar-se professor/a de Sociologia. Desejo que possamos exercer a nossa profissão – que embora pouco valorizada é muito importante – para modificar um pouco essa sociedade que anda careta, retrógrada e conservadora. Vocês são inspiração pra mim.

À Caroline, a amiga amada que a Antropologia se encarregou de colocar na minha vida. Neguinha, que bom ter encontrado você nesse caminhar e ter conseguido dividir tantas aventuras, viagens, cervejas, lágrimas, sorrisos, confidências e cuidados que vão para além da vida acadêmica. É uma honra, um prazer e um privilégio ter uma amiga tão amorosa e atenta como você. Te levo no meu coração, onde quer que eu vá.

À Ana, minha incomparável Ana Letícia Fiori. Que me acolheu na Taverna do Quati e transformou o sentido das palavras lar e família durante esses últimos anos de doutorado em São Paulo. Obrigada por tudo, você foi meu porto seguro! Querida, “realmente, o mundo está cheio de perigos, mas ainda há muita coisa bonita, e embora atualmente o amor e a tristeza estejam misturados em todas as terras, talvez o primeiro ainda cresça com mais força” (Tolkien – Senhor dos Anéis: As duas torres). Que possamos dividir muitas cervejas, partidas de boardgame, alegrias e tristezas ao longo de nossas vidas.

Ao Maycon, que sempre me recebeu de braços abertos, seja em Floripa, em São Paulo ou em Lages. Maninho, agradeço aos bons ventos que colocaram você na minha vida, você está marcado na minha história. Obrigada por toda sua diplomacia, elegância, calma, amor e amizade. Você me fez seguir sempre em frente, com serenidade e confiança. Mesmo nos dias em que eu não acreditava mais em mim.

Ao Icles, sempre íntegro, consistente e incondicionalmente apaixonado pelo que faz. Amigo querido, você é o melhor historiador, cozinheiro, piadista e "garimpador" de vídeos de gatinhos e filhotes fofos que eu conheço (risos). É também um exemplo para mim, você ressignificou o meu sentido de perseverança e de trabalho. Obrigada por ter aberto as portas e me convidado para desenvolver com você uma série de vídeos sobre Antropologia para o seu canal de YouTube. Espero que nossa parceria e amizade durem por muitos e muitos anos mais.

Ao Didico e à Odete, minhas bolinhas peludas ronronantes, por manterem meus pés e meu coração quentinhos durante a escrita desse trabalho.

Aos meus pais, Osni e Josefina. As molas propulsoras de todos os meus os sonhos, até os mais delirantes ("Mãe, pai, estou indo fazer doutorado em São Paulo!"; "Vai, minha filha, que o mundo é teu!"); as bases sólidas da minha vida; o amor que nunca acaba, nem nos tempos mais adversos; as diferenças pessoais que modelam meu caráter. Nos últimos cinco anos, não pudemos estar juntos em algumas datas e comemorações importantes – aniversários, Dia das Mães, Dia dos Pais. Eu sinto muito pelo que foi perdido, mas eu sei que vocês não deixaram de apoiar em nenhum momento esse sonho, essa tese. Então, aqui está o trabalho final, resultado dos tempos em que eu estive fora e longe de vocês, mesmo quando eu queria estar perto.

Por fim, ao Felipe, que disse incontáveis vezes: "termina logo essa tese, que eu não aguento mais te ver estressada!" (risos). Chi, você que ficou acordado e sentado do meu lado por várias madrugadas apenas para me ouvir ler em voz alta cada trecho que eu achava mal escrito ou confuso; que também me ajudou a arrumar minhas referências; que leu e releu esse trabalho tantas vezes que, acredito, decorou cada palavrinha que está aqui dentro... Meu amor, você trouxe fôlego, ânimo, apoio, acolhimento e afeto para essa etapa tão importante da minha vida. Eu, definitivamente, não teria conseguido sem você. Obrigada por me deixar somar minha vida a sua, por ser paciente e por ficar ao meu lado, mesmo nos dias mais difíceis. For the grace of you, go I. Demorou, eu sei, mas acabou.

“Pelo menos no que concerne à antropologia *duas* coisas são certas a longo prazo: uma delas é que estaremos todos mortos; mas a outra é que estaremos todos errados. Evidentemente, uma carreira acadêmica feliz é aquela em que a primeira coisa acontece antes da segunda” (Marshall Shalins).

RESUMO

PISANI, Mariane da Silva. **“Sou feita de chuva, sol e barro”: o futebol de mulheres praticado na cidade de São Paulo**. Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutora em Antropologia Social. 245pp.

Essa tese de doutorado busca compreender como os Marcadores Sociais da Diferença – descritos aqui enquanto as categorias analíticas de gênero, raça, sexualidade e classe - permeiam a prática futebolística de mulheres na cidade de São Paulo, orientando a construção de corpos e tornando possível a construção de redes diversas de afetividade entre elas. A tese descreve os locais e a rotina dos times e a presença de um circuito de futebol de mulheres na cidade. A partir do método etnográfico realizado com o uso de uma câmera fotográfica e desenvolvido entre cinco equipes de futebol de mulheres da capital paulistana, em diversas regiões da cidade, acompanhei como as mulheres que escolhem o futebol enquanto prática esportiva – seja na qualidade de prática amadora, profissional ou de lazer – estabelecem, entre si, redes de apoio e solidariedade. As redes, por sua vez, orientam a circulação dessas jogadoras pela cidade de São Paulo, estabelecendo a partir de diferentes formas de sociabilidade dois tipos de circuito: o futebolístico e o afetivo-sexual. Na observação participante foi possível notar como algumas dessas redes ajudam-nas a lidar com cotidianos por vezes violentos, simbólica ou fisicamente. A tese analisa ainda como a prática esportiva a partir dessas redes estabelecem padrões corporais que dialogam com a escolha por parcerias afetivo-sexuais.

Palavras chave: Futebol Feminino. Futebol de mulheres. Corpo. Estudos de Gênero. Marcadores Sociais da Diferença. Antropologia do Esporte. Antropologia Urbana. Antropologia Audiovisual.

ABSTRACT

PISANI, Mariane da Silva. **"I am rain, sun and mud": women's football in São Paulo city**. 2018. Thesis (Doctorate in Social Anthropology) - Faculty of Philosophy, Languages and Literature, and Human Sciences, University of São Paulo. 245 pp.

This thesis aims to understand how Social Markers of Difference - described here through analytical categories of gender, race, sexuality and class - permeate football practices of women living in São Paulo. We investigate how those categories inform the building of bodies and enable the weaving of a network among the players. By means of an ethnographic research aided by a photographic camera and carried out with five different women's football teams, I could have access to how women who choose football as a sport practice - as amateurs, professional or as a leisure activity - establishes among themselves networks of support and solidarity. These networks, on turn, guides the circulation of those players around São Paulo, setting two kinds of circuits: the football circuit and the lesbian circuit. These networks also help the players to handle their sometimes symbolic or physically violent daily lives, as well as to establish bodily patterns that enables them to choose affective and sexual partners.

Keywords: Women's Football. Body. Gender Studies. Social Markers of Difference. Anthropology of Sport. Urban Anthropology. Audiovisual Anthropology.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA1 - ANTROPOLOGIA FROM THE BODY. MANAUS, NOVEMBRO DE 2013.	31
FIGURA 2 - AS JOGADORAS E A ANTROPÓLOGA. FOTO POR MARIANE DA SILVA PISANI. JUNHO DE 2015.....	42
FIGURA 3 - DE OLHO NO LANCE: O GOL DA JOGADORA AMANDA (ASAPE). FOTO POR MARIANE DA SILVA PISANI. JULHO DE 2014.....	49
FIGURA 4 - JOGADORAS DO SESC ESTRELAS E ASAPE. FOTOGRAFIAS POR MARIANE DA SILVA PISANI	56
FIGURA 5 - MAPA DA CIDADE DE SÃO PAULO.....	60
FIGURA 6- BANDEIRA DE GUAIANASES NAS MÃOS DA JOGADORA WIARA. FOTO POR MARIANE DA SILVA PISANI. ABRIL DE 2014.....	65
FIGURA 7 - ASSOCIAÇÃO ATLÉTICA PRÓ-ESPORTE. FOTO POR MARIANE DA SILVA PISANI. ABRIL 2014.....	66
FIGURA 8- JOGADORA DO CENTRO OLÍMPICO DE TREINAMENTO E PESQUISA CATEGORIA SUB-13. FOTO POR MARIANE DA SILVA PISANI. ABRIL DE 2013	75
FIGURA 9- PELADO REAL FUTEBOL & ARTE. FOTO POR PELADO REAL & ARTE.....	79
FIGURA 10 - MASCOTE PELADO REAL FUTEBOL & ARTE, ROSIE THE RIVETER E CAMISETA. IMAGENS RETIRADAS DO SITE DA EQUIPE PELADO REAL FUTEBOL & ARTE.	80
FIGURA 11- JOGADORAS DO SESC ESTRELAS COMEMORANDO A VITÓRIA EM UM CAMPEONATO. FOTO POR MARIANE DA SILVA PISANI. JUNHO DE 2014.....	83
FIGURA 12- CAPA DO JORNAL OSTE NEWS. FOTOGRAFIA POR MARIANE DA SILVA PISANI. AGOSTO DE 2015	86
FIGURA 13 - VISTA AÉREA DOS CAMPOS DO CODÓ (EM PRIMEIRO PLANO) E GÊMIO BOTAFOGO (SEGUNDO PLANO). A ESQUERDA DA FOTO A RADIAL LESTE E À DIREITA, O JARDIM AURORA. FOTO POR MARIANE DA SILVA PISANI CAPTURADA DO SEGUNDO ANDAR DO CEU JAMBEIRO. NOVEMBRO DE 2013.	96
FIGURA 14 - CAMPOS DO CODÓ, BOTAFOGO E CEU JAMBEIRO. FOTO CAPTURADA COM AUXÍLIO DO GOOGLE MAPS.	96
FIGURA 15 - CÔRREGO QUE CRUZA O DISTRITO DE GUAIANASES, OUTRORA, ESCRITO NAS PAREDES DO CANAL, LIA-SE “WELCOME TO GUA”. IMAGEM RETIRADA DO GOOGLE EARTH. JULHO DE 2017.	99
FIGURA 16 - CAMPO ONDE AS JOGADORAS DA ASAPE TREINAM E JOGAM. AO FUNDO, JARDIM AURORA, LOCAL ONDE MUITAS RESIDEM. FOTO POR MARIANE DA SILVA PISANI. MARÇO DE 2014.....	102
FIGURA 17 - JOGADORAS DA ASAPE NA 18ª PARADA DA DIVERSIDADE LGBT DA CIDADE DE SÃO PAULO. FOTOGRAFIA POR MARIANE DA SILVA PISANI. MAIO DE 2014.	103
FIGURA 18 - ATLETAS DA ASAPE E ITA NUMA RUA DO JARDIM AURORA. FOTO POR MARIANE DA SILVA PISANI. ABRIL DE 2014.	105
FIGURA 19– SOCIABILIDADES E CIRCUITOS LÉSBICO E FUTEBOLÍSTICO. IMAGEM RETIRADA DO GOOGLE MAPS E MODIFICADA POR MARIANE DA SILVA PISANI	109
FIGURA 20 - ATLETAS DA ASAPE SENTADAS À BEIRA DA PRAIA EM CARAGUATATUBA. ACERVO PESSOAL DE MARIANE DA SILVA PISANI, FOTO DE JULHO DE 2014.....	110
FIGURA 21 - CAPA E REPORTAGEM DA REVISTA PLACAR. AGOSTO DE 1995.	125

FIGURA 22 - RECORTE DE JORNAL. ELITE... NOVAMENTE CAMPEÃO. FOTO DO ACERVO PESSOAL DE ITA, GENTILMENTE CEDIDO.	131
FIGURA 23 - ITA, NOS ANOS 1990. FOTO DO ACERVO PESSOAL DE ITA, GENTILMENTE CEDIDO.	132
FIGURA 24 - ITA NOMEADA COMO PERSONALIDADE DE ITAQUERA EM 1999. . FOTO DO ACERVO PESSOAL DE ITA, GENTILMENTE CEDIDO.	133
FIGURA 25 - ITA, PREPARANDO SUA MÁQUINA SINGER PARA INICIAR OS TRABALHOS DE COSTURA DO DIA. FOTO POR MARIANE DA SILVA PISANI. ANO DE 2017.	134
FIGURA 26- REVISTA PLACAR. MAIO DE 1997.	135
FIGURA 27 - AMANDA E WIARA ARRUMANDO SEUS PIERCINGS. FOTO POR MARIANE DA SILVA PISANI. ABRIL DE 2014.	138
FIGURA 28- ATLETAS ARRUMANDO OS CABELOS. FOTO POR MARIANE DA SILVA PISANI. ABRIL DE 2013.	138
FIGURA 29 - REPORTAGEM DA REVISTA PLACAR, EDIÇÃO Nº 701, DE 28 DE OUTUBRO DE 1983.	157
FIGURA 30 - DANI. FOTO REALIZADA POR MARIANE PISANI. DEZEMBRO DE 2013.	160
FIGURA 31 – TIME VICE-CAMPEÃO. FOTO REALIZADA POR MARIANE PISANI. DEZEMBRO DE 2013.	161
FIGURA 32 - REPORTAGEM DA REVISTA PLACAR. ABRIL DE 1996.	178
FIGURA 33 - REPORTAGEM DA REVISTA PLACAR. SETEMBRO DE 1996.	179
FIGURA 34 - INFOGRÁFICO DOS MARCADORES SOCIAIS DA DIFERENÇA. ELABORADO POR MARIANE DA SILVA PISANI.	190
FIGURA 35 – ENTRADA PRINCIPAL DE UM VESTIÁRIO. FOTO POR MARIANE DA SILVA PISANI. JUNHO DE 2013.	203
FIGURA 36 - UNIFORMES DIDISPOSTOS NO CHÃO. FOTO POR MARIANE DA SILVA PISANI. JUNHO DE 2013.	204
FIGURA 37 - JOGADORAS PREPARANDO-SE PARA ENTRAR EM CAMPO. AO CENTRO, JOGADORA ENFAIXANDO OS PÉS PARA PROTEGER DE UMA POSSÍVEL TORÇÃO. FOTO POR MARIANE DA SILVA PISANI. ABRIL DE 2014.	205
FIGURA 38 - CHUTEIRAS. FOTO POR MARIANE DA SILVA PISANI. FEVEREIRO DE 2014. ...	206
FIGURA 39 - CABINE DOS VASOS SANITÁRIOS. FOTO POR MARIANE DA SILVA PISANI. JUNHO DE 2013.	207
FIGURA 40 - ATLETA SE CONCENTRANDO ANTES DA PARTIDA. FOTO POR MARIANE DA SILVA PISANI. MAIO DE 2014.	209
FIGURA 41- MATERIAL ESPORTIVO LEVADO PELA TÉCNICA E JOGADORAS DA EQUIPE. FOTOGRAFIA POR MARIANE DA SILVA PISANI. ABRIL DE 2015.	215
FIGURA 42 - RODA DE ORAÇÃO ANTES DA PARTIDA. ACERVO PESSOAL DE MARIANE DA SILVA PISANI, FOTO DE ABRIL DE 2014.	225
FIGURA 43 - JOGADORA REZANDO APÓS MARCAR UM GOL. FOTO DE MARIANE DA SILVA PISANI. JULHO DE 2014.	225

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - RECONHECIMENTO NO FUTEBOL PRATICADO POR MULHERES NO BRASIL (SOARES DE ALMEIDA, 2013)	54
TABELA 2 - POSIÇÃO NO IDH DOS DISTRITOS PAULISTANOS ETNOGRAFADOS ENTRE OS ANOS DE 2013 E 2017	61

SUMÁRIO

I - INTRODUÇÃO	25
O TRABALHO DE CAMPO	32
ESTÁGIO DE PESQUISA NO EXTERIOR.....	37
RECURSOS AUDIOVISUAIS	41
FUTEBOL LAZER, FUTEBOL AMADOR, FUTEBOL PROFISSÃO	50
II - MULHERES QUE JOGAM FUTEBOL: SOCIABILIDADE E CIRCULAÇÃO NA CIDADE DE SÃO PAULO.....	59
O FUTEBOL DE MULHERES NA CIDADE DE SÃO PAULO	59
<i>Guaianases e a Associação Atlética Pró-Esporte.....</i>	64
<i>Vila Mariana e o Centro Olímpico de Treinamento e Pesquisa (COTP)</i>	69
<i>Barra Funda e o Pelado Real Futebol & Arte.....</i>	76
<i>Itaquera e o Estrelas do Futebol.....</i>	81
<i>Rio Pequeno e o Esmeraldinha Futebol Clube</i>	85
DICOTOMIAS ENTRE CENTRO E PERIFERIA E O CIRCUITO FUTEBOLÍSTICO DE MULHERES	89
<i>Periferias, centros e violências</i>	94
<i>Sociabilidades na produção de circuito futebolístico e circuitos lésbicos entre mulheres jogadoras de futebol</i>	106
III - “É MUITO MACHO PRA SER MULHER”: GÊNERO EM DISPUTA NOS CAMPOS DE FUTEBOL.....	115
CONVOcando OS MARCADORES SOCIAIS DA DIFERENÇA	115
<i>O futebol de mulheres e os Marcadores Sociais da Diferença</i>	120
O GÊNERO DA BOLA	121
<i>Considerações sobre as noções de gênero no futebol de mulheres</i>	144
IV– RAÇA, SEXUALIDADE E INTERSECÇÕES NUM UNIVERSO EM QUE O GÊNERO ESTÁ EM DISPUTA	147
A NEGRA NO FUTEBOL BRASILEIRO	147
INTERSECÇÕES DE RAÇA, GÊNERO E SEXUALIDADE EM CAMPO.....	158
<i>Considerações sobre as noções de raça no futebol de mulheres</i>	167
LESBIANIDADE EM CAMPO: AFETO E DESEJO ENTRE JOGADORAS DE FUTEBOL BRASILEIRAS	170
<i>Considerações sobre as noções de sexualidade no futebol de mulheres</i>	181
INTERSECIONALIZANDO AS CATEGORIAS OU SOBRE O FUTEBOL ENQUANTO MEIO DE SUPERAÇÃO DAS DESIGUALDADES E VIOLÊNCIAS	183
V - ENTRE REZAS, LÁGRIMAS, SUOR, MENSTRUÇÃO E CHULÉ: ETNOGRAFIA NOS VESTIÁRIOS DE FUTEBOL DE MULHERES	197
POR UMA ETNOGRAFIA NOS VESTIÁRIOS DE MULHERES	197
OS VESTIÁRIOS	202
<i>Concentração</i>	208
<i>Preparando o corpo e a Preleção do/a técnico/a.....</i>	214

<i>Reza</i>	223
VI - CONSIDERAÇÕES FINAIS	229
REFERÊNCIAS.....	233

I - INTRODUÇÃO

“Um dia eu estava sentada, no banco de reservas, um dos jornalistas que estava cobrindo o jogo chegou próximo de mim. Achei que ele iria fazer alguma pergunta, mas não. Ele enfiou a mão na caixa de gelo - onde estavam as nossas águas - colocou um gelo na ponta do dedo e perguntou: Quer dar uma chupadinha? (Trecho do caderno de campo de Mariane da Silva Pisani)

(...)

Ele disse que só iria me escalar no time se eu saísse com ele, acredita? Coitado, acho que ele não percebeu que eu sou sapatão (risadas). (Trecho do caderno de campo de Mariane da Silva Pisani)

(...)

Ele abusou repetidamente de mim. Toda vez que a minha mãe saía de casa para trabalhar, ele abusava de mim. Me pegava à força. Toda vez que eu ouvia ele chegando no meio tarde, eu fugia pro campo de futebol, só para não ficar em casa sozinha com ele. É por isso que hoje eu tenho nojo de homem. (Trecho do caderno de campo de Mariane da Silva Pisani)”

Esse trabalho de doutorado teve seu início em 2012, mas as redes e os contatos necessários para o seu desenvolvimento se formaram no ano de 2011 quando, ainda pesquisadora de mestrado em Antropologia Social na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), etnografei pela primeira vez uma equipe de futebol feminino do sul do Brasil. O objetivo naquele momento era realizar um estudo e uma análise sobre os processos de deslocamentos e migrações das atletas por todo o território nacional, bem como esquadrinhar as migrações internacionais – se houvesse – das jogadoras com as quais convivi à época.

A equipe em questão, o Foz Cataratas Futebol Clube, situada na cidade de Foz do Iguaçu (Paraná) foi fundada no ano de 2010. Contava com aproximadamente trinta mulheres em seu elenco de atletas – elas tinham entre

18 e 30 anos - e a comissão técnica - formada exclusivamente por homens - possuía quatro pessoas entre técnico, auxiliar técnico, fisioterapeuta e diretor da equipe. Quando cheguei à Foz do Iguaçu, em 2011, elas se preparavam para disputar o principal campeonato brasileiro da modalidade: a Copa do Brasil de Futebol Feminino. Em 24 de novembro daquele ano, o Foz Cataratas sagrou-se campeão do torneio em uma vitória por 5 a 0 contra a equipe Vitória das Tabocas, da cidade de Vitória de Santo Antão (Pernambuco).

A equipe Foz Cataratas nasceu de um empreendimento do jornalista esportivo e empresário Luciano do Valle, e, apesar de ser uma equipe nova no cenário futebolístico feminino, possuía alguns patrocinadores renomados - algo que não era comum nesse meio esportivo: a Itaipu Binacional, a empresa responsável por administrar o turismo local Cataratas do Iguaçu S.A. e a Coca-Cola. Dessa forma, a equipe pode contratar, desde o início de suas atividades, as melhores e mais bem preparadas jogadoras do Brasil à época. A equipe paranaense possuía em seu elenco as principais jogadoras da Seleção Brasileira de Futebol Feminino daquele ano: Thaísa Moreno, Rilany Silva, Mayara da Fonseca Bordin, Marina Toscano Aggio, Renata Costa, Adriane Nenê, Andressa Alves, Bárbara Micheline, Tayla Carolina, Bruna Benites e Paula Andressa Pires. Todas elas integraram o elenco campeão da temporada de 2010-2011 do Foz Cataratas Futebol Clube.

Traçar os fluxos migratórios em território nacional e internacional das jogadoras de futebol se mostrou fundamental para a continuidade e o aprofundamento dos questionamentos levantados na dissertação de mestrado. O processo de reconstituição dos fluxos migratórios das jogadoras de futebol brasileiras me trouxeram ao presente momento, pois assim como elas, também circulei por conta do futebol.

Convivendo por dois meses em trabalho de campo com as atletas do Foz Cataratas, pude constatar que todas aquelas mulheres já haviam

circulado¹em pelo menos um time de alguma das cinco regiões do Brasil: Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul. Uma das questões do trabalho de campo, em 2011, era saber se havia diferenças entre jogar em uma ou outra região do Brasil. E todas as atletas, unanimemente, relataram que as equipes do Sudeste, especificamente do Estado de São Paulo, eram mais bem preparadas para formar e profissionalizar jogadoras de futebol. Eram equipes que possuíam um *diferencial*² e que, portanto, formavam atletas *diferenciadas*. Os termos *diferencial* e *diferenciadas* apareceram como características positivas entre aquelas mulheres e ajudavam a marcar a diferença entre as atletas que eram consideradas boas das que não eram assim consideradas.

Nos discursos das Poderosas do Foz (PISANI, 2012), as equipes de São Paulo apareciam como centros de excelência para formação e treinamento de jogadoras de futebol. Dessa forma, o São José Esporte Clube, o Clube Atlético Juventus e o Centro Olímpico de Treinamento e Pesquisa eram lembrados por elas como excelentes equipes para se iniciar a carreira de jogadora de futebol. Entre aquelas que não haviam jogado no Estado de São Paulo, o desejo de atuar em equipes paulistas era visível, uma vez que estas equipes eram percebidas como uma espécie de *vitrine*³ que lhes aumentaria a possibilidade de uma convocação para a Seleção Brasileira de Futebol.

Seria coincidência ou seria uma tendência, portanto, que as melhores jogadoras do Brasil atualmente, bem como aquelas que eram convocadas pela Seleção Brasileira de Futebol, fossem atletas que já haviam treinado e atuado em equipes do Estado de São Paulo? Assim, ainda durante a pesquisa de mestrado, surgiu o questionamento inicial que me levaria aos campos de

1 O conceito de “circulação futebolística” aparece nos trabalhos da antropóloga Carmen Rial (2008, 2009a, 2009b) e diz respeito aos processos de deslocamento em território nacional ou internacional, que jogadores e jogadoras de futebol realizam, em busca de melhores equipes e clubes esportivos. Ou seja, em busca de equipes que possuem melhores patrocinadores e que proporcionam maior visibilidade no mercado futebolístico.

2 Termos êmicos nesse trabalho aparecerão grifados em itálico.

3 Vitrine é como as atletas chamam as equipes e os clubes que podem projetá-las ou mesmo oferecer mais visibilidade para sua prática esportiva, facilitando, assim, uma convocação para Seleção Brasileira de Futebol Feminino.

futebol da capital paulista: com acontecem os processos de formação e profissionalização de mulheres brasileiras jogadoras de futebol no Estado de São Paulo? A ideia inicial – que foi modificada ao longo do percurso etnográfico - era realizar etnografia análoga à do antropólogo Arlei Sander Damo (2007) que investigou, no Brasil e na França, os processos seletivos de produção de jogadores de futebol para o mercado dos grandes clubes nacionais e do exterior. Contudo as jogadoras com quem tive contato nos últimos anos me instigaram a percorrer outros caminhos e, conseqüentemente, a pergunta dessa tese modificou-se.

No ano de 2012, cheguei à cidade de São Paulo pela primeira vez e, também pela primeira vez, tive contato com o cenário futebolístico de mulheres da capital. Durante a 28ª Reunião Brasileira de Antropologia expus no Museu do Futebol as fotografias do trabalho “100 anos de torcida: A presença feminina nas arquibancadas de futebol em Florianópolis, ontem e hoje”, realizado em parceria com historiadora e antropóloga Caroline Soares de Almeida. Nesse ambiente, conheci e dialoguei com jornalistas, ex-atletas, atletas e dirigentes de equipes de futebol de mulheres; realizei naquele dia o que considero, atualmente, o primeiro trabalho de campo dessa tese, uma vez que foi ali, naquele encontro, que as primeiras questões sobre gênero, sexualidade, raça e corpo começaram a aparecer. A partir desse primeiro campo, inicial e exploratório, elaborei um projeto de pesquisa que se desenvolveu nos últimos cinco anos de trabalho.

Durante a seleção de doutorado, entre os meses de agosto e novembro de 2012, visitei pela primeira vez o Centro Olímpico de Treinamento e Pesquisa (COTP), localizado no distrito Vila Mariana, próximo ao Parque do Ibirapuera. Em rápida conversa com Elias – à época técnico da equipe profissional de futebol feminino – consegui estabelecer contato com algumas atletas. Ao ingressar no Doutorado em Antropologia Social na Universidade de São Paulo, no ano de 2013, me propus a retornar ao COTP, entre março e abril daquele ano, para realizar trabalho de campo junto às atletas do elenco. Nesse momento, ao descrever e percorrer os caminhos dessa etnografia, vale

ressaltar que o COTP agrupava jogadoras oriundas de diferentes distritos da cidade de São Paulo e a variedade de origens bem como as redes que aquelas jogadoras articulavam entre si, me ajudaram a contatar outras equipes da cidade. Uma apresentação mais detalhada da equipe Centro Olímpico e dessas mulheres aparece ao longo dessa tese.

Ainda no primeiro ano de doutorado, através do contato com Enrico Spaggiari, colega do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo, e da jogadora Mariana, que atuava na equipe sub-15 do COTP, conheci a equipe Associação Atlética Pró-Esporte (ASAPE). Em novembro de 2013, em companhia dos colegas de Pós-Graduação em Antropologia Social – Enrico Spaggiari, Giancarlo Machado, Rodrigo Valentin Chiquetto – e de colegas de graduação em História e Cinema, respectivamente Willian Contini e Giuliana Nishiyama – foi elaborado um projeto audiovisual sobre futebol amador nas cidades de São Paulo e Manaus. O intuito era promover um diálogo entre os campos de pesquisa dos antropólogos envolvidos. Dessa forma, durante uma semana de novembro, estivemos no Estado do Amazonas estudando e acompanhando o futebol amador masculino e feminino, de atletas manauaras indígenas e não indígenas.

Assim como constatei entre as jogadoras da etnografia de mestrado, pude perceber entre as atletas manauaras não indígenas – em contato com algumas delas que disputavam o campeonato Peladão Verde 2013 – que o desejo de jogar em alguma equipe da cidade de São Paulo também se mostrava parte importante do projeto (VELHO, 1999, 2003)⁴ de se tornar jogadora de futebol. Além disso, foi no trabalho de campo desenvolvido em Manaus que pude, pela primeira vez, jogar futebol com as minhas interlocutoras. Essa experiência de jogar junto delas - experiência repetida em

4 Nos livros “Individualismo e Cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea” e “Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas”, o antropólogo Gilberto Velho trabalha com a noção de projeto de vida. Segundo o autor, um projeto é elaborado e orientado pelas noções de mundo, ethos, estilos de vida e emoções dos indivíduos. Projetos podem ser individuais – quando elaborados por uma só pessoa - ou sociais – quando projetos individuais se unem e os indivíduos passam a almejar o mesmo objetivo. Esse tipo de projeto tem características políticas, uma vez que envolve a negociação de desejos e sonhos.

outros momentos da etnografia - e de estar junto em diversos momentos, dentro e fora de campo, se mostrou muito profícua para a coleta de dados e material etnográfico.

O sociólogo Loïc Wacquant, autor do livro “Corpo e Alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe”, afirma que da necessidade de compreender e dominar por completo uma experiência transformadora – como mostrou ser a prática do futebol feminino no meu caso de estudo –surge a “necessidade de uma sociologia não somente do corpo, no sentido de objeto (‘of the body’⁵), mas também a partir do próprio corpo como instrumento de investigação e vetor de conhecimento (‘from the body’) ”(2002, p. 12). Dessa forma, como veremos no desenvolver desta tese, jogar junto com as equipes de futebol etnografadas, bem como percorrer junto delas as redes de sociabilidade e afetividades, se mostrou essencial para melhor compreender a dinâmica que envolve o universo futebolístico daquelas mulheres, bem como delinear as maneiras pelas quais as categorias de gênero, raça, classe e sexualidade incidem – moldando e dando significados - sobre o corpo das jogadoras.

5 Os termos oriundos de outras línguas, como inglês, francês e espanhol, bem como outras categorias de análise, aparecerão sublinhados nessa tese.

Figura1 - Antropologia from the body. Manaus, novembro de 2013.

Voltando a São Paulo, durante os anos de 2013 e 2014, em constante contato com as jogadoras da ASAPE, percorri e me inseri em uma rede de sociabilidades e pude assim me aproximar de outras equipes paulistas. Assim como o COTP e a ASAPE, o Esmeraldinha Futebol Clube, o SESC Estrelas e o Pelado Real figuram nessa etnografia como equipes com as quais realizei trabalhos de campo.

Até o presente momento foram sete anos de etnografia junto às mulheres jogadoras de futebol, sendo que nos últimos cinco anos estive em constante contato com atletas da cidade de São Paulo. Após percorrer alguns estados brasileiros - Santa Catarina, Paraná, Amazonas e São Paulo – pude acompanhar de perto a vida e o cotidiano dessas mulheres, e constatar que a sua circulação – primariamente explorada na dissertação de mestrado – traz consigo outros temas para debates que são apresentados aqui. Questões de gênero, raça, sexualidade, classe e corpo figuram como centrais para a discussão nesse momento, pois trazem novas perspectivas, explicam trajetórias, e foram reveladas por essas jogadoras que falaram de suas vidas e suas inserções no mundo do futebol.

Esta tese, portanto, se propõe, através da pesquisa etnográfica, a responder e descrever como, na experiência do corpo das jogadoras – corpo este marcado por desigualdades e diferenças – o futebol, que é considerado “masculino” e lúdico, transforma a vida e constrói redes de sociabilidade e afetividades diversas.

O trabalho de campo

O trabalho de campo dessa tese foi iniciado de maneira bastante tímida: ia para os campos da cidade de São Paulo – onde por ventura estivesse acontecendo algum jogo de futebol de algumas das equipes previamente apresentadas – permanecia lá por poucas horas. Sentada nas arquibancadas anotava as poucas interações que conseguia captar. Vale registrar que as arquibancadas nunca apareceram, ao longo das inserções em campo, compostas por mais do que cerca de cinquenta assistentes e muitas das pessoas com quem interagia ali eram parentes, amigas ou namoradas das mulheres que estavam em campo. Foi dali, daquele lugar, que comecei a aprender e a compreender quais eram os assuntos recorrentes entre elas e que, posteriormente, poderiam me auxiliar na comunicação com as minhas futuras interlocutoras.

Ainda entre parentes, amigas e namoradas das jogadoras, aprendi que a modalidade e suas atletas sofrem com a falta de investimentos de empresários e órgãos reguladores da modalidade – como a Confederação Brasileira de Futebol ou a Federação Paulista de Futebol, por exemplo – bem como estão às margens ou são sub-representadas nos veículos midiáticos como, por exemplo no rádio, nos jornais impressos, televisivos e online. Segundo essas primeiras interlocutoras, algumas atitudes que elas consideram como *machismo* faz com que as atletas sofram acusações lesbofóbicas e sejam afastadas dos campos de futebol. E ainda segundo elas, esse mesmo *machismo* faz com que a modalidade torne-se invisível e supostamente *desinteressante* para investidores, veículos midiáticos e órgãos reguladores.

O pouco interesse pelo futebol de mulheres é algo que pode ser constatado mesmo dentro do ambiente acadêmico. No banco de teses e dissertações da CAPES, pode-se averiguar que o primeiro trabalho acadêmico sobre essa modalidade esportiva foi publicado no ano de 1997, na área de Educação Física. Nos últimos 20 anos, apenas 34 trabalhos, entre teses e dissertações, foram publicados e desses apenas cinco na área de Antropologia Social. São eles: as dissertações "Mulheres em campo: novas reflexões acerca do feminino no futebol" (STAHLBERG, 2011), "Poderosas do foz: trajetórias, migrações e profissionalização de mulheres que praticam futebol" (PISANI, 2012), "Boas de bola: um estudo sobre o ser jogadora de futebol no esporte clube radar durante a década de 1980" (SOARES DE ALMEIDA, 2013a) e "Periquetes, sapatões e mulherzinhas: (des)construindo o que "ser mulher" no campo de futebol" (OLIVEIRA, 2014). Já a única tese defendida no período aparece intitulada "Mais que barbies e ostras: uma etnografia do futebol de mulheres no Brasil e nos Estados Unidos" (KESSLER, 2015).

O primeiro ponto que nos chama a atenção é que a produção antropológica sobre futebol de mulheres no Brasil é feita, essencialmente, por pesquisadoras. Segundo a antropóloga Heloisa Buarque de Almeida, se o campo de pesquisa é considerado "feminino ou doméstico (...) é visto como normal que uma pesquisadora do sexo feminino faça este trabalho. (Isso não significa que pesquisadores do sexo masculino não possam pesquisar o tema, apenas que meu interesse pelo tema era considerado normal e menos questionado)." (BUARQUE DE ALMEIDA, 2002, p. 58)

O segundo ponto que destacamos é o fato de que esses trabalhos versam apenas sobre futebol e mulheres. Outras modalidades esportivas - como vôlei, basquete, natação, por exemplo e só para citar algumas possíveis de estudo - ainda encontram-se mal representadas e pouco analisadas no que diz respeito à produção intelectual e acadêmica na área de Antropologia do Esporte. A escassez de produções nessa área nos mostra como a Antropologia, no que diz respeito aos estudos das práticas esportivas - futebolísticas ou não - realizadas por mulheres, ainda carece de mais

investimento e atenção por parte de pesquisadores e pesquisadoras brasileiros/as.

Voltando para as arquibancadas, foi a partir desse procedimento – sentar, observar, ouvir e escrever – repetido com todas as equipes que fui delineando os caminhos dessa pesquisa. Posteriormente, depois de um período de observação, saía das arquibancadas e adentrava os espaços do gramado junto com as jogadoras. O que me permitiu essa entrada – não apenas em treinos, mas em jogos e disputa de campeonatos – foi uma máquina fotográfica. E, uma vez campo (esportivo e etnográfico), geralmente ocupava uma das seguintes posições: ora ficava dentro do gramado, mas fora das quatro linhas, realizando vídeos e capturando imagens dos treinos e jogos, ora - e aqui aproximo minha discussão de Loïc Wacquant – entrava nas quatro linhas, “vestia a camisa” e ia treinar/jogar junto.

Jogar/treinar junto delas, logo correr, gritar, suar e tentar⁶ jogar bola, faz parte da proposta metodológica de Wacquant: realizar uma pesquisa from the body, no qual o nosso corpo – o corpo da pesquisadora – torna-se um instrumento que auxilia a investigação e o conhecimento. Essa postura metodológica auxilia a investigação porque aproxima, quebra-se uma barreira: naqueles momentos eu não era mais (mas era também!) a pesquisadora ou mesmo a fotógrafa, eu era apenas mais uma no time: alguém que compartilhava experiências em comum. Era, no modo clássico antropológico, uma observação participante, ou como Wacquant definiu: participação observante. Contudo, vale lembrar que, apesar de ter entrado na vida dessas mulheres - de ter compartilhado muitos momentos íntimos de suas vidas e de ter jogado em alguns momentos junto delas - a diferença social entre mim e elas sempre fora colocada em perspectiva. As questões abordadas nessa tese que envolvem raça, classe social e sexualidade passam necessariamente

⁶Não que elas não me deixassem tocar na bola quando jogávamos juntas, eu é que não possuo a técnica corporal(MAUSS, 2003) necessária para jogar a modalidade. Infelizmente, isso eu não aprendi ao longo do trabalho de campo, acho que precisaria de pelo menos mais uns 10 anos de pesquisa junto às mulheres jogadoras de futebol para poder começar a aprimorar minhas técnicas futebolísticas.

pelas diferenças existentes, marcadas e constantemente apontadas - pelas jogadoras - em nossos corpos.

Assim como estive junto delas dentro de campo, jogando, também estive junto delas fora de campo realizando outras atividades: ia ao supermercado, fazia compras de tecidos para confecção de material esportivo, participava de aniversários, reuniões familiares, churrascos, passeatas LGBT e outros momentos de lazer e sociabilidades diversas. A proximidade foi tão grande e tão intensa com algumas dessas equipes e mulheres jogadoras que, a pedido de uma técnica, precisei realizar uma entrevista – que fora filmada à época - para compor o acervo pessoal dela e que integra parte dessa tese como produção fílmica intitulada “Sou feita de chuva, sol e barro”. A permissão, o livre trânsito e o consentimento em relação à minha presença e aos usos das imagens produzidas naqueles espaços, a que outrora eu não pertencia, foram as marcas positivas e profundas dessa etnografia.

Por outro lado, essa intensidade e proximidade também deixaram marcas. Deixar-se ser afetado, segundo a antropóloga Favret-Saada, é ver seu projeto de conhecimento modificar-se (2005, p. 160). Se, inicialmente, o objetivo dessa pesquisa era resgatar o processo de formação e profissionalização de mulheres jogadoras de futebol, ao chegar em campo, me deparei com uma série de cenas e histórias sobre violências domésticas, sexuais e raciais, para as quais não poderia simplesmente fechar os olhos, visto serem elementos profundamente marcantes e marcados no corpo e na história de vida de cada uma delas.

No início dessa introdução trouxe alguns trechos do caderno de campo, são falas e declarações de jogadoras de futebol que foram propulsoras e compuseram as análises aqui apresentadas. Da mesma forma que participei nos momentos de jogo/treino, lazer e sociabilidades, também imergi nesses momentos mais delicados. Chorei junto, sofri junto, rezei junto – em uma tentativa de fazer a dor passar. Fui colocada, e me deixei colocar, na posição de acolhedora, conselheira e apaziguadora. Essas mulheres percebiam em

mim alguém que estava interessada em partilhar suas histórias e me marcaram como confidente.

Nesse sentido, Buarque de Almeida aponta que para entrar e compartilhar momentos de intimidades é preciso mais do que conquistar a confiança é preciso ter aquilo que autora chama de rapport, ou seja, é preciso estabelecer uma ligação de sintonia e empatia com as outras pessoas. “Mesmo rapport é algo certamente bastante subjetivo. No entanto, é uma relação central para um bom trabalho de campo, pelo menos no caso de uma pesquisa que trata de temas sobre a intimidade e a privacidade dos indivíduos (...).” (BUARQUE DE ALMEIDA, 2002, p. 72).

É preciso dizer ainda, sem cair em tom confessional, que essas histórias de violência e abusos ocasionaram em mim sofrimento emocional e psicológico – o que não aconteceu em pesquisas anteriores, por exemplo. Acredito que isso se deve, justamente, pela minha identificação enquanto mulher – mesmo que branca, classe média e universitária - aos dilemas e dificuldades enfrentados por aquelas interlocutoras – em sua grande maioria negras, oriundas das classes mais populares e trabalhadoras - no que diz respeito à construção social de gênero, papéis de gênero e sexualidade.

Essas cenas e histórias também marcaram a minha história, meu modo de ver, e ouvir. Mas, afinal, consegui compreender que eram esses dados – que tanto me afetaram – que ressignificavam a pergunta dessa tese. Não pretendo, é claro, transformar o sofrimento alheio em antropologia. Nem ao menos intento etnografar a violência. Contudo, as violências sofridas por essas mulheres me fizeram pensar nas dimensões, proximidades, distanciamentos e possibilidades do corpo. Portanto, redimensionada pela participação observante, já que, enquanto pesquisadora, utilizei meu corpo como instrumento de conhecimento, amplio a pergunta dessa tese: Como, a partir do corpo – marcado por diferenças e violências – e do futebol, as jogadoras constroem redes de sociabilidade e afetividades diversas?

Estágio de Pesquisa no Exterior

Foi durante Estágio de Pesquisa no Exterior, realizado na cidade de Amsterdam, na Universidade de Amsterdam (Holanda), com o professor Niko Besnier, entre os meses de julho e novembro de 2016, que essa tese amadureceu sua pergunta e tornou-se multissituada no que diz respeito ao material etnográfico analisado. O grupo de pesquisa do professor Besnier – GLOBALSPORT - , composto por pós-graduandos de diversas partes do globo - Itália, Alemanha, Japão, Bangladesh, Sérvia e Argentina – proporcionou trocas intensas e, para além de uma ampliação das literaturas e referências bibliográficas que aparecem contempladas nessa tese, ofereceu sugestões para que eu ampliasse o material etnográfico analisado.

Foi durante uma das muitas apresentações do meu material etnográfico ao grupo GLOBALSPORT que incluí a apresentação de matérias jornalísticas da Revista Placar. Nosso intuito, ao utilizar as reportagens, não era realizar um resgate minucioso da história do futebol de mulheres, mas contextualizar e evidenciar como as categorias de gênero, raça, sexualidade e classe aparecem nas publicações e acabam por definir e refletir certos padrões de estética e de comportamentos aos quais as jogadoras estão submetidas até hoje. Assim, escolho trazer para a discussão nessa tese algumas edições da Revista Placar uma vez que as reportagens elencadas para compor a análise evidenciam como o futebol praticado por mulheres imbrica, necessariamente, noções de beleza, masculinidades e feminilidades, sexualidades e construção dos corpos.

A Placar é uma revista brasileira especializada em esportes, sobretudo em futebol, que veio ao público em 20 de março do ano de 1970, pela Editora Abril. Inicialmente - entre as décadas de 1970 e 1990 - a Placar era uma revista semanal e, posteriormente passou a ser lançada no formato mensal. Foi a partir dos anos 1980 – após abolição do decreto que proibia as mulheres de praticar futebol em todo território nacional -, que a Revista passou a noticiar com maior frequência reportagens sobre o universo do futebol de mulheres. Após a vitória do Brasil na Copa do Mundo de Futebol de 1994, a Placar

aumentou sua vendagem e passou por uma reformulação. Em abril de 1995, comemorando os 25 anos da revista, foi criado um novo slogan: “Futebol, sexo e rock 'n roll”. Em junho de 2015, a Revista Placar foi comprada pela Editora Caras e, readquirida pela Abril em outubro de 2016.

A Revista Placar foi escolhida também pela sua ampla circulação em todo território nacional durante das décadas de 1980 e 1990. Ela tornou-se, à época, uma opção diferente e mais atraente aos cadernos esportivos que eram veiculados nos jornais e que traziam apenas os resultados das partidas. Em outubro de 2017, em conversa com a jornalista Martha Esteves – primeira mulher brasileira a trabalhar na imprensa esportiva e também a trabalhar por um período na revista Placar – disse-me que as pautas eram organizadas de forma a proporcionar ao/à leitor/a uma aproximação com seus ídolos futebolistas. Martha, por exemplo, foi responsável, muitas vezes, por procurar antigos ídolos e estrelas do futebol carioca que já tivessem se aposentado e, por diversas razões, sumido dos holofotes da mídia.

Atualmente a Revista Placar mantém todo seu acervo digitalizado e disponível gratuitamente na internet, o que facilitou nosso acesso ao material. Além disso, como levantado pelas primeiras interlocutoras dessa tese, é preciso colocar em perspectiva que a veiculação midiática torna-se ferramenta importante para a popularização da modalidade futebol praticado por mulheres, bem como auxilia na formação e reprodução de opiniões acerca da modalidade.

A cientista social Maria Celeste Mira, ao descrever as possibilidades de análise da questão dos gêneros na mídia, nos diz que:

“Seja na literatura, no cinema, na televisão ou nas revistas, os temas e fórmulas que capturam o consumidor masculino são quase sempre os mesmos: a aventura, a violência – bases, por exemplo, do gênero policial – e o erotismo (...). A este se articula outra característica não menos importante: a regra de ouro do gênero pornográfico é a visualidade, é a presença do corpo feminino, nu ou seminú, oferecido como objeto de prazer ao olhar masculino”(MIRA, 2003, p. 29)

Ao resgatar historicamente como homens e mulheres são apresentados em revistas e como esses sujeitos consomem os produtos que são veiculados pelas mídias, a autora nos diz que a mulher, a partir da perspectiva midiática feita e voltada para homens, torna-se a mercadoria importante. “Já as mulheres desenvolvem uma verdadeira arte ou tecnologia da imagem fazendo da moda e da beleza uma maneira de se expressar” (MIRA, 2003, p. 31). A beleza, portanto, “definida sob novos padrões, divulgados pelo cinema hollywoodiano, pelas revistas e pela publicidade, torna-se, ao lado da moda, um elemento central na construção da identidade feminina” (MIRA, 2003, p. 32).

Não por acaso, nas reportagens que elencamos para a análise - sobretudo aquelas que foram publicadas depois de abril de 1995 quando a Revista Placar adotou o slogan “Futebol, sexo e rock 'n roll” - as jogadoras são fotografadas nuas ou seminuas. Ao longo dessa tese, torna-se evidente também a centralidade e os significados que os padrões de beleza impostos por essas mídias adquirem entre as jogadoras de futebol. As maneiras de compor e conformar os corpos vai ao encontro dos padrões estéticos e comportamentos desejados/esperados das mulheres: dóceis, não masculinizadas, femininas e sensuais.

Além disso, a escolha por trabalhar com as revistas Placar surge a partir de um diálogo contínuo que se desenvolve desde 2011 com minha grande amiga, também antropóloga e pesquisadora de futebol de mulheres, Caroline Soares de Almeida. Caroline e eu desenvolvemos ao longo dos últimos seis anos um caminho de parceria e diálogo intelectual, solidariedade, companheirismo e amizade que se mostraram essenciais para o fazer antropológico – amenizando o sentimento de solidão, sobretudo nos momentos de escrita -, bem como para a (sobre)vivência dentro e fora dos muros da universidade. Produzimos alguns trabalhos sobre futebol de mulheres (PISANI, SOARES DE ALMEIDA, 2011; SOARES DE ALMEIDA, PISANI, JAHNECKA, 2013; SOARES DE ALMEIDA, PISANI, 2015) durante o mestrado e doutorado, o que deixa claro que a construção do conhecimento pode ser feita a partir de

um diálogo horizontal e inclusivo em parceria com nossos/as colegas de profissão. Portanto, dividimos, ao longo de nossas vidas acadêmicas, referências teóricas, metodológicas, material etnográfico, bem como nossas percepções sobre a temática, tendo em vista as problematizações e discussões realizadas em nossas teses.

Na intenção de contrapor as imagens veiculadas na Revista Placar, trabalho ainda com acervos/dossiê de recortes de jornais, revistas e fotografias pessoais de jogadoras e ex-jogadoras de futebol. Vale dizer aqui que o recurso de elaborar um dossiê é recorrente entre jogadoras de futebol. O arquivamento das fotos, dos vídeos, dos recortes de revista e jornal, das entrevistas e, quando existentes, das medalhas, das bolas, das chuteiras e das camisas são transformados em uma espécie de narrativa autobiográfica. Esses objetos colecionados, guardados em pequenos acervos pessoais⁷, evocam memórias, reconstroem e interpretam o vivido, marcam a passagem do tempo e, claro, demonstram uma espécie de resistência das jogadoras diante de estigmas que o futebol de mulheres sofreu ao longo do tempo.

Esses objetos, portanto, para elas, possuem funções concretas e simbólicas indispensáveis para o reconhecimento de si mesmas enquanto jogadoras. As fotografias e recortes de jornal e revista das jogadoras e ex-jogadoras que apresento constituem formas de subjetividade individual na medida em que recriam a trajetória e evocam memórias na prática do futebol. Conversar sobre a trajetória dessas atletas, tendo em mãos seus dossiês tornou-se mais fácil, uma vez que as reportagens e fotografias guardadas por elas evocavam histórias adormecidas bem como reflexões: “*A imagem de uma jogadora é tudo*”, disse-me uma delas um dia. É tudo, e precisa ser bem registrada para que não se perca com o tempo.

⁷Na tese de doutorado intitulada “Senhoras do Rebolado: Carreiras Artísticas e Sensibilidades Femininas no Mundo Televisivo”, Raphael Bispo - que estuda as Chacretes, famosas dançarinas brasileiras da década de 1970 - mostra como esses acervos pessoais – quando utilizados de maneira metodológica – nos ajudam a recompor de forma caleidoscópica alguns rastros da trajetória dessas pessoas que foram públicas e/ou famosas e/ou celebridades um dia. (BISPO, 2013)

Recursos audiovisuais

Caminhava tranquilamente pela Estação de trem e metrô da Luz, eram cinco horas da tarde e, em meio ao rush paulistano, tentava voltar para casa. Estávamos em novembro de 2014, e já havia concluído a primeira parte do meu trabalho de campo. Na multidão, encontrei uma jovem, de aproximadamente 20 anos, paramentada com o uniforme de uma das equipes que havia acompanhado até então. Não tivera prévio contato com ela durante o trabalho etnográfico e, embora não soubesse naquele dia, futuramente não haveria de reencontrá-la em campo, uma vez que essa jogadora não permaneceria por muito tempo no elenco daquele time. Todavia, resolvi me aproximar dela e conversar: “Oi!” – disse com animação – “Você é jogadora de futebol? Conheço algumas jogadoras do time que você está usando o uniforme...”. Bruscamente fui interrompida, e para meu espanto, sem nunca ter me visto antes, a jogadora respondeu entre risos: “Sim, sou jogadora nova. E você é a Mariane, não é? A fotógrafa da universidade. Você não vai voltar a tirar fotos da equipe? Tem jogadoras novas agora, viu?!”.

Continuamos a conversa de maneira amigável, e me comprometi a voltar aos treinos em outro momento, o que de fato fiz posteriormente. Foi nesse dia, em novembro de 2014, que compreendi, pela primeira vez, a centralidade do uso de elementos audiovisuais no processo de construção da pesquisa de campo. Esse diálogo me fez olhar a fotografia e os vídeos produzidos ao longo das inserções em campo como novas formas de ver, transpor e experienciar o trabalho de campo com mulheres jogadoras de futebol.

Sempre me apresentei às jogadoras que conheci como Antropóloga, ou para facilitar um pouco mais a conversa, como pesquisadora da Universidade de São Paulo. Elas, por sua vez, faziam brincadeiras com o fato de eu trazer em mãos uma máquina fotográfica, profissional e de longo alcance e permanecer todo o tempo junto a elas registrando seus momentos dentro e fora de campo. E era assim que eu era conhecida e apresentada para outras pessoas de fora da equipe: Mariane, a fotógrafa da USP.

Figura 2 - As jogadoras e a antropóloga. Foto por Mariane da Silva Pisani. Junho de 2015.

Era junho de 2014, acompanhava uma competição de futebol praticado por mulheres na cidade de São Paulo. Em um dos jogos que etnografei fui impedida pela comissão de arbitragem de adentrar o campo para fazer minhas fotos na beira do gramado. Imediatamente as onze jogadoras da equipe chegaram até a juíza responsável pela arbitragem da partida. A cena desenrolou-se da mesma forma quando uma atleta da equipe leva um cartão amarelo ou vermelho e as outras atletas da equipe se dirigem ao juiz para contestar. As onze jogadoras vieram em minha defesa.

A capitã do time discutia e explicava à juíza: “Ela é parte da equipe! Você não pode deixá-la do lado de fora! Ela está tirando fotos da partida, fotos nossas. Ela tem tanto direito de estar aqui quanto a gente”. Naquele momento me senti, de fato, parte integrante da equipe, como uma espécie de “apoio audiovisual da equipe”. Havia uma unidade explícita na atitude delas em

defender minha presença ali, como um time faria em defesa de uma integrante que leva um cartão amarelo ou vermelho, por exemplo. Naquele dia, após as intervenções, consegui entrar no campo e realizar as fotos.

A partir dessa cena etnográfica podemos compreender que a presença da câmera fotográfica em espaços esportivos como quadras, campos e vestiários proporciona um acesso privilegiado, diferente daquele que se pode ter sem a câmera. Ou seja, com câmera, eu adentrava espaços que não seriam permitidos a torcedores/as ou mesmo antropólogos/as: sentava-me junto das jogadoras nos bancos de reserva; podia percorrer os espaços entre o campo e as grades que mantêm os torcedores do lado de fora da partida; entrava em vestiários; transitava livremente entre os jornalistas esportivos presentes – quando havia –, bem como entre os técnicos e as atletas das outras equipes; pude inclusive acompanhar os árbitros auxiliares na beira do gramado ou mesmo sentar-me junto à mesa da arbitragem em algumas situações. Apenas duas inserções em campo foram feitas do lado de fora, ou seja, sentada nas arquibancadas, todo o meu trabalho de campo, portanto, é um trabalho de dentro e de perto (MAGNANI, 2002): é um trabalho que se insere imediatamente dentro das quatro linhas do futebol de mulheres.

A câmera funcionou como passaporte que garantia minha livre entrada em todos os espaços dentro e fora de campo. Não era preciso crachá ou quaisquer outras credenciais, quer de pesquisadora da Universidade ou de *imprensa* – como era reconhecida nesse circuito do futebol de mulheres. Apenas mostrava a câmera fotográfica à mesa de arbitragem e imediatamente entrava e fotografava a partida. Foi desse lugar privilegiado que realizei a etnografia dessa tese. Muitos comentários, histórias, momentos e situações foram capturados pelas lentes da câmera, e por isso, e não por acaso, no circuito do futebol de mulheres da cidade de São Paulo, onde realizei etnografias, fiquei conhecida como a *fotógrafa da USP*.

“De um olhar resulta uma imagem (...). Registra-se o que aparentemente somos. A antropologia dá a forma pela palavra,

mas é uma ciência do olhar, e é pelo olhar que chegamos ao outro, esteja ele próximo ou distante” (ANDRADE, 2002).

Da leitura da antropóloga Rosane de Andrade depreende-se que todo olhar resulta em uma imagem: seja ela textual ou pictórica. No fazer antropológico, a imagem surge, geralmente, a partir das palavras. É nos cadernos de campo e nos textos produzidos pelos/as pesquisadores/as que se encontram descritos os sons, os lugares, os cheiros e as cores que compõem a cena etnográfica observada. É importante lembrar, contudo que, desde os primeiros trabalhos antropológicos, as imagens pictóricas têm sido usadas pelos/as pesquisadores/as como forma de retratar esse “outro”. Obras canônicas da antropologia usaram imagens, como “Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné” e “A vida sexual dos selvagens”, ambos de Bronislaw Malinowski, respectivamente publicados em 1922 e 1929; ou mesmo o marco clássico sobre Antropologia Visual, “Balinese Character, a photographic analysis”, de Gregory Bateson e Margaret Mead, publicado no ano de 1942.

Nesse sentido, a antropóloga Rosane nos lembra: a antropologia é uma ciência do olhar. Ou como já salientava o antropólogo Roberto Cardoso de Oliveira (1996), o ofício do/a antropólogo/a é composto pelo olhar, ouvir e (d)escrever. O antropólogo Alberto Groisman nos fala que o uso metodológico da fotografia no trabalho antropológico requer, dependendo do campo, uma intensa troca e interação entre sujeitos – pesquisador e pesquisado (2006). Podemos nos questionar: a) até que ponto o uso de recursos audiovisuais auxilia ou dificulta a entrada do antropólogo em campo?; b) quais desafios e dilemas éticos precisam ser evidenciados na pesquisa, quando o olhar e a sua produção se voltam para além das imagens textuais? Ou seja, quando a câmera fotográfica entra em campo capturando momentos e detalhes das vidas das/os nossas/os interlocutoras/es, qual é o nosso papel enquanto pesquisadoras/es?

Conseguimos encontrar uma resposta para esses questionamentos no trabalho do antropólogo John Collier Jr. Para ele, a câmera fotográfica nos permite ver e rever as cenas etnográficas sem fadiga. Segundo Collier Jr., a última exposição do filme é tão detalhada quanto a primeira e o registro fotográfico pode substituir o livro de anotações ao realizar um registro mais completo em circunstâncias mais difíceis (1973, p. 7). Entretanto, o próprio autor nos lembra que a máquina fotográfica não se apresenta como um remédio para nossas limitações visuais, mas sim como uma importante auxiliadora de nossas percepções em campo. “Somente a sensibilidade humana pode abrir os ‘olhos’ da câmera de forma significativa para a antropologia”(1973, p. 1).

A câmera fotográfica tornou-se instrumento muito importante de pesquisa ao longo dessa etnografia. Afinal, se as sociedades possuem inúmeras e diferentes formas de se comunicar e de se fazer entender, pode a Antropologia Visual ser considerada um recurso válido na construção do conhecimento sobre o outro. Dessa forma, a partir da minha experiência em campo com mulheres jogadoras de futebol, penso que a fotografia – apesar de central enquanto instrumento metodológico - não substitui por completo o registro textual das observações em campo. O verbal e o pictórico são complementares e necessários para a elaboração de uma antropologia descritiva aprofundada. O texto não basta por si só, assim como a fotografia.

As fotografias produzidas tornaram-se parte essencial do caderno de campo. Ou melhor dizendo, as fotografias compuseram o caderno de campo e tornaram-se elas próprias a descrição densa. Ao longo dessa etnografia foram produzidas, aproximadamente, cinco mil imagens e quarenta horas de vídeo. As imagens eram capturadas cotidianamente (entre 100 e 200 por dia) e ao final do dia, em vez de escrever em um caderno as impressões e as observações realizadas, escolhia cerca de vinte imagens, atribuía-lhes legendas e títulos para compor uma narrativa. Quando julgava que as imagens e as legendas não dariam conta da descrição, complementava-a com os principais diálogos que tivera com as interlocutoras. Já as imagens de vídeo

compuseram o filme “Sou feita de chuva, sol e barro”, que serve a essa tese como um prólogo que intenta situar o/a leitor/a no universo do futebol de mulheres etnografado.

A inspiração e a escolha para realizar essa etnografia a partir da produção de imagens fotográficas e fílmicas são provenientes das trocas feitas com as/os colegas do Núcleo de Antropologia Audiovisual e Estudos da Imagem (NAVI/UFSC), bem como da parceria estabelecida com a professora Carmen Rial, coordenadora do NAVI/UFSC. A produção dessa tese foi, portanto, um exercício constante do olhar. Foi através das imagens textuais e, sobretudo, das imagens fotográficas que a produção dos conhecimentos sobre gênero, sexualidade, raça e classe no futebol praticado por mulheres foram aqui desenvolvidos. Além da já esperada observação participante, compreendida como método essencial e básico do fazer antropológico aplicado, outras ferramentas acima descritas auxiliaram-me na produção dessa tese.

Uma das críticas pós-modernas ao fazer antropológico reside na relação de poder da Antropologia, associada ao colonialismo e do lugar colonial do saber. Sendo assim, um dos objetivos dessa pesquisa constitui-se na devolução da pesquisa ao grupo estudado. Além da própria devolução, como resultado proveniente de uma longa inserção etnográfica em campo, o diálogo com as(os) interlocutoras(es), a partir do material produzido, pode ser um momento propício para capturar outros detalhes, coisas que ficaram por dizer, ou guardadas, ou foram ditas, mas escaparam aos olhos ou ouvidos da pesquisadora.

A antropóloga Sylvia Caiuby Novaes (2008) nos ajuda a pensar neste ponto ao falar da relação existente entre os textos e as imagens etnográficas. A autora nos mostra as diferenças entre as duas formas de expor a pesquisa antropológica: textual e imagética. A autora nos lembra que, ao contrário dos textos, as imagens estão presentes em todos os tipos de cultura e que a imagem ajuda o ser humano no processo de pensamento e de elaboração de uma realidade. A imagem materializa aquilo que está ausente e as palavras,

por sua vez, “significam imagens mentais impressas na mente em função de nossa experiência com objetos” (2008, p. 459). É preciso lembrar também que a fotografia embalsama o tempo, congelando momentos e que a recepção das imagens não pode ser controlada por quem as produz, pois à medida em que no texto o autor vai encadeando ideias, no filme, o espectador participa e interage com aquilo que vê, formulando suas próprias ideias de acordo com suas vivências e experiências.

A imagem torna presente o aquilo que está ausente e as palavras “significam imagens mentais impressas na mente em função de nossa experiência com objetos” (2008). Caiuby ressalta ainda que a fotografia possui um grande potencial: ela não é apenas uma simples imagem capturada em campo, mas também é um objeto em si. Podemos, então deduzir que o trabalho antropológico torna-se mais eficaz ao retornar a pesquisa etnográfica a partir dos recursos audiovisuais, pois como nos lembra Caiuby Novaes o “texto permite o conhecimento pela descrição e as imagens proporcionam conhecimento por meio da familiaridade” (2008, p. 465). E é sobre a produção desse objeto e sobre o retorno da percepção desse objeto por parte das jogadoras de futebol sobre o qual nos debruçamos agora.

As imagens, como dito anteriormente, eram capturadas dentro das quatro linhas do campo de futebol, porém não apenas. Em outros momentos de sociabilidade e vida dessas mulheres jogadoras, a câmera fotográfica também se fez presente. Foi uma exigência, quase que unânime entre as atletas de todas as equipes, que eu retornasse, ao final do dia, com as fotos e os vídeos realizados. Muitas vezes, nem bem chegava em casa e meu celular começava a tocar: “Mari, já chegou em casa? Já colocou nossas fotos no Facebook? ”.

A pedido delas, muitas vezes imprimi em formato de pôster aquela que elas julgavam ser a sua melhor foto, muitos desses pôsteres foram orgulhosamente pendurados na parede de suas casas. Em outros momentos, organizei fotos e trechos de vídeos em álbuns físicos (dossiês pessoais) e DVDs. Soube, mais tarde que foram utilizados como portfólio de trabalho para a projeção e para a visibilidade delas entre possíveis empresários e clubes.

Nesse sentido, houve pedidos específicos: era necessário que eu capturasse, com a minha câmera, lances de gols, defesas e dribles.

A exemplo do jornalismo esportivo, na época em que a televisão ainda não era o meio de comunicação predominante, era comum as matérias descreverem os lances dos jogos e mostrarem fotos em sequências dos gols e dos lances mais importantes da partida. Repeti, algumas vezes, essa forma de narrar e ver os jogos.

Figura 3 - De olho no lance: o gol da jogadora Amanda (ASAPE). Foto por Mariane da Silva Pisani. Julho de 2014.

Havia entre elas uma disputa acirrada e amigável para ver quem aparecia mais nas fotos. Equalizava-se, nesses momentos, a seguinte questão: para elas, os melhores lances fotografados refletiam as melhores jogadoras em campo. Frequentemente ouvia: “Você não está me fotografando por que eu não estou jogando bem?”. O que me fazia pensar que o desempenho delas em campo, muitas vezes, era incentivado pela presença da câmera. E que, obviamente, em uma cobertura fotográfica profissional de um jogo de futebol existem dezenas de jornalistas que vão para campo registrar momentos das partidas; e eu, infelizmente, era apenas uma, e jamais conseguiria capturar todos os lances com a mesma ênfase. Aqui reside o que considero uma limitação do uso da câmera fotográfica no trabalho de campo: os enquadramentos que originaram as fotografias são muito específicos e particulares, ou seja, não havia possibilidade de fotografar um mesmo lance de vários ângulos sucessivamente, ou ainda vários lances que aconteciam ao mesmo tempo em campo. Era uma questão de escolha, nem sempre orientada de maneira evidente.

Outro ponto interessante, ao retornar as fotos para jogadoras, era observar como elas se percebiam nas fotos: *bonitas*, *cansadas*, *atléticas*, *fortes*. Essas eram as categorias que elas mais utilizavam para se descreverem durante a prática do esporte. As expressões faciais capturadas durante os jogos também eram motivos de riso e preocupação entre elas. Podemos então deduzir que, ao dar o retorno da pesquisa, o recurso audiovisual ajudou na produção das análises aqui apresentadas.

Futebol lazer, futebol amador, futebol profissão

O sociólogo Pierre Bourdieu (1983) nos lembra que o campo das práticas esportivas vem acompanhado de uma filosofia política do esporte. No começo do século XIX, na Inglaterra, e entre a antiga aristocracia inglesa, o amadorismo fazia dos esportes práticas desinteressantes economicamente, tanto quanto as atividades artísticas (STIGGER, 2005). A própria etimologia da

palavra sport⁸ indica este desinteresse amador. Contudo, ao contrário das artes, o esporte – sobretudo o futebol, que possuía lugar de destaque na sociedade inglesa à época - era compreendido enquanto espaço para afirmação de atitudes viris e formação de caráter dos homens, futuros líderes da sociedade.

Se a princípio o futebol se desenvolveu como um esporte amador para modelar o caráter dos homens da classe média inglesa, foi a partir de uma partida reconhecida como um confronto de classes simbólico - a derrota dos *Old Etonians* pelo *Bolton Olympic* na final do campeonato de 1883⁹ – que o futebol se popularizou. Com a profissionalização, a maior parte das figuras filantrópicas da elite nacional inglesa afastou-se, deixando a administração dos clubes nas mãos dos negociantes e outros dignitários locais. Esses últimos mimetizaram uma curiosa caricatura das relações entre classes do capitalismo industrial. Enquanto empregadores, buscavam por atletas/trabalhadores provenientes da classe operária; esses últimos eram atraídos pelos altos salários, pela oportunidade de ganhos extras antes da aposentadoria (partidas beneficentes), mas acima de tudo, pela oportunidade de adquirir prestígio (HOBBSAWM, 1997, p. 297). O futebol passou, assim, a ser encarado sob o prisma de uma nova forma de subsistência e de profissão incluindo as classes mais baixas daquela sociedade.

Essa polêmica foi reelaborada em diferentes momentos nos vários países para os quais o futebol foi exportado, a partir da Inglaterra, ao final do

⁸ De acordo com o Online Etymology Dictionary: sport (v.) c.1400, "to take pleasure, to amuse oneself," from Anglo-Fr. disport, O.Fr. desport "pastime, recreation, pleasure," from desporter "to divert, amuse, please, play" (see disport). Sense of "to amuse oneself by active exercise in open air or taking part in some game" is from late 15c. Meaning "to wear" is from 1778. Related: Sported; sporting. sport (n.) mid-15c., "pleasant pastime," from sport (v.). Meaning "game involving physical exercise" first recorded 1520s. Original sense preserved in phrases such as in sport "in jest" (mid-15c.). Sense of "stylish man" is from 1861, Amer.Eng., probably because they lived by gambling and betting on races. Meaning "good fellow" is attested from 1881 (e.g. be a sport, 1913). Sport as a familiar form of address to a man is from 1935, Australian English. The sport of kings was originally (1660s) war-making. (ONLINE ETYMOLOGY DICTIONARY, 2017)

⁹ O Old Etonians um time fundado no ano de 1865, por Lord Arthur Kinnaird. O grupo foi considerado o último time amador da Inglaterra.

século XIX. No Brasil, a polêmica foi acompanhada por outra, de caráter racial, com a exclusão dos negros no futebol¹⁰. Foi somente no ano de 1930 que os primeiros negros começaram a participar de alguns jogos de futebol. Uma vez adotado o profissionalismo no Brasil, no ano de 1933, e tendo sido abertas as portas também para os negros, o futebol passou, então, a excluir as mulheres. As duas primeiras polêmicas – exclusão dos pobres e exclusão dos negros no futebol – foram parcialmente equacionadas ainda em meados do século XX. Já a polêmica em torno da exclusão das mulheres no futebol brasileiro voltou ao debate a partir dos anos 1970, no que tem sido chamado de segunda globalização do futebol, quando o capitalismo se aprofundou transformando aos poucos e flexibilizando as relações de trabalho, enfraquecendo o vínculo clube-jogador, favorecendo a circulação de jogadores e com ela gerando lucros (PISANI, 2012).

Contudo, quando se fala de futebol praticado por mulheres, as fronteiras entre o que é considerado lazer, amador ou profissão ainda aparecem bastante borradas. Para Almeida, o reconhecimento da modalidade – enquanto lazer, amador ou profissional – do futebol praticado por mulheres aconteceria por estágios de relações sociais ainda por vir (SOARES DE ALMEIDA, 2013). Ao perguntar para algumas atletas dessa etnografia se se consideravam profissionais, ouvia: “Eu não sou profissional. Eu jogo só por diversão. Jogadora profissional é aquela que recebe alguma quantia em dinheiro para jogar”. Entre as jogadoras dessa etnografia haviam aquelas que recebiam algum dinheiro para jogar. Entre elas, ao repetir a pergunta, ouvia como resposta: “Não sou profissional, não. Atleta profissional é aquela que possui patrocinadores ou que joga na Seleção Brasileira”. A mesma conversa se repetiu com algumas jogadoras da Seleção Brasileira em momentos anteriores e posteriores à etnografia dessa tese e as respostas vinham no mesmo tom: “Profissionais são aquelas jogadoras que são valorizadas, reconhecidas e respeitadas por jogarem bola. Isso só acontece fora do Brasil”. As repostas

¹⁰Mario Rodrigues Filho(1964) em seu livro “O negro no futebol brasileiro”, retrata com riqueza de detalhes a exclusão do negro dentro do futebol.

obtidas das jogadoras demonstram que a perspectiva apontada por Soares de Almeida (2013) de fato se aplica ao campo estudado.

Afinal, como podemos divisar essas categorias a partir das equipes etnografadas?

É inegável que o futebol praticado por mulheres no Brasil está inserido em um sistema esportivo marcado por descontinuidades, bem como por questões políticas e sociais. A educadora física e historiadora Enny Vieira de Moraes (2014) nos mostra como a história do futebol praticado por mulheres no Brasil esteve marcada por diferentes formas de violências. A primeira trata-se de uma violência simbólica, no que diz respeito ao silenciamento, ao esquecimento e à proibição dessa modalidade entre anos de 1941 e 1979. A segunda, é a violência econômica sofrida pelas atletas pela falta de incentivos, investimentos e patrocinadores. E por fim, a terceira, é a violência moral, que exige das mulheres praticantes da modalidade bons resultados (em competições como Copa do Mundo ou Jogos Olímpicos, por exemplo), mesmo existindo dificuldades estruturais.

Pisani e Soares, ao escreverem sobre carreiras e profissionalismo de futebolistas brasileiras, após a regulamentação da modalidade no Brasil no ano de 1983, mostram que o futebol de mulheres vem se modificando ao longo das últimas décadas, ampliando espaços, adquirindo visibilidade, profissionalizando-se e permitindo que cada vez mais mulheres possam escolher esse esporte como meio, possível, de vida (SOARES DE ALMEIDA, PISANI, 2015). Segundo as autoras ainda “a luta para ganhar esse espaço, considerado tão masculino no país, mostra uma outra proposta de futebol que atinge uma dimensão política” (SOARES DE ALMEIDA, PISANI, 2015, p. 4).

Ainda nesse sentido, segundo Pisani e Almeida (2015), as redes de relações e o papel que a prática do futebol adquire para as jogadoras é mais facilmente explicada a partir da trajetória e da história de vida das mesmas. O projeto, de acordo com Gilberto Velho (2003) de tornar-se jogadora de futebol pode ser “subdividido em estágios, como “metas”, a serem alcançados partindo

de uma nova apresentação do self baseado em novas posturas de luta – metamorfose.”

Tabela 1 - Reconhecimento no futebol praticado por mulheres no Brasil (SOARES DE ALMEIDA, 2013)

Estágios	<i>Metamorfose/Luta</i>	<i>Projeto/Alcance</i>	Representação
Primeiro	Segurança no poder “ser” futebolista dentro de casa.	Família	Acompanhar os jogos.
Segundo	Ser futebolista o ano inteiro.	Campeonatos	Calendário de campeonatos que preenchesse todo o ano.
Terceiro	Ser apenas futebolista	Profissionalismo	Conseguir manter-se com o futebol.
Quarto	Ser vista como atleta do futebol pela sociedade, empresários e imprensa.	Público	Equidade ao futebol de homens, ao futebol de mulheres na Europa/EUA ou a outras modalidades como o vôlei.

É partir dos conceitos do antropólogo Gilberto Velho que Soares de Almeida (2013) nos mostra como a *metamorfose* poderia ser entendida como a luta para que cada um desses estágios fosse atingido. Ao quebrar essas barreiras, outros valores, a partir de novas concepções, são introduzidos nessa prática esportiva, tendo como consequência a criação de outras formas de relações (SOARES DE ALMEIDA, PISANI, 2015).

Em meados de março de 2015, duas das equipes de futebol de mulheres etnografadas nessa tese foram convidadas a responder e a debater uma série de perguntas realizadas pela jornalista paulistana e especialista em futebol feminino Luciane de Castro e pelo jornalista e pesquisador Diego Viñas. Naquele dia, ao acompanhar a atividade realizada por Luciane e Diego, pude

perceber algumas das distinções entre as categorias de lazer, profissão e amadorismo que começavam a tomar formas nessa etnografia.

Participaram da atividade as atletas da Associação Atlética Pró-Esporte (ASAPE) e as atletas do Estrelas do Futebol (SESC Estrelas), ambos os times localizados na zona leste da cidade de São Paulo. A primeira equipe composta por jogadoras com idades entre 15 e 25 anos e a segunda, por jogadoras na faixa etária dos 13 aos 15 anos. As atletas foram alocadas em uma sala de aula nas dependências do Centro Unificado Educacional (CEU) Jambéiro e em grupos mistos debateram e responderam perguntas dentre as quais destaco a seguinte: “O que o futebol significa para mim?”. Transitava por entre as mesas no momento em que elas conversavam entre si e respondiam à questão. Pude ouvir que para elas futebol significava: paixão, felicidade, vida, família, amizade, união, amor, diversão, lazer, trabalho e comprometimento.

Figura 4 - Jogadoras do SESC Estrelas e ASAPE. Fotografias por Mariane da Silva Pisani¹¹

Lazer, amadorismo e profissionalismo foram categorias analíticas colocadas em perspectiva por mim em diversos momentos dessa etnografia o que me permitiu evidenciar um recorte geracional e de classe em seus usos: entre as jogadoras mais novas – entre 13 e 17 anos – a prática do futebol era considerada como trabalho, na medida em que elas se dedicavam cotidianamente à prática e ao aperfeiçoamento de suas habilidades esportivas e tinham por objetivo viver da modalidade em um futuro próximo. Encontram-se

¹¹Na primeira imagem: Diego, Luciane e Ita Maia iniciando a explicação sobre as atividades que seriam desenvolvidas naquela tarde para as atletas da Associação Atlética Pró-Esporte e do SESC Estrelas. Na segunda imagem: de colete laranja, as jogadoras da equipe ASAPE; de camiseta branca, as jogadoras do SESC. Na terceira imagem: atletas de ambas equipes reunidas em grupo para a discussão das questões propostas.

aqui as jogadoras do SESC Estrelas e as categorias de base do Centro Olímpico de Treinamento e Pesquisa.

Já para as jogadoras mais velhas das classes mais baixas e mais altas – entre 18 e 30 anos – o futebol poderia figurar como esporte de lazer. Era assim considerado pelas jogadoras da ASAPE, do Esmeraldinha e do Pelado Real, pois dizia respeito aos momentos de encontro nos quais a amizade, a união e o amor entre colegas de equipe figuravam como elementos centrais da prática esportiva

Porém, para as jogadoras da ASAPE, assim como para as jogadoras do Esmeraldinha, o futebol tornavam-se amador quando o *comprometimento* com a modalidade e a equipe tornava-se mais evidentes e necessários para realizar a prática esportiva. Ou seja, a partir da participação em campeonatos e competições – municipais ou estaduais – o futebol adquiria outro status para elas. Algumas jogadoras da ASAPE, inclusive, por conta da participação em campeonatos municipais e estaduais foram convidadas, em 2014 a integrar o elenco de base (Sub-15) da Seleção Brasileira de Futebol Feminino. Esse fato nos mostra que o futebol praticado por elas transita nesse limiar entre o lazer, o amadorismo e a profissão.

II - Mulheres que jogam futebol: sociabilidade e circulação na cidade de São Paulo

O futebol de mulheres na cidade de São Paulo

São Paulo é uma megalópole. Considerada a 7ª maior cidade do mundo, abriga o principal centro econômico e financeiro da América do Sul. A cidade possui aproximadamente 12.100.000 habitantes¹², sendo que o complexo metropolitano expandido — que engloba outras cidades como Guarulhos, São José dos Campos, Campinas, Sorocaba, dentre outras -, ultrapassa os 30 milhões de habitantes.

A cidade é considerada, através do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do ano de 2010¹³, como a 28ª melhor cidade para se viver no Brasil. Vale ressaltar que o IDH é uma forma de medir e classificar os países membros da Organização das Nações Unidas (ONU) nas seguintes categorias: desenvolvidos (Desenvolvimento Humano Muito Alto), em desenvolvimento (Desenvolvimento Humano Médio) e subdesenvolvidos (Desenvolvimento Humano Baixo). Os dados que auxiliam no ranqueamento são compostos pelos seguintes índices: riqueza, poder de compra das famílias, alfabetização, escolaridade, esperança de vida e taxa de natalidade. Esses são indicadores que, de alguma maneira, demonstram a inserção dos indivíduos na sociedade. O ranqueamento dos países, portanto, só é possível a partir de uma coleta de dados dos índices dos seus distritos¹⁴, bem como das suas regiões/estados. Quanto melhor avaliados e ranqueados são os distritos e as regiões/estados, melhor colocados ficam os países no ranqueamento global.

12 De acordo com estimativas realizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2017).

13 De acordo com o Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil, organizado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, em conjunto com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada e a Fundação João Pinheiro (PNUD; IPEA; FJP, 2010).

14 Utilizo o termo “distrito” em consonância com a forma a que os bairros são referidos pelos levantamentos utilizados.

A cidade de São Paulo é composta por 32 Prefeituras Regionais que oferecem, de maneira descentralizada, alguns serviços destinados ao público em geral. Elas aparecem divididas geograficamente, conforme mapa ao lado, da seguinte maneira: Central (cinza), Centro-Sul (rosa), Leste 1 (vermelho), Leste 02 (amarelo), Norte (azul escuro), Noroeste (verde claro), Oeste (laranja), Sudeste (verde escuro) e Sul (azul claro). Cada uma dessas regiões abriga 96 distritos, alguns desses levam os mesmos nomes das regiões nas quais estão localizados.

Esses 96 distritos da cidade de São Paulo também podem ser pensados a partir de três categorias que têm por base o IDH¹⁶: **muito elevado**, **elevado** e **médio**, frisa-se que não há registro de **baixo** desenvolvimento humano na cidade. Os dados expostos nessa tese foram observados em cinco regiões da cidade: Butantã (Oeste), Itaquera (Leste 1), Guaianases (Leste 2), Vila Mariana (Central) e Lapa (Central), nas quais os distritos onde encontramos as equipes são nomeados, respectivamente: Rio Pequeno, Itaquera, Guaianases, Vila Mariana e Barra Funda. No mapa, os distritos estão marcados com uma estrela roxa. Esses cinco distritos aparecem ranqueados de acordo com seu IDH entre os 96 distritos da cidade de São Paulo - da seguinte maneira:

Tabela 2 - Posição no IDH dos distritos paulistanos etnografados entre os anos de 2013 e 2017

Desenvolvimento humano muito elevado	Desenvolvimento humano elevado	Desenvolvimento humano médio
7º lugar - Vila Mariana	46º lugar – Rio Pequeno	76º lugar – Itaquera
21º lugar – Barra Funda		85º lugar – Guaianases

Tabela elaborada por Mariane da Silva Pisani.

16 Segundo dados do Atlas Municipal 2007 organizado pela Secretaria Municipal de Trabalho e Empreendedorismo da Prefeitura Municipal de São Paulo (SMTE-PMSP, 2007).

Cada um desses distritos será melhor apresentado ao longo desse capítulo. Vale ressaltar aqui que essa etnografia foi realizada com diferentes classes sociais e que o enfoque maior foi dado para as jogadoras que se enquadram entre aquelas pertencentes às classes mais populares.

Como mencionados anteriormente, riqueza, poder de compra das famílias, alfabetização, escolaridade, esperança de vida e taxa de natalidade figuram entre os índices que orientam as classificações e distinções entre distritos mais desenvolvidos e menos, ou pouco, desenvolvidos. Nesse sentido, os locais mais desenvolvidos estariam associados à segurança, à riqueza, ao trabalho, ao acesso aos bens de consumo e à melhor qualidade de vida. Já os distritos menos ou pouco desenvolvidos estão associados à violência, à pobreza, à escassez de acesso ao sistema de saúde e à vulnerabilidade social.

A vulnerabilidade social, nessa tese, é compreendida a partir das pesquisas publicadas no ano de 2004, pelo Centro de Estudos da Metrópole (CEM/CEBRAP) da Universidade de São Paulo (USP), em parceria com o Serviço Social do Comércio (SESC) e com a Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social da Prefeitura de São Paulo (SMADS-PMSP); ela deriva da combinação entre elementos de privação socioeconômica – como baixos níveis de renda e escolaridade, por exemplo - e características demográficas das famílias – como a presença de muitas crianças e idosos e, também, muitas mulheres chefes de família (CEM/CEBRAP, 2004).

Quando pensamos na distribuição geográfica do IDH na cidade de São Paulo em relação às equipes de futebol etnografadas, podemos perceber que os distritos onde elas estão inseridas são classificados como de Elevado e Médio Desenvolvimento Humano e situam-se nas bordas – ou periferias – da cidade: na parte Oeste, temos o Rio Pequeno; na parte Leste, Itaquera e Guaianases. Já os distritos considerados de Muito Elevado Desenvolvimento Humano situam-se nas regiões centrais da cidade – é o caso dos distritos Vila Mariana e Barra Funda. Surge a concepção de que as periferias são espaços

de pobreza, violência e vulnerabilidade; e o centro, por sua vez, espaço de oportunidades, riqueza e acessos múltiplos.

Ainda é preciso ressaltar que muitas das jogadoras dessa etnografia atuavam em distritos considerados Muito Elevados em termos de Desenvolvimento Humano, mas não moravam nesses distritos. Ou seja, elas eram oriundas de distritos de Desenvolvimento Humano Médio, o que constata percepção de que a cidade de São Paulo é formada por distritos-dormitórios¹⁷ - situados nas periferias - e distritos de serviço - situados na área central da cidade. As jogadoras que atuavam na equipe situada na Vila Mariana – Centro Olímpico de Treinamento e Pesquisa - eram majoritariamente, moradoras das regiões de Médio Desenvolvimento Humano como Itaquera e Guaianases, por exemplo. As atletas da Barra Funda (Pelado Real Futebol & Arte), as atletas de Rio Pequeno (Esmeraldinha Futebol Clube), as de Itaquera (Estrelas do Futebol) e as de Guaianases (Associação Atlética Pró Esporte) jogavam/atuavam em locais igualmente ranqueados aos locais de moradia.

Veremos, contudo, que as jogadoras de futebol deslocam e ressignificam as categorias de centro e periferia. Periferia e centro não aparecem mais encerrados em si como espaços isolados, uma vez que é a partir da realidade vivida pelas pessoas de cada região que se pode compreender como os sistemas de poder, as sociabilidades, as diferenças e as desigualdades se (re)configuram e modificam as vidas dos moradores e moradoras dessas regiões. De fato, o IDH mede valores de desenvolvimento, classificando países, estados, municípios, distritos e pessoas de maneira bastante objetiva e concreta, mas ao longo dessa tese veremos que as mulheres jogadoras de futebol mobilizam e dão novos significados a essas noções de vulnerabilidade, pobreza, escassez, riqueza em suas vidas e trajetórias. Os conceitos de centro, periferia, segregação e circulação tornam-se mais apropriados para compreender a vida e as particularidades dessas mulheres jogadoras da cidade de São Paulo.

17 Distritos nos quais os moradores têm endereço, mas trabalham em outra região .

O IDH, nesse sentido, configurou-se como um indicador interessante para localizar espacialmente essas mulheres a partir de um denominador comum. Contudo, não nos encerramos nele, é a partir da etnografia que podemos ampliar e questionar a aplicabilidade do IDH, além de pensar uma série de questões, dentre elas: de que maneira se interseccionam gênero, classe, raça e sexualidade segundo o local de residir e o de jogar dessas mulheres; como vivem ou vivenciam a vulnerabilidade e a violência; como se distribuem e circulam as mulheres jogadoras na cidade de São Paulo; dicotomias entre periferia e centro.

Guaianases e a Associação Atlética Pró-Esporte

A equipe Associação Atlética Pró-Esporte (ASAPE) existe desde 2005 e está localizada no distrito de Guaianases, na Zona Leste – uma região extensa de moradias e distritos populares. O distrito é servido pela Linha 11 Coral da Companhia Paulista de Trens e Metrô (CPTM), que liga a Zona Leste ao Centro da cidade bem como às cidades vizinhas da Grande São Paulo: Poá, Suzano, Ferraz de Vasconcelos e Mogi das Cruzes. De Guaianases até o centro da cidade de São Paulo, pela estação de Metrô Sé, leva-se aproximadamente uma hora. Guaianases era, inicialmente, parte da aldeia dos índios Guaianás e até hoje a bandeira do distrito faz alusão a esse fato.

Durante a pesquisa etnográfica, em 2013, segundo dados do Sistema de Informações dos Municípios Paulistas¹⁸, moravam aproximadamente 105.505 pessoas no distrito de Guaianases e a renda per capita era de R\$515,60, o que equivale nos dias de hoje aproximadamente R\$787,00 de acordo com o Índice Nacional de Preços ao Consumidor (BACEN, 2017).

Dados de 2013 do Sistema Infocidade, mantido pela Secretaria Municipal de Urbanismo e Licenciamento da Prefeitura de São Paulo (SMUL-PMSP), descrevem uma população predominantemente jovem: 61,95% dos

¹⁸ Órgão vinculado à Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento Regional do Governo do Estado de São Paulo

habitantes tinham até 35 anos de idade e 15,75% eram crianças de até 9 anos de idade (SMUL-PMSP, 2013). As mulheres responsáveis pelos domicílios correspondiam a 25,4% do total (SEADE, 2010). Entre os moradores do distrito, a taxa de analfabetismo era de 4,4%, ao passo que a média da cidade de São Paulo é de 3,2%. (SMUL-PMSP, 2010). A Secretaria Municipal de Urbanismo e Licenciamento estima que o distrito contava com 45 favelas (SMUL-PMSP, 2013) e que 12,80% dos domicílios totais do distrito não possuíam ligação com a rede de esgoto, contra uma média de 7,99% da capital. (SMUL-PMSP, 2010). O distrito possui ainda um Centro Educacional Unificado (CEU) Jambeiro inaugurado no ano de 2003, durante o governo da ex-prefeita Marta Suplicy. O CEU conta com quadras poliesportivas, campos de futebol e piscina, possui também telecentro e biblioteca. O CEU Jambeiro recebe, aos finais de semana, shows de música e teatro e durante a semana é utilizado ainda como espaço escolar, no qual estudam alunos/as do Ensino Infantil ao 9º ano do Ensino Fundamental.

Figura 6- Bandeira de Guaianases nas mãos da jogadora Wiara. Foto por Mariane da Silva Pisani. Abril de 2014

Edinei Reis¹⁹ ou, como gosta de ser chamada, Ita Maia Reis é a principal personagem desse cenário. Fundadora e jogadora da equipe ASAPE, é uma mulher negra proveniente do sertão do Estado da Bahia, e tinha 44 anos quando a conheci em 2013. Foi somente por causa do futebol que conseguiu sair do seu estado de origem, um espaço de pobreza e sem oportunidades, segundo ela, e mudar-se para São Paulo aos vinte anos de idade. Para Ita, viver em São Paulo era a possibilidade de concretizar seu sonho de ser jogadora de futebol. E assim foi. Ita Maia Reis jogou por aproximadamente 10 anos em equipes de futebol praticado por mulheres da periferia paulistana. Por sua atuação, foi nomeada em 1999, personalidade do distrito de Guaianases, algo que não teria acontecido se ela tivesse permanecido na Bahia, disse-me um dia.

Figura 7 - Associação Atlética Pró-Esporte. Foto por Mariane da Silva Pisani. Abril 2014

19 Em acordo com ela, fui autorizada a deixar evidente seu nome e o nome da sua equipe.

Em 2005, Ita, com 36 anos, já estava afastada dos campos como jogadora, mas permanecia atuando na qualidade de assistente junto a alguns técnicos e treinadores. Segundo ela, alguns fatores foram essenciais para a formação da equipe ASAPE. Por um lado, a interdição etária que a afastava dos campos de futebol era fonte de tristezas e inquietações, afinal jogar bola, para ela, sempre foi uma paixão a ser perseguida a todo custo. Ademais, trabalhar na condição de assistente, seguindo ordem de homens, não era algo que a agradava, ela relata que essa foi uma época de muitos conflitos e desavenças pessoais. Por fim, àquela época, Ita percebera que muitas das jovens mulheres do distrito estavam se envolvendo com drogas e tornando-se mães cada vez mais cedo. Para ela, esse cenário poderia ser “driblado” a partir de uma prática esportiva adequada para aquelas jovens.

Naquele mesmo ano, a partir dessas observações e constatações, Ita fundou a própria equipe. Dessa forma, segundo ela, a ASAPE é o lugar onde vai seguir jogando até o momento em que decidir, por conta própria, parar; é também um espaço onde ela atua como treinadora e coordenadora, detendo o comando e exercendo a centralidade na vida de outras pessoas, no caso, as atletas sob sua responsabilidade. Além disso, segundo uma conversa que tivemos em 2013, a equipe ASAPE configurava-se em um novo espaço de sociabilidade e lazer para algumas jovens mulheres da periferia paulistana. Portanto, Ita considerava que a sua atuação na equipe era como um trabalho social, sem fins lucrativos, que tinha por objetivo resgatar mulheres negras e pobres do distrito onde moravam, em situações de risco e vulnerabilidade.

É no Centro Unificado de Estudos (CEU) Jambiero que a ASAPE realiza suas atividades diárias: aproximadamente vinte e cinco atletas, sob o comando de Ita, disputam ao longo do ano alguns campeonatos. As jogadoras treinam diariamente às terças, quintas e sábados. Atrás dos campos de futebol, separada por um córrego, fica a comunidade Jardim Aurora onde a maior parte das atletas residia.

Muitas dificuldades são enfrentadas para que o time e suas atletas consigam dar continuidade aos seus trabalhos, como por exemplo: a falta de

patrocínio, a ausência de material esportivo adequado para treinos e competições, a inexistência de divisão específica de treinos e jogos de acordo com as idades das atletas: adolescentes de 15 anos treinam e jogam ao lado de mulheres adultas, com idades entre 20 e 45 anos. Além disso, existe um problema nos dias de jogos que diz respeito ao meio de transporte utilizado para ir até o local do jogo. Recentemente a ASAPE passou a contar com o incentivo da Câmara Municipal de Vereadores de São Paulo, que cede em dias de jogos uma van escolar para fazer o transporte das jogadoras até os campos de futebol da cidade. Nessa van escolar, por questão de segurança, apenas dezenove pessoas poderiam viajar, contudo as vinte e cinco jogadoras, algumas torcedoras, o massagista – amigo pessoal da Ita e de outras atletas – e eu, por um período – viajavamos até os locais das competições.

Entre as jogadoras da ASAPE realizei aproximadamente oito meses de trabalho de campo. O elenco do time era composto, à época, por aproximadamente 30 atletas com idades entre 13 e 25 anos. A grande maioria delas era estudante da rede pública municipal e aquelas acima dos 17 anos de idade também trabalhavam para ajudar complementar a renda familiar. Os trabalhos eram variados: algumas atuavam como telefonista de telemarketing, outras como recepcionistas, outras ainda eram vendedoras de lojas e atendentes de restaurantes fast food. Era comum que elas precisassem pedir afastamento do trabalho para poder jogar, sobretudo quando o jogo em questão acontecia durante a semana ou no sábado pela manhã.

Durante os meses de trabalho de campo, pude constatar também que a grande maioria das atletas do ASAPE moravam no distrito de Guaianases, distribuídas ao longo da região. Algumas residentes no Jardim Aurora, espaço imediatamente contíguo ao campo onde treinavam e jogavam. Em seus arranjos familiares, a centralidade da figura da mulher enquanto chefe de família. Mães, irmãos/ãs, tias e avós compunham o quadro de pessoas que moravam na mesma casa que as atletas. Dentro da casa delas – pelo menos daquelas que fui convidada a frequentar – pude perceber a existência de móveis (sofá, armários de cozinha e camas), eletrodomésticos (fogão,

geladeira, máquina de lavar entre eles) e eletroeletrônicos (televisão e rádio) compunham o espaço do lar.

Apesar das dificuldades enfrentadas no âmbito esportivo, as atletas não esmorecem. Consideram-se uma família e buscam umas nas outras o suporte necessário para superar os problemas que existem também fora das quadras. À medida que a pesquisa avançava e minha interação com elas aumentava, essas mulheres foram compartilhando histórias pessoais. Mesmo quando não estão em campo treinando ou disputando jogos, fazem questão de se encontrar pessoalmente todos os dias. Além da proximidade física, mantêm-se conectadas diariamente – quase que 24hs por dia– por redes sociais de mensagens instantâneas como o Whatsapp e o Facebook. Fica claro, portanto, que para além das relações esportivas e de compromisso com o time, existe um forte laço afetivo entre elas.

Vale pontuar que, em Maio de 2017, em rápida visita ao grupo para acompanhar um jogo da ASAPE e rever Ita e suas jogadoras mais uma vez, ouvi da técnica que depois de uma série de vitórias e desdobramentos de seu trabalho, em 2015 – ano da Copa do Mundo de Futebol Feminino e que, a partir de uma iniciativa do Museu do Futebol da cidade de São Paulo - ela, Ita, passou a figurar nos anais da história do Museu do Futebol. Segundo ela, o foco da equipe agora é o investimento na formação de atletas de alto rendimento. Nesse sentido, ela formou algumas jogadoras que, a partir de 2016, começaram a jogar em equipes *profissionais* como a Associação Portuguesa Futebol Clube e a Seleção Brasileira de Futebol Feminino.

Vila Mariana e o Centro Olímpico de Treinamento e Pesquisa (COTP)

A Vila Mariana é um distrito localizado na região central da cidade de São Paulo sendo considerada uma das regiões mais desenvolvidas da cidade, registrando a maior média salarial entre seus habitantes. É um distrito empresarial e residencial, no qual moradores, empresários e turistas convivem diariamente pelas ruas. O distrito apresenta alta demanda e oferta de opções

na gastronomia, compras, lazer, museus e parques, sendo o Parque do Ibirapuera o cartão-postal mais importante da localidade. É um distrito que conta, também, com a sede da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) e seu campus mais antigo e tradicional – a UNIFESP foi fundada a partir da Escola Paulista de Medicina. A região oferece uma infraestrutura excelente de transporte público: cinco linhas de metrô cruzam o distrito e corredores ônibus estão disponíveis para os moradores da região. Situado próximo à Avenida Paulista, em 2014, Vila Mariana foi eleito pelo Jornal Estadão como “o bairro mais queridinho de São Paulo”²⁰, justamente por oferecer grande infraestrutura de serviços, comércio, transporte público e lazer (O ESTADO DE S. PAULO, 2014).

O COTP está localizado nas proximidades do Parque Ibirapuera. O Centro Olímpico de Treinamento e Pesquisa (COTP) foi o contexto mais formalizado e institucionalizado de prática esportiva que essa tese percorreu. Na verdade, a pesquisa de campo foi iniciada ali, exatamente porque seria um contexto formal de profissionalização, vinculado ao Estado, com treinadores contratados. Como a pergunta inicial era sobre o processo de profissionalização, pesquisar ali parecia apropriado, contudo os caminhos da etnografia modificaram-se tornando aquele espaço constricto demais para pesquisar questões de gênero, sexualidade e raça no contexto esportivo. É um órgão subordinado à Secretaria Municipal de Esportes e Lazer da Prefeitura de São Paulo (SEME-PMSP) e tem por objetivo treinar e aperfeiçoar tecnicamente jovens atletas em diversas modalidades esportivas. Criado em 3 de fevereiro de 1976, o COTP desenvolve as seguintes modalidades: atletismo, basquete, boxe, futebol, ginástica artística, handebol, judô, luta olímpica, natação e vôlei. Já nas primeiras idas a campo, em 2012, descobri que aproximadamente 100 atletas – com idades entre 13 e 25 anos – treinam na modalidade do Futebol Feminino.

20 Segundo Matéria veiculada na internet pelo jornal O Estado de S. Paulo em 21.11.2014, disponível em <http://www.estadao.com.br/noticias/geral,vila-mariana-um-dos-bairros-mais-queridinhos-de-sp,1603916>.

Os treinos acontecem da seguinte maneira: as atletas do Sub-13 treinam duas vezes por semana, às segundas e quartas-feiras, das 14h às 16h; as do Sub-15, três vezes por semana, às segundas, quintas e sextas-feiras, das 14h às 18h; já as jogadoras do Sub-17, quatro vezes por semana, às segundas, terças, quartas e sextas-feiras, das 14h às 18h e, por fim, a Equipe Principal treina de segunda a sexta-feira, das 9h às 12h. Nota-se a diferença de tempo dedicado ao treinamento de acordo com a faixa etária. Em 2013, algumas das atletas do Sub-17 já estavam com contratos assinados para disputarem campeonatos no exterior – nos Estados Unidos – a partir do segundo semestre daquele ano. As categorias de base recebem apoio financeiro da Prefeitura Municipal de São Paulo, à exceção da Equipe Principal, mantida e patrocinada por empresas privadas.

À época, as jogadoras das categorias de base do COTP recebiam alguns benefícios ao serem selecionadas para atuar na equipe. Dentre eles o fornecimento do material esportivo e de lanches durante as atividades físicas; a disponibilidade de atendimento por um fisioterapeuta para tratar das lesões ocorridas durante os treinos e/ou jogos; bem como vale-transporte. Esse último, soube, era concedido levando em consideração a renda familiar da jogadora, a distância percorrida por elas entre residência/treino/residência e a necessidade de conceder alguma forma de incentivo para que não faltassem aos treinos. Isso demonstrou que a maioria das atletas era proveniente das classes mais baixas e não residiam no bairro onde o COTP estava localizado.

Muitas delas provinham de outros distritos da cidade de São Paulo, geralmente periféricos e afastados do campo de treino e jogo – Guainases, dentre eles -, e precisavam percorrer a cidade através dos trens metropolitanos, bem como dos metrô e ônibus municipais. Poucas dessas atletas de base compareciam aos treinos durante a semana acompanhadas do pai, da mãe e/ou algum responsável. Ou seja, a maioria delas chegavam sozinhas para treinar. Já nos dias de jogos – geralmente aos finais de semana -, muitas vezes pude presenciar os pais, mães e/ou responsáveis nas arquibancadas acompanhando as partidas. Esse dado indica - de acordo com

os horários de treino das categorias de base - que os pais, as mães e/ou os responsáveis dessas atletas estavam em horário de trabalho enquanto as filhas treinavam. Soube ainda que um dos critérios para a permanência delas nos elencos de base era estar regularmente matriculada, frequentar alguma escola da cidade de São Paulo, possuir boas notas e comportamento exemplar no ambiente escolar. Caso contrário, receberiam advertência e, reincidindo notas baixas e/ou mau comportamento, poderiam inclusive ser desligadas da equipe.

Considerando esse requisito e os horários de treino – na parte da tarde - , muitas das jogadoras estudavam na parte da manhã. Diversas vezes vi as jogadoras das categorias de base chegarem ao COTP trajando seus uniformes escolares. Essa cena repetiu-se muitas vezes durante o tempo que permaneci em campo, assim pude notar que a grande maioria delas estudava nos colégios públicos municipais e estaduais da cidade de São Paulo. Todas as jogadoras das categorias de base, no tempo em que realizei trabalho de campo no COTP eram negras.

As categorias de base do COTP – Sub- 13, 15 e 17 – já disputaram mais de 23 finais de campeonatos locais e regionais e conquistaram aproximadamente 15 títulos ao longo dos anos de trabalho. Um desses jogos de final da equipe Sub-17, que será descrito adiante, foi disputado contra a equipe Associação Atlética Pró-Esporte, também etnografada neste trabalho.

A Equipe Principal do Centro Olímpico participa das seguintes competições:

- Copa do Brasil, organizada pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e disputada anualmente desde 2007 (na qual foi 2ª colocada em 2012 e 3ª colocada em 2013);
- Brasileirão Feminino Caixa, criado no ano de 2013 pelo Ministério do Esporte em parceria com a CBF e considerado o segundo torneio nacional da modalidade, reunindo as 20 melhores equipes do ranking brasileiro (no qual foi campeã no ano de 2013);

- Campeonato Paulista, disputado desde 1987 é o maior campeonato regional brasileiro de futebol de mulheres que conta com a participação de 16 equipes do Estado de São Paulo (no qual foi 2º colocado nos anos de 2011 e 2012).

No ano de 2013, no qual conduzi minha etnografia, o técnico responsável pelo treinamento da equipe Principal do COTP era o *professor*²¹ Arthur Elias. Ele elaborou uma metodologia de treinamento que integrava todas as categorias em um trabalho de preparação contínuo e constante visando à profissionalização e melhor preparação atlética daquelas jogadoras. Foi a partir do trabalho dele que muitas das atletas do COTP foram convocadas pela CBF para atuar na Seleção Brasileira nas categorias Sub-15, Sub-17 e Sub-20. Somente no ano de 2013, mais de trinta atletas foram convocadas para integrar as equipes da Seleção Brasileira. Trata-se portanto de um contexto de maior destaque e profissionalização.

A visibilidade do COPT pode ser exemplificada pelo interesse da BBC (British Broadcasting Corporation) em fazer uma matéria sobre a equipe. Em abril de 2013, Jason Margolis, repórter e correspondente desta emissora de rádio e televisão, chegou ao COTP para realizar entrevistas com algumas jogadoras de base. O objetivo dele era mostrar como o país que iria sediar no ano seguinte a 20ª Copa do Mundo de Futebol (de homens!) encorajava meninos a jogar bola desde muito cedo, mas não fazia o mesmo quando se tratava de meninas. Estive presente à entrevista, conversando e auxiliando-o naquele dia e ao final dos trabalhos Jason me perguntou: “Most of the girls we were watching were dark skinned. Is this an indicator that they're from lower income families?” (“A maioria das meninas que estávamos assistindo tinha pele escura. Isso é um indicador de que elas são de famílias de baixa renda?”). Até aquele momento não havia me deixado captar: aquelas jogadoras, que eram negras, poderiam ser provenientes das classes mais baixas da sociedade

²¹ *Professor* é um termo utilizado pelos jogadores e jogadoras de futebol para se referirem a juízes e técnicos.

brasileira. Era a primeira vez que o Marcador Social da Diferença de raça e de classe cruzavam-se nessa etnografia, isso reforçava a necessidade de trocar a pergunta orientadora da tese. Era cada vez mais urgente analisar as maneiras pelas quais a raça, a classe, a sexualidade e o gênero interferiam na construção de corpos e redes diversas de afetos entre aquelas mulheres jogadoras.

Naquele momento, contudo, apenas consegui responder ao jornalista que muitas atletas do COTP eram residentes dos distritos periféricos da cidade de São Paulo – espaços geralmente associados à pobreza, privação e perigo, mas que não devem ser reduzidos a esse imaginário -; que seus familiares, pais, mães e/ou responsáveis eram integrantes da classe trabalhadora; que as jogadoras, em sua grande maioria, eram estudantes de colégios públicos da rede Municipal e Estadual de ensino; bem como muitas delas deslocavam-se, cotidianamente, mais de trinta quilômetros pela cidade para poderem treinar e jogar na Vila Mariana.

Figura 8- Jogadora do Centro Olímpico de Treinamento e Pesquisa categoria Sub-13.
Foto por Mariane da Silva Pisani. Abril de 2013

“Brás, Bexiga e Barra Funda é o órgão dos ítalo-brasileiros de São Paulo. Durante muito tempo a nacionalidade viveu da mescla de três raças que os poetas xingaram de tristes: as três raças tristes (...). Então os transatlânticos trouxeram da Europa outras raças aventureiras. Entre elas uma alegre que pisou na terra paulista cantando e na terra brotou e se alastrou (...).Do consórcio da gente imigrante com o ambiente, do consórcio da gente imigrante com a indígena nasceram os novos mamalucos.

Nasceram os intalianinhos.” (DE ALCÂNTARA MACHADO, 1978, p.8)

Antônio de Alcântara Machado, cronista brasileiro, escreveu e publicou em 1927 a coletânea de crônicas intitulada “Brás, Bexiga e Barra Funda”. A obra narra - com bastante maestria, comicidade e drama - a presença de imigrantes italianos e o cotidiano das classes proletárias na cidade de São Paulo na primeira metade do século XX. Esses três distritos de São Paulo são associados, até os dias de hoje, a esses “intalianinhos” que transformaram os jeitos de viver e trabalhar dos paulistanos.

A Barra Funda, nesse sentido, constitui-se inicialmente enquanto distrito industrial. Até o começo do século XX, abrigava as Indústrias Matarazzo – não por acaso, a principal via de acesso ao distrito chama-se Francisco Matarazzo – que empregava boa parte dos habitantes da região, que eram, em sua maioria, imigrantes. O distrito da Barra Funda é famoso, atualmente, por abrigar a Arena Palestra Itália, local onde joga a Sociedade Esportiva Palmeiras - equipe de futebol fundada em 1914 e que tem entre seus fundadores, jornalistas e operários italianos. O distrito é sede ainda das escolas de samba da Mancha Verde e Camisa Verde e Branco, associadas às torcidas

²² O nome Pelado Real Futebol & Arte remete as famosas “peladas”: partidas de futebol que são disputadas por homens, nas quais as regras de jogo são livres (não se marcam faltas e impedimentos, por exemplo) e o principal objetivo da partida é a diversão e socialização dos que jogam.

organizadas do Palmeiras; da emissora paulista de televisão TV Record; do Memorial da América Latina; bem como da sede do Nacional Atlético Clube e o seu estádio, o Nicolau Alayon. O distrito oferece uma ampla variedade de restaurantes, escolas, hospitais e possui dois shoppings. É atendido, também, pela Linha 3-Vermelha do Metrô – Estação Palmeiras-Barra Funda - e pelas Linhas 7 e 8 da CPTM que comunicam o distrito com o resto da cidade. Originalmente, a Barra Funda tinha muitas indústrias e galpões fabris, inclusive porque cortada pela linha de trem. Atualmente, essas indústrias se mudaram e grandes áreas estão sendo convertidas em condomínios com prédios habitacionais voltados para as camadas média e alta, cuja publicidade explicita tanto a proximidade com o centro, como a presença da boa infraestrutura urbana, com farto transporte coletivo da região (tem uma estação de metrô e uma estação de ônibus intermunicipal).

Uma das equipes que encontrei e etnografei na cidade de São Paulo chama-se Pelado Real Futebol & Arte. Este clube é peculiar nesta tese, pois é formado por mulheres das camadas alta e média-alta da sociedade. Segundo Julia, fundadora da equipe, no ano de 2011, ela e sua ex-sócia tiveram a ideia de associar esporte e diversão. Então criaram um espaço no qual as mulheres poderiam “jogar bola”. Nas palavras de Julia, para jogar na equipe é preciso apenas comparecer aos treinos, ser esforçada e bem-humorada, afinal é um espaço para esquecer dos problemas, gastar algumas calorias e se divertir entre amigas. Trata-se aqui não do esporte como profissão, mas sim como lazer e atividade física.

Para jogar no Pelado Real, deve-se fazer uma inscrição em alguns dos planos oferecidos: Mensal, Trimestral ou Semestral. De acordo com o plano, pode-se jogar uma ou duas vezes por semana. Os valores iniciam-se em R\$40,00 reais, para as aulas avulsas, e chegam a R\$194,00 reais, no plano Semestral, com direito a participar de duas aulas por semana. Goleiras pagam R\$50,00 reais por mês. Os valores pagos em dinheiro, cartão de débito ou de crédito são revertidos para a locação das quadras onde elas jogam, o pagamento dos professores e técnicos que acompanham as equipes, o

material esportivo, o impostos e remuneração das pessoas envolvidas no empreendimento. Atualmente o projeto Pelado Real Futebol & Arte reúne mais de 250 adeptas da modalidade que jogam bola semanalmente.

Entre as atividades que o Pelado Real Futebol & Arte proporciona às jogadoras inscritas estão as competições com outras equipes da cidade de São Paulo. Dessa forma, desde 2011, o Pelado Real participou das seguintes disputas:

- Copa Primavera de Futebol do Clube Pinheiros²³ 2011 (ficando em primeiro lugar);
- Campeonato do Clube Alto de Pinheiros 2011 (ficando em terceiro lugar);
- Copa Paulista de Futebol 2012 (ficando em segundo lugar);
- Liga das Meninas Futebol Society 2012 (ficando em primeiro lugar);
- Red Bull Haute Soccer League 2012 (ficando em primeiro lugar);
- II Campeonato Olímpia Escola de Futebol 2013;
- XVII Copa de Futsal do Sindicato dos Bancários 2013;
- I Copa Nacional de Futebol Society Feminino 2013.

Mas quem são essas mulheres, afinal? As mulheres do Pelado Real são majoritariamente brancas, de classe média e alta, todas com pelo menos uma

²³ O Clube Pinheiros é um espaço de lazer para as elites paulistanas. Fundado em dezembro de 1972, está localizado no distrito Pinheiros – Zona Oeste de São Paulo. Conta com mais de 24 mil metros quadrados onde se encontram quadras poliesportivas, quadras de areia, academia, piscinas de lazer, quadras de tênis, canchas de bocha, salão de sinuca e quiosques com churrasqueiras, em um dos bairros mais valorizados da cidade. O Clube realiza ainda alguns eventos tradicionais: Réveillons, Bailes de Carnaval, Bailes de Debutantes, almoços de Dia das Mães, marcados pela presença da classe alta de São Paulo.

graduação, com famílias originárias do Estado de São Paulo. A maioria dessas mulheres encara o futebol como um momento de lazer, onde elas podem, inclusive, se equiparar aos homens: “Meu marido sai para jogar futebol com os amigos, então eu decidi que poderia sair também e encontrar minhas amigas para jogar bola”, uma delas me disse um dia.

Figura 9- Pelado Real Futebol & Arte. Foto por Pelado Real & Arte.

As quadras onde elas treinam são um espaço alugado na Barra Funda e só se tem acesso de carro. As linhas de ônibus não passam por perto e o metrô mais próximo está a 30 minutos de caminhada. Todas as jogadoras chegam de carro e trazem seu próprio uniforme: meia, shorts, calção, caneleira. Todos da Nike ou da Adidas – marcas que revelam, no Brasil, origem de classe social. Elas são a única equipe composta por mulheres que ocupam o espaço das quadras, as outras são equipes formadas por homens. Acompanhei, durante as inserções a campo, algumas cenas de tensão entre as atletas do Pelado Real e os homens que jogavam no mesmo horário. Alguns

deles apoiavam-se nas grades que dividiam as quadras e questionavam o real desejo de jogar bola e o desempenho futebolístico delas.

Segundo Júlia – à época 25 anos, sócia e empresária da equipe -, a iniciativa de fundar o Pelado Real Futebol & Arte foi uma maneira divertida de *empoderar* mulheres, um “jeito nosso de dizer ao mundo que nós, mulheres, podemos ser quem nós quisermos ser. Bailarinas ou peladeiras, princesinhas ou molecas, toda mulher tem o direito de escolher e viver sua paixão e estilo próprio”. Além, é claro, de ser uma alternativa diferente na construção de *corpos mais femininos*– magros e em forma – de uma maneira divertida. De alguma maneira, a criação do Pelado Real me remete à segunda onda do feminismo, na qual as mulheres lutaram pelo fim da discriminação e a completa igualdade entre os sexos. Quando as jogadoras do Pelado Real alegam que querem se equiparar aos homens e também poder jogar bola com as amigas, isso se torna bastante explícito. Quando elas afirmam seu lugar dentro da quadra, perante alguns homens que questionam suas capacidades futebolísticas, isso também fica evidente.

Figura 10 - Mascote Pelado Real Futebol & Arte, Rosie the Riveter e camiseta. Imagens retiradas do site da equipe Pelado Real Futebol & Arte.

Na época, a mascote do time do Pelado Real fazia uma referência à clássica Rosie the Riveter, um ícone cultural dos Estados Unidos da América, que representa as mulheres norte-americanas que trabalhavam nas fábricas durante a Segunda Guerra Mundial. Além disso, o Pelado Real disponibiliza alguns materiais de merchandising e possibilita a venda de camisetas que trazem as seguintes frases estampadas: “Esquece o sapatinho de cristal, essa princesa veste chuteiras”; “Nem toda menina quer ser bailarina”. Vale ressaltar ainda que o nome da equipe é uma brincadeira que faz contraposição, nas chaves do binarismo de gênero, com o termo comumente usado para se referir a uma partida de futebol descompromissada jogada entre homens, a famosa “pelada”.

Itaquera e o Estrelas do Futebol

O distrito de Itaquera – que em língua Tupi significa ‘rocha dura’ – foi, até fins do século XIX, um lugar repleto de vegetação, usado como fazendas para criação e plantação. No começo do século XX, as fazendas foram vendidas e loteadas, tornando o lugar – afastado do centro da cidade – um espaço possível para áreas de veraneio e chácaras. A partir dos anos 1920, imigrantes japoneses instalaram-se no distrito e entre outras marcas dessa chegada, o Parque do Carmo que abriga até os dias de hoje a Festa da Cerejeira – árvore típica e símbolo do Japão. A urbanização chegou a Itaquera a partir dos anos 1980, quando a inauguração da Companhia Metropolitana de Habitação de São Paulo (COHAB-SP) expandiu a demografia da região – o número de habitantes mais que dobrou no período. A COHAB-SP atua junto à Secretaria Municipal de Habitação (SEHAB), e a partir da aquisição de terrenos constrói moradias para população de baixa renda. O 39º Batalhão de Polícia Militar (39º BPM), localizado na região de Itaquera, detém o segundo maior índice de homicídios da cidade de São Paulo e são os moradores das COHABs

os que mais sofrem – geralmente – com a ostensiva presença policial na região²⁴ (O ESTADO DE S. PAULO, 2015).

No ano de 1988, a Linha Vermelha do metrô chegou ao distrito ligando-o de maneira definitiva ao centro da cidade. No ano de 2010, anunciou-se a construção da Arena Corinthians, que em 2014, foi sede de alguns jogos da 20ª Copa do Mundo de Futebol, sendo realizada ali a partida de abertura do megaevento. A Arena Corinthians encontra-se ao lado da Estação Corinthians-Itaquera do Metrô e da CPTM. A área ao redor da Arena Corinthians foi estabelecida pelo governo como "Polo Institucional de Itaquera". Nessa região foram implantadas, nos últimos anos, algumas unidades da Escola Técnica Estadual (ETEC) e da Faculdade de Tecnologia do Estado de São Paulo (FATEC).

Minha aproximação com o Estrelas do Futebol (SESC Estrelas) teve início no mês de junho de 2014, quando as atividades com a primeira turma estavam sendo finalizadas. A equipe formada integra um projeto social de iniciativa privada. O projeto nasceu de uma parceria entre o SESC de São Paulo e o Consulado dos Estados Unidos em São Paulo. Da parceria, surgiu a ideia de montar uma equipe de futebol de mulheres que seleciona, pelo período de um ano, meninas entre 13 e 15 anos. Além da idade, há outros pré-requisitos de admissão para atuar na equipe: elas precisam ser residentes da grande São Paulo; precisam estar matriculadas em escola da rede pública ou serem bolsistas de escola particular; por fim, precisam ter noção básica de inglês.

Situado no distrito de Itaquera, Zona Leste de São Paulo, o projeto tem por intuito formar, desenvolver e transformar as meninas em jovens lideranças, capazes de atuar positivamente em suas comunidades. Elas, além de aprender a desenvolver habilidades futebolísticas, também aprendem noções de empreendedorismo e melhoram suas habilidades linguísticas na língua inglesa. A cada temporada, são dez meses de intenso trabalho, nos quais as pequenas

²⁴ Segundo Matéria veiculada na internet pelo jornal O Estado de S. Paulo em 20.03.2015, disponível em <http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,pms-da-regiao-do-butanta-e-de-itaquera-causaram-mais-mortes,1654353>.

jogadoras precisam comparecer semanalmente na Unidade SESC Itaquera. Entre as habilidades desenvolvidas, os técnicos e dirigentes do programa elencam: o aprendizado do planejamento do tempo; noções de liderança e trabalho em equipe; promoção do autoconhecimento e desenvolvimento pessoal; comunicação interpessoal; gestão de relacionamentos e desenvolvimento de outra língua. As atletas precisam ainda apresentar bom rendimento escolar, condição que lhes abre a possibilidade de, ao final da temporada, realizar um intercâmbio. O objetivo aqui, portanto, não é formar atletas profissionais, mas sim estabelecer um projeto que desenvolve diferentes competências entre jovens moradoras da região de Itaquera.

Figura 11- Jogadoras do SESC Estrelas comemorando a vitória em um campeonato. Foto por Mariane da Silva Pisani. Junho de 2014.

Em conversa com as jogadoras da equipe, pude conferir que elas treinam três vezes por semana, recebem uma alimentação supervisionada,

bem como auxílio-transporte e o equipamento necessário para a prática esportiva. À época, a técnica e treinadora delas era uma ex-jogadora de futebol. Durante o período em que permanecem no projeto, as jovens treinam, cursam as aulas de inglês, participam de palestras, fazem viagens e jogam em campeonatos. No ano de 2014, duas jogadoras norte-americanas, Brandi Chastain e Julie Foudy, ministraram uma palestra motivacional que foi recebida com muito entusiasmo pelas jovens. Posteriormente, custeadas pelos financiadores do projeto, as adolescentes foram convidadas a fazer uma viagem de uma semana pelos Estados Unidos da América. O intuito era realizar um intercâmbio cultural aproximando-as da realidade esportiva vivida naquele país.

Nesse sentido, os Estados Unidos da América podem ser considerados como o melhor país para a prática do futebol de mulheres. Nos EUA, afinal, são outros os esportes que ocupam o lugar de “esporte masculino”, como o futebol americano, o beisebol e o basquete. Segundo atletas que já atuaram nos EUA, lá o futebol para mulheres é valorizado (PISANI, 2012). Meninas a partir dos cinco anos já participam de treinamentos em escolinhas. Escolas e universidades promovem campeonatos de futebol de mulheres que ocorrem durante todo o período letivo. Além disso, até 2012, os EUA possuíam o maior campeonato de futebol de mulheres do mundo: o Women's Professional Soccer. Nesse campeonato, algumas das melhores jogadoras brasileiras atuaram: Formiga, Marta, Daniela, Cristiane, Fabiana, Renata Costa, Rosana, Ester, Maycon, Erika.

As jogadoras do SESC Estrelas foram unânimes em dizer que o projeto e a prática do futebol transformaram as suas vidas positivamente. Uma delas falou-me que sua autoestima melhorou e que agora ela via uma possibilidade de viver do futebol, como jogadora. Apenas uma incerteza geral se abatia sobre elas: como o projeto possui apenas um ano de duração, logo elas estariam *por conta própria*, sem a disponibilidade de um espaço bem estruturado para treinar e jogar, sem a orientação de uma equipe técnica competente e responsável. Muitas meninas cogitavam a possibilidade de

participar de algumas peneiras²⁵ nos grandes clubes da cidade de São Paulo e assim dar prosseguimento à carreira de jogadora de futebol.

Rio Pequeno e o Esmeraldinha Futebol Clube

O distrito Rio Pequeno, se formou inicialmente por trabalhadores das olarias e pedreiras da região, bem como por operários que trabalharam construção civil - principalmente nas obras da Cidade Universitária, nas décadas de 1960 e 1970. A presença de favelas é forte no distrito. Apenas para citar como exemplos, ali se encontram as comunidades de Vila Dalva, Sapé e São Remo – esta vizinha de muros da Universidade de São Paulo. Assim como na região de Itaquera, na região do Butantã – onde se localiza o distrito Rio Pequeno – a Polícia Militar é detentora de altos índices de homicídios, sendo considerada, no ano de 2015, como a polícia mais letal da cidade (O ESTADO DE S. PAULO, 2015).

No Rio Pequeno podemos encontrar ainda o Campo do Corinthians do Rio Pequeno, um dos mais tradicionais campos de futebol da Zona Oeste da cidade de São Paulo. Ele é popularmente conhecido como Corinthinhas, e realiza parcerias com alguns times de futebol profissional e amador e diversas escolinhas de futebol da região. Não possui gramado, sendo então um campo de terra batida – característica marcante em muitos campos que realizam partidas de futebol de várzea.

25 As peneiras são momentos em que os clubes abrem espaço e realizam seleções para a 'descoberta' de novos talentos futebolísticos.

Figura 12- Capa do Jornal Oeste News. Fotografia por Mariane da Silva Pisani. Agosto de 2015

Em meados de agosto de 2015, em uma banca de revistas e jornal, localizada no distrito do Butantã, deparei-me com um jornal de circulação gratuita no distrito. O impresso intitulado “Oeste News” chamou-me a atenção pela notícia que trazia na capa: “Futebol movimenta fins de semana”. O destaque da manchete era para a equipe de futebol de mulheres do distrito vizinho – Rio Pequeno -, o Esmeraldinha Futebol Society.

Até aquele momento não havia encontrado, ou mesmo etnografado, alguma equipe de futebol praticado por mulheres da Zona Oeste de São Paulo,

uma vez que não tinha conhecimento das atividades de qualquer equipe da modalidade nessa região. Dessa forma, com o jornal em mãos, fui à procura da equipe através do que supus ser a ferramenta mais rápida para buscar informações sobre a mesma: a rede social Facebook.

Colocando o nome da equipe no buscador da rede social Facebook, consegui encontrar a página do Esmeraldinha. Pude, assim, encontrar algumas informações bem como entrar em contato com a mesma. Escrevi uma mensagem e a enviei. Identifiquei-me como pesquisadora da Universidade de São Paulo e perguntei se poderia acompanhar algum jogo ou treino. Algumas horas depois, ainda no mesmo dia, uma pessoa da equipe respondeu-me, entrando assim em contato comigo:

Mariane Pisani: Olá, bom dia! Vi uma reportagem sobre o time feminino de vocês no jornal Oeste News. Eu sou aluna e pesquisadora de doutorado da USP. Atualmente trabalho com futebol feminino para minha tese de doutorado. Conheço várias equipes da cidade de São Paulo e estive ajudando o Museu do Futebol na curadoria sobre futebol feminino. Gostaria de conhecer a equipe das meninas. Será que poderíamos combinar um dia para eu assistir alguns treinos? Abraços

Esmeraldinha F.S: Boa tarde, Com certeza será um prazer recebê-la nos treinos! Sou a filha do Presidente e administro a página do time ...estou passando a ele o que me solicitou ... vou verificar quando vai haver treinos e te comunico.(Trecho transcrito do Caderno de Campo de Mariane Pisani)

Alguns dias depois desse contato inicial, Carla, técnica da equipe na época, entrou em contato comigo:

Carla Moreno: Boa tarde... me encaminharam que pediu para conhecer a nossa equipe de futsal feminino... sou técnica do time C&C/Esmeraldinha e o time foi campeão

dos Jogos da Cidade. Se quiser conversar sobre o time para sua pesquisa, estou à disposição. (Trecho transcrito do Caderno de Campo de Mariane Pisani)

Conversamos brevemente e fiquei de comparecer, no domingo do dia 13 de setembro de 2015, a um jogo da equipe durante as quartas de final de uma competição amadora de futsal que acontecia no distrito Lauzane Paulista, Zona Norte de São Paulo. A chave da competição para aquele dia era a seguinte: 13h50 - Império JB X Lauzane; 14h40 - ASSAJEA X Spam; 15h30 - União Feminina X Cruz de Malta; 16h20 - Só Tapa FC x C&C Esmeraldinha.

Ao chegar à quadra naquela tarde, localizei Carla que veio ao meu encontro com Deijacy, também técnico da equipe. Ficamos alguns minutos conversando, assim pude saber que Carla e Deijacy trabalham com futebol de mulheres há aproximadamente 16 anos. A equipe de futsal feminino C&C Esmeraldinha é uma fusão entre as equipes de Carla e Deijacy. Cada um deles traz cinco jogadoras de seus distritos de origem e juntos formam a equipe. Segundo Deijacy, não há trabalho de treino com as jogadoras, logo as competições são os únicos momentos de encontro entre elas. Segundo Carla e Deijacy, o custo de todo o material da equipe e de inscrição nas competições é arcado por ambos. Carla relatou que como não precisa gastar com custos de vida, uma vez que ainda mora com os pais, ela usa parte do salário que ganha como professora de Educação Física – ela dá aula em Alphaville²⁶ para filhos de ex-atletas jogadores de futebol – para investir na equipe feminina. Segundo ela, prefere agir assim, pois se as jogadoras forem solicitadas a contribuir com a manutenção da equipe vão começar a *se intrometer* nas decisões de quem

26 Alphaville é um condomínio localizado na região noroeste da grande São Paulo. Alphaville foi idealizado, na década de 1970, com o intuito de criar um local no qual as elites e grandes empresários da cidade de São Paulo pudessem fugir das altas taxas de criminalidade, engarrafamento e poluição que a cidade passava a apresentar. Atualmente, Alphaville é composto por condomínios residenciais fechados de alto padrão e possui ainda: sistema de segurança próprio (com mais de 1100 policiais), centro industrial, centro empresarial, shoppings, escolas, universidades, campos de futebol, golfe e tênis, hospitais e supermercados.

pode ou não pode entrar em campo. Deijacy, que trabalha como DJ nas horas vagas, diz que gosta muito de trabalhar com atletas mulheres.

Naquela época, a equipe contava com aproximadamente doze atletas em seu elenco, cujas idades variavam entre 16 e 25 anos. Composto por mulheres negras provenientes das camadas mais baixas, algumas eram estudantes – sobretudo as menores de idade – e, entre elas, algumas, assim como as atletas da ASAPE, trabalhavam para complementar a renda familiar. Já as maiores de idade não estavam mais na escola, apenas trabalhavam normalmente como atendentes de loja e caixas de supermercado. Assim, todas as atletas daquela equipe trabalhavam; ou, trabalhavam e estudavam ao mesmo tempo. Elas não faziam do futebol um meio de vida, praticavam-no amadoristicamente e/ou por lazer. Segundo Carla e Deijacy, o futebol sobrevive e existe na base da amizade. Vale dizer ainda que três das jogadoras do Esmeraldinha viviam no distrito do Rio Pequeno, nas comunidades mais pobres da região. Outras eram moradoras da cidade de Osasco, cidade que faz conurbação com o distrito do Rio Pequeno e dessa forma junta-se à cidade de São Paulo.

Dicotomias entre centro e periferia e o circuito futebolístico de mulheres

“Eram cinco horas da manhã. Era inverno e o sol ainda não havia nascido no horizonte. Eu havia me levantando uma hora antes e me preparado para seguir viagem até um bairro de periferia da zona leste paulistana. A palavra periferia ecoava na minha cabeça, em movimentos circulares, indo e vindo, se aproximando e se distanciando de mim.

Sentada num banco do vagão do trem da CPTM escutava, sob mim, o barulho das rodas e engrenagens do trem entrando em contato com os trilhos. Era sábado e alguns jovens conversavam animadamente sobre a festa da qual acabavam de voltar do centro da cidade. Eu fazia alguns cálculos, levaria pelo menos mais uma hora para chegar ao

destino final. À minha frente, os primeiros raios de sol, ainda tímidos, despontavam no horizonte.

Uma voz sobre a minha cabeça anunciava a próxima estação. Os jovens desceram. A paisagem, do lado de fora, passava rapidamente diante dos meus olhos. Mas não tão rapidamente que eu não pudesse reparar que os poderosos e imponentes prédios do centro da cidade iam sendo substituídos por casinhas de alvenaria aglomeradas ao longo da malha ferroviária.

A palavra periferia continuava dançando em círculos na minha cabeça.

Esse seria o meu primeiro dia de trabalho de campo na cidade de São Paulo.”

Trecho do caderno de campo – agosto de 2013.

“Centro” e “periferia” são categorias relevantes para o desenvolvimento dessa tese de doutorado. Elas podem ser utilizadas para descrever territórios físicos delimitados, podem também definir redes de sociabilidade; podem ainda apontar práticas culturais, bem como versar sobre políticas públicas. Seus usos são diversos e suas aplicações são múltiplas. Contudo, como aponta o antropólogo Gabriel Feltran, os termos “periferia”, “periferias”, “centro” e/ou “centros” podem trazer alguns problemas, sobretudo porque reiteram que existem diferenças e divisões entre aqueles espaços que são considerados “centro” e aqueles se são considerados “periferia” (FELTRAN, 2008). Ou seja, são conceitos que trazem consigo uma série de estigmas sociais que decorrem de seus usos. Se por um lado, no senso comum, a imagem evocada pela palavra “periferia” sugere, geralmente, locais associados à pobreza, à vulnerabilidade social, à violência, à ausência de poder público, ao risco e ao perigo; por outro lado – também no senso comum - o “centro” aparece caracterizado enquanto espaço de riquezas, de possibilidades, de segurança, de presença do poder público, de acessos múltiplos aos bens materiais e culturais.

Conforme pontua Feltran, falar sobre “periferias” urbanas é debruçar-se sobre noções de violência. Segundo Feltran, desde os anos 1970 “política e violência apareceram alternadamente, e solitárias, como as ‘chaves da história’ que explicariam as dinâmicas sociais das periferias” (FELTRAN, 2008, p. 29). Foi somente a partir dos anos 1980, que as análises acadêmicas passaram a incluir novos sujeitos – os/as moradores/as das “periferias” – e a problematizar que a violência não deveria aparecer enquanto categoria central nas análises dessas regiões (FELTRAN, 2008, 2012). Contudo, não podemos ignorar que a repressão policial, os grupos de extermínio e o narcotráfico ainda figuram como elementos centrais nesses espaços urbanos. Segundo o autor:

“ (...)Hoje é a crueza da violência, tanto policial quanto ligada ao tráfico de drogas, o que chama a atenção dos analistas (e do senso comum) para as periferias urbanas. Os bairros e conjuntos habitacionais populares, mas especialmente as favelas, seriam agora o lugar da barbárie, materializada como estatística no descalabro dos índices de assassinatos de adolescentes, como imagem de massa nas narrativas cinematográficas à *la* Cidade de Deus (ou Tropa de Elite), e como ameaça efetiva nos ataques de facções criminosas às forças do Estado. A distinção entre “cidadãos de bem” e “bandidos” no debate sobre o desarmamento civil, ou sobre os “ataques do PCC” (Primeiro Comando da Capital), a criminalização dos “motoboys” e o medo que a favela produz na classe média são sintomas de um mesmo fenômeno: a clareza, cada vez mais presente no senso comum, de que é preciso isolar-se das “classes perigosas”, demarcando as fronteiras entre favelas e periferias e o mundo social habitável (...). A violência seria a explicação primeira (e última) das dinâmicas internas [das periferias], e de suas relações com a sociedade” (FELTRAN, 2008, p. 30).

Foi possível perceber na pesquisa que “centro” e “periferia” são categorias e espaços urbanos que precisam ser tensionados e colocados em perspectiva a todo instante. Afinal, são os sujeitos que vivem nas cidades que realizam essa tensão – mesmo que de maneira inconsciente – e que conferem novos significados tanto às “periferias”, quanto aos “centros”. Nesse sentido, vem sendo papel da Antropologia Urbana trabalhar, apontar e problematizar os

desdobramentos dos usos desses dois conceitos a partir dos usos que cidadãos e cidadãs conferem ao espaço urbano. Tanto assim que Feltran prefere usar periferias no plural:

“Quando falo das “periferias” de São Paulo, portanto, refiro-me a ambientes situados no tempo e no espaço, em que pessoas de carne e osso se relacionam entre si e com outras esferas do mundo social, de modo plural e heterogêneo. De outro lado, e simultaneamente, o termo “periferias” ajuda a reconhecer as regularidades que se desenham nestas regiões da cidade e que demandam investimento analítico comparativo” (FELTRAN, 2008, p. 27).

Nesse sentido, utilizamos nessa tese os conceitos de periferia e centro na tentativa de desconstruí-los, respectivamente, enquanto espaços de violência e não violência. Assim como Feltran, optamos por utilizar essas categorias – mesmo com os problemas que elas trazem – na medida em que elas são as categorias mais inteligíveis para destacar o conjunto de dinâmicas sociais etnografadas (FELTRAN, 2008, 2012) e também porque em alguns momentos elas apareceram como categorias êmicas nos discursos das jogadoras sobre a cidade de São Paulo.

As dinâmicas sociais e as redes de sociabilidades nas sociedades complexas (VELHO, 2013) dão-se e constroem-se dentro das cidades, e vão para além das suas delimitações espaciais e arquitetônicas. O antropólogo Antônio Augusto Arantes nos diz que “a experiência urbana contemporânea propicia a formação de uma complexa arquitetura de territórios, lugares e não-lugares, que resulta na formação de configurações espaços-temporais mais efêmeras e híbridas do que os territórios sociais” (ARANTES, 2000). Os habitantes ao se deslocarem pela cidade, apropriando, resignificando e utilizando o espaço público, elaboram novas fronteiras simbólicas que geralmente vão, como já dito anteriormente, além das fronteiras arquitetônicas. Diz-nos Arantes (2000) que através deste processo, ruas, praças, monumentos

se transformam em “suportes físicos de significações e lembranças partilhadas”.

Fizeram parte dessa etnografia, enquanto atores e atrizes, os “pobres urbanos”, os setores trabalhadores, as classes populares, ou camadas de baixa renda da cidade de São Paulo – localizados entre as jogadoras das equipes ASAPE, COTP, Sesc Estrelas e Esmeraldinha, a maior parte delas, moradoras das periferias -; bem como participaram também as camadas médias, profissionais liberais e universitárias residentes na mesma cidade – localizadas entre as jogadoras da equipe do Pelado Real Futebol & Arte. É como se este outro time permitisse um contraponto, pois o foco aqui são as jogadoras de camadas populares para as quais o futebol parece ter uma centralidade nas suas vidas. Estas jovens que moram nas periferias, treinam muitas vezes em espaços que são longe de suas residências (particularmente no caso do COPT), ou treinam em seus bairros/regiões de origem, mas circulam mais amplamente pela cidade por conta dos jogos dos quais participam.

Foi após intenso trabalho de campo junto às mulheres jogadoras de futebol que pude perceber que a circulação delas na cidade é estreitamente orientada e alinhada a partir da prática esportiva e, por consequência, da construção de seus corpos. Pretendo mostrar como essas mulheres jogadoras de futebol circulam pela cidade, fazendo com que os “centros” e as “periferias” – pensados aqui no plural – adquiram outros significados; e colocar em evidência como o futebol de mulheres – que é vivido na cidade - pode configurar-se enquanto rede de sociabilidades, sororidade, afetos e desejos.

Para a primeira análise - que propõe articulações entre centro, periferia e violência – discuto a partir da pesquisa feita nos bairros da periferia com quem treinava no mesmo bairro em que residia. Neste caso, exploro a situação em que as jogadoras residiam no mesmo distrito no qual o time tinha sua sede física. Esse detalhe facilitou acompanhar o dia a dia e a circulação delas pela região e também pela cidade de São Paulo. Pude acompanhar os deslocamentos delas enquanto grupo e não apenas individualmente, seja para

assuntos relacionados ao futebol ou outras atividades cotidianas nas quais elas estivessem envolvidas.

Já para a segunda análise, que se propõe evidenciar como o futebol de mulheres se configura enquanto rede de sociabilidades, sororidade, afetos e desejos, a etnografia aparece ampliada, vários times pesquisados servem de fonte para a reflexão. O que apresento nesse segundo momento é como as mulheres de todas essas equipes apropriam-se dos espaços da cidade de São Paulo a partir da prática esportiva e configuram um circuito (MAGNANI, 2002) futebolístico de mulheres.

Periferias, centros e violências

Partindo do centro da cidade, da Estação de Trem e Metrô Luz, até o local de treino das jogadoras da ASAPE leva-se, aproximadamente, uma hora de viagem. Ao longo do caminho, que se percorre uma parte de metrô e uma parte de trem, a paisagem paulistana transforma-se: os grandes centros empresariais, do que se compreende por centro da cidade, cedem lugar às casinhas de alvenaria, com tijolos expostos e esquadrias de madeira. É interessante notar que a quantidade de árvores, matos e arbustos também aumentam à medida que me desloco à zona leste da cidade de São Paulo.

Antes que chegue ao meu destino final, à minha direita, avisto o grande e imponente e novo estádio de futebol da equipe do Sport Clube Corinthians Paulista. Ele se destaca totalmente em meio à paisagem local. É uma construção nova, erguida para sediar alguns jogos da 20ª Copa do Mundo de Futebol de 2014, e posteriormente foi cedido para uso da equipe corintiana. Na Estação de Metrô Corinthians-Itaquera, Linha 3 Vermelha, de metrô, preciso descer e fazer integração com a Linha 11 Rubi da CPTM e continuar a viagem até meu destino: a estação de trem de Guaianases.

Acumulei alguns quilômetros de deslocamento pela cidade de São Paulo durante o trabalho de campo. Percorria esse caminho todos os finais de

semana – entre novembro de 2013 até julho de 2014 -, sendo que muitas vezes realizava-o mais de uma vez no mesmo dia. Chegava entre sete e oito horas da manhã ao local de treinamento das atletas do ASAPE, onde a técnica Ita já me aguardava. Acompanhava os trabalhos da equipe e, sobretudo aos domingos, deslocava-me com elas até os locais onde ocorriam os jogos – amistosos ou campeonatos - em distritos da cidade de São Paulo como Vila Mariana e Saúde (na zona sul da cidade) ou em cidades vizinhas como Mogi das Cruzes, Poá ou Suzano; depois do jogo retornava com elas até o local de treinamento na zona leste, para, somente depois, ao final do dia, retornar para casa, no bairro do Butantã, zona oeste.

A Associação Atlética Pró-Esporte foi fundada por Ita em 2005. Desde então, ela e suas atletas realizam seus treinos e alguns jogos em dois locais: na quadra de futsal do Centro Unificado (CEU) Jambreiro e no espaço contíguo ao CEU, o campo do Codó. Ao lado do campo do Codó, podemos encontrar ainda o campo do Grêmio Botafogo²⁷. Ambos eram, inicialmente, de terra batida e somente em 2012 foram reformados pela Subprefeitura de Guaianases. Dessa forma, grama sintética e refletores foram instalados no local.

²⁷ Ambos, Codó e Grêmio Botafogo, são equipes de futebol de várzea do bairro de Guaianases. Para maiores informações sobre elas, bem como sobre o bairro de Guaianases a partir de uma perspectiva do futebol de várzea consultar a tese em Antropologia Social de Enrico Spaggiari (2014).

À direita (leste) dos campos, está o Jardim Aurora, considerada a vila mais pobre do bairro de Guaianases e local de moradia de algumas das atletas do time ASAPE. Separando os campos e o CEU do Jardim Aurora, existe um córrego por onde escoam-se as águas das chuvas e os esgotos das casas. À esquerda dos campos (oeste) um prolongamento da Radial Leste, permite o acesso à localidade por meio de carro ou ônibus. Abaixo (sul), não contemplada na imagem, vamos encontrar a Estação Guaianases da Companhia Paulista de Trens Metropolitanos.

No começo do mês de março de 2014, a ASAPE foi convidada a participar de um campeonato organizado e promovido pela Secretaria de Esportes e Lazer da Prefeitura Municipal de São Paulo (SEME-PMSP), o 12º Jogos da Cidade. Segundo o site²⁸ da Secretaria, a competição pode ser considerada o maior torneio esportivo amador do Brasil contando com partidas nas seguintes modalidades: futebol de campo, futsal, basquete, voleibol, handebol, tênis, xadrez, vôlei de areia, capoeira, bocha, entre outros. Ainda segundo o mesmo site, em homenagem à Copa do Mundo sediada no Brasil no ano de 2014, os 12º Jogos da Cidade tornar-se-iam os “Jogos Mundiais”. Ou seja, cada subprefeitura de São Paulo representaria um dos países que participariam do mundial de futebol. Os critérios para definição seguiram afinidades culturais, interesse da subprefeitura e sorteio. Dessa forma foi definido que Santo Amaro, conhecida pela concentração de imigrantes alemães, representaria a seleção alemã; a Mooca representaria a seleção italiana pelo seu processo histórico; Vila Mariana ficaria com a seleção espanhola; já a subprefeitura de Jaçanã/Tremembé, campeã dos 11º Jogos da Cidade, representaria o Brasil; e as demais subprefeituras representariam outros países participantes.

²⁸ Para maiores Informações sobre os Jogos da Cidade consultar o material disponível em: http://www.jogosdacidade.prefeitura.sp.gov.br/default.aspx?cd_versao_campeonato=14&cd_campeonato=1&nm_campeonato_completo=JOGOS%20DA%20CIDADE%202014. Acesso em 24 nov. 2017. Acesso em 10 de outubro de 2017.

No dia da abertura dos Jogos da Cidade, 15 de março de 2014, saí às 5 horas da manhã do Butantã, zona oeste de São Paulo, em direção à Zona Leste, Guaianases, para a base da ASAPE. A abertura do 12º Jogos da Cidade seria às 10hs, no Centro Olímpico de Treinamento e Pesquisa, no distrito de Vila Mariana, zona sul de São Paulo. Logo que o ônibus da Secretaria Municipal de Esportes, Lazer e Recreação da cidade de São Paulo chegou à zona leste, nos acomodamos em seu interior e, para minha surpresa, além das atletas da Associação Atlética Pró-Esporte também viajariam conosco alguns jogadores das equipes de futsal do bairro, além de dois atletas da capoeira. Foi dentro do ônibus que soubemos - pela primeira vez e através de uma funcionária da prefeitura - que a subprefeitura da equipe ASAPE fora sorteada para representar a seleção da Colômbia. Imediatamente alguns comentários jocosos foram feitos pelos jogadores de futsal, todos relacionavam a questão do narcotráfico da Colômbia com as situações de violência vividas por eles e seus amigos no bairro.

“- Tão chamando a gente de bandido traficante. Anota isso aí pro seu trabalho, moça! (Risos)”

Essa frase, proferida por um dos jogadores de futsal e seguida de risadas dos demais atletas da equipe, mostrava que além de aqueles homens saberem quem eu era e o que eu fazia ali, havia uma associação implícita sobre os espaços urbanos da cidade de São Paulo e suas representações no imaginário social, assim como um imaginário sobre a Colômbia como o país ligado ao narcotráfico. Não acredito que a Secretaria Municipal de Esportes, Lazer e Recreação, tenha feito a associação da violência promovida pelo narcotráfico colombiano com o distrito de Guaianases. Mas isso não impediu que os atletas homens associassem-no, mesmo que jocosamente, à violência e ao tráfico.

Algumas cenas, vividas diariamente por esses cidadãos, contribuem para fixar a imagem de que o bairro onde moram é um espaço de abandono,

violência e perigo. Ao sair da estação de trem, pode-se observar que à esquerda há um elevado que liga o bairro à Avenida Radial Leste. Por baixo do elevado, em uma disputa territorial, podemos encontrar usuários de crack, prostitutas e catadores de papel. É preciso passar por ali, numa caminhada de aproximadamente 10 minutos, para chegar ao CEU Jambeiro, onde as atletas da ASAPE treinam diariamente. Percorrer esse trajeto é deparar-se com pessoas utilizando drogas e prostituindo-se em todos os horários do dia. Em uma rua paralela ao viaduto – que depois descobri ser o caminho por onde se deslocam pelo bairro, ou seja, elas nunca usavam a via que eu costumava caminhar para chegar ao CEU Jambeiro, porque não a consideravam segura -, está o início da comunidade onde mora a maioria das atletas. Separando a comunidade do viaduto há um córrego, por onde passam as águas pluviais e os esgotos da região. Grafitado nas paredes de cimento que canalizam o córrego, pode-se ler em letras brancas a recepção: Welcome to Gua²⁹ (Bem vindo a Gua).

Figura 15 - Córrego que cruza o distrito de Guaianases, outrora, escrito nas paredes do canal, lia-se “Welcome to Gua”. Imagem retirada do Google Earth. Julho de 2017.

29 Gua é uma abreviação de Guaianases.

Algumas vezes pude notar a ostensiva presença da Polícia Militar do Estado de São Paulo na região. Uma abordagem policial – das muitas que presenciei –, chamou-me atenção pelo tom agressivo dos policiais, bem como pelo uso desproporcional da força e da autoridade. Um dia, ao me deslocar em direção ao CEU Jambreiro, caminhava sozinha pela rua da foto anterior; dois homens – jovens e negros – vinham na direção contrária. Ao mesmo tempo em que passava por eles na calçada pude avistar uma viatura da Polícia Militar estacionando na via.

Rapidamente três policiais – também negros – armados, desceram do carro e aos gritos abordaram-nos. Assim que os policiais desceram, os dois jovens ergueram imediatamente seus braços. A poucos metros da cena, parei para observar o desenrolar da situação. Ainda aos gritos os policiais ordenavam para que eles mantivessem as mãos para o alto e para que permanecessem encostados nas grades que separavam o córrego da calçada. Os dois jovens foram revistados - um deles foi jogado ao chão com violência durante o processo - por dois dos policiais que desceram da viatura. O terceiro policial permaneceu com a arma em punho apontada para a cabeça/corpo dos jovens. Os moradores que passavam pela cena, continuavam seus percursos sem muito assombro ou interesse, demonstrando que a situação era corriqueira e que a violência empregada pela PM não os surpreendia ou mesmo comovia.

Passados alguns minutos de revista ostensiva os policiais liberaram os jovens, que continuaram seu caminho. Fui a única pessoa que permaneceu – atônita - parada na calçada observando. Ao contar para as jogadoras a cena vista, apenas ouvi: “Isso é bastante comum por aqui, Mari. Mas é só você andar com a gente que não tem problema”.

Volto à cena da cerimônia de abertura da competição 12º Jogos da Cidade. Ao longo do caminho percorrido, da zona leste até a zona sul, as jogadoras da ASAPE iam conversando, rindo e comentando os acontecimentos da semana. À medida que saíamos do bairro, as casas e construções iam dando lugar aos prédios comerciais. Isso, em alguma medida, surpreendia as

atletas que às vezes diziam “até parece outra cidade, não?!”. Depois da cerimônia de abertura, cada time recebeu a tabela com os jogos e os locais em que disputariam as partidas. Apenas o primeiro jogo disputado pela Associação Atlética Pró-Esporte, no dia 06 de abril, ocorreu na zona leste, no distrito do Carrão. Nesse jogo, saímos de Guaianases às 13h30 na van escolar que era concedida em dias de jogo. Algumas meninas iam em pé dentro da van, pois não havia lugares suficientes para todas se sentarem. Na frente, junto ao motorista, estávamos Deco, jogadora do time, e eu. Pelas janelas da van, o caminho percorrido até o distrito do Carrão - onde aconteceria o jogo - mostrava a paisagem da zona leste paulistana: casas, padarias, cabeleireiros, trilhos da Linha Vermelha do Trem e as favelas. Deco, que veio sentada ao meu lado, perguntou se eu não achava muito feias as casas que existiam atrás dos campos de futebol onde elas treinavam. Eu sabia que ali era o lugar onde muitas delas moravam e respondi: “É diferente, não é?”. Ela riu muito da minha resposta. “Diferente. (Risos.) Essa Mari...”. Continuamos a viagem.

Os outros quatro jogos da ASAPE ocorreram no campo da Portuguesinha, localizado na Vila Mariana. Para as jogadoras da equipe, o distrito da Vila Mariana era percebido como uma região abastada, na qual moravam pessoas *bem de vida*. Nos dias de jogos geralmente chegávamos mais cedo e passeávamos pelas ruas do bairro em busca de alguma padaria ou feira para fazer um lanche. Nessas caminhadas elas apontavam as casas e diziam: “Olha que casa *top*! É um bairro de gente rica, a pessoa tem que ter muito dinheiro para morar aqui né, Mari?! É parecido com o bairro que você mora?”. Sempre respondia que morava perto da Universidade de São Paulo, um bairro de estudantes, que pagava aluguel e não tinha condições de morar em uma casa como aquela. Essa conversa se repetiu pelo menos três vezes ao longo dessa etnografia.

Figura 16 - Campo onde as jogadoras da ASAPE treinam e jogam. Ao fundo, Jardim Aurora, local onde muitas residem. Foto por Mariane da Silva Pisani. Março de 2014.

No dia 04 de maio de 2014, a Associação Atlética Pró-Esporte jogou sua terceira partida na competição contra uma equipe de Alphaville, novamente no campo da Portuguesinha, Vila Mariana. O jogo, infelizmente, não durou 20 minutos. A equipe de Alphaville entrou em campo com sete atletas – número mínimo permitido pelo regulamento do campeonato – e, aos quinze minutos do primeiro tempo, uma das jogadoras se machucou. Nesses primeiros quinze minutos, contudo, a ASAPE marcou três gols e garantiu, com tranquilidade, uma das vagas para a final.

Nesse mesmo dia acontecia na Avenida Paulista, região central da cidade, a 18ª Parada da Diversidade LGBT. Dessa forma, ao final da partida, em vez de embarcarem na van que as levaria para à Vila Mariana e voltarem para Guaianases, metade do time resolveu que iria à Parada. A treinadora disse que elas não deveriam ir, sobretudo as menores de idade, mas não foi ouvida. O motorista da van nos levou até a Estação de metrô mais próxima,

Santa Cruz Linha 1 Azul, e de lá seguimos para a estação Paulista Linha 4 Amarela.

Figura 17 - Jogadoras da ASAPE na 18ª Parada da Diversidade LGBT da cidade de São Paulo. Fotografia por Mariane da Silva Pisani. Maio de 2014.

Eu fiquei encarregada de *mostrar o melhor caminho* para chegar à Avenida Paulista uma vez que eu era *da região e deveria conhecer tudo por ali*. Foram com essas palavras que elas me elegeram como responsável para guiá-las pelo metrô e pela multidão que ocupava as ruas na região central naquela tarde. Uma das jogadoras chegou a afirmar que estava com medo de ser assaltada, pois a região era um espaço desconhecido por ela, muito diferente de Guaianases, familiar e calmo.

A familiaridade e calma, apontadas por aquela jogadora, destoaram naquele momento das concepções ancoradas no senso comum sobre o distrito em questão. Sempre considerado como uma periferia violenta e perigosa, Guaianases apareceu pela primeira vez descrito enquanto espaço familiar e

seguro. Depois dessa fala, comecei a ficar atenta às relações de afetividade que elas estabeleciam com a região onde nasceram e foram criadas. E foi assim que percebi que o futebol era compreendido por elas como uma possibilidade de pertencimento, que ajudava a contornar as situações de violência tão corriqueiras na região.

Em um sábado, no qual acompanhei mais um treino das atletas da ASAPE, fui convidada para almoçar na casa de uma das atletas. Para chegar à casa dela, foi preciso adentrar a comunidade Jardim Aurora. À minha frente, as boas vindas, “Welcome to Gua”: vielas estreitas, carcaças de carros abandonado, esgoto a céu aberto, fiações de luz e TV a cabo ilegais, pedaços de pipas enroscadas nos postes, cachorros e crianças soltos pelas ruas. Caminhávamos pela rua da casa, quando uma das jogadoras apontou para um bar de esquina e me disse, em voz baixa: “O dono da comunidade fica sentado ali o dia inteiro. A polícia não entra aqui, então não se preocupe. Além disso, estamos com o uniforme da equipe e andando em grupo. Nada vai acontecer”. Quando passamos pela frente do bar, avistei um grupo de homens sentados. Certamente eu destoava no grupo, era um rosto não familiar e ouvi um deles afirmando alto: “Aquela de cabelo vermelho é nova por aqui, deve ser uma das meninas da Ita”.

Eu não havia me preocupado em nenhum momento, mas achei a ressalva das atletas da ASAPE digna de nota por dois motivos: primeiro, a polícia fora identificada como a causadora das cenas de violência na região; segundo, andar em grupo trajando o uniforme da ASAPE, era a possibilidade de transitar sossegadamente pelo distrito de Guaianases. Depois, descobri que para se locomover pelo bairro elas sempre utilizavam essa estratégia: andavam em grupo, geralmente composto apenas por mulheres; e, sempre que possível, trajavam o uniforme da equipe como forma de distinção, pertencimento e proteção. Essa estratégia as mantinha livres das abordagens da polícia – que as percebia como um grupo de esportistas da região – e de possíveis abordagens do *dono da comunidade*, uma vez que ele as percebia como *meninas da Ita*, logo, dignas de respeito e consideração.

Figura 18 - Atletas da ASAPE e Ita numa rua do Jardim Aurora. Foto por Mariane da Silva Pisani. Abril de 2014.

Se, por um lado, em Guaianases, as jogadoras da ASAPE eram reconhecidas como as *meninas da Ita*, logo, inseridas em uma rede bastante específica de sociabilidade local, por outro, na região da Avenida Paulista elas não eram ninguém, ou melhor, eram apenas mais alguns rostos – dentre tantos outros possíveis - na multidão. Nesse sentido, o futebol apareceu nas narrativas delas como uma possibilidade de vínculo (entre um grupo de mulheres jovens), de pertencimento (à região em que moravam) e de proteção (contra os perigos e violências).

Sociabilidades na produção de circuito futebolístico e circuitos lésbicos entre mulheres jogadoras de futebol

Realizar uma antropologia *da* cidade, elegendo o futebol feminino como uma “lente” através da qual se olha para os fenômenos urbanos, torna-se essencial para compreender os processos de circulação, de sociabilidade, de lazer e de trabalho das mulheres que praticam a modalidade e que moram, no que se considera pelo senso comum, em um espaço periférico da cidade da São Paulo. O antropólogo Heitor Frúgoli Jr nos mostra que a figura do cidadão não deve ser reduzida à figura do transeunte, tampouco à do cidadão/ã já que, segundo o autor “a urbanidade não conduz *a priori* às práticas de cidadania, e nem sempre a cidade, por suas conjunções estruturalmente instáveis (ao atrair e repelir, ao mesmo tempo, seus habitantes entre si), produz aglomeração politizadas” (FRÚGOLI JR., 2007, p. 7).

A cidade, para o autor, aparece como relacional e permite que uma modalidade básica de sociabilidade seja estabelecida entre seus cidadãos. “As formas de sociabilidade tipificam de modo mais evidente: as ações de reciprocidade consciente entre os indivíduos, ainda mais porque, (...) não há coisa ou evento que tenha um significado intrínseco ou fixo, mas que emerge apenas através da interação com outras coisas ou eventos” (FRUGOLI JR, 2007, p.11). O autor propõe ainda duas formas de leitura do conceito de sociabilidade, são elas:

“a *primeira leitura* adviria das formas de sociabilidade enquanto possibilidade de construção temporária do próprio social entre estranhos ou atores sociais em condições diversas, em que a interação em si constituiria o principal intuito”. (FRUGOLI JR, 2007, p 23, grifo do autor)

Essa perspectiva levaria em conta alguns marcadores da diferença como gênero, raça, estilos de vida e sexualidade. O autor continua “numa outra perspectiva, porém (...), tem a ver com relações de interação e de reciprocidade que, evidentemente, transcendem àquele espaço específico”

(FRUGOLI JR, 2007, p.26). O material aqui etnografado e analisado ora vai em direção à primeira leitura que se faz das formas de sociabilidade – a interação como principal intuito da sociabilidade - ora vai em direção à segunda forma apontada pelo autor – relações de interação que vão para além de um espaço específico. Nesse sentido, compreender analiticamente os espaços urbanos percorridos pelas mulheres dessa etnografia torna-se importante para divisar quais tipos de sociabilidade elas estabelecem entre si – enquanto equipe – e com outros/as cidadãos/as da cidade de São Paulo. O antropólogo José Guilherme Magnani, ao falar sobre o espaço da cidade, elenca algumas categorias analíticas a partir dos estudos sobre lazer na periferia da cidade de São Paulo realizados por ele. Pedço, mancha, pórtico, trajeto e circuito surgem enquanto possibilidade de olhar – de maneira crítica – para a cidade (2002). Nos debruçaremos aqui sobre a categoria circuito uma vez que ela nos ajuda a compreender a prática do futebol de mulheres. Sobre essa categoria o autor nos diz:

Trata-se de uma categoria que descreve o exercício de uma prática ou a oferta de determinado serviço por meio de estabelecimentos, equipamentos e espaços que não mantêm entre si uma relação de contiguidade espacial, sendo reconhecido em seu conjunto pelos usuários habituais: por exemplo, o circuito gay, o circuito dos cinemas de arte, o circuito neo-esotérico, dos salões de dança e shows black, do povo-de-santo, dos antiquários, dos clubbers e tantos outros. (MAGNANI, 2002, p. 24).

Para o autor, a categoria circuito possui a “capacidade de vincular domínios não necessariamente marcados pela contiguidade espacial”, ou seja, circuito diz respeito aos “pontos descontínuos e distantes no tecido urbano, sem perder, contudo, a perspectiva de totalidades dotadas de coerência – mesmo na vastidão da cidade de São Paulo” (2014, p. 2).

A prática do futebol de mulheres, que foi etnografada entre os anos de 2013 e 2015, inclui uma série de espaços – como campos de jogo, campos de treino e estádios espalhados pela cidade – que permitem que essas mulheres

circulem produzindo, dessa maneira circuitos bem específicos do futebol de mulheres. Essa circulação permite ainda que elas realizem trajetos (MAGNANI, 2002) bastante localizados pela cidade de São Paulo. Esses trajetos incluem uma diversidade do espaço urbano para além do bairro onde essas atletas vivem e “também colocam em perspectiva a necessidade de deslocamentos por regiões distantes e não contíguas aos bairros de origem” (MAGNANI, 2002, p.23). Os trajetos, portanto, “ligam equipamentos, pontos, manchas, complementares ou alternativos” (MAGNANI, 2002, p. 23) produzindo novos circuitos, no nosso caso – especificamente - o do futebol.

Figura 19— Sociabilidades e circuitos lésbico e futebolístico. Imagem retirada do Google Maps e modificada por Mariane da Silva Pisani

Ainda no ano de 2014, acompanhando a equipe da Associação Atlética Pró-Esporte, viajei com as atletas e com a comissão técnica até Caraguatatuba. Permanecemos na cidade entre os dias 04 e 09 de julho e, nesse período, elas disputaram os 58º Jogos Regionais. A competição é organizada pela Secretaria da Juventude, Esporte e Lazer do Governo do Estado de São Paulo e a cada ano os jogos são sediados em alguma cidade diferente do estado. Naquele ano, ocorria em Caraguatatuba, cidade litorânea que fica a aproximadamente 180km ao leste da capital paulista.

Figura 20 - Atletas da ASAPE sentadas à beira da praia em Caraguatatuba. Acervo pessoal de Mariane da Silva Pisani, foto de julho de 2014.

Os Jogos Regionais assemelham-se aos Jogos da Cidade – competição também disputada pela ASAPE em 2014. Equipes de todo o Estado de São Paulo concentram-se na cidade-sede escolhida e disputam partidas nas seguintes modalidades: atletismo, basquete, bocha, capoeira, damas, futebol, futsal, ginástica artística e rítmica, handebol, judô, karatê, malha, natação,

tênis, vôlei e xadrez. E é interessante notar que as atletas da ASAPE não poderiam representar a cidade de São Paulo, portanto Ita, com alguns meses de antecedência procurou apoio e patrocínio em prefeituras de cidades vizinhas à zona leste paulistana.

Acompanhei-a nessas incursões pelas prefeituras de Mogi das Cruzes, Arujá, Biritiba Mirim, Ferraz de Vasconcelos, Guararema, Itaquaquecetuba, Poá, Salesópolis e Suzano. Nesses momentos, Ita levava consigo um orçamento em que descrevia os custos necessários para adquirir material de treinamento, bem como o valor ideal para custear os trabalhos da equipe técnica e das atletas. O orçamento total fechava em R\$5 mil reais por mês, valor que seria desembolsado pela prefeitura de abril a julho – período necessário para a preparação da equipe e da realização dos jogos. Quase todas as prefeituras recusaram-se a desembolsar o valor solicitado, alegando que não desejavam incluir em suas delegações uma equipe de futebol feminino. À exceção fora a Prefeitura da cidade de Biritiba Mirim, que concordou em patrocinar um transporte que pudesse levá-las de São Paulo até Caraguatatuba, entretanto não poderia custear nada mais além disso. Assim, faltando duas semanas para iniciar os 58º Jogos Regionais, Ita recolheu todos os documentos de identidade das jogadoras para cadastrá-las como atletas da delegação da prefeitura de Biritiba Mirim. Também recolheu meus documentos de identidade. Fui cadastrada como imprensa, tendo portanto, livre acesso a todos os campos de todas as modalidades do 58º Jogos Regionais.

Assim, no dia 4 de julho, às oito horas da manhã saímos de Guaianases até o litoral paulista, para a cidade de Caraguatatuba. Nunca havia viajado, até então, pelo Estado de São Paulo e algumas das atletas me contaram que também nunca haviam saído da cidade paulistana. Aquele era um momento muito diferente em suas vidas, e de certa forma na minha também. Ficamos hospedadas em um colégio público próximo à praia. No mesmo colégio estavam outros atletas que também compunham a delegação da prefeitura que cedeu o transporte às atletas da ASAPE.

Dormíamos todas juntas numa sala de aula, em colchões levados por nós. Almoçávamos na cantina da escola, na qual mulheres – suponho que funcionárias da Prefeitura de Caraguatatuba – preparavam nosso café da manhã, almoço, café da tarde e jantar. Tomávamos banho todas juntas no banheiro do ginásio da escola. Era um momento de concentração rígida. Ita não permitia às jogadoras passearem pela cidade e depois dos jogos voltávamos todas juntas para a escola.

Os únicos momentos em que foi permitido que passeássemos pelo centro da cidade e pela orla da praia foram em três ocasiões. Dois finais de tarde em que, após as atletas ganharem os jogos do dia, Ita decidiu que deveriam realizar um trabalho de resgate muscular dentro da água fria do mar. O outro, no dia 08 de julho, quando houve o jogo do Brasil contra a Alemanha, pela Copa do Mundo de Futebol. Nesse dia Ita resolveu fazer um churrasco na beira do mar, próximo à escola onde estávamos hospedadas.

Nesse espaço em que estive acompanhando-as durante o 58º Jogos Regionais, o pude notar, assim como já havia reparado nos demais jogos disputados no primeiro semestre do ano de 2014 na cidade de São Paulo, que sempre que chegávamos ao campo para enfrentar as equipes adversárias as atletas da ASAPE cumprimentavam as jogadoras das outras equipes como se fossem velhas conhecidas. O circuito de futebol feminino na cidade e no Estado de São Paulo é algo bastante pequeno e fechado. Quase todas as atletas com quem convivi se conhecem de jogos e treinos.

Assim como as amizades são antigas, as inimizades também. Em uma partida realizada em meados de março de 2014, portanto não durante os Jogos Regionais, após o término do jogo – em que a ASAPE fora campeã - uma jogadora de Ita envolveu-se numa briga com uma atleta da outra equipe. Eu estava do lado oposto ao campo de onde a briga havia começado, e mais do que rapidamente, atravessei o campo correndo. Duas jogadoras se empurravam e se estapeavam. Ita arrastou sua atleta para fora da confusão, segurando-a firmemente pelo braço e dizendo alto: “Não traga seus problemas

peçoais para dentro de campo e não se comporte como um macho. Não vou aceitar esse tipo de comportamento aqui na minha equipe”.

Para além do circuito futebolístico realizado pelas atletas da ASAPE, outro tipo de circuito ficou evidente nessa tese: um circuito lésbico. Este realizado por inúmeras interlocutoras, e não necessariamente dessa equipe. O Largo do Arouche é uma região da cidade de São Paulo composta por muitos bares, baladas, cinemas e saunas voltados para o público LGBT. Muitas das jogadoras dessa etnografia frequentavam esse espaço na busca por parceiras afetivo-sexuais. Segundo elas, era comum que aos finais de semana, jogadoras de futebol de diversas equipes da cidade de São Paulo se encontrassem naquela região para conversar, namorar e ampliar suas redes de afeto e sociabilidades.

Para outras atletas, o Parque do Ibirapuera também figurava como um espaço de encontros afetivos, sexuais e de amizade. Nos finais de semana, o Parque do Ibirapuera torna-se um ponto de encontro entre mulheres lésbicas de várias regiões da cidade e esse é um bom momento para conhecer outras jovens que não sejam do lugar onde moram ou mesmo que não sejam jogadoras de futebol.

As sociabilidades enquanto possibilidades de encontro tornam-se evidentes no circuito lésbico, no qual algumas atletas procuram por eventuais parceiras em localidades como Parque do Ibirapuera e Largo do Arouche. No Parque do Ibirapuera elas procuram por eventuais parceiras que não sejam residentes em seus bairros de origem e que não sejam do circuito futebolístico, logo a interação em si constitui-se enquanto intuito principal. Já no Largo do Arouche elas convergem tanto o circuito lésbico quanto o circuito futebolístico, na medida em que o espaço é descrito por elas como ponto de encontro entre diversas jogadoras de futebol lésbicas. Embora não seja aspecto obrigatório, elas podem, nesse espaço, encontrar eventuais parceiras afetivas e/ou sexuais; ou apenas socializar – tomar uma cerveja, conversar, falar sobre partidas e jogos - com outras atletas de outras equipes.

A cidade de São Paulo é apreendida e experimentada por essas jovens mulheres de formas diferentes daquelas às quais estamos acostumados e/ou habituados a presenciar. Nesse sentido, a sociabilidade construída através da prática do futebol torna-se uma possibilidade e a prática do futebol feminino de fato permite o acesso e a circulação dessas mulheres na cidade e no estado de São Paulo de maneira mais diversificada. Talvez, se não fosse a prática esportiva, muitas delas não poderiam circular do jeito que circulam pela cidade e pelo estado de São Paulo, nem experimentá-los de maneiras tão diferentes. Durante o campo, foi possível notar que o futebol trazia para elas uma circulação maior do que elas tinham vivido antes de treinar.

Ainda sobre as relações de interação e reciprocidade que transcendem os espaços físicos da cidade ficam mais evidentes nos jogos e partidas nas quais as jogadoras – que não são da mesma equipe – cumprimentam-se e conversam amigavelmente. A situação de discussão entre a atleta da ASAPE e sua adversária também entra nessa chave analítica, uma vez que demonstra que elas se conheciam de outros espaços e alimentavam um acirramento mútuo.

III - “É muito macho pra ser mulher”: gênero em disputa nos campos de futebol

Convocando os Marcadores Sociais da Diferença

Ao realizar um levantamento bibliográfico na área de Ciências Humanas poderemos perceber que a palavra subjetividade pode ser compreendida a partir de algumas chaves de significados. Segundo a psicóloga Mara Coelho de Souza Lago “nas intersecções psicologia/antropologia/psicanálise, as concepções de sujeito e subjetividade levam a reflexões bastante densas e, em se tratando de estudos de gênero, a interdisciplinaridade é uma questão inarredável” (LAGO, 2008, p. 1).

A historiadora Joan Scott, em entrevista à Revista Estudos Feministas (REF), discorreu sobre a temática:

“MLH: Você acredita na idéia de uma subjetividade feminina?
Joan Scott: Sim e não. Não com relação ao essencial. Não creio que exista uma essência das mulheres, uma subjetividade feminina ligada ao corpo, à natureza, à reprodução, à maternidade. Mas acho que existe uma subjetividade criada para as mulheres, em um contexto específico da história, da cultura, da política.(...) Porque eu insisto sobre a historicização da subjetividade contra aqueles e aquelas que insistem sobre a diferença das mulheres, uma diferença, ou de natureza, ou de cultura, que toma as mulheres como seres sem história. Acho que a idéia da maternidade, do corpo, não constitui necessariamente uma experiência comum” (GROSSI; RIAL; HEILBORN, 1998).

O conceito de subjetividade, nessa tese, portanto será utilizado no sentido de descrever aquilo que somos, dentro de um contexto específico que envolve história, cultura, sociedade e arranjos políticos. Seguindo esse raciocínio, o verbo subjetivar pode ser compreendido como o processo através do qual nos tornamos aquilo que somos. Ou seja, trata-se do processo através do qual vamos elaborando e conferindo significados para nossas vidas, corpos, desejos, afetos e experiências. Logo, podemos afirmar que não nascemos prontos ou determinados, e é somente por meio da educação e da inserção na vida em sociedade - nas esferas públicas e privadas - que aprendemos por

exemplo: o que é ser mulher e ser homem; como mulheres e homens devem se relacionar entre si; quais são os diferentes lugares ocupados por homens e mulheres no tecido social.

Uma vez que o processo de formação das subjetividades circunscreve uma estreita relação com os valores vigentes em nossa sociedade – classificando e diferenciando o que é “bom” do que é “mau”, o que é “correto” do que é “errado” -, é preciso estejamos atentos para não reforçar e legitimar diferenças supostamente naturais. Ou, nas palavras do antropólogo Peter Fry:

As coisas (e as pessoas) não se distinguem entre elas por si só. São *distinguidas* por meio de complexos sistemas cognitivos desenvolvidos socialmente. É no processo social que se definem os critérios da distinção, tornados de tal modo corriqueiros, que parecem naturais. Pode-se dizer, então, que as diferenças são governadas por taxonomias e processos de classificação que privilegiam certas diferenças, minimizando outras. As taxonomias contêm as categorias possíveis, as quais em geral são compartilhadas pela maioria dos membros de uma determinada sociedade. O processo de classificação, por sua vez, é aquele por intermédio do qual as coisas (e as pessoas) são alocadas nas categorias existentes.”(FRY, 2012, p.228).

Nesse sentido, portanto, a naturalização nos processos de formação das subjetividades de homens e mulheres pode tornar-se bastante perigosa na medida em que perpetua o risco de reproduzir uma série de violências e preconceitos. O sociólogo Antônio Flávio Pierucci, no livro “Ciladas da Diferença”(2000), realiza uma reflexão teórica sobre a produção social da diferença. Ele utiliza-se dos movimentos feminista e negro para expor suas ideias. Segundo ele, o movimento feminista de primeira onda tenta expor que as mulheres são todas iguais, não existindo quaisquer diferenças entre elas. Para Pierucci, a primeira onda do feminismo cai em uma “cilada da diferença”, por fixar seus olhares unicamente nos conceitos de gênero e sexo, ou seja, diferenciando apenas homens de mulheres.

“de acordo com a distinção sexo/gênero, um corpo sexuado como fêmea é culturalmente percebido e socialmente construído como sendo feminino; um corpo sexuado como macho é culturalmente percebido e socialmente construído como masculino. Mulheres e homens são, portanto, seres completos cujos corpos sexuais são culturalmente *engendered*, ou seja, ‘constituídos em gênero’” (PIERUCCI, 2000, p.125)

Dessa perspectiva, não haveria diferenças entre mulheres negras, brancas, indígenas, trabalhadoras, de classe baixa, média ou alta. Contudo, foi a partir da segunda onda do movimento feminista que algumas diferenças foram se estabelecendo. A segunda onda do feminismo era diferencialista, ou seja, reconhecia que a categoria mulher não poderia ser essencializada, uma vez que mesmo entre as mulheres existiam (e ainda existem) diferenças. A categoria de raça, nesse momento, foi determinante para que essas diferenças fossem estabelecidas.

Não era mais possível que o conceito de gênero continuasse isolado, em uma perspectiva analítica, das outras determinações sociais, das outras variáveis como raça, sexualidade, classe, geração, etc. Nos estudos sobre gênero, a percepção de que outros eixos de desigualdade, especialmente raça e classe social, afetam e alteram os eixos de desigualdade e diferenciação será uma questão trazida por inúmeras autoras, desde Joan Scott em seu clássico texto dos anos 1980, passando por outras autoras como Donna Haraway, Judith Butler e Verena Stolcke – que pode ser compreendida como uma pioneira da reflexão sobre a intersecção entre raça e gênero.

A antropóloga Adriana Piscitelli, em “Interseccionalidades, direitos humanos e vítimas”(2012), discorre que a categoria “interseccionalidade” - que articula gênero, raça, sexualidade, classe, geração dentre outras - faz referência às multiplicidades das diferenças que permeiam o meio social. Trabalhar com interseccionalidades, portanto, é oferecer ferramentas de análise que articulem as múltiplas diferenças e desigualdades, bem como os diferentes processos de construção e elaboração de subjetividades (PISCITELLI, 2012, p.200). Ainda de acordo com Piscitelli, a utilização do

binômio “empoderamento/desempoderamento” - tão recorrente nas militâncias feministas atuais - torna-se um risco uma vez que funde a ideia de diferença com desigualdade (2012, p.202). Explicamos: as noções de “empoderar” - dar ou conceder poder – ou “desempoderar” – retirar ou vetar poder -, a si próprio ou a outrém, enfraquecem as discussões sobre interseccionalidades, uma vez que invisibilizam que o poder implica em maneiras diversas de coerção, negociação, cumplicidade, recusa, mimesis, compromisso e revolta que produzem sujeitos, identidades e subjetividades (FOUCAULT, 1979, 2008). O poder não está fixado, não é uma qualidade que uns possuem enquanto outros não possuem.

Ou seja, a noção de poder em Foucault trata de um processo relacional e as interseccionalidades nos ajudariam a revelar como as representações sociais se desdobram e quais suas consequências materiais e simbólicas para os grupos atingidos pelos sistemas de subordinação (PISCITELLI, 2012). Assim, os Marcadores Sociais da Diferença podem ser compreendidos como formas de categorização, que não somente delimitam, mas que também fornecem possibilidades de ação aos sujeitos e à construção de subjetividades diversas. É crucial, portanto, para esta abordagem a noção de que diferença não é sinônimo de desigualdade.

Tendo isso em perspectiva, no processo de construção de subjetividades, os Marcadores Sociais da Diferença tornam-se essenciais para que possamos compreender os sistemas que classificam e organizam a experiência dos indivíduos, sejam eles homens ou mulheres. Mas o que são afinal os Marcadores Sociais da Diferença? O antropólogo Marcio Zamboni descreve-os de maneira bastante clara:

Em termos de raça, por exemplo, os indivíduos podem ser classificados como negros ou brancos, morenos ou mulatos, asiáticos ou indígenas. Cada uma dessas categorias de classificação está associada a uma determinada posição social, possui uma história e atribui certas características em comum aos indivíduos nela agrupados. O mesmo vale para gênero (homens e mulheres, machões e princesas, travestis e transexuais), sexualidade (hétero e homossexuais, gays e lésbicas, bissexuais e sadomasoquistas), classe (ricos e pobres, classe média e proletariado, profissionais liberais e moradores

de rua) e geração (jovens e idosos, adultos e adolescentes, coroas e crianças), entre outros (ZAMBONI, 2014, p.14).

Os Marcadores Sociais da Diferença são, portanto, aquelas características dos indivíduos que podem ser traduzidas através das categorias de raça, gênero, sexualidade, classe, geração, entre outras, quando essas categorias afetam as formas de distinção e poder entre os sujeitos na interação social. Ou seja, em determinados contextos alguns marcadores podem ser mais relevantes do que outros. Esses marcadores sociais adquirem dentro da sociedade pesos distintos na definição e na classificação das subjetividades dos sujeitos, bem como das experiências dos mesmos, produzindo, dessa forma, diferenças.

As categorias de gênero, raça, sexualidade e classe surgem a partir de convenções sociais e culturais que operam, regulam e conformam vidas, corpos, desejos, afetos e experiências. Ao compreendermos os mecanismos de exclusão, inclusão, valorização ou desvalorização de tais categorias, poderemos, também, delinear os caminhos pelos quais algumas subjetividades são mais ou menos oprimidas que outras.

Aqui, nessa tese, as categorias de gênero, sexualidade, raça e classe tornam-se poderosas ferramentas de análise do contexto social e da vida de mulheres jogadoras de futebol. No processo discursivo de delineação das diferenças, essas categorias precisam estar sob o mesmo crivo de pertinência, uma vez que atuam conjuntamente nas produções de diferenças e desigualdades. Nesse sentido, a escolha por trabalhar com Marcadores Sociais da Diferença como matriz analítica justifica-se na medida em que amplia nossa possibilidade de análise, nos capacitando para uma abordagem crítica das vivências e das experiências durante o processo de construção do corpo e das subjetividades das mulheres jogadoras de futebol da cidade de São Paulo.

Ainda nesse sentido, ao longo desse trabalho, os Marcadores Sociais de classe vão aparecer de modo mais difuso, mas os marcadores de gênero, sexualidade e raça são descritos e abordados de maneira mais detalhada. É evidente que não encerro as análises e as discussões desses três marcadores

separadamente em si mesmos – afinal a proposta é interseccionalizar. Mas durante o processo da etnografia e depois de análise do material etnográfico, os Marcadores Sociais da Diferença que apareceram mais fortemente foram gênero, sexualidade e raça. Acredito ser mais pertinente e profícuo trabalhar com o conceito de classe a partir de uma perspectiva que interseccionaliza gênero, sexualidade e raça.

O futebol de mulheres e os Marcadores Sociais da Diferença

É preciso colocar em perspectiva que as categorias que compõem os Marcadores Sociais da Diferença são datadas e ordenadas de acordo com a experiência dos indivíduos. Para compreender, portanto, como essas categorias são mobilizadas ao longo da história do futebol de mulheres no Brasil, recorro a algumas cenas que servem à análise comparativa e que evocam questões de gênero, raça e sexualidade. Essas cenas podem ser históricas, como é o caso de uma carta escrita por um cidadão preocupado com o futebol praticado por mulheres, endereçada a Getúlio Vargas, em 1940 (FUZEIRA *apud* FRANZINI, 2005, p. 319-320); ou podem ser extraídas da imprensa, sobretudo da Revista Placar, veículo de circulação nacional que muito divulgou o futebol; ou ainda, e com muito mais frequência, cenas etnográficas realizadas durante minha pesquisa de campo, e não apenas as realizadas durante o doutorado, mas também algumas realizadas durante o campo feito no mestrado, quando elas se mostraram pertinentes à discussão.

A intenção, ao utilizar as aqui chamadas cenas históricas e as cenas da imprensa nesse capítulo, não é a de realizar um resgate minucioso da história do futebol de mulheres, mas sim exemplificar como gênero, raça e sexualidade sempre foram colocados como Marcadores centrais para compreender o fenômeno esportivo futebol de mulheres. A categoria de classe aparece também contemplada ao longo desse capítulo sempre em intersecção com os três marcadores supracitados.

O gênero da bola

Existem muitas produções bibliográficas e audiovisuais sobre futebol no Brasil, elaboradas a partir dos mais variados enfoques e perspectivas: a) relações étnico-raciais e masculinidades (RODRIGUES FILHO, 1964; BANDEIRA, 2009, 2017; PACHECO, 2010); b) torcidas e violência (SOUZA, 2016, 2012; TOLEDO, 1994; CURI, 2012; MURAD, 2012; BOCCHI, 2016); c) futebol e identidade nacional (GUEDES, 1977; DAMATTA, 1982, 1994; HELAL, GORDON JR, 1999; SOARES, 1999; TOLEDO, 2000; SANTOS NETO, 2002; FERREIRA ANTUNES, 2004); d) formação de jogadores de futebol (DAMO, 2007; BITENCOURT, 2009; SPAGGIARI, 2014); e) migração de jogadores (RIAL, 2008, 2009, 2009b); f) mídia, política e relações de poder no futebol (DE MELO, GÓDIO, 2008; GÓDIO, 2010; DE MELO, 2012; CHIQUETTO, 2014).

A grande maioria dessas produções reconstitui a história social desse esporte sob a perspectiva dos homens, seja na qualidade de jogadores, de torcedores e/ou daqueles que escreveram e produziram a memória da modalidade – apenas três dos pesquisadores supracitados são mulheres, é o caso de Ferreira Antunes, Guedes e Rial. Em rápida leitura dessas produções, veremos que descrevem como o aparecimento do futebol no Brasil – no ano de 1884 – foi associado a uma prática de lazer essencialmente destinada aos homens brancos da elite do país. Posteriormente, algumas produções mostram que o futebol passou por uma popularização a partir de 1930, profissionalizando-se e permitindo assim que outros homens, negros e pobres, pudessem adentrar aos campos e aos estádios como jogadores (agora remunerados) e como torcedores (RODRIGUES FILHO, 1964).

As mulheres sempre seguiram à margem na participação do esporte em si e na produção histórica sobre o futebol brasileiro. Até o ano de 1920, quando mencionadas nas crônicas esportivas e colunas sociais, as mulheres apareciam como meras espectadoras que traziam beleza e charme para as arquibancadas (RODRIGUES FILHO, 1964). No ano de 1921, os jornais do país noticiaram – não sem algum assombro – a primeira partida de futebol disputada por mulheres (FRANZINI, 2005, p. 317). À época, elas foram

chamadas de audaciosas e intrépidas, e a partida, por sua vez, foi motivo de chacota e desconfiança do público brasileiro.

Quase 20 anos se passaram, desde a primeira vez em que as mulheres jogaram futebol no Brasil até a segunda cena que consideramos pertinente e trazemos para essa análise. Em abril de 1940, o brasileiro José Fuzeira enviou para o então Presidente da República, Getúlio Vargas, uma carta. Nela, Fuzeira, cidadão comum, alegava que futebol não era um esporte cabível para as jovens mulheres brasileiras, uma vez que poderia lhes afetar sua futura condição de mãe.

“Venho solicitar a clarividente atenção de Vossa Excelência para que seja conjurada uma calamidade que está prestes a desabar em cima da juventude feminina do Brasil. Refiro-me, senhor presidente, ao movimento entusiasta que está empolgando centenas de moças, atraindo-as para se transformarem em jogadoras de futebol, sem se levar em conta que a mulher não poderá praticar este esporte violento sem afetar, seriamente, o equilíbrio fisiológico das suas funções orgânicas, devido à natureza que dispôs a ser mãe. Ao que dizem os jornais, no Rio de Janeiro, já estão formados nada menos de dez quadros femininos. Em São Paulo e Belo Horizonte também já estão se constituindo outros. E, neste crescendo, dentro de um ano, é provável que em todo o Brasil estejam organizados uns 200 clubes femininos de futebol: ou seja: 200 núcleos destroçados da saúde de 2,2 mil futuras mães, que, além do mais, ficarão presas a uma mentalidade depressiva e propensa aos exibicionismos rudes e extravagantes, pois, desde que já se chegou à insensatez inqualificável de organizar-se pugnas de futebol *com um grupo de cegos* a correrem, às tontas, atrás de uma bola cintada de gizos, não será de admirar que o movimento feminino a que nos estamos reportando seja o ponto de partida para, no decorrer do tempo, as filhas de Eva se exibirem também em assaltos de luta livre e em justas da “nobre arte”, cuja *nobreza* consiste em dois contendores se esmurrarem até ficarem babando sangue” (FUZEIRA *apud* FRANZINI, 2005, p. 319-320).

A carta de Fuzeira foi imediatamente encaminhada para a Divisão de Educação Física do Ministério da Educação e Saúde que, por sua vez, encaminhou à Subdivisão de Medicina Especializada. Em 1941, sob o pretexto

de preservar a saúde reprodutiva das mulheres, o Conselho Nacional de Desportos (CND) decretou que alguns esportes não seriam compatíveis com a natureza feminina. O Decreto-Lei 3.199, de abril de 1941, era taxativo: “às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país” (BRASIL, 1941). Acreditava-se essencialmente que a prática do futebol colocaria em risco a integridade física das mulheres brasileiras: uma forte pancada no baixo ventre poderia torná-las inférteis, comprometendo a maternidade.

Calcada em uma pretensa condição “natural” de maternidade (BADINTER, 1985) e do comportamento esperado das mulheres, a carta é um bom ponto de partida para pensarmos a construção e a elaboração da categoria de gênero no contexto do futebol. Segundo o historiador Fábio Franzini, a carta demonstrou que o grande problema não era a prática do futebol em si, mas sim a “subversão de papéis promovida pelas jovens que o praticavam, uma vez que elas estariam abandonando suas ‘funções naturais’ para invadirem o espaço dos homens”(FRANZINI, 2005, p. 321). O debate da carta centrou-se nos usos “desviantes” do corpo que as mulheres faziam ao jogarem futebol, bem como no destoar dos papéis de gênero que eram esperados, à época, de uma mulher: elas precisavam ser “rainhas do lar”, ‘boas mães’ e ‘boas esposas’ - de preferência seguindo os padrões hollywoodianos de beleza” (FRANZINI, 2006).

O futebol praticado por mulheres - assim como outros esportes - passou a existir enquanto modalidade permitida apenas a partir do ano de 1979, quando o Decreto-Lei 3.199 foi revogado. Aliás, a revogação do Decreto-Lei é um fato bastante peculiar que merece registro nessa tese. Assim como o futebol, o atletismo e as lutas também estavam proibidos às mulheres brasileiras até o ano de 1979. Contudo, foi durante o Campeonato Sul Americano de Judô daquele ano, realizado no Uruguai, que Joaquim Mamede, então diretor da Confederação Brasileira de Judô, inscreveu na competição

algumas atletas mulheres com nomes de homens³⁰ (MUND, 2010). Assim, nas palavras da educadora física Eliane Romero:

“a descoberta da trama só aconteceu após a vitória da equipe. No seu retorno ao Brasil, atendendo a uma intimação para comparecer ao Conselho de Desporto, Mamede apresentou-se com sua equipe trajando quimono e portando, no peito, as medalhas conquistadas. Só assim, e depois de 14 anos de sua vigência, é que a deliberação nº7/65 foi revogada”(ROMERO, 1995, p. 27).

A atitude de Mamede nos mostra que mesmo com todos os impedimentos e obstáculos, as mulheres continuavam a praticar as modalidades outrora proibidas. Infelizmente, poucos ou mesmo inexistentes são os registros – oficiais ou não oficiais – sobre o futebol de mulheres entre os anos de 1941 e 1979.

Voltando ao futebol, inúmeros pesquisadores e pesquisadoras discutiram, e ainda discutem com maior riqueza de detalhes, os fatos históricos e os motivos que mantiveram as mulheres afastadas dos campos de futebol (MOURA, 2003; FRANZINI, 2005, 2006; KESSLER, 2010; PISANI, 2012; RIAL, 2013, 2014; SOARES DE ALMEIDA, 2013; SOARES DE ALMEIDA; PISANI; JAHNECKA, 2013; SOUZA JÚNIOR, 2013; GOELLNER; KESSLER, 2013; MORAES, 2014; OLIVEIRA, 2014; CAPUCIM E SILVA, 2015; SOARES DE ALMEIDA; PISANI, 2015). Conhecendo um pouco da história da modalidade no Brasil, não é de espantar que boa parte das análises feitas sobre a prática do futebol descreve essa modalidade esportiva como espaço de não inclusão das mulheres e de perpetuação de preconceitos sexistas (GOELLNER, 2005, 2010; AITCHISON, 2007; CAUDWELL, 2011; ALTMANN, 2014).

Até muito recentemente, mulheres e futebol foram compreendidos pela história nacional como dicotomias, colocadas em lados opostos e não complementares. A prática do futebol mobilizou - no passado com maior intensidade – e ainda mobiliza – com muita proeminência - diversas noções de

30 Disponível em: <https://judofeminino.wordpress.com/2010/08/19/entrevista-do-dia-a-pioneira-kasue-ueda/>. Acesso em: 24 nov. 2017.

masculinidades como, por exemplo: virilidade, competitividade, força, liderança e agilidade. Cabe dizer que a dicotomia masculinidades/feminilidades está presente não apenas na prática do futebol, mas também em outros esportes como o rugby, o fisiculturismo, o hipismo, o vôlei, dentre outros (ADELMAN, 2012; ALABARCES, 2013; BANDY, 2014; PONTEROTTO, 2014; SUFFOLK, 2015) Se no passado as mulheres foram mantidas afastadas dos campos por conta dessa noção de masculinidade, quando passaram a ocupar os gramados, sofreram outros tipos de boicotes, achaques e ataques no que tange à exposição de seus corpos e papéis de gênero.

Há uma infinidade de cenas históricas que poderiam servir de pano de fundo para essa discussão da categoria de gênero. Fiquemos, no momento, com essas, e voltemos nosso olhar para cenas da imprensa que também nos ajudam a discutir esse marcador.

Figura 21 - Capa e reportagem da Revista Placar. Agosto de 1995.

Na capa da Revista Placar, publicada em agosto de 1995, podemos ler a seguinte chamada: *Futebol feminino, as garotas batem um bolão* (REVISTA PLACAR, 1995). Ainda na capa, podemos ver quatro modelos, posando de costas sem exhibir seus rostos; elas vestem trajes apertados e pequenos que deixam à mostra parte das nádegas e colocam em evidência seus corpos longilíneos. De maneira sugestiva a capa ainda anuncia: *E até trocam as camisas depois do jogo!*, ao mesmo tempo em que mostra uma das modelos agarrando as nádegas e a cintura de suas colegas. Dentro da revista, na sessão chamada Reportagem da Capa, podemos ver a foto de uma jogadora, Sarah, à época, lateral direita do Saad³¹. Na composição do infográfico, Sarah – fotografada de maneira bastante diferente das modelos da capa, uma vez que ela aparece fazendo a pose de quem vai realizar um chute - está vestida com o uniforme da Seleção Brasileira de futebol e seu corpo serve como referência para que a linha editorial da Revista Placar discuta uma série de benefícios que o futebol pode trazer para a saúde da mulher, alguns cuidados que elas devem ter com algumas partes de seus corpos. Ainda com o mesmo infográfico, são traçadas comparações entre o desempenho das mulheres e o dos homens na modalidade.

Nas recomendações da matéria, que explicam o porquê do futebol ser um esporte propício às mulheres, podemos ler o seguinte:

“Glúteos: Os glúteos enrijecem por causa dos constantes movimentos de corrida e dos chutes. Mas, ao contrário do que muita gente diz, futebol não masculiniza. A mulher não corre o risco de ficar com o bumbum reto, como o dos homens. Por natureza, elas têm o quadril mais largo. O que dá forma não é o músculo, mas o acúmulo normal de gordura na região. Pernas: No primeiro momento, o futebol serve para queimar os excessos de gordura na coxa e panturrilha. Depois disso, os músculos da região ganham rigidez e ficam com diâmetro maior, mas nada desproporcional. Barriga: Esporte aeróbico por excelência, o futebol elimina gorduras e provoca um leve enrijecimento da região.”(REVISTA PLACAR, 1995).

31 Equipe de futebol da cidade do Rio de Janeiro.

A partir desse excerto, fica evidente que na década de 1990 ainda existe o medo de que o futebol masculinize as mulheres, ou seja, a ideia de masculinização, aqui, está atrelada ao desenvolvimento de músculos e força física a partir da prática do esporte. A Revista Placar procura desconstruir essa ideia ao afirmar que as mulheres não correm o risco de sofrer uma masculinização de seus corpos por possuírem um acúmulo natural de gordura na região dos glúteos, o que, a partir dessa lógica, daria a forma ao corpo que se espera de uma mulher: com curvas, em detrimento de músculos. Os músculos até são bem-vindos, mas não de maneira exagerada. Glúteos, barriga e pernas, consideradas partes sensuais do corpo das mulheres – basta notar como as modelos da capa da revista aparecem retratadas - são os elementos centrais para as recomendações da revista: perca peso, queime gorduras, enrijeça a região. Logo, podemos perceber que, segundo a Revista Placar, o futebol pode ser praticado pelas mulheres desde que preservados os signos supostamente femininos que recaem sobre o corpo delas, e que a prática tenha como finalidade o cultivo de um corpo magro, esbelto e sem excesso de gorduras.

Já com relação às regiões do útero e dos seios, que na década de 1940 foram elencados como motivos para a proibição do futebol às mulheres, uma vez que “indispensáveis” à maternidade, encontramos duas recomendações que reforçam o cuidado especial destinados a essas partes para não comprometer o corpo feminino da mulher:

“Seios: Área de perigo. Extremamente sensível, uma bolada nos seios é o equivalente a um chute bem ali no playground masculino. Por uma questão de conforto, as garotas usam sutiãs especiais, mais largos e firmes”

TPM: A Tensão-Pré-Menstrual tira muita mulher do sério, mas nem sempre prejudica o desempenho no esporte. Isso varia de pessoa para pessoa. Quanto ao fato de estar menstruada, os médicos até recomendam o esforço físico para mulher.” (REVISTA PLACAR, 1995).

Por fim, nas comparações entre o futebol de homens e de mulheres podemos ler:

“Chute: A bomba do lateral palmeirense Roberto Carlos atinge 120 quilômetros por hora. Uma excelente chutadora conseguirá mandar a bola a 100 quilômetros por hora. O que é bem melhor do que muito marmanjo. Velocidade: Um jogador extremamente veloz completa 50 metros em 6 segundos. O equivalente feminino percorreria a mesma distância em 7,2 segundos. Agilidade: Os homens devem se cuidar. Em alguns esportes, as garotas já superam seus rivais em agilidade. As ginastas olímpicas, por exemplo, são muito mais flexíveis que os homens que praticam o mesmo esporte. Fôlego: Elas ficam um pouco para trás. Um jogador profissional percorre em média 10 quilômetros por partida. Já uma atleta do mesmo nível terá um rendimento 15% inferior. Não é falta de treinamento. É biológico. As mulheres têm menos glóbulos vermelhos, responsáveis pelo transporte de oxigênio no sangue, que os homens. Força: O hormônio masculino, testosterona, é responsável pelo aumento de massa muscular. Por causa da falta desse hormônio, as mulheres têm menos impulsão, menos velocidade e menos potência nos chutes – uma defasagem média de 20%.”(REVISTA PLACAR, 1995).

A velocidade, a agilidade, o fôlego e a força – que é aplicada também no chute - são associados às noções de masculinidades ou do que é ser homem. Apesar dessas qualidades não serem inatas aos corpos, seja de mulheres ou de homens, a reportagem da Revista Placar as descreve como sendo características naturais e mais bem desenvolvidas nos homens. Os homens que jogam futebol, portanto, são apontados como superiores às mulheres, ambos avaliados com base em (novamente) argumentos biológicos: eles possuem mais testosterona do que elas, o que faz com que eles corram e chutem melhor e mais forte. Elas, por sua vez, possuem menos glóbulos vermelhos do que eles, o que supostamente acarreta na falta de vitalidade para jogar bola.

A Placar recicla alguns dos argumentos utilizados no ano de 1940, a novidade, em 1995, fica por conta da maneira como descreve a proteção aos seios: o uso de sutiãs reforçados. Bem como alusões à TPM, descrita na

Revista sob o viés do mito da mulher histérica – que nesse sentido a prática esportiva pode ajudar a controlar e a conter. Na Grécia Antiga, a histeria era compreendida como doença essencialmente da mulher. Não por acaso histerus, em grego, significa útero. Acreditava-se que os sintomas das histerias contemplavam surtos de pânico, ansiedade, irritabilidade, insônia, dores de cabeça e perda de apetite.

Por enquanto, ficamos com essas cenas jornalísticas da Placar para mergulharmos um pouco nas cenas etnográficas e observar como a categoria de gênero aparece construída.

É uma tarde quente, estou sentada à mesa na cozinha da casa onde Ita morava à época. Ela, de frente para a pia e de costas para mim, passa um café para nós duas: “Acho que você vai gostar de ver uma coisa que tenho para te mostrar, Mariane”, diz, aguçando minha curiosidade. Ela sorri por cima do ombro, sorrio de volta e permaneço sentada em silêncio. Ita coloca duas xícaras e a garrafa de café à minha frente e se retira da cozinha para buscar alguma coisa no seu quarto. Sirvo o café lentamente enquanto escuto uma gaveta se abrir. Ita reaparece na porta da cozinha, traz nas mãos o que me parece ser uma pasta organizadora. “É um álbum?”, pergunto. “Quase isso”, ela responde enquanto coloca o material aberto na minha frente. Cuidadosamente vou folheando o material, página a página. Entre recortes de jornais, revistas e fotografias vejo-a alguns anos mais jovem. Em minhas mãos, um acervo autobiográfico, no qual as fotos e os recortes de jornal e revista tinham uma temática bem específica: narravam a sua trajetória futebolística.

Enquanto lhe sirvo uma xícara de café e deposito o acervo entre nós duas, pergunto: “Você pode me contar sua história?”.

A história de Ita e da ASAPE têm paralelos com a própria história do futebol de mulheres no Brasil. E se repete, aproximando-se, de outras mulheres que também foram etnografadas ao longo desse trabalho. Nascida no interior da Bahia, no ano de 1969, Ita começou a jogar bola na rua de casa,

junto com os irmãos, aos 11 anos de idade. Ela relata que, aos 12 anos, mudou-se com a família para Goiás e lá residiu por três anos, mudando-se em seguida para Minas Gerais. Ita conta que foi em Goiás que teve a primeira *oportunidade* no mundo do futebol. Residente na cidade de Santa Helena, morava muito próxima do estádio municipal, dessa forma acompanhava assiduamente os jogos que eram realizados ali. Tornou-se figura conhecida e logo fez amizade com o roupeiro da equipe principal da cidade.

Foi esse amigo quem a convidou pela primeira vez para jogar. Ita conta que na época, 1984/5, uma equipe composta por mulheres era motivo de estranhamento e preconceito por parte de vizinhos/as, parentes e amigos/as. Afinal, a revogação do Decreto Lei que proibia a participação de mulheres nos campos de futebol havia caído há apenas quatro anos, e o primeiro campeonato de futebol de mulheres - Taça Brasil de Futebol Feminino - tinha sido regularizado e organizado apenas no ano anterior, em 1983.

Ita conta que começou a gostar de jogar bola e, aos poucos, outras cidades vizinhas à cidade de Santa Helena começaram a montar suas equipes de futebol de mulheres. Isso permitiu que Ita conhecesse algumas jogadoras da região. Ela chegou a São Paulo em 1991, aos 22 anos de idade, e residiu desde essa época no mesmo bairro na zona leste: Guaianases. No ano de 1992, integrou-se à equipe Elite Itaquerense, localizada no bairro de Itaquera. Nessa época, ela relembra que chegou a disputar algumas partidas e campeonatos pela Federação Paulista de Futebol. À medida em que ela narra sua trajetória, fica evidente que o futebol aparece como motor das ações e das trajetórias que ela escolheu e percorreu.

Figura 22 - Recorte de jornal. Elite... novamente Campeão. Foto do acervo pessoal de Ita, gentilmente cedido.

No Elite, Ita Maia jogava e tomava conta das equipes de base e foi com bastante surpresa que no ano de 1997, durante um dos campeonatos que jogava, foi convidada a integrar a equipe de futebol de mulheres do Sport Clube Corinthians Paulista. Ela atuou na equipe no ano de 1998, ao lado de jogadoras conhecidas como Roseli e Márcia Honório. Em fevereiro de 2000, durante a segunda edição do evento Personalidades de Itaquera – promovido pelo SESC Itaquera e que tinha como objetivo reconhecer e valorizar moradores da região que se destacaram em seus ofícios/trabalhos - Ita Maia Reis foi indicada para a premiação pela sua atuação enquanto jogadora de futebol do bairro.

Figura 23 - Ita, nos anos 1990. Foto do acervo pessoal de Ita, gentilmente cedido.

Figura 24 - Ita nomeada como Personalidade de Itaquera em 1999. . Foto do acervo pessoal de Ita, gentilmente cedido.

Foi durante a conversa sobre sua história de vida e trajetória futebolística que ela me disse a frase, aqui repetida: *a imagem de uma jogadora é tudo*; ao mesmo tempo em que voltava seus olhos para as fotos do seu dossiê. Nele, desde 1991, ela agrupa notícias de revista, jornal e fotografias relacionadas à sua prática de jogadora de futebol. As fotografias e recortes de jornal e revista de Ita constituem formas de subjetividade individual na medida em que recriam a trajetória e evocam memórias dela na prática do futebol. Conversar sobre a trajetória dela, tendo em mãos esse dossiê tornou-se mais fácil, (uma vez que as reportagens e fotografias guardadas por ela traziam à tona novas histórias bem como reflexões: *A imagem de uma jogadora é tudo!* É tudo, e precisa ser bem registrado para que não se perca com o tempo).

Figura 25 - Ita, preparando sua máquina Singer para iniciar os trabalhos de costura do dia. Foto por Mariane da Silva Pisani. Ano de 2017.

Por acreditar que a imagem de uma jogadora é tudo, Ita afirma que o diferencial da equipe em que ela atua - Associação Atlética Pró-Esporte - é o uniforme. Responsável pela costura e confecção de todo material esportivo da equipe, Ita desenhou e costurou um modelo de uniforme mais *feminino* que, segundo ela, “é curto e bonito. Não é *gay*, cheio de frescuras. Tem o tamanho suficiente para permitir os movimentos. Quer coisa mais ridícula que mulher jogando com aqueles calções gigantesco de homem? Parece um bando de

macho”. Para Ita, a postura mais desaconselhável que uma atleta pode ter em campo, portanto, é parecer um *macho*, ou seja: estar com uniformes grandes; ter cabelo curto; ter uma postura mais agressiva e ser não-higiênica. Um “não se comporte como um macho” aparece quando uma atleta do time se desavém com outra do time adversário durante uma partida realizada em março de 2014 (p. 110 dessa tese).

Sobre os uniformes grandes, a Revista Placar anunciou em maio de 1997 o seguinte: “Cara feia: Ninguém se preocupou com a estética, o resultado são meninas vestidas de marmanjos”. A partir da fotografia de uma jogadora em campo, a revista continuava a prescrever formas e estéticas mais sensuais para o futebol das mulheres: “Camisa: são largas e compridas como as masculinas. Deveriam ser mais curtas e justas dando uma cara mais agradável”; “Calção: também iguais aos dos homens, chegam quase aos joelhos das moças. Não custava fazer algo mais sensual”(REVISTA PLACAR, 1997, p. 41).

Figura 26- Revista Placar. Maio de 1997

Tentando alcançar o uniforme ideal traçado pela Revista Placar no ano de 1997, durante o Campeonato Paulista Feminino do ano de 2001, a Federação Paulista de Futebol, em parceria com a empresa Pelé Sports & Marketing, estabeleceu que, para o torneio daquele ano ser um sucesso, precisava de uma série de ações para “enaltecer a beleza e a sensualidade da jogadora para atrair o público masculino. O que se traduziu em: calções minúsculos, maquiagem e longos cabelos, presos em rabos-de-cavalo” (FRANZINI, 2006). Perguntei a Ita o que ela achou na época e como ela via essa medida naquele momento, passados 12 anos.

Disse-me que, na época, muitas jogadoras, inclusive ela, ficaram preocupadas com a imposição uma vez que isso excluiria muitas delas de campo - a Federação Paulista de Futebol preteria as mulheres de cabelos curtos – que era o seu caso. Contudo, passados 12 anos da medida, depois de uma pausa pensando em minha pergunta, disse-me que acreditava que se as atletas investissem em cuidados pessoais e cuidassem mais de si mesmas, o futebol estaria muito melhor desenvolvido atualmente. E seguiu explicando seu pensamento. Segundo ela, em outras modalidades de esportes praticados por mulheres, a beleza das atletas é sempre noticiada como característica positiva, uma vez que patrocinadores buscam vincular suas marcas a *peessoas bonitas*.

A referência de Ita me fez lembrar da etnografia realizada com o Poderosas do Foz (PISANI, 2012) equipe onde pela primeira vez vi a preocupação com a beleza. No início de 2012, algumas jogadoras de futebol foram convidadas a fazer um ensaio para um calendário a fim de atrair mais patrocinadores para o campeonato daquele ano. Para as fotografias, as atletas posaram muito bem maquiadas, com cabelos alisados e trajando biquínis. Para muitas das interlocutoras à época, o calendário foi uma ótima maneira de valorizar o *trabalho/profissão* jogadora de futebol à medida que elevava a autoestima das atletas por mostrar o *lado feminino* do esporte.

Assim como para as jogadoras com as quais convivi entre os anos de 2011 e 2012, lá em Foz do Iguaçu, para algumas jogadoras em São Paulo,

também era imprescindível possuir aparência *feminina* e que deixar isso transparecer dentro e fora de campo. Por *feminina*, essas jogadoras compreendiam: possuir cabelos compridos e bem cuidados; unhas feitas; maquiagem discreta; não brigar em campo ou fora dele; usar um uniforme adequado, que não cobrisse demais, mas que também não mostrasse muito do corpo. Ainda nesse sentido, Ita utilizava-se de uma estratégia e fazia com que suas atletas usassem uma malha de lycra por baixo do calção de jogo, segundo ela, para protegê-las dos olhares dos homens. Dentro da bolsa em que leva os uniformes para as partidas, Ita coloca também um frasco de desodorante spray e um pacote de absorventes. Segundo ela, para poder lidar com alguns imprevistos que possam ocorrer com as meninas.

A maioria das atletas que encontrei ao longo dessa etnografia apresentavam um padrão de feminilidade bastante específico: possuíam cabelos compridos e alisados quimicamente, geralmente utilizavam faixas para evitar que eles caíssem nos olhos; algumas tingiam os cabelos, os tons de loiro prevaleciam nessa modalidade; algumas tatuagens podiam ser percebidas em seus corpos, com o predomínio de flores e frases bíblicas; utilizavam piercings na língua, no nariz e orelhas; utilizavam algum tipo maquiagem, rímel ou protetor labial; sempre aplicavam desodorante antes das partidas e ao final – quando não havia possibilidade de tomarem banho - passavam perfumes; antes de entrarem em campo, penteavam seus cabelos, protegiam os piercings com esparadrapos e aplicavam uma camada generosa de protetor solar, segundo elas para não deixarem a pele mais escura e queimada. Ao final das partidas, trocavam-se, usando geralmente calças jeans justas e alguma blusa.

Figura 27 - Amanda e Wiara arrumando seus piercings. Foto por Mariane da Silva Pisani. Abril de 2014.

Figura 28- Atletas arrumando os cabelos. Foto por Mariane da Silva Pisani. Abril de 2013.

Em outro momento do trabalho de campo, agora no ano de 2015, enquanto etnografava a equipe Esmeraldinha, acompanhei, das arquibancadas, um jogo da equipe que se tornou um tanto quanto caótico e que também nos auxilia a pensar a matriz de gênero no futebol de mulheres. Naquele dia, a equipe do Esmeraldinha disputaria uma vaga para a próxima etapa em um campeonato contra a equipe Só Tapa Futebol Clube. Assim que o juiz apitou, iniciando a partida, notei um acirramento dentro e fora de campo, entre jogadoras e técnicos das equipes.

Naquela partida, os auxiliares técnicos das duas equipes foram expulsos. A goleira do Só Tapa foi expulsa e quatro atletas (duas de cada equipe) levaram cartões amarelos. Toda vez que uma atleta era expulsa, ouvia-se as jogadoras de ambas as equipes gritando insultos sobre a forma física do juiz. Durante o intervalo - a partida fora composta de dois tempos de 20 minutos cada - o mesmo chamou as jogadoras ao centro da quadra, gritando com elas : “Vocês estão transformando essa partida em uma guerra, não vou mais tolerar esse comportamento agressivo! Parece um bando de homens!”.

Nas palavras do juiz, uma performance considerada masculina mostrava-se naquele momento: elas se empurravam, davam cotoveladas, carrinhos³², as bolas eram jogadas em direção ao rosto das adversárias (a goleira do Esmeraldinha teve que se retirar um momento de quadra porque sua boca estava sangrando), duas atletas esbarraram-se intencionalmente – o que quase ocasionou uma briga generalizada. Quando a goleira do Só Tapa foi expulsa por insultar o juiz, as demais atletas da equipe invadiram o campo na tentativa de agredi-lo fisicamente , mas a situação foi contornada pela auxiliar técnica da equipe.

Em 1941, a filósofa francesa Simone de Beauvoir escreveu o livro chamando “Segundo Sexo” e propôs uma nova reflexão sobre as

³² Tanto no futebol quanto no futsal, o carrinho trata-se de um lance no qual a jogadora se atira no chão, projetando as pernas à frente. A partir dessa ação a jogadora objetiva atingir a bola no menor tempo possível – seja para fazer o gol ou para passar a bola para a companheira. Entretanto, algumas vezes, o carrinho é realizado em direção ao corpo da adversária. Essa prática é considerada violenta e bastante perigosa, por causa da velocidade imprimida no lance e porque pode provocar o choque entre atletas, ocasionando ferimentos.

desigualdades entre homens e mulheres. Beauvoir questionava os motivos pelos quais, nos sistemas de relação de poder das sociedades ocidentais modernas, as mulheres permaneciam sempre em posição de inferioridade. Apesar de não ter escrito ou mesmo trabalhado com o conceito de gênero, Beauvoir nos explica como as mulheres aprendiam a ser socialmente de determinadas maneiras.

Já em meados dos anos 1970, a antropóloga Gayle Rubin organizou algumas concepções que já existiam na sociedade sobre sexo biológico e papéis socialmente desempenhados por homens e mulheres. A autora buscava compreender qual a gênese da opressão e da subordinação social das mulheres, e nesse sentido questionava quais relações transformam uma fêmea da espécie humana em uma mulher domesticada. Passava-se, portanto, a dissociar as noções de sexo biológico, gênero e papéis de gênero; afinal o sexo biológico já não servia para explicar as diferenças entre as condutas e os comportamentos – papéis de gênero - de mulheres e homens.

As distinções feitas entre “sexo” e “gênero” propostas por Rubin ajudaram a conduzir os estudos de práticas esportivas a uma nova perspectiva multidisciplinar e interdisciplinar. A primeira vez que gênero apareceu como um conceito em um trabalho de esporte, foi no ano de 1978, na monografia intitulada “Sport and Gender: a feminist perspective on the Sociology of Sport” da educadora física Margaret Ann Hall (BANDY, 2014). Esse trabalho pioneiro ofereceu uma perspectiva crítica aos estudos das práticas esportivas a partir da utilização da categoria gênero, pois promoveu uma abertura paradigmática nos estudos do esporte ao incluir uma perspectiva feminista na análise dos dados coletados em campo. Foi o primeiro trabalho – internacional - sobre esportes que rejeitou a ideia de que gênero é determinado pelo biológico. Ainda no ano de 1981, Ann Hall aliou aos estudos dos esportes a concepção de identidade sexual, segundo a autora a identidade sexual de uma atleta poderia ser compreendida como uma barreira para a participação das mulheres em diversas modalidades (BANDY, 2014).

Em 1986, a historiadora Joan Scott, publica o artigo “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”, na qual afirma que a categoria de gênero expressa um campo de disputas teóricas e políticas. Ou seja, não pode ser pensada apenas no âmbito privado das relações familiares, e uma vez que vai além, precisa ser compreendida dentro do sistema político, econômico e das estruturas de poder da sociedade. Da mesma forma como para Beauvoir, Scott compreende gênero como categoria que media a diferença biológica e as relações sociais historicamente constituídas:

“O uso do ‘gênero’ põe ênfase sobre todo um sistema de relações que podem incluir o sexo, mas ele não é diretamente determinado pelo sexo, nem determina diretamente a sexualidade (...). O gênero é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações do poder” (JOAN SCOTT, 1995, p. 7 - 14).

Ao utilizar a categoria gênero, que é interrelacional, para pensarmos a modalidade esportiva do futebol, introduzimos novas direções, perspectivas e teorias na área da Antropologia dos Esportes. A inclusão da categoria de gênero, assim como as categorias de raça e sexualidade, modificam os estudos das práticas esportivas em direção a um enfoque interdisciplinar que culmina na inclusão de noções de poder, corpo e sociabilidades.

Para o senso comum, as condutas de homens e mulheres estão inscritas a priori no corpo, ancoradas em uma dimensão biológica. É comum, como vimos nas cenas históricas, jornalísticas e etnográficas acima descritas, encontrarmos discursos que caminhem e confluam nesse sentido. A carta de José Fuzeira, aliada ao Decreto-Lei 3.199, por exemplo, nos mostram que, no início do século XX, as noções do que era ser mulher estavam atreladas a um padrão de feminilidade que impunha os papéis sociais de gênero de boa mãe e boa esposa. Por isso, as mulheres não deveriam estar em campo, jogando bola ou mesmo disputando outras modalidades esportivas que pudessem alterar as noções e os padrões estabelecidos. Considerou-se uma subversão moral a

presença das mulheres dentro de campo, era uma agressão à “função natural” da mulher permitir que partidas de futebol fossem disputadas por elas.

A década de 1990, no material da Revista Placar, as diferenças de comportamento entre homens e mulheres são reiteradas como naturais e inscritas em uma dimensão biológica dos corpos. Os hormônios reaparecem para justificar porque os homens são mais fortes, mais ágeis, mais propensos à agressividade e violência e as mulheres mais sujeitas à sensibilidade e à emotividade, sobretudo em períodos de tensão pré-menstrual (TPM).

A utilização dos hormônios como diferenciação entre homens e mulheres, data de 1950. Segundo Donna Haraway o conceito de

“gênero foi firmemente alocado a uma problemática individualista, dentro da ampla “incitação ao discurso”, à sexualidade característica da sociedade burguesa, dominada pelos homens, e racista. Os conceitos e tecnologias da “identidade de gênero” foram produzidos a partir de vários componentes: uma leitura instintualista de Freud; o foco na psicopatologia e somatologia sexual dos grandes sexologistas do século dezenove (Krafft-Ebing, Havelock Ellis) e seus seguidores; o contínuo desenvolvimento da endocrinologia bioquímica e fisiológica desde os anos vinte; a psicobiologia de diferenças sexuais nascida da psicologia comparada; as inúmeras hipóteses de dismorfismo sexual hormonal, de cromossomos e neural, que convergiram nos anos cinquenta; e as primeiras cirurgias de redefinição de gênero por volta de 1960” (HARAWAY, 2004, p. 215-216).

A sociedade na qual vivemos continua acreditando que as personalidades, os padrões de comportamento e os papéis de gênero estão pré-determinados de acordo com o sexo biológico do indivíduo. A biologia, contudo, desempenha um papel que está longe de ser imutável na determinação dos comportamentos. É preciso ter claro que a espécie humana depende, intrinsecamente, da socialização entre seus iguais para elaborar e constituir subjetividades.

Sobre as reportagens destacadas da Revista Placar, é interessante notar que a categoria de gênero, quando analisada a partir da perspectiva do futebol de mulheres, mobiliza e projeta noções de feminilidades e masculinidades que são, ora aceitas e estimuladas, ora desaprovadas e desestimuladas. As mulheres podem jogar futebol se este for praticado com moderação a ponto de deixar seus corpos torneados, magros e esbeltos, pois como as mulheres são essencialmente femininas, o esporte praticado por elas precisa ser refletido em seus corpos, objetos de desejo e atração masculinas. A capa da revista é emblemática nesse sentido, pois modelos com forte apelo sexual mimetizam jogadoras de futebol. A masculinização, traduzida pela aquisição de músculos, é um perigo iminente, que deve ser evitado. As habilidades físicas, minimamente requeridas para a prática da modalidade, também são naturalizadas nos homens. Eles são possuidores naturais da força, do fôlego, da velocidade e da agilidade; portanto, superiores a elas para a prática da modalidade. Assim, vão-se acumulando associações essencialistas. Além disso, desde crianças os homens são estimulados a jogar bola, enquanto as mulheres são afastadas dos campos de futebol sob o argumento: “isso é brincadeira de menino”.

O futebol, enquanto espaço de socialização e sociabilidades, torna-se importante locus de estudos para análises a respeito da categoria de gênero. Inicialmente a modalidade foi compreendida como esporte de homens e as habilidades necessárias para essa prática esportiva eram, geralmente, associadas a noções de masculinidade: agressividade, agilidade, força. Contudo, existem mulheres – jogadoras de futebol ou não - mais fortes, mais ágeis, mais velozes, mais agressivas que homens. O gênero circula; a masculinidade, assim como a feminilidade, está presente em corpos de homens e mulheres. Dessa forma, corpos não devem ser compreendidos como possuidores naturais de determinadas características.

Nesse sentido, a antropóloga Marilyn Strathern (2006) nos ajuda a pensar e a aprofundar a questão, quando em seu livro intitulado “O Gênero da Dádiva” nos mostra como os povos da Melanésia podem ser pensados

enquanto indivíduos que possuem partes masculinas e femininas, ou seja o corpo masculino engloba partes femininas e vice-versa. Logo possuem a capacidade de acionar e mobilizar seu o gênero a partir da interação com o outro. A identidade pode ser compreendida enquanto fluida e torna-se consequência das interações:

“A simbolização estabelece o caráter masculino ou feminino de uma pessoa como um incidente, um evento, um momento histórico, criado no tempo. Tal caráter não é inerente a atributos de um tipo fixo, à posse exclusiva de itens específicos, nem mesmo à posse de genitais, já que sua origem é ambígua, resultando sempre de transações passadas. O que diferencia homens e mulheres, então não é a masculinidade ou a feminilidade de seus órgãos sexuais, mas o que eles fazem com eles”(STRATHERN, 2006, p. 200)

Ou seja, as pessoas – que não se encerram em categorias como “homem”, “masculino”, “mulher”, “feminina” - contém partes masculinas e partes femininas bem como noções de masculinidades e feminilidades múltiplas e interconectadas. As pessoas acionam ainda as partes que elas consideram masculinas ou femininas de acordo com as ações e interações que são tomadas e estabelecidas.

Considerações sobre as noções de gênero no futebol de mulheres

No Brasil, no futebol praticado por mulheres, o gênero e a identidade de gênero podem ser compreendidos enquanto fluidos, ou seja, masculinidades e feminilidades coexistem e circulam nos mesmos corpos de acordo com os tipos de interação estabelecidos entre os sujeitos. Elas vão estar mais masculinas ou mais femininas de acordo com o jogo relacional. O futebol, apesar de visto como masculino, permite que elas acionem o masculino e o feminino de acordo com as relações que estabelecem. Assim, para um desempenho apropriado da prática do futebol, é necessário que as jogadoras possuam algumas

características que são, via de regra, associadas a determinadas noções de masculinidades. Afinal, para jogar bola, as mulheres precisam ter força, ser ágeis, ter músculos, ser agressivas, diligentes e utilizar uniformes confortáveis – largos e não justos – que sejam adequados à prática esportiva. Contudo, quando assim performatizam seu gênero, são chamadas pejorativamente de *machos*, *homens* e *marmanjos*. É interessante pontuar, contudo, que entre elas – como veremos adiante ao falar de sexualidade – esses comportamentos que performatizam masculinidades são encarados como positivos, desejados e orientam a busca por parceiras sexuais e afetivas ideais.

Por outro lado, entre elas aparece o discurso de que para conseguir visibilidade para a modalidade entre o grande público – espectadores e mídia, sobretudo - elas precisam performatizar algumas ideias de feminilidades. Um certo tipo cuidado de si e do corpo, bastante específico, apresenta-se e torna-se evidente nesse momento: elas mantêm corpos esbeltos e magros, utilizam uniformes mais curtos e justos – mas que nem sempre favorecem os movimentos de jogo dentro de campo -, pintam, alisam e cuidam de cabelos e de unhas. Quando elas assim performatizam o gênero, associando noções de feminilidades, seus corpos são apresentadas sob dois vieses: o da mulher mãe, sacralizada, que precisa ser protegida e afastada dos campos de futebol; o da mulher sensual, que precisa ser exposta seminua em calendários e/ou capas de revistas.

Gênero, como foi visto ao longo desse capítulo, pode ser compreendido como uma categoria classificatória, que delimitou, marcou diferenças e engendrou noções de masculinidades e feminilidades sobre os corpos de mulheres atletas. Desde o começo da prática da modalidade esportiva no Brasil, na década de 1940 – com a carta do cidadão José Fuzeira (FUZEIRA *apud* FRANZINI, 2005, p. 319-320) -, passando pela promulgação do Decreto-Lei 3.199 (BRASIL, 1941) e sua revogação em 1979, bem como pela publicação de reportagens da Revista Placar (1995, 1997) - até chegar nos anos de 2013-15 nas etnografias aqui apresentadas junto à Associação Atlética Pró-Esporte e Esmeraldinha Futebol Clube, pudemos perceber que os

discursos que envolvem o futebol de mulheres sempre recorreram a uma matriz de gênero. Identifico que esses discursos apontaram, ao longo do tempo, sempre para a construção de noções de gênero em três direções bastante específicas: Esfera Moral, Esfera da Saúde e Esfera da Fetichização. Enquanto as esferas moral e de saúde mantiveram as mulheres afastadas da prática esportiva do futebol, a da fetichização concedia a elas o acesso à prática desde que expusessem seus corpos de maneira sensual.

A Esfera da Moral, portanto, delimitava os espaços que as mulheres poderiam ou não ocupar no cenário esportivo brasileiro, ou seja, as mulheres tinham o papel social de esposas e esse papel as mantinha restritas ao espaço privado do lar. Os discursos desse tipo prevaleceram, sobretudo na década de 40. Já a Esfera da Saúde determinava levando em conta corpo e hormônios, o que as mulheres eram ou não capazes de fazer durante as práticas esportivas. Foi a partir desse discurso que as mulheres foram instruídas a se comportar de acordo com o seu gênero, o que evocava um determinado padrão de feminilidade. O afastamento delas dos campos de futebol visava protegê-las de toda e qualquer possível masculinização de seus corpos, uma vez que essa masculinização poderia comprometer o papel social enquanto mães. Por fim, os discursos da Esfera da Fetichização apregoam que os corpos das mulheres esportistas podem ser representados enquanto objetos de atração e de desejo sexual dos homens e não há aí, qualquer problema de ordem social ou moral. Mulheres negras, nesse espaço, raramente são sexualizadas.

Por fim, acredito que é possível pensar a prática do futebol de mulheres como um terreno promissor para testar hipóteses sobre as mudanças nas relações e representações de gênero na sociedade contemporânea. Afinal, o esporte é um lugar bastante propício para indagar os rumos de uma cultura em transição – “transição para padrões mais igualitários, mais ‘andróginos’, ou talvez avançando, embora lentamente, no sentido de uma certa ‘despadronização’” (ADELMAN, 2006, p. 11), nos quais, por fim, as mulheres não precisem ser mais necessariamente femininas, ou mesmo masculinas.

IV– Raça, sexualidade e intersecções num universo em que o gênero está em disputa

A negra no Futebol Brasileiro³³

Muito bem crianças, onde há muita algazarra alguma coisa está fora da ordem. Eu acho que com essa mistura de negros do Sul e mulheres do Norte, todo mundo falando sobre direitos, o homem branco vai entrar na linha rapidinho. Aqueles homens ali dizem que as mulheres precisam de ajuda para subir em carruagens, e devem ser carregadas para atravessar valas, e que merecem o melhor lugar onde quer que estejam. Ninguém jamais me ajudou a subir em carruagens, ou a saltar sobre poças de lama, e nunca me ofereceram melhor lugar algum! E não sou uma mulher? Olhem para mim! Olhem para meus braços! Eu arei e plantei, e juntei a colheita nos celeiros, e homem algum poderia estar à minha frente. E não sou uma mulher? Eu poderia trabalhar tanto e comer tanto quanto qualquer homem – desde que eu tivesse oportunidade para isso – e suportar o açoitamento também! E não sou uma mulher? Eu pari treze filhos e vi a maioria deles ser vendida para a escravidão, e quando eu clamei com a minha dor de mãe, ninguém a não ser Jesus me ouviu! E não sou uma mulher?

Daí eles falam dessa coisa na cabeça; como eles chamam isso... [alguém da audiência sussurra, “intelecto”]. É isso, querido. O que é que isso tem a ver com os direitos das mulheres e dos negros? Se o meu copo não tem mais que um quarto, e o seu está cheio, por que você me impediria de completar a minha medida?

Daí aquele homenzinho de preto ali disse que a mulher não pode ter os mesmos direitos que o homem porque Cristo não era mulher! De onde o seu Cristo veio? De onde o seu Cristo veio? De Deus e de uma mulher! O homem não teve nada a ver com isso.

³³ O livro do cronista e jornalista Mário Rodrigues Filho, intitulado “O negro no Futebol Brasileiro”, realizou na década de 1960 um resgate de histórias e relatos sobre a consolidação do homem negro nessa prática esportiva. Em busca por portais de periódicos e bancos de teses e dissertações não há registro de artigos e/ou monografias que versem sobre futebol e mulher negra. Ainda que o conteúdo aqui encontrado seja apresentado de modo diferente daquele que nos traz o jornalista Mário Rodrigues Filho, o título desse capítulo busca resgatar algumas narrativas mulheres negras jogadoras de futebol.

Se a primeira mulher que Deus fez foi forte o bastante para virar o mundo de cabeça para baixo por sua própria conta, todas estas mulheres juntas aqui devem ser capazes de consertá-lo, colocando-o do jeito certo novamente. E agora que elas estão exigindo fazer isso, é melhor que os homens as deixem fazer o que elas querem. Agradecida a vocês por me escutarem, e agora a velha Sojourner não tem mais nada a dizer³⁴(TRUTH, 1851).

O discurso de Sojourner Truth (estadunidense, mulher, negra, escravizada e depois liberta) foi retomado pelo feminismo dos anos 1970/80, nos EUA, para refletir sobre as diferenças entre as mulheres a partir de uma perspectiva de raça. A categoria de “raça” - assim como a categoria de gênero – precisa ser compreendida a partir de uma perspectiva histórica, social e cultural. A antropóloga Verena Stolcke nos fala que o conceito de “raça” foi considerado por muito tempo um dado “natural” e biológico inscrito nos corpos humanos (STOLCKE, 1991). O conceito de “raça” era utilizado para diferenciar e separar as pessoas a partir de características biológicas e corporais pensadas como naturais como: formato dos cabelos (lisos ou crespos), cor da pele (branca ou negra), cor dos olhos (claros ou escuros), formato do nariz (fino ou largo), formato do crânio, dentre outras. As “diferenças raciais” ou as “diferenças de cor”, portanto, foram ancoradas inicialmente em noções sobre o que se considerava – ou não - um corpo branco, sendo o homem europeu geralmente o modelo referencial para as comparações. Essas diferenças, historicamente marcadas ao longo do tempo, constituíram-se enquanto produtoras de noções e relações de poder.

Contudo, Verena Stolcke, revisando outros autores, reafirma a importância de desvincular a concepção da categoria “raça” do plano biológico e, por consequência, amenizar os racismos que vêm com a utilização do conceito. Ela percebe que, numa certa medida, alguns autores propõem que no

³⁴ Discurso proferido na Women’s Rights Convention em Akron, Ohio, Estados Unidos, em 1851. Durante uma reunião onde se discutia os direitos da mulher, Sojourner discursou da plateia após ouvir pastores alegando que as mulheres não deveriam ter os mesmos direitos que os homens. A justificativa? Porque elas seriam mais frágeis, intelectualmente inferiores, porque Jesus foi um homem e porque Eva, a primeira mulher da humanidade segundo o pensamento cristão, foi uma pecadora.

lugar de “raça”³⁵ use-se o conceito de etnicidade. Segundo a autora, tanto a categoria de raça quanto a de etnicidade devem ser compreendidas nos contextos de dominação a que dão significados; logo, ao utilizar-se do conceito de etnicidade faz-se a tentativa de minimizar as discriminações e exclusões antes calcadas e ideologicamente justificadas em uma herança genética e/ou racial (STOLCKE, 1991).

Se, por um lado o historiador e sociólogo Gilberto Freyre afirmou que no período pós-abolição da escravidão as relações interétnicas entre negros/as, brancos/as e indígenas no Brasil nos levavam à mestiçagem das “raças” promovendo a democracia racial; por outro lado, a antropóloga Lília Katri Moritz Schwarcz (2009) nos mostra que, a partir da década de 1930, inicia-se um processo de desafricanização e apagamento de vários elementos culturais do povo negro. Por exemplo, o samba, a feijoada e a capoeira – considerados como atividades de negros cativos - passaram a representar uma noção de brasilidade.

Segundo Schwarcz (2009, p. 97), “originalmente conhecida como ‘comida de escravos’, a feijoada se converte em ‘prato nacional’, carregando consigo a representação simbólica da mestiçagem. O feijão (preto) e o arroz (branco) remetem metaforicamente a dois grandes segmentos formadores da população”. Ainda na década de 1930, a capoeira, até então criminalizada, é oficializada enquanto modalidade esportiva; o samba, considerado música de negro, ganha as ruas do país; os atabaques passam a soar livremente nos terreiros e o Dia Nacional da Raça é introduzido no calendário nacional como data cívica (SCHWARCZ, 2009). Os conceitos de mestiçagem e de democracia racial, apesar de parecerem positivos, denotam uma abordagem ingênua que

³⁵ Contudo, segundo Nogueira, Felipe e Teruya (2008), o uso da categoria “raça” pode ser visto atualmente como uma forma de posicionamento político para informar e salientar determinadas características físicas como a cor da pele ou mesmo o tipo de cabelo. Essas características, por sua vez, interferem e até determinam o destino e o lugar social dos sujeitos no interior da sociedade brasileira. Assim, “o conceito de raça ao ser usado com conotação política permite, por exemplo, aos negros valorizar as características que os diferem das outras populações e romper com as teorias raciais que foram formuladas no século XIX e até hoje permeiam o imaginário popular”(NOGUEIRA, FELIPE, TERUYA, 2008, p. 4). Dessa forma, compreendida como construção histórica e cultural, a categoria raça pode ser usada enquanto instrumento político de afirmação de identidade.

torna invisível mais uma faceta da escravidão: para além dos corpos aprisionados, tentou-se retirar dos sujeitos seus elementos de resistência e reconhecimento de sua cultura e sociedade.

Dentro desse processo de “nacionalização” de elementos culturais brasileiros, o futebol percorreu o caminho inverso. Até meados da década de 1920, o futebol no Brasil era considerado esporte de elite, nos quais apenas os homens brancos poderiam jogar. Foi a partir de 1930, que os primeiros homens negros começaram a participar oficialmente – enquanto jogadores – de jogos de futebol. Nessa época, discursos apresentavam as diferenças de jogar, bem como os sentidos do futebol para homens negros e homens brancos. As concepções à época explicitavam que os homens brancos seriam essencialmente superiores em suas capacidades cognitivas, e ao participarem dos jogos de futebol, faziam-no por lazer, fidalguia, noções de cavalheirismo e fair play (RODRIGUES FILHO, 1964). O futebol era assim compreendido como um espaço de construção de uma masculinidade intelectual e aristocrática.

Já os homens negros, por sua vez, eram compreendidos à época enquanto detentores de força física e agressividades naturais – consideradas herança do trabalho escravo no período colonial (OGLESBY, 1981, p. 16) – que poderiam ser aplicadas nas práticas esportivas mediante pagamento. O futebol, para eles, era considerado um momento para o emprego adequado de sua força e agressividade, ou seja, a prática esportiva do futebol era o locus para a construção e conformação de uma masculinidade agressiva, mas controlada e servil (RODRIGUES FILHO, 1964).

Um jogador brasileiro que se destacou nessa época foi Leônidas da Silva, popularmente conhecido como Diamante Negro. Ele se tornou o expoente das contradições de uma sociedade cuja aceitação do negro no futebol passava por rápidas e conturbadas mudanças. Leônidas era um jogador que todos os clubes queriam em seu time, talvez à exceção do Fluminense, que mantinha sua política antinegros no time. Porém, ao mesmo tempo em que era desejado por todos os times, por seu excepcional desempenho no futebol, Leônidas era perseguido por torcedores e jornalistas da época, em virtude de

um fato envolvendo o roubo de um colar de diamantes. A culpa, é claro, recaiu sobre Leônidas, o negro. Sempre que o jogador entrava para jogar, os torcedores da arquibancada perguntavam para o jogador onde estava o colar, ao que Leônidas reagia com raiva dentro de campo (RODRIGUES FILHO, 1964).

Mas e as mulheres negras, onde estavam?

No início do capítulo trouxemos o discurso de Sojourner Truth evidenciando que “raça, gênero e classe não são distintos reinos da experiência, que existem em esplêndido isolamento entre si; nem podem ser simplesmente encaixados retrospectivamente como peças de um *Lego*. Não, eles existem *em* relação entre si e *através* dessa relação – ainda que de modos contraditórios e em conflito” (MCCLINTOCK, 2010, p. 19, grifos da autora).

A antropóloga Lélia Gonzales, nesse sentido, aponta que durante os anos de escravidão existiam, basicamente, dois tipos de escravos: os produtivos e os não produtivos. Os primeiros trabalhavam no plantio e no cultivo da terra dos senhores de engenho; já os segundos eram utilizados na prestação de serviços da casa. A mulher negra servia nos dois segmentos, ou seja, tanto trabalhava no cultivo da terra quanto, na Casa Grande. Contudo, era nesse segundo espaço que ocupava, mucama, que era encarregada de passar, cozinhar, fiar, tecer, alimentar os filhos recém-paridos das mulheres brancas. “E isso sem contar com as investidas sexuais do senhor branco que, muitas vezes, convidava parentes mais jovens para se iniciarem sexualmente com as mucamas mais atraentes. Desnecessário dizer o quanto eram objeto do ciúme rancoroso da senhora” (GONZALEZ, 2016, p. 403).

Foi a mulher negra quem primeiro educou e criou os filhos dos senhores e senhoras de engenho, em virtude disso, segundo Gonzales, associa-se a imagem da mulher negra à figura “Mãe preta”. Ou seja, aquela mulher negra, geralmente mais velha, acomodada, de corpo dócil e temperamento passivo (GONZALEZ, 2016). Outra figura que emerge dessas relações étnico-raciais, estabelecidas no período colonial, é a da mulata hipersexualizada. Decorrentes

dos estupros e investidas sexuais dos senhores de engenho, associava-se à imagem da mulher negra e jovem uma concepção de comportamento sexual promíscuo e acessível.

Ainda nesse sentido, McClintock, ao estudar as mulheres negras no contexto colonial, nos aponta outra maneira de classificar a mulher negra: a besta. A bestialização dos corpos negros entra como uma possibilidade de análise. As mulheres negras, ao transgredirem as fronteiras “entre o público e o privado, entre o trabalho e o lazer, entre o trabalho pago e o não pago, tornavam-se cada vez mais estigmatizadas como espécimes de regressão racial” (MCCLINTOCK, 2010, p. 75). Essas “transgressoras” deixavam então de habitar a história propriamente dita e eram percebidas como projetos incompletos de seres humanos. Muitas foram taxadas de infantis, irracionais, regressivas e atávicas, existindo assim em um anacronismo permanente.³⁶

Ao descrever de quais maneiras a mulher negra se inseriu na sociedade brasileira a partir da década de 1950, Gonzales estabelece o que ela chama de soma de opressões entre gênero, raça e classe. “Ser negra e mulher no Brasil, repetimos, é ser objeto de tripla discriminação, uma vez que os estereótipos gerados pelo racismo e pelo sexismo a colocam no mais alto nível de opressão (...) onde sofrem um processo de reforço quanto à internalização da diferença, da subordinação e da ‘inferioridade’” (GONZALEZ, 2016, p. 408). Concretamente, no que tange a essa tripla opressão e discriminação, podemos averiguar nos dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA)³⁷ que 60% das mulheres assassinadas no Brasil entre os anos de 2011 e 2012 eram

³⁶ A bestialização do corpo da mulher negra remonta a outras épocas. O filme “Vênus Noire”, ambientado em meados do século XIX conta a trajetória de Saartjie Baartman, uma mulher sul-africana da etnia hotentote – esta é mundialmente conhecida pelas medidas “desproporcionais” de suas mulheres. No filme, Saartjie deixa seu país com a promessa feita por Hendrick Cezar, irmão do seu patrão, de que na Inglaterra ela conseguiria emprego em um circo e isso lhe renderia muito dinheiro. Entre os anos 1810 e 1814, Saartjie viajou, sob a tutela e cuidados de Cezar, por todo território inglês exibindo seu corpo. Aos mais curiosos era oferecida, por uma pequena quantia em dinheiro, a oportunidade de passar a mão em seu corpo. No ano de 1814, Saartjie é vendida a um domador de animais francês e passa a viver em condições sub-humanas: encontrava-se sempre presa a coleiras e era constantemente enjaulada. Infelizmente, no ano de 1815, Saartjie faleceu em decorrência de uma infecção.

³⁷ Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2013/11/21/negras-sao-as-vitimas-de-mais-de-60-dos-assassinatos-de-mulheres-no-pais>>. Acesso em: 25 nov. 2017.

negras; e que são as mulheres jovens, negras e pobres as que mais sofrem com a violência doméstica e familiar (SENADO NOTÍCIAS, 2013). Infelizmente, ao longo dessa etnografia, pudemos encontrar uma série de desdobramentos racistas e violentos em relação à mulher negra jogadora de futebol.

No Brasil, até meados da década de 1970, as mulheres não podiam participar de determinadas modalidades esportivas e a primeira pesquisa sobre mulheres e esporte é do início da década de 1990. Contudo, fala-se da mulher enquanto categoria essencializada, ou seja, não se pensa com especificidade no lugar da mulher negra dentro do ambiente esportivo. É preciso recorrer aos registros de algumas competições, como, por exemplo, os Jogos Olímpicos, para se ter uma ideia, mesmo que superficial, da trajetória de mulheres negras no esporte brasileiro.

No ano de 1948, Melânia Luz³⁸ foi a primeira mulher negra a representar o Brasil em um jogo olímpico. Praticante do salto em distância e da corrida, ela disputou as Olimpíadas de Londres daquele ano e bateu o recorde Sul-Americano no revezamento 4x100, ao lado de outras mulheres brasileiras. Doze anos depois, no ano de 1960, a paulistana Wanda dos Santos, segunda mulher negra brasileira a participar da competição, embarcava junto com a delegação brasileira para os Jogos Olímpicos de Roma. Apenas ela, entre 81 atletas naquela delegação, era mulher; ela disputou os 80 metros com barreiras. Quatro anos depois, em 1964, Aida dos Santos³⁹ conquistaria o 4º lugar no salto em altura nos Jogos Olímpicos de Tóquio (JORNAL O GLOBO, 2016). Atualmente, Marta (futebol), Fabiana Claudino (vôlei), Fofão (vôlei), Érika Cristina de Souza (basquete), Karen Rocha (basquete), Maria Elizabeth Jorge (levantamento de peso), Daiane dos Santos (ginástica artística) e

³⁸ Disponível em: <http://www.justicadesaia.com.br/melania-luz-a-primeira-mulher-negra-na-historia-a-representar-o-brasil-em-uma-olimpiada>. Acesso em: 24 nov. 2017.

³⁹ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/rio-2016/aida-dos-santos-mulher-que-podio-nao-pode-suportar-18528315>. Acesso em: 24 nov. 2017.

Rafaela Silva⁴⁰ (judô) figuram entre mulheres negras brasileiras que possuem destaque em suas modalidades esportivas.

Apesar de essas atletas brasileiras estarem distribuídas em modalidades esportivas diversas, é interessante ressaltar uma questão levantada pela advogada e educadora norte-americana Moneque Walker Pickett (2009) quando ela fala sobre a Lei Title IX, promulgada no ano de 1972, nos Estados Unidos da América. Segundo Pickett, essa Lei configura-se como a maior lei federal que proíbe a discriminação por gênero em qualquer programa esportivo que receba patrocínio federal. A Lei Title IX é conhecida, portanto, por ser uma grande catalizadora no acesso de meninas e mulheres aos espaços esportivos nos EUA. Contudo, segundo Pickett, Dawkins e Braddock (2012), existe uma clara intersecção de gênero, classe e raça nas escolhas das modalidades esportivas a serem praticadas tanto por mulheres negras quanto por mulheres brancas. As mulheres negras participam de esportes cujos custos de manutenção são menores:

“Although Black and White females were equally likely to participate in sports, 33% of Black girls (compared to 18% of White girls) said that their families could not afford to pay the cost of equipment and lessons. Although purchasing a basketball is considerably cheaper than purchasing a horse, equestrian gear, and a country club membership, what is not so clear is the long-term effect of this approach in terms of providing equal access for both Black and White girls in interscholastic sports programs” (PICKETT; DAWKINS; BRADDOCK, 2012).

Ou seja, apesar de a Lei Title IX ter permitido a inserção de mulheres no esporte em todo EUA, as mulheres negras continuam sub-representadas nesse setor. As mulheres ocupam menos espaço nas práticas esportivas quando comparadas aos homens; as mulheres negras ocupam ainda menos espaço esportivo quando comparadas às mulheres brancas: “girls participate in sports

muchless than boys, non-White girls participate even less, and poor minority girls engage in sports the least (...). Yet sport participation may be more important for minority females, such as African Americans, because the benefits of sport participation may not be equally experienced for those groups in comparison to their White female counterpart”(PICKETT; DAWKINS; BRADDOCK, 2012, p.1587-1588). Consequentemente, mulheres negras continuam com dificuldades de acessar às universidades através de bolsas esportivas – prática comum na realidade norte-americana. Mesmo que a Title IX aumente a participação de mulheres em modalidades esportivas e as incentive através de bolsas de estudos pelas suas práticas atléticas, as mulheres negras ainda permanecem às margens dessa política inclusiva e sofrem um afunilamento quanto ao acesso universitário.

Assim como nos Estados Unidos da América classe e raça se interseccionam, no Brasil não é diferente a vida de mulheres negras que buscam se projetar no campo esportivo. As mulheres negras brasileiras participam, em sua grande maioria, de esportes coletivos e de baixa manutenção. Tomemos, por exemplo, o caso da levantadora de peso Maria Elizabeth Jorge, mulher negra que disputou os jogos Olímpicos de Sidney, em 2000. Maria Elizabeth descobriu-se apta para participar da modalidade enquanto lavava e carregava pesadas trouxas de roupas – como forma de complementar a renda familiar – na região onde morava em Minas Gerais.

O futebol configura-se como um dos esportes de mais baixo custo para a prática no Brasil. Tudo o que se precisa é de uma bola – pode ser feita de meia, papel, lata de cerveja ou qualquer outro material disponível – e de um espaço aberto – que pode ser uma rua, um terreno baldio. A essas partidas damos o nome de *peladas*. Embora as cenas aqui mostradas não tenham sido presenciadas nesses momentos – em que a diversão e o lazer entre amigas prevalece -, tive o privilégio de acompanhar algumas partidas de futebol entre mulheres nesse formato, ao longo dos últimos anos de trabalho de campo.

A reportagem de outubro de 1983, da Revista Placar, traz a reportagem intitulada “A bela e as feras” na qual as categorias de raça, sexualidade e

gênero aparecem articuladas em uma sucessão de imagens e textos que revelam racismo e sexismo. Está clara na linha editorial da Revista que a *bela* do futebol é uma mulher branca – que aparece retratada em fotografias coloridas, trajando biquíni, sorrindo e segurando uma flor - e que as *feras* são as mulheres negras – fotografadas em retratos preto e branco, sérias e de cabelos curtos (REVISTA PLACAR, 1983). “Esses dois tipos de futebolistas – ‘belas’ e ‘feras’ – são colocados em oposição pela narrativa jornalística. Enquanto as primeiras trazem consigo todas as características necessárias ao padrão atribuído pela imprensa a uma boa futebolista (...) as outras são pensadas como demasiadamente violentas para estarem em campo” (SOARES DE ALMEIDA, 2016, p. 108).

Figura 29 - Reportagem da Revista Placar, edição nº 701, de 28 de outubro de 1983

Outros elementos ainda nos levam a pensar sobre as relações étnico-raciais, bem como sobre a questão racial que se descortina a partir da reportagem supracitada. Ao descrever uma partida entre os times de futebol de mulheres da cidade do Rio de Janeiro, na qual o Radar venceu o Bangu por 1 a 0, o técnico, Castor de Andrade, e as jogadoras do Bangu agrediram física e verbalmente o juiz por conta de um pênalti não marcado a favor do seu time – o que supostamente faria com que a partida terminasse empatada, caso a cobrança do pênalti resultasse em gol. Segue transcrito o trecho final da matéria:

“Na semana passada, Castor e suas perigosas meninas receberam uma suspensão preventiva por 30 dias. Quem achar que foi pouco pode esperar pelo novo julgamento, marcado para esta terça-feira, dia 25. Mas sem muitas esperanças. "Futebol é paixão", filosofa o eterno presidente da Federação de Futebol do Rio de Janeiro, Otávio Pinto Guimarães. "E paixão é assim mesmo". Se isso pode prenunciar alguma absolvição, resta torcer para que, no futuro, o futebol feminino tenha muitas belas, inspiradas na atraente estrela do Inter - e que as feras voltem às jaulas” (REVISTA PLACAR, 1983).

No ano de 2012, ou seja, 29 anos depois, o mesmo discurso se repetiria com a então judoca negra Rafaela Silva. Na Olimpíada de Londres 2012, Rafaela Silva era esperança de medalha para o Brasil, contudo quando foi eliminada da competição, sofreu uma série de comentários racistas na rede social Twitter: “esse macaco deveria estar nas jaulas”⁴¹ ⁴²(JORNAL O GLOBO, 2016b).

Intersecções de raça, gênero e sexualidade em campo

Na véspera de uma final de campeonato em São Paulo, no ano de 2013, duas jogadoras machucaram-se e não poderiam ser escaladas para aquele jogo. Rapidamente a comissão técnica ligou para outras duas jogadoras e as

⁴¹ Frase retirada de mensagens enviadas para Rafaela Silva através do Twitter, rede social que permite a troca de mensagens – de maneira pública – entre seus usuários.

⁴² Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/esportes/em-2012-rafaela-silva-foi-vitima-de-racismo-apos-desclassificacao-19877192>>. Acesso em: 25 nov. 2017.

convidou para ocupar os espaços recém-vagos na equipe. No dia do jogo, Dani e Fabi – as atletas chamadas às pressas – apareceram. Muito simpáticas, elas conversaram com todas as outras jogadoras que ainda não conheciam e conversaram comigo também. Até aquele momento, eu não sabia, mas ambas eram muito amigas, e haviam jogado juntas em outras equipes, inclusive no exterior.

Dani possuía um jeito muito despojado e *masculinizado*, segundo pude perceber entre comentários de algumas atletas da equipe: tinha os cabelos curtos e trançados, bem como usava roupas largas e folgadas. Afinal, segundo ela mesma: “roupas masculinas e confortáveis, são melhores para preservar os meus movimentos” - dito entre risos. Já Fabi tinha uma performance corporal mais *feminina*: cabelos compridos e alisados, roupas mais curtas, tênis e camisa de marcas (Nike e Adidas, respectivamente).

Naquela tarde, o jogo aconteceu em um estádio com um gramado em ótimo estado de conservação e com arquibancadas para alocar a presença de possíveis torcedores e torcedoras. Como era de se esperar, as arquibancadas estavam parcialmente ocupadas, algo em torno de 30 espectadores. Para minha surpresa, além dos poucos familiares, amigos e amigas das jogadoras, vi alguns homens mais velhos com latinhas de cerveja nas mãos. Achei muito interessante a presença deles por ali e sondei rapidamente as atletas, pois elas pareciam bastante animadas com a possibilidade de que outras pessoas estivessem interessadas na partida.

Assim que elas entraram, os homens da arquibancada levantaram-se e aproximaram-se da grade que separava o campo da área de torcida. Compreendi que assistiriam ao jogo daquele espaço. Eu, do lado de dentro, percorria as bordas do campo em busca de boas fotos. Ocupar essa posição sempre me permitiu captar diversos tipos de comentários: ora dos bancos de reserva das equipes; ora da mesa de árbitros; e ora dos torcedores que estivessem mais próximos da grade que separa o campo da arquibancada.

Aquela foi a primeira partida que acompanhei durante meu trabalho de campo no doutorado. Creio que não estava preparada para o tom dos comentários que ouviria naquela tarde. O grupo de homens, visivelmente inflamados, aproximaram-se o máximo que podiam do campo de futebol e toda vez que Dani passava perto gritavam a ela: “Isso daí não é mulher! Nem peito essa porra tem!”; “Olha o cabelo desse macho! Raspa o pelo desse macaco!”. Por um momento, eu parei meu trabalho de observação, abaixei minha câmera e olhei para aqueles homens. Não sei como, mas Dani conseguiu manter a calma e a frieza diante da situação. Certamente ela já ouvira de tudo de dentro do campo, mas – aparentemente – não se deixou afetar por nenhum dos comentários, nem ao menos deu a entender que os havia escutado. A equipe ficou em segundo lugar naquela final, perdeu por 2x1, o único gol marcado por Dani. Nunca tive coragem de perguntar, depois do jogo, como ela havia se sentido naquele momento.

Figura 30 - Dani. Foto realizada por Mariane Pisani. Dezembro de 2013

Figura 31 – Time Vice-Campeão. Foto realizada por Mariane Pisani. Dezembro de 2013

Assim, como nesse dia, outros episódios, com comentários parecidos, aconteceriam ao longo do trabalho de campo. Do que pude observar, os alvos escolhidos pelos torcedores eram sempre as jogadoras mais negras, mais masculinizadas e/ou aquelas que tivessem um cabelo mais curto – ou com um estilo afro, como as tranças de Dani.

Acompanhava, no ano de 2014, um campeonato de futebol de mulheres no qual a ASAPE participava. Na partida que valia vaga para as semifinais, me deparei com uma atleta da equipe adversária que raspava os cabelos. Aproximei-me dessa jogadora antes mesmo de a partida iniciar, perguntando-lhe se poderia tirar uma fotografia dela, pois havia adorado o seu corte de cabelo, e a experiência em campo me dizia que ela também seria alvo de comentários ao longo da partida. Assim que Sofia entrou em campo, quatro homens se aproximaram da grade e começaram a gritar para ela: “É muito macho para ser mulher”; “machona, sapatão!”. Sofia, ao contrário de Dani,

exaltou-se na partida. Brigou com algumas jogadoras da ASAPE e, em um lance de disputa de bola, machucou-se seriamente. Foi retirada de campo e substituída por uma companheira de equipe.

Uma das jogadoras da ASAPE também se machucou durante a partida. Ao final do jogo, acompanhei-a até o hospital mais próximo. Sofia – da equipe adversária – e a jogadora da ASAPE ocuparam, lado a lado, os bancos da emergência do hospital. Percebi, naquele momento, que elas já se conheciam de outros jogos e campeonatos, pois conversavam amigavelmente. No tempo em que ficaram aguardando atendimento comentaram sobre a partida, sobre as colegas, sobre os homens que ficaram gritando. Sofia, jocosamente, afirmou que ela era mais *macho* que eles, sim, e que, sem dúvidas, *pegava* mulheres mais bonitas do que eles (pegavam). O futebol tende a ser associado – mesmo entre as jogadoras – às preferências, às atividades e às formas de ser homem.

Separei ainda duas cenas etnográficas que considero essenciais para evidenciar como as associações entre masculinidades e as noções de raça, classe e gênero se inserem na trajetória esportiva e de vida de mulheres jogadoras.

A primeira cena ocorreu no ano de 2013, durante alguns dias de trabalho de campo entre as jogadoras do Centro Olímpico de Treinamento e Pesquisa. Em uma das tardes, pude observar que muitos pais e mães acompanhavam os treinos do lado de fora do campo, sobretudo quando as atletas em campo eram menores de idade – era o caso das equipes Sub-13, Sub-15 e Sub-17. Em campo, meninas de até 13 anos corriam e aqueciam antes de realizarem um treino tático⁴³ e, durante uma pausa concedida a elas, pude me aproximar e perguntar como os familiares delas reagiam ao fato de elas jogarem futebol. Uma das jogadoras – menor de idade à época, por isso tem seu nome protegido aqui – me disse:

⁴³ O treino tático tem por característica desenvolver a equipe – ou um atleta específico – a partir da prática de movimentações dentro de campo com o objetivo implementar estratégias durante o jogo.

“Quando eu comecei a jogar futebol, meus pais não gostavam não. Meus irmãos até jogavam comigo, mas me chamavam de *maria-macho*. Eu ficava muito triste, mas meu tio acreditou em mim, nunca me deixou desistir do meu sonho e hoje eu estou aqui” (Trecho transcrito do Caderno de Campo de Mariane Pisani).

Ao mesmo tempo em que dizia isso, a menina tomava um gole de água e arrumava seus meiões para voltar ao campo, para *continuar ali* atrás de seus *sonhos*.

A segunda cena aconteceu poucas semanas depois, ainda no COTP. Naquele dia estava sendo realizada uma peneira⁴⁴ e percebi que a quantidade de pais e mães era maior do que nos dias de treino e jogo. Aproximei-me de um grupo de pais, procurei ouvir o que eles conversavam entre si e perguntei o que eles achavam de suas filhas jogando futebol. Uma mãe disse que não era muito a favor da filha jogar futebol, mas se era o que ela queria “fazer o quê, né?”. Já outro pai respondeu:

“Olha, a Gabriela – apontando para uma menina que disputava naquela tarde uma vaga para atuar no COTP – tem um irmão. Eu sempre investi pra que ele fosse o jogador de futebol da nossa família, sabe? Dava uniforme, chuteira nova, tudo do bom e do melhor. Mas ele não quis seguir o caminho do pai. É que eu fui jogador quando era mais novo, mas nunca consegui ficar famoso (risos). Então, eu achei que seria ele que levaria o futebol a sério, mas na verdade foi a Gabi, então estou aqui né, investindo nela. E enquanto ela estiver retribuindo essa dedicação, tudo bem” (Trecho transcrito do Caderno de Campo de Mariane Pisani).

Durante minha pesquisa de mestrado (PISANI, 2012), pude constatar que as atletas com as quais convivi tinham muita dificuldade de conseguir um

⁴⁴ Peneira é o momento em que o Clube/Equipe realiza a seleção de novas atletas para integrarem o elenco de jogadoras. É muito comum que peneiras, sobretudo no futebol masculino, possuam mais de 1000 jogadores inscritos, ao final do dia poucos deles serão selecionados para integrar o elenco, e por vezes, nenhum deles o é.

lugar adequado para treinar desde crianças. Quando favoráveis à prática, pais e mães não conseguiam matriculá-las em escolinhas de futebol/futsal para aperfeiçoar a técnica e desenvolver habilidades. Ou seja, as meninas não encontram espaços adequados de treino que possam recebê-las. Muitas das mulheres jogadoras de futebol começam suas trajetórias esportivas tardiamente, entre os 13/15 anos e, como característica comum entre elas, iniciam jogando bola com irmãos, primos ou vizinhos geralmente mais velhos. Já os meninos, segundo elas, podem frequentar essas escolinhas desde muito cedo – desde os 4/5 anos, geralmente (PISANI, 2012).

A socióloga Audrey Robin (2008), que estuda futebol de mulheres em camadas populares dos subúrbios da França, utiliza uma categoria para explicar esta aposta dos pais na carreira das meninas – o que é algo não usual na maioria das vezes: '*garçon manquant*', ou garoto ausente/inexistente.⁴⁵ Segundo a autora, ausente um filho homem, é aceitável que uma filha assuma o papel social do filho. Assim, todos os integrantes da família investem nela e a apoiam, para que ela assuma áreas da vida social classificadas como masculinas. Assim, as jogadoras “respondem de alguma maneira aos desejos dos pais de possuírem um descendente homem” (ROBIN, 2008, p. 123).

Trouxemos essas duas cenas enográficas uma vez que todas as jogadoras do COTP, com as quais tive contato em 2013, eram negras e, em sua grande maioria, provenientes de bairros mais pobres da cidade de São Paulo. É importante destacar como entre essas mulheres – negras e das classes mais baixas - o futebol passa a ser aceito, praticado e incentivado, visto que pode trazer alguma mudança estrutural em suas vidas e na vida dos parentes mais próximos. Nesse sentido, alguns pais das jogadoras da ASAPE também incentivavam suas filhas a jogarem futebol. Ganhar dinheiro e mudar a realidade familiar – característica tão comum entre jogadores homens (PISANI, 2010) - torna-se um projeto a ser concretizado através do futebol; e na ausência de um filho homem que faça isso, elas podem ocupar esse espaço (PISANI, 2012).

⁴⁵ Tradução livre.

É preciso lembrar, contudo, que as jogadoras mulheres mesmo que alcancem o maior posto que uma atleta da modalidade pode alcançar, ou seja, mesmo que elas atuem pela Seleção Brasileira de Futebol Feminino, não ganham tanto dinheiro quanto um atleta homem que jogue, também, pela Seleção Brasileira de Futebol.

A socióloga Maria Ignez Silveira Paulilo (1987) nos fala sobre a diferenciação que existe ao denominarmos e rotularmos os tipos de trabalho. Trabalho *leve* seria aquele realizado por mulheres, portanto menos valorizado e menos rentável financeiramente; já trabalho *pesado* seria todo tipo de atividade desenvolvida pelos homens, bem remunerado e valorizado socialmente. O ponto que a autora traz para a discussão é que as “profissões consideradas femininas têm remuneração sempre inferior àquelas consideradas masculinas. Mesmo em profissões iguais e cargos iguais, os dois sexos têm remunerações distintas” (1987, p. 67). Maria Cristina Aranha Bruschini (1998) lembra-nos também que, dentro da manutenção de um modelo de família patriarcal, as mulheres ainda são responsáveis pelas atividades domésticas e a necessidade de articular papéis familiares e profissionais limita a disponibilidade das mulheres para o trabalho.

Muitas das jogadoras vivem essa distinção do *peso* (PAULILO, 1987) do trabalho no seu dia a dia. Ao compararmos os salários entre os melhores jogadores do mundo veremos uma disparidade. Marta Vieira da Silva, futebolista brasileira eleita por cinco vezes a melhor jogadora de futebol do mundo pela FIFA recebe, mensalmente, aproximadamente 2 milhões de reais⁴⁶. Enquanto Lionel Messi, futebolista argentino também eleito por cinco vezes o melhor jogador de futebol do mundo pela FIFA, especula-se faturar aproximadamente 10 milhões de reais mensais⁴⁷. O salário de ambos ainda é acrescido de pagamentos de direitos de imagem, prêmios por produtividade, patrocínios e contratos de publicidade.

⁴⁶ Disponível em: <<http://blog.esportudo.com/top10-jogadoras-mais-bem-pagas-do-futebol-feminino>>. Acesso em: 25 nov. 2017.

⁴⁷ Disponível em: <<http://www.goal.com/br/noticias/quanto-dinheiro-tem-lionel-messi-e-quanto-o-craque-do/ulkhz8wmvwt01opnzo5kbx9zj>>. Acesso em: 25 nov. 2017.

Apesar de receberem salários multimilionários, tanto Marta quanto Messi ainda são exceções no mercado futebolístico. A maioria dos/as jogadores/as de futebol recebem baixos salários e entre as mulheres a situação torna-se um pouco mais grave. Realizando uma comparação, em termos percentuais, entre o salário de uma jogadora que atuou na posição de atacante titular (por uma equipe do estado de São Paulo) no Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino de 2016 e o salário recebido por um atacante reserva (também de uma equipe do estado de São Paulo) e que também atuou no Campeonato Brasileiro de Futebol de 2016, veremos que a jogadora recebeu apenas 2% do salário dele. A mesma proporção desigual se repete entre os salários multimilionários de Marta e Messi e entre os salários mais modestos de atletas que joguem um campeonato nacional brasileiro.

As atletas percebem a diferença do *peso* do trabalho ainda quando estão em plena atividade esportiva. Ao longo dos últimos anos trabalhando com mulheres jogadoras de futebol, ouvi incontáveis vezes delas que:

“um pai prefere que seu filho jogue bola ao invés de fazer faculdade, afinal se o menino estudar e se formar, ele não será nada além de um funcionário comum, será como tantos outros que fizeram a mesma faculdade. Contudo, caso se destaque no futebol, vai ser milionário, famoso e reconhecido. Já as meninas precisam jogar bola e estudar, pois nunca irão despontar em uma carreira que não é reconhecida como profissão de mulher, e mesmo que despontem será algo efêmero, o que não garantirá o sustento até o final da vida” (PISANI, 2012).

Há uma diferença crucial que paira entre futebolistas brasileiros: enquanto as jogadoras brasileiras não podem contar com o acréscimo em seus salários de direitos de imagem, prêmios, patrocínios e contratos de publicidade, a grande maioria dos jogadores brasileiros pode – e mesmo depois de encerrarem suas carreiras esportivas continuam associando sua imagem e nome a grandes marcas nacionais e internacionais .

Considerações sobre as noções de raça no futebol de mulheres

Isso posto, voltamos à questão levantada pelo jornalista da BBC, Jason Margolis em capítulo anterior, que ao observar as atletas do COTP pergunta se aquelas jogadoras, por serem negras, eram também de famílias de baixa renda. Ao que lhe respondemos: classe e raça precisam ser pensadas em articulação quando se escreve sobre futebol brasileiro, na medida em que os significados que o futebol imprime na vida de uma jogadora varia e se diferencia de acordo com a sua origem social e a cor de sua pele. A maioria das mulheres etnografadas nessa tese era negra e pertencia às classes menos favorecidas economicamente da sociedade brasileira; e, grande parte dela, percebia no futebol uma possibilidade de subverter situações de pobreza e violência.

Mulheres brancas também foram etnografadas e também jogam futebol, é claro. As jogadoras do Pelado Real Futebol & Arte, por exemplo, são mulheres brancas e de classe média. Para elas, o futebol adquire um caráter lúdico, uma vez que permite a prática de alguma modalidade esportiva; de *empoderamento*, uma vez que permite que elas se coloquem na modalidade e realizem rupturas entre futebol e noções de masculinidades tão presentes no pensamento social do brasileiro; e de manutenção e desenvolvimento dos cuidados de si (FOUCAULT, 2014), uma vez que lhes propicia momentos em que cultivam corpos mais magros, esbeltos e definidos pela prática futebolística. Vemos aqui retomado, depois de quase 80 anos, o discurso da década de 1930: o futebol era um esporte de lazer para homens brancos; e para os homens negros, era uma possibilidade de ganhar dinheiro.

À exceção das atletas do Pelado Real Futebol & Arte, vimos que as relações raciais entre as jogadoras etnografadas, às vezes, tinha um tom de jocosidade. Chamavam-se mutuamente de *negrinhas*; faziam piadas com os cabelos crespos, chamando-os de *cabelo ruim*; por vezes, o tom era sério e duro quando teciam comentários racistas dizendo “não se pode confiar em negro para fazer nenhum tipo de trabalho sério”. Sempre permaneci em silêncio durante esses momentos. Certa vez, uma jogadora afirmou para mim

que possuía o *cabelo ruim*, apenas me limitei a dizer que cabelo crespo é lindo, que o meu era crespo e eu adorava. Ela riu e negou veementemente dizendo: “você fala assim porque o seu cabelo é crespo, mas é bom”. Ao meu cabelo crespo somavam-se outras características como por exemplo pele branca, olhos verdes, cabelos ruivos. Todas as atletas da equipe possuíam cabelos alisados e, além disso, tomavam muito cuidado antes de entrar em campo: passavam protetores solares fator 50 para não ficarem com a pele ainda mais escura.

Um dado interessante a se observar é que nos ajuda a articular os Marcadores Sociais de gênero e raça é o indicador de vulnerabilidade social. De acordo com os dados do CEM/CEBRAP, ele é presente onde mulheres são chefes de família. Tanto entre as jogadoras brancas, quanto entre as jogadoras negras havia mulheres que sustentavam suas famílias. Contudo as noções de vulnerabilidade apresentadas pelo CEM/CEBRAP marcam somente como mulheres vulneráveis as moradoras negras, de classes mais baixas e residentes nos espaços compreendidos como periferias da Cidade de São Paulo (CEM/CEBRAP, 2004).

Uma das jogadoras de futebol dessa etnografia, negra e residente em uma dessas periferias, morava à época na mesma casa que suas cunhadas (os irmãos da jogadora haviam abandonado as ex-mulheres com os filhos) e quatro sobrinhos. Essa atleta desempenhava, segundo ela própria, com muito orgulho e alegria, o papel de *homem provedor* daquela família. Era ela quem sustentava a todos com sua força de trabalho assalariado – para além do futebol, ela trabalhava em uma loja de fast food da cidade. Ela se referia aos irmãos de modo pejorativo, associando a cor da pele dos mesmos à falta de comprometimento em criar e sustentar os filhos.

Assim como na discussão sobre questões de gênero, aqui também encontramos e diferenciamos três esferas de discursos envolvendo questões raciais nas quais as mulheres negras foram alocadas ao longo do tempo. As duas primeiras não encontramos ao longo do trabalho de campo, mas terceira esfera pode-se comprovar a partir do material etnográfico:

- A mulher negra, mais velha, percebida e retratada através da figura da “mãe preta”. Descrita por características como passiva, acomodada e preguiçosa;
- A mulher negra e jovem ora aparece sob o discurso da mulata hipersexualizada, disponível e acessível às investidas sexuais dos homens;
- A mulher negra transgressora da ordem social/cultural – seja pelo viés de gênero, ou da sexualidade, como veremos no próximo tópico – aparece descrita na chave da bestialização (como o exemplo da ‘fera’ descrita na Revista Placar).

Pode-se afirmar, portanto, que durante a etnografia no contexto esportivo, as duas primeiras caracterizações da mulher negra estão ausentes. As mulheres negras futebolistas são geralmente identificadas na chave da bestialização: *feras*, *perigosas*, *macacos que deveriam estar em jaulas*. Assim como as mulheres negras observadas por McClintock(2010) no período colonial, as jogadoras negras são rebaixadas ao protótipo humano anacrônico da infantilidade - *perigosas meninas* -, bem como têm seus corpos bestializados a partir de múltiplos discursos - *e que as feras voltem às jaulas; raspa o pelo desse macaco*. A exotização e a bestialização do corpo da mulher negra são práticas recorrentes na cultura ocidental, como pudemos ver aqui descrito.

Na década de 1980, encontramos numa revista de circulação nacional, sem o menor pudor, matérias esportivas que incitam ou ao menos lembram a prática humilhante de submeter mulheres negras, jogadoras de futebol, a um tratamento destinado aos animais. Pouco mudou, entre os anos de 2013 e 2017, visto que as mulheres negras dessa etnografia continuam a ocupar posições subalternas na sociedade brasileira, continuam enfrentando uma série

de violências cotidianas sobre seus corpos, seu intelecto, seus desejos e suas escolhas.

Lesbianidade em campo: afeto e desejo entre jogadoras de futebol brasileiras

O Brasil conta com algumas produções acadêmicas sobre lesbianidades que podem ser divididas e apresentadas da seguinte maneira: a) mulheres lésbicas na literatura (HOLANDA, 2015; FACCO, 2003); b) maternidade entre mulheres lésbicas (GROSSI, 2003; FARIAS, 2012); c) métodos reprodutivos entre mulheres lésbicas (AIRES, 2012; AMORIM, 2013; SILVA, 2013); d) mulheres lésbicas e raça (MEDEIROS, 2006; MARCELINO, 2011); e) afeto, desejo e sexualidade entre mulheres lésbicas (PIASON, 2009; MEINERZ, 2011; OLIVEIRA, 2016), f) sociabilidade entre mulheres lésbicas (LACOMBE, 2005); g) política e diversidade para mulheres lésbicas (FACCHINI, 2010). Esse material bibliográfico pode ser encontrado nas áreas de Letras e Literatura, Sociologia, História, Antropologia, Psicologia, Direito e Saúde.

Durante os anos de pesquisa com futebol de mulheres, fui convidada algumas vezes para proferir palestras sobre esporte e prática esportiva. Algumas vezes, pude contar na plateia com algumas das minhas interlocutoras. Um dia, em uma dessas apresentações, ao comentar sobre as particularidades do universo futebolístico das mulheres, abordei questões sobre gênero, raça e, sobretudo, de sexualidade. Em dado momento mencionei que era prática comum jogadoras irem aos jogos acompanhadas das suas namoradas e companheiras; pelo que percebi são essas mulheres que compõem a torcida animada da maioria dos jogos de futebol feminino.

Ao final da minha fala, uma das interlocutoras que estava me ouvindo, se aproximou e, de maneira particular, me disse: “Mari, falar que no futebol feminino há homossexualidade pode trazer alguns problemas pra gente. Depõe contra a nossa modalidade e o esporte de maneira geral. As pessoas entendem que mulher com mulher é uma coisa horrível, abominável. Você precisa pensar bem como vai abordar esse tema...”. Naquele momento, percebi

que abordar sexualidade feminina dentro da prática esportiva do futebol era um tabu que precisava ser trabalhado com delicadeza e cuidado.

Dessa forma, precisei pensar em estratégias para abordar a temática da sexualidade nessa tese. Nesse sentido, as cenas etnográficas desse trabalho só podem ser revividas e apresentadas nesse momento, depois de um longo, extenso e variado trabalho de campo. Deixo claro que as cenas que aqui trago não foram vivenciadas apenas durante os anos de doutorado, elas incluem também cenas vividas durante o mestrado e que não puderam ser trabalhadas naquela época, bem como incluem histórias relatadas por outras pessoas do meio futebolístico, ex-jogadoras e jornalistas, sobretudo. Ainda nesse sentido, troco os nomes das atletas e não as localizo geograficamente, uma vez que falar sobre lesbianidades – localizando, geográfica e socialmente as jogadoras – poderia trazer-lhes inúmeros problemas pessoais, como desavenças com familiares que não aceitam esse tipo de sexualidade; patrocinadores que se recusam a associar sua imagem às mulheres que fogem ao padrão heteronormativo no qual a performance de gênero da mulher, a sexualidade heterossexual e a corporeidade do que se entende por feminina precisam estar em perfeita consonância (BUTLER, 2002); imprensa que macula a imagem de mulheres atletas, sobretudo atletas lésbicas e negras.

De maneira breve, o conceito de heteronormatividade defende o modelo heterossexual de prática sexual como o único possível, correto e desejado. É a partir da teoria Queer, e dos/as seus teóricos/as, que passamos a compreender que esse modelo trata-se de uma construção que normatiza as relações sexuais, afinal os estudos Queer contestam a heteronormatividade homofóbica que serve de base para a associação entre heterossexualidade e reprodução (LOPES, 2002). A filósofa Judith Butler, a partir da teoria da performatividade, nos ajuda a desconstruir as noções de que existem sexualidades corretas e desejadas e/ou sexualidades indesejadas e desviantes. Como visto ao longo desse capítulo, “o gênero é performativo porque é resultante de um regime que regula as diferenças de gênero. Neste regime, os gêneros se dividem e se hierarquizam de forma coercitiva” (BUTLER, 2002, p. 64). A teoria da

performatividade busca compreender, portanto, como a partir da divisão e hierarquização dos gêneros os sujeitos elaboram e constroem suas subjetividades dentro de normas pré-estabelecidas: mulheres, padrões femininos de comportamento e heterossexuais; homens, padrões masculinos de comportamento e heterossexuais. Quem, assim como as jogadoras de futebol, está fora desse enquadramento das normas sofre as consequências.

As jogadoras Carla e Talita sempre entravam nos vestiários de mãos dadas, demonstrando muito afeto entre si. Enquanto Carla se trocava, Talita protegia o corpo da companheira dos olhares das outras jogadoras da equipe. Essa prática, depois, vi ser bastante comum entre jogadoras de futebol que namoram e atuam no mesmo time. Enquanto as solteiras trocam-se na frente das demais companheiras, as que possuem relacionamentos trocam-se no reservado do banheiro e, na ausência deste, as namoradas protegem o corpo da amada dos olhares das outras. Pude observar também que quando a jogadora em questão possui uma namorada fora da equipe, ela geralmente comparece ao jogo e aos treinos já equipada com o material esportivo, não se trocando, dessa forma, na frente das companheiras de equipe nem no começo e nem ao final da partida.

Vale ressaltar que as jogadoras não ficam completamente nuas nos vestiários, elas trocam apenas o uniforme do jogo/treino. Elas mantêm o short de lycra que fica por baixo do calção do uniforme e por cima da calcinha, bem como o top ou sutiã reforçado que protege e sustenta os seios na hora da prática esportiva. Apenas uma vez presenciei duas jogadoras despindo-se por completo. Nessa ocasião, o casal em questão despiu-se e entrou no mesmo chuveiro. Quase que imediatamente, todas as demais companheiras de equipe saíram do recinto. Fui convidada pelas que saíram, entre risos, a me retirar também.

Dois anos depois, reencontrei Carla e perguntei como ela estava e como estava Talita. Ao que ela respondeu: “Talita e eu não estamos mais juntas, você não sabia? Ela se casou com um homem, poucos meses atrás e teve um

filho. Estou namorando outra pessoa atualmente”. No ano de 2016, soube que Carla se casou com sua nova namorada, também jogadora de futebol.

Em uma noite de sábado pós-jogo, fui convidada a assistir a um dos capítulos da telenovela “Em Família” (Globo, autor Manoel Carlos, 21hrs) na casa de um casal de jogadoras, Carolina e Juliana. A casa delas, situada em um bairro periférico, era composta por três cômodos: o banheiro, a lavanderia e o cômodo que servia como sala, quarto e cozinha. Nesse cômodo maior, que deveria ter aproximadamente 10m², havia um fogão, uma pia, uma mesa, uma cadeira e um sofá-cama.

Dessa forma, eu, o casal e outras colegas das jogadoras da equipe nos arrumamos no cômodo. Algumas ocuparam o sofá-cama e a cadeira existentes, a maioria, contudo, ficou sentada no chão – eu, entre elas. Todas prestávamos muita atenção à telenovela, exibida no horário nobre da Rede Globo de Televisão⁴⁸. Na trama, um casal de lésbicas – interpretadas pelas atrizes brasileiras Giovanna Antonelli e Tainá Müller – protagoniza cenas de um amor em descoberta. A personagem Clara, interpretada por Giovanna, era casada com um homem (interpretado pelo ator Reynaldo Gianecchini) e, depois de quase vinte anos de relacionamento com ele, percebeu-se apaixonada pela fotógrafa, Marina – personagem de Tainá.

Durante as cenas em que as duas personagens declaravam-se, prestei atenção ao comportamento das jogadoras. Os casais da equipe estavam de mãos dadas ou mesmo abraçadas – comportamento não observado dentro dos campos de jogo e treino. Depois que a novela acabou, Ana Paula e Mariana vieram conversar comigo sobre relacionamentos, sexo e sexualidade. Ambas me contaram as primeiras vezes que se apaixonaram e que se envolveram com outra mulher. A tese de Almeida (2003) mostra como os espectadores de novela usam essas narrativas para discutir e refletir sobre suas vidas pessoais,

48As relações entre a telenovela “Em Família”, gênero e sexualidade tornaram-se bastante explícitas a partir dessa passagem etnográfica e serão futuramente analisadas em trabalhos posteriores. Elenco aqui a tese de doutorado de Heloisa Buarque de Almeida (2001) como leitura fundamental para a compreensão da importância das telenovelas na sociedade brasileira no que diz respeito às questões de consumo e gênero.

e como a presença de temas sobre sexualidade e gênero na novela permite ao pesquisador discuti-los esses temas com seus interlocutores de pesquisa.

Mariana, negra, 27 anos, afirmou que sempre foi lésbica, desde criança se sentia atraída pelos corpos das colegas de escola. Então, segundo ela, não se surpreendeu quando trocou seu primeiro beijo e teve sua primeira relação sexual com uma mulher. Segundo ela, até tentou sair com homens durante a adolescência, mas a simples ideia de ser tocada por um já a deixava deprimida e com nojo. Mariana contou ainda que já havia sido casada⁴⁹, e morara por dois anos com a ex-companheira. A maior decepção da vida dela foi quando, ao voltar do trabalho, encontrou a ex com a melhor amiga do casal. Mariana pediu que as duas se retirassem e nunca mais as viu. Atualmente, Mariana parou de jogar futebol, mas não saiu dos campos. Ela atua como auxiliar de arbitragem e namora uma colega de trabalho, também auxiliar de arbitragem. Elas se conheceram durante os cursos de arbitragem e, geralmente, apitam juntas partidas de futebol feminino e masculino.

Ana Paula, negra, 19 anos, me contou que apesar de ter iniciado sua vida sexual com um homem e ainda *ficar*⁵⁰ com homens, o grande amor de sua vida era uma garota com quem tinha se envolvido durante a adolescência. Infelizmente, segundo Ana Paula, essa garota não era *assumida*⁵¹ para a família, por isso a jogadora nunca pode participar mais ativamente do seu cotidiano, uma vez que fora apresentada à família da ex-namorada como amiga. Ana Paula continuou a narrativa contando que, um dia, a mãe da ex-namorada descobriu o relacionamento e isso gerou um conflito imenso. A mãe da ex-namorada, que segundo Ana Paula era muito *homofóbica*, proibiu-as de se verem e de manterem um relacionamento. “Não durou dois meses depois

⁴⁹ Ser casada, nesse contexto, não implica um casamento formal ou presença de um documento oficial que certifique a união. Significa morar junto, na mesma casa, dividindo o cotidiano.

⁵⁰ Ficar significa beijar, conhecer a pessoa fisicamente, podendo acontecer intercursos sexuais ou não.

⁵¹ Assumida, ou assumir-se, significa deixar evidente aos familiares, amigas(os) e conhecidas(os) que é homossexual. Algumas vezes elas usaram a expressão “sair do armário” com o mesmo significado.

que a mãe dela descobriu. Minha ex apareceu grávida de um cara qualquer pouco tempo depois. Teve que largar a escola, procurar um trabalho. E eu chorei muito quando descobri isso, fiquei de coração arrasado, mas nunca mais a procurei”, diz Ana. “Acho que hoje a mãe dela deve pensar que se ela estivesse comigo, pelo menos não estaria grávida e nessa situação, não é?!”, conclui.

A história de Ana Paula era conhecida pelas demais companheiras de equipe, e à medida em que a ouviam narrando para mim, começaram a se aproximar. Se antes Ana Paula e Mariana narravam episódios de desventuras amorosas, logo Fernanda e Sylvia juntaram-se à conversa para me explicar, em tom de diversão, como funcionavam as terminologias que elas usavam entre si nos momentos de *pegação*. Pegação é como elas chamam os momentos de flertes que acontecem em festas ou outros eventos sociais onde várias mulheres lésbicas se encontram – mas o termo é mais comum entre jovens e não se restringe ao universo homossexual. Dessa forma, a *pegação* começa com o flerte - uma sondagem do possível interesse da outra parte – e termina com a troca de carícias, beijos e até mesmo relação sexual. É a partir dos momentos de *pegação* que elas determinam quem são as mulheres para namorar e quais não são.

Os espaços físicos onde a *pegação* acontece são aqueles onde as mulheres lésbicas se sentem confortáveis para exercer sua sexualidade, sem medo de reprimendas ou punições. As jogadoras elencaram como lugares propícios para a prática da *pegação* os churrascos e festas na casa das amigas de equipe; os encontros em alguns parques da cidade onde existe a forte presença LGBT; vestiários e competições de futebol feminino; e, menos comum por causa da presença de homofóbicos, as festas nos bairros onde moram.

Durante a *pegação*, segundo as quatro atletas, havia uma separação clara entre comportamentos sexuais esperados: alguns mais aceitos e estimulados, outros menos aceitos e reprimidos. Uma lésbica que possua um estilo *bofinho* - mulher que possui jeitos de vestir, falar, se relacionar e se

comportar mais despojado e frequentemente associado àquilo que se compreende por masculinizado, a exemplo da jogadora Carla, segundo elas - é valorizada e pode se relacionar com várias mulheres sendo chamada e positivada como *cachorra*⁵². Ainda segundo as atletas, as lésbicas *bofinhos* são aquelas que geralmente realizam a performance ativa no momento do sexo: elas fazem sexo oral na companheira e a penetram, utilizando os dedos ou brinquedos eróticos. Ouvi relatos de algumas das jogadoras *bofinhos*, ao longo dessa etnografia, que nunca haviam recebido sexo oral e isso não era algo que fazia falta, ou mesmo que deveria fazer parte da performance sexual de suas companheiras. A penetração vaginal também não é concebida por elas como algo essencial no intercursos sexual. As lésbicas *bofinhos* são valorizadas e desejadas para relacionamentos estáveis como namoros e casamentos.

Às lésbicas mais femininas⁵³ existe uma série de restrições, interditos e imposições: roupas curtas ou com decotes são reprovadas pelas possíveis parceiras; unhas e cabelos precisam estar bem cuidados, e a utilização de maquiagem *mais leve*, como um batom rosa e rímel, é aceita. Segundo as quatro atletas, em concordância: “não há nada mais atraente do que uma mulher que sabe cuidar de si, que tem as unhas feitas, cabelo bonito e sabe usar batom!”. As lésbicas femininas não podem possuir muitas parceiras – concomitante ou alternadamente - sob o risco de serem consideradas *fáceis*. Nesse sentido, podemos afirmar que há uma reprodução do estilo de casal heterossexual, com o elemento “feminino” sendo mais vigiado em termos de moralidade sexual. Caso uma lésbica feminina tenha muitas parceiras, esta não é cogitada como primeira escolha de namoro e relacionamento. Os argumentos para a negação são que elas, as lésbicas femininas, atraem para si muitos olhares de cobiça e flertes de outras mulheres e também de homens, o que causaria constantes desavenças, ciúmes e brigas entre o casal. As

⁵² Mulher que se relaciona, afetiva e sexualmente, com várias mulheres. Contudo, sem recair sobre ela a conotação negativa de possuir múltiplas parceiras.

⁵³ Feminina aparece aqui como categoria analítica, na ausência de uma categoria êmica entre as jogadoras dessa etnografia. Essa categoria analítica foi escolhida, também, para realizar uma contraposição às lésbicas *bofinhos*, que são percebidas, pelas jogadoras, como detentoras de uma performance mais masculinizada.

mulheres bissexuais entram, quase que automaticamente, nessa última restrição imposta às lésbicas femininas. Elas são percebidas, pelas lésbicas *bofinhos*, como *indecisas* e *pouco confiáveis*, logo desejadas apenas para relacionamentos sexuais, mas não amorosos.

Durante um dos dias da etnografia dessa tese, as jogadoras da equipe que eu acompanhava à época estavam juntas e concentradas⁵⁴ esperando por uma importante partida que aconteceria no dia seguinte. Ao comando da técnica, por volta das 22 horas, elas se recolheram para dormir. As luzes foram apagadas e cada uma foi para sua cama, nos beliches que estavam dispostos no quarto. No meio da madrugada, risos foram ouvidos. Sem sair da minha própria cama, pude ver uma das atletas – considerada pelas demais como uma lésbica *feminina*– entrando por baixo das cobertas da cama de outra jogadora. Apesar de o cobertor protegê-las dos olhares das demais colegas de equipe, algumas atletas começaram a rir e a fazer piadas sobre a situação. Quando ela saiu da cama da companheira e, repetindo o processo, foi até a cama de uma segunda jogadora, passou a ser objeto de escárnio das demais companheiras de time. Ela trocava de parceira sexual, naquela noite, ainda mais uma vez. A situação acontecida na madrugada foi o estopim que levou a jogadora em questão a ser chamada de *puta* e *fácil*, inclusive por aquelas com quem ela transou na noite anterior. No dia seguinte, enquanto tomava café da manhã, uma atleta chegou até mim e disse: “Tem gente que não se dá ao respeito! Essas minas são todas umas putas mesmo”. Respondi dizendo que não sabia do que ela estava falando, dando a entender que nada havia visto ou ouvido na noite anterior e, portanto, encerrando a conversa.

As edições da Revista Placar de abril de 1996 e setembro de 1996, ocupa-se em descrever o futebol de mulheres, bem como as próprias jogadoras, a partir de uma perspectiva focada na sexualidade e na possível homossexualidade das atletas.

⁵⁴ Concentração diz respeito ao momento em que as jogadoras permanecem juntas convivendo e preparando-se para uma competição ou torneio importante.

Figura 32 - Reportagem da Revista Placar. Abril de 1996.

Na edição de abril de 1996, a chamada da reportagem diz: “Cuidado! Piranhas! Elas não usam batons de cores berrantes, nem fazem fiu-fiu para o primeiro que passa. Mas são, com muito orgulho, o primeiro e único time de futebol de Piranhas”. E a reportagem começa com o seguinte tom:

“O time de futebol de Piranhas é um assombro. Quem pensa em um escrete formado por desavergonhadas jogadoras, erra feio. As garotas do time são tímidas, quase todas tem namorado firme e deixam, no máximo, transparecer uma leve quedinha pelos craques olímpicos Sávio, Juninho e Caio.” (REVISTA PLACAR, 1996a)

Histórias da bola

- O futebol feminino nasceu em 1920, numa partida entre inglesas e francesas.
- A Empresa Cinematográfica Rossi, que produziu o clássico pornô *Coisas Eróticas*, teve o seu próprio time de futebol feminino. As vitórias eram comemoradas na boate gay Hunter's, em São Paulo.

- Em 1983, jogavam América x Olaria. A centroavante do América, Verônica, perdeu dois gols incríveis, cara a cara com a goleira adversária. A partida terminou 0 x 0. Logo depois descobriram que Verônica estava namorando a goleira.
- A zagueira central Lívia, do Panterinhas, abaixava a cabeça em todas as fotos do time e se recusava a atuar em partidas televisionadas, com medo que o pai descobrisse que ela jogava bola.
- Rose do Rio era estudante de Psicologia, fotógrafa, cantora e modelo de fotonovelas. Resolveu jogar futebol e não gostava do rótulo que as jogadoras recebiam. Para provar que era mulher de verdade, ela foi até o Parque São Jorge e surpreendeu o centroavante Casagrande com um beijo na boca – cena que foi documentada pelo jornal paulistano *Notícias Populares*. Mais tarde, ela implantou o futebol feminino no Palmeiras, uma experiência que durou pouquíssimo tempo.
- Aline, ex-jogadora do Panterinhas, deu um murro na cara de um juiz de Campinas que fazia questão de colocar as mãos em seus seios. Suzete, também do Panterinhas, deu bola para um

árbitro dentro de campo. A partir daí, ele não marcava nada contra o time delas e ainda assinalou um pênalti inexistente.

- Durante uma partida entre as seleções de São Paulo e Paraná, uma jogadora paranaense se deslocava a todo instante para a lateral. Até que conseguiu entregar o seu número de telefone para a bandeirinha Silvia Regina de Oliveira, com a recomendação: "Me liga, tá?"
- Numa das viagens da Seleção na época do Mundial da Suécia, no ano passado, o técnico Ademar Júnior viu a jogadora Cebola desfilando no saguão do aeroporto carregando nas costas um saco plástico todo molhado. – Que é isso, Cebola? – perguntou. – É um sorvete danado de bom, professor. Vou levar para minha família no Brasil. Quando eu chegar lá, boto na geladeira e ele fica jóia de novo.
- Nos últimos anos, a distância entre os dois times femininos melhor estruturados – Saad e Vasco – em relação às demais equipes gerou cenas cômicas na Taça Brasil, único campeonato regular do país. O modesto Rio Branco, do Espírito Santo, por exemplo, recusou-se a voltar a campo após levar uma sova de 0 x 16 só no primeiro tempo de uma partida contra o Saad.
- Segundo os funcionários da Granja Comary, em Teresópolis, mesmo considerando os tempos de Romário e Cia., as meninas dão muito mais trabalho do que os homens quando estão hospedadas por ali. "É um tal de uma trocar de quarto com a outra", conta um deles. Prevenido depois de ouvir histórias como essa, Ademar Júnior, técnico das meninas no Mundial da Suécia, tomou uma atitude radical. "Virei zumbi", afirma. "Ficava a madrugada inteira zanzando no corredor."

Placar • Setembro 1996 51

Figura 33 - Reportagem da Revista Placar. Setembro de 1996.

Já na edição de setembro de 1996, podemos encontrar o seguinte:

"Em 1983, jogavam América X Olaria. A centroavante do América, Verônica, perdeu dois gols incríveis, cara a cara com a goleira adversária. A partida terminou 0 x 0. Logo depois descobriram que Verônica estava namorando a goleira.

(...)

Durante uma partida entre as seleções de São Paulo e Paraná uma jogadora paranaense deslocava a todo instante para a lateral. Até que conseguiu entregar o seu número de telefone para a bandeirinha Silvia Regina de Oliveira, com a recomendação: 'Me liga, tá?'

(...)

Segundo os funcionários da Granja Comary, em Teresópolis, mesmo considerando os tempos de Romário e cia., as meninas dão muito mais trabalho do que os homens quando estão hospedadas por ali. 'É um tal de uma trocar de quarto com a outra', conta um deles. Prevenido, depois de ouvir histórias como essa, Ademar Junior, técnico das meninas no Mundial da Suécia, tomou uma atitude radical. 'Virei zumbi', afirma. 'Ficava a madrugada inteira zanzando no corredor'."(REVISTA PLACAR, 1996b)

O educador físico Jorge Knijnik nos lembra que “a vida no esporte é uma vida homosocial. Atletas profissionais passam grande parte do seu tempo, a maior parte dele, entre homens [no nosso caso, entre mulheres]. Constroem amizades, relações, vínculos duradouros com outros homens [outras mulheres]. Esses vínculos são homossexuais? Podem ser ou não” (2010, p. 328). Como em qualquer segmento da vida social, no futebol de mulheres também existem homoafetividades, sejam estas realizadas entre corpos feminilizados ou masculinizados. “Devemos distinguir identidade de gênero de práticas afetivossexuais, porque a sexualidade é apenas uma das variáveis que configura a identidade de gênero em concomitância com outras coisas, como os papéis de gênero e o significado social da reprodução” (GROSSI, 1998, p. 12). Ou seja, é necessário que se rompa com os padrões heteronormativos de construção de corpos e identidades.

Nesse sentido, A antropóloga Viviane T. Silveira e o antropólogo Alexandre F. Vaz, ao escreverem sobre esporte, doping, gênero e sexualidade entre mulheres atletas, apontam que:

“a partir dos Jogos Olímpicos do México, em 1968, quando uma mulher era flagrada com algum indício corporal de que poderia ter ingerido substâncias proibidas (crescimento de pelos, engrossamento da voz, diminuição dos seios, musculatura muito desenvolvida, amenorreia), passava a ser suspeita de doping e, além disso, sua identidade de gênero e sexual era questionada, tendo como pano de fundo uma questão moral. Ter um corpo que não promovesse os valores estéticos de uma feminilidade heterossexual ou que apresentasse falta de feminilidade era (e é) associado a noções estereotipadas de lesbianidade”(SILVEIRA; VAZ, 2014, p. 455–456).

Ao longo dos últimos anos de etnografia, pude acompanhar de perto algumas mulheres que durante o período em que atuavam enquanto jogadoras, envolviam-se apenas com mulheres. Muitas vezes repetindo o padrão das

lésbicas mais femininas, formavam casais com lésbicas *bofinhos*; e caso uma precisasse mudar de equipe, a outra seguia junto – inclusive em mudanças internacionais de clubes e equipes. Contudo, com alguma curiosidade, acompanhei a trajetória de três dessas mulheres. Todas elas, assim que se desligaram do meio futebolístico – por não ter mais idade para estar em campo jogando - pararam de se envolver afetiva e sexualmente com mulheres. Essas três ex-atletas atualmente estão casadas com homens e tiveram filhos. Nunca tive a oportunidade de conversar pessoalmente com elas sobre esse fato, mas acredito que as equipes de futebol podem funcionar como ambientes protetores dentro do qual as jogadoras lésbicas são conhecidas e até protegidas. Essa conclusão pode ser inferida também junto daquelas que permanecem jogando futebol e reiteram sua identidade - por estarem amparadas nessa rede de afetividades e sociabilidade lésbica - a partir das práticas sexuais e comportamentos afetivos. Por outro lado, assim que elas saem da equipe e/ou do clube e param de jogar futebol, a informação sobre sua orientação sexual é filtrada ou mesmo invisibilizada. O autoapagamento da identidade lésbica parece preferível à rejeição de outros. Além disso, os dados etnográficos demonstram a dimensão relacional e contextual das práticas afetivas e sexuais dos indivíduos. O futebol para essas mulheres foi um momento de experimentações diversas, no qual a sexualidade fora dos padrões heteronormativos pode ser vivida.

Considerações sobre as noções de sexualidade no futebol de mulheres

A prática esportiva do futebol pode ser compreendida como um espaço onde a gestão política e técnica dos corpos, do sexo e das sexualidades é realizada. Os trechos das reportagens da Revista Placar mostram as mulheres futebolistas sendo constrangidas em suas sexualidades – seja heterossexual ou homossexual - no espaço esportivo. Ademar Junior, técnico da Seleção Brasileira de Futebol Feminino à época, patrulhava os corredores da Granja Comary na tentativa de proibir que as atletas mantivessem relacionamentos

sexuais entre si. O editorial da Revista deixa explícito, também, que a lesbianidade é um tabu e precisa ser controlada.

Na comparação com “os tempos de Romário e cia” – época em que os jogadores promoviam encontros sexuais com mulheres durante os períodos de concentração – a conduta sexual dos homens atletas era considerada menos “trabalhosa” do que a das mulheres. Apesar de os homens fugirem da concentração para manter relações sexuais com mulheres, nenhum técnico ou integrante da comissão técnica postava-se nos corredores dos quartos controlando a movimentação deles. Assim, nesse caso, a heteronormatividade apresenta-se como significante para determinar quais condutas sexuais são aceitas e permitidas (heterossexual dos homens) e quais não são aceitas e, portanto, devem ser controladas (homossexual das mulheres). Essas últimas precisando de vigília constante por parte da comissão técnica a fim de evitar quaisquer demonstrações da sexualidade lésbica nos espaços de treino e jogo.

A sexualidade lésbica e o corpo masculinizado da mulher jogadora de futebol sempre foram apresentados como argumentos restritivos à presença delas em campo. O suposto perigo (DOUGLAS, 2014) que a masculinização apresenta às mulheres a partir dessa prática desportiva, bem como a jocosidade e a curiosidade frente à homossexualidade das mulheres nesse esporte, se tornam evidentes também nos exemplos etnográficos.

A heteronormatividade, tão presente e arraigada no meio esportivo, reflete-se na produção e nos modos que elas exercem suas sexualidades. Os momentos de *pegação* exemplificam isso na medida em que as lésbicas *bofinho*, mais masculinas, têm livre trânsito entre suas parceiras, podendo *ficar* e se relacionar com várias mulheres, tornando-se mais desejadas com esse comportamento e não atraindo com essa conduta quaisquer comentários pejorativos nos espaços privados dos times, vestiários e outros espaços. Já as lésbicas mais femininas são colocadas em uma perspectiva mais restritiva, na qual elas precisam manter comportamentos sexuais mais contidos, sem multiplicidade de parceiras. Ainda assim, as restrições direcionadas às lésbicas

mais femininas não as impedem que continuem se relacionando com mulheres e que estabeleçam laços sexuais e amorosos diversos.

As exigências performáticas estabelecidas entre as próprias jogadoras, destinadas às lésbicas femininas e às lésbicas *bofinhos*, existem para que nos momentos da *pegação* elas consigam classificar-se em mulheres sexualmente ativas e mulheres sexualmente passivas. Mesmo que no intercurso sexual possa existir a fluidez das performances, em um primeiro momento é através do corpo que elas conseguem dar o indicativo, para as futuras parceiras, do que procuram ou esperam em uma relação sexual.

Interseccionalizando as categorias ou sobre o futebol enquanto meio de superação das desigualdades e violências

Existiram algumas situações e algumas temáticas que não esperava encontrar em campo. Se inicialmente não pensava que questões de gênero e sexualidade adquirissem centralidade nessa tese, depois de quase um ano de contato as jovens jogadoras, e das inúmeras histórias de abuso e violência sofridas ao longo de suas vidas, percebi que não poderiam passar ao largo nesse trabalho. Duas histórias me pegaram de surpresa no instante em que as ouvi. Levei algum tempo para processá-las emocional e psicologicamente antes de poder descrevê-las. Tais histórias foram motivos de muitas lágrimas, tanto pela dor da situação vivenciada por essas jovens mulheres quanto pelo tom sofrido de desabafo e resignação com que foram contadas. Por outro lado, parece importante contar aqui porque revela muito da vida delas e contribui para explicar muito dos sentidos que elas atribuem à prática e à vivência do futebol.

Jéssica – negra, de classe popular, moradora de periferia - tinha nove anos de idade quando sua mãe – negra, classe popular, moradora de periferia, diarista - resolveu casar-se novamente. O padrasto, que inicialmente parecia um homem bom e trabalhador, trazia para a vida de Jéssica e de sua mãe o conforto e a segurança que o ex-marido já não poderia mais trazer, uma vez que estava preso. Com a chegada da pré-adolescência, e as mudanças

naturais do corpo feminino, Jéssica passou a chamar atenção do padrasto. Ele, que estava desempregado e sob o pretexto de cuidar melhor de Jéssica, começou a permanecer mais tempo dentro de casa com a jovem. A mãe de Jéssica, para ajudar na renda familiar, buscou um trabalho remunerado e assim passou a trabalhar fora de casa todos os dias da semana.

Foi nessa conjuntura que as situações de abusos e de terror começaram. O padrasto esperava o momento em que a mãe de Jéssica saía para trabalhar e abusava sexualmente da adolescente. Houve dias, inclusive, em que ele buscou Jéssica mais cedo da escola para cometer os abusos. A mãe, que chegava sempre tarde da noite muito cansada, nada percebia. Os abusos e os estupros continuaram até que Jéssica completasse dezesseis anos. Nesses quase cinco anos, ela contou que fez quatro abortos. Paralelamente a isso, sua mãe também ficou grávida do seu padrasto e deu a luz a duas crianças. O padrasto ameaçava matar os irmãos de Jéssica caso ela contasse para alguém o que acontecia entre eles. Dessa forma, ela permaneceu silenciada e com medo.

A situação teve fim no dia em que ao buscar Jéssica, mais cedo, na escola, a mesma teve uma crise de choro e uma professora do colégio percebeu que algo errado acontecia naquele relacionamento padrasto-enteada. A mãe de Jéssica foi chamada à escola, mas não acreditou imediatamente na história que a filha lhe contava com a ajuda da professora. Jéssica disse que, naquela noite, depois que a mãe ficou sabendo dos abusos sofridos pela filha, um amigo próximo da família chegou até a casa de ambas e perguntou como elas gostariam de encerrar a situação: elas resolviam por conta própria, denunciando o abusador e colocando-o na cadeia; ou preferiam receber ajuda dele para lidar com a situação, ou seja, ele queria saber se elas desejavam que o abusador fosse assassinado. Jéssica, assustada, alegou durante o relato que pensou muito nos meio-irmãos - que precisariam crescer com o estigma de ter tido um pai assassinado. O padrasto foi denunciado, pela mãe e pela filha, e permanece preso até hoje. Jéssica não se sentiu confortável, nessa conversa, para me contar como ficara o relacionamento dela com a mãe depois de toda essa situação de violência vivenciada. Mas afirmou, categoricamente, que foi

apenas com o futebol, com a ajuda das amigas de equipe que conseguia superar – cotidianamente - o trauma de ter sido abusada e que foi dissuadida – permanentemente, segundo ela - da ideia de cometer suicídio.

Outra jogadora, a Sylvia, também me contou uma história de violência. Assim como Sylvia, a irmã dela – que aqui chamo de Rafa – era *lésbica* e também gostava muito de futebol. Elas sempre jogavam juntas, como uma atividade de lazer entre irmãs, para passar o tempo. A mãe de ambas ficava muito decepcionada e entristecida com Rafa, pois a jovem performatizava seu gênero de maneira masculinizada: trajava roupas largas, não usava brincos/maquiagem, possuía cabelos curtos, amarrava os seios com faixas para que eles não aparecessem.

Sylvia não soube explicar ao certo as razões pelas quais Rafa foi expulsa de casa, mas acredita que isso ocorreu porque Rafa arrumou uma namorada e seus pais não aprovaram o relacionamento das duas. Não tendo para onde ir, nem como se sustentar, a irmã de Sylvia envolveu-se com o tráfico de drogas no bairro onde morava – como usuária e traficante também. Infelizmente, Rafa passou a sofrer alguns abusos dos traficantes com os quais trabalhava, por conta da sua orientação sexual e performance de gênero. Não demorou muito tempo até que ela fosse assassinada, segundo Sylvia, por dívidas de droga.

Há uma clara indicação para mim, no relato da jogadora, de que sua irmã estava começando o processo de mudança de identidade de gênero e que foi assassinada, não somente pela dívida de drogas, mas também por causa dessa mudança. A jogadora relata que a irmã não gostava de ser chamada por seu nome de batismo e escondia os seios em faixas bem amarradas junto ao corpo. Provavelmente, Rafa tornar-se-ia – se tivesse sobrevivido - um homem transsexual. A atleta não deixa claro que tipos de abuso sua irmã sofreu antes de ser assassinada, mas pelas histórias diárias de pessoas como Rafa, podemos inferir que tenha sido espancada e, possivelmente, tenha sofrido algum tipo de violência sexual – como um estupro “corretivo”, por exemplo. Mas são suposições.

Esses dois relatos precisam ser analisados não apenas enquanto eventos de trajetórias individuais de uma ou outra jogadora específicas. A violência contra mulher faz parte de um quadro mais geral da sociedade brasileira que indica e aponta as condições de vida e insegurança que as mulheres estão expostas. O quadro de violências – simbólicas e físicas – contra as mulheres é alarmante. No dia 08 de março de 2017, a Revista Exame divulgou uma pesquisa realizada pelo Datafolha que traz alguns dados sobre a temática. Segundo o Datafolha, uma em cada três mulheres sofreu algum tipo de violência no ano de 2016. No Brasil, aproximadamente 503 mulheres são vítimas de violência física a cada hora, o que totaliza, ao final de um ano, 4,4 milhões de mulheres agredidas. As mulheres negras perfazem 33% desse total, seguido pelas mulheres pardas, 31%, e pelas mulheres brancas, 25%, os 11% restantes não tiveram a sua etnia informada.⁵⁵

Para o sociólogo Pierre Bourdieu:

“A violência simbólica institui-se por meio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominador (logo, à dominação), uma vez que ele não dispõe para pensá-lo ou pensar a si próprio, ou melhor, para pensar sua relação com ele, senão de instrumentos de conhecimento que ambos têm em comum e que, não sendo senão a forma incorporada da relação de dominação, mostram esta relação como natural; ou, em outros termos, que os esquemas que ele mobiliza para se perceber e se avaliar ou para perceber e avaliar o dominador são o produto da incorporação de classificações, assim naturalizadas, das quais seu ser social é o produto” (BOURDIEU, 2009, p. 41).

Os esquemas que produzem incorporação de classificações, dos quais nos fala Bourdieu, dizem respeito às classificações de gênero, raça, sexualidade e classe que regulam, classificam, permeiam e orientam a organização do tecido social. Ao longo dos capítulos colocamos em evidência uma série de violências simbólicas (BOURDIEU, 2009) sofridas por mulheres

⁵⁵ Disponível em: <https://exame.abril.com.br/brasil/os-numeros-da-violencia-contra-mulheres-no-brasil/>. Acessado em 08 de Março de 2017.

futebolistas: jogadoras são marcadas como incapazes de praticar a modalidade, supostamente porque futebol é um jogo de homens; têm seus corpos fetichizados; são apelidadas de *marias-macho*, *sapatões*, *feras* e *macacos*. Apesar da coação física não existir nesses casos, os danos morais e psicológicos existem. Sobre violências simbólicas, a cientista social Tânia Rocha de Andrade Cunha nos mostra que:

“as mulheres, que, historicamente sempre foram consideradas como o sexo frágil, têm sido o principal alvo de humilhação. Elas são uma das piores vítimas de violência por parte dos homens. E isso ocorre não somente porque a sociedade legitima o poder masculino, mas também porque o homem tem necessidade de afirmar-se como o sexo forte, o sexo poderoso” (CUNHA, 2007, p. 27).

Os dados que trouxemos aqui nos mostram que essas violências simbólicas partem de homens: pais, irmãos, torcedores, técnicos, jornalistas e até mesmo das confederações que regulam a modalidade (que são geridas e organizadas por homens!). Bourdieu nos fala ainda que a violência simbólica relaciona-se com um processo mais profundo de conhecimento e reconhecimento dos sujeitos (2009). Para ele a dominação masculina é uma forma bastante peculiar de violência simbólica uma vez que ela promove a divisão dos espaços físicos em “masculinos” e “femininos”; bem como permite a elaboração de classificações que promovem e reforçam as desigualdades existentes entre homens e mulheres (2009).

Para além dessas violências simbólicas, algumas das mulheres dessa etnografia também sofreram violência física, quer no âmbito privado da casa, como o estupro sistemático realizado pelo padrasto de Jéssica acima relatado, quer no espaço público, como o assassinato da irmã jogadora Sylvia. A violência contra a mulher “é uma das formas de infração aos direitos humanos mais praticadas e menos reconhecidas no mundo. É um problema de saúde pública, que abala a integridade corporal e o estado psíquico e emocional da

vítima além de comprometer seu sentimento de segurança” (CUNHA, 2007, p. 37).

Sabemos que a complexidade da violência física enquanto ato, bem como seus desdobramentos na constituição dos sujeitos, possui na literatura das Ciências Humanas e Sociais, múltipla variedade de enfoques. Assim como Bourdieu, ao falar sobre os esquemas que produzem violências simbólicas, Andrade Cunha nos fala que para compreendermos o fenômeno da violência contra mulher é preciso compreender que este é “reflexo da desigualdade social, econômica e política que as instituições sociais perpetuam e recebe o reforço das ideologias sexistas, classistas e racistas” (CUNHA, 2007, p.37).

Apesar de a violência contra mulher ser evidente e cada vez mais presente em nossa sociedade, é preciso que se compreenda o fenômeno a partir de uma perspectiva mais geral e que se aponte estratégias de sobrevivência e de superação – das violências físicas e simbólicas - elaboradas por mulheres – sejam elas negras ou brancas; crianças, jovens ou adultas; lésbicas ou heterossexuais; moradoras da periferia ou do centro da cidade; das classes mais baixas ou mais altas da sociedade brasileira. Foi a partir de conversas com as atletas que compõem essa etnografia que pude vislumbrar o quão significativo é pertencer a uma equipe de futebol. Estar inserida em uma rede de apoio auxilia na superação das dificuldades da vida e ajuda a ressignificar o lugar delas no mundo.

Nesse tempo que eu saí da equipe que perdi uma pessoa muito importante na minha vida. Seis dias antes do meu aniversário, perdi minha prima de uma forma brutal. Há uns dois, três meses, recebi uma ligação da técnica, pedindo pra eu participar de um campeonato na equipe dela. Acho que ela não sabe, que no momento mais difícil da minha vida, ela me tirou de um buraco. Minhas colegas de equipe não sabem que eu perdi minha prima, mas ganhei elas. Fiz amizades que hoje eu não troco por nada. Acho que a melhor coisa é você fazer alguma coisa e alguém te chamar de "orgulho". Eu acho que se eu não tivesse vindo pra cá, para esse time, acho que eu não ia escutar isso. Eu só posso agradecer por tudo que vocês (aponta para as colegas) vêm fazendo na minha vida. (Trecho do Caderno de Campo de Mariane da Silva Pisani, anos de 2013/2014)

Eu vejo que nosso sofrimento, nossa batalha, está cada dia mais fácil de conquistar. A gente vê. No apoio a gente vê (entre as colegas de equipe), como a pessoa abraça a gente, a gente vê. Então é isso que a gente tem que pensar. (Trecho do Caderno de Campo de Mariane da Silva Pisani, anos de 2013/2014)

Então eu queria dizer que eu confio em cada uma das minhas colegas de equipe (...). Eu tenho cada uma aqui (aponta para o coração). Eu perdi uma irmã, mas eu ganhei uma família (Trecho do Caderno de Campo de Mariane da Silva Pisani, anos de 2013/2014)

Eu tenho o sonho em fazer uma faculdade com uma bolsa de estudo referente ao futebol, e pretendo conseguir uma bolsa de futebol pro time inteiro. (Trecho do Caderno de Campo de Mariane da Silva Pisani, anos de 2013/2014)

Muitas aqui sonham em ser uma grande atleta, sonham em ganhar com isso, eu não sonho. Meu sonho aqui dentro da equipe é ajudar a todas. Não é que eu não gosto de jogar. Gosto por diversão, gosto de estar aqui, gosto de dar risada. E me sinto super à vontade. Sou superfeliz. Me sinto ótima aqui, estando com elas. E, pra mim, é minha família! (Trecho do Caderno de Campo de Mariane da Silva Pisani, anos de 2013/2014)

Como vimos ao longo do capítulo, os Marcadores Sociais da Diferença são constituídos e representados de maneiras diferentes segundo nossa localização dentro de relações globais de poder e a nossa inserção nessas relações globais de poder se realiza através de uma miríade de processos econômicos, políticos e ideológicos distintos (BRAH, 2006, p. 341). Nessa etnografia, os Marcadores Sociais da Diferença apresentam-se da seguinte maneira:

Figura 34 - Infográfico dos Marcadores Sociais da Diferença. Elaborado por Mariane da Silva Pisani.

Identifico o Marcador de Gênero – indicado pela cor roxo-claro no infográfico –, como sendo aquele que centraliza e aparece com maior frequência nos discursos que versam sobre a modalidade e as praticantes do futebol de mulheres. Nesse sentido, os discursos de Gênero que localizam a mulher dentro desse esporte apontam sempre três direções: ora os discursos são de cunho moralizante e restringem as mulheres ao espaço privado e do lar. Criam-se leis baseadas nesses princípios, logo as mulheres permanecem no Brasil, impedidas de jogar até meados da década de 1970. Ora os discursos apelam para a saúde feminina. Nesse momento entram em cena os ovários, o útero e a menstruação enquanto símbolos da maternidade que precisa ser vivida – quase que de maneira compulsória – pelas mulheres; o futebol nesse contexto é compreendido como um evento que afasta as mulheres da maternidade, bem como deteriora o corpo delas para tal propósito. Os hormônios e a TPM também são elencados nesse momento, uma vez que supostamente “impediriam” a alta performance das mulheres que jogam futebol. Por fim existem ainda os discursos fetichistas que se voltam para os

corpos das mulheres, agora designando-os enquanto objetos de atração e de desejo sexual dos homens.

Contudo, o Marcador Social de Diferença do Gênero não pode ser compreendido como a única matriz de explicação possível para as dificuldades e entraves enfrentados por mulheres atletas nesse esporte. Os demais Marcadores Sociais da Diferença, como a Classe (em amarelo), a Raça (em vermelho) e a Sexualidade (em azul) apareceram imbricados ao longo desse trabalho sempre que se falou de Gênero no futebol. São eles que modificam as vivências das atletas e conferem níveis distintos de possibilidades – ou impossibilidades – de se praticar futebol. Classe, Raça e Sexualidade, dentro do contexto futebolístico de mulheres e quanto interseccionados, conferem diferentes significados à prática futebolística na medida em que auxiliam na formação de redes de afetividade e solidariedade diversas.

Na interseccionalidade entre Raça e Classe (1), constatamos que, se por um lado o futebol para as mulheres brancas etnografadas nesse trabalho (Pelado Real Futebol & Arte) é compreendido como momentos de lazer e diversão, por outro lado, para mulheres negras, o futebol existe enquanto possibilidade (mesmo que nunca se concretize) de profissão. É interessante notar, também, como Sexualidade e Classe (2) se interseccionam nesse momento produzindo novos significados para o futebol. Ainda nesse sentido, mesmo que de maneira controversa, os espaços privados do futebol se apresentam como possíveis para que mulheres negras, periféricas e lésbicas – *bofinhos* ou femininas - possam exercer sua sexualidade de maneira um pouco mais segura. À medida em que elas que criam laços amorosos, afetivos e de solidariedade entre si, protegem-se, pois ampliam suas redes de proteção. Estar inserida no meio futebolístico enquanto jogadora significa, portanto, estar em contato com outras mulheres que dividem significados similares de vida e que podem compartilhar vivências e experiências em comum. Já na interseccionalidade entre Raça e Sexualidade (3), podemos constatar que a mulher negra, jogadora de futebol é descrita sempre na chave da bestialização; já a mulher branca – se for considerada “feminina” – é comumente retratada e

descrita como *bela* e é exposta nessa mídia como objeto sexual dos desejos dos homens.

E quando interseccionalizamos todos os Marcadores Sociais da Diferença (4), o que podemos deduzir?

Para a historiadora norte-americana Joan Scott, o conceito de gênero é uma categoria histórica que se elabora a partir de relações sociais fundadas, por sua vez, sobre as diferenças percebidas entre sexos; a partir dessas relações sociais constroem-se relações de poder (SCOTT, 1995, p.21). Quando a noção de masculino ou feminino é relacionada aos corpos, culturalmente, um conjunto específico de funções sociais é estabelecido para que o indivíduo as siga. Gênero, identidade de gênero e sexualidades são construções sociais que se expressam nos corpos humanos e, partindo dessa premissa, considero que os corpos das mulheres desportistas é um dos campos de disputa dessas questões.

No início dos anos 2000, com intuito de controlar a participação nos campeonatos das atletas que não se encaixavam dentro dos padrões heteronormativos – nos quais, sexo fisiológico, gênero⁵⁶, papel de gênero e sexualidade precisam estar em consonância entre si (BUTLER, 2009) – algumas medidas foram implementadas pelos órgãos reguladores da modalidade – Federação Paulista de Futebol - que determinaram um padrão estético requerido das atletas. Voltando aos campos de futebol, a mulher que até então era associada a maternidade, a delicadeza e a submissão, aparece agora exibindo um corpo atlético – não mais cheio de curvas -, correndo atrás da bola, gritando com as companheiras e com as adversárias, competindo e disputando a posse de bola lance a lance. Porém, em 2001 a Federação Paulista de Futebol estabeleceu que para que uma atleta pudesse participar de campeonatos precisaria apresentar signos de feminilidade: cabelos compridos,

⁵⁶ Judith Butler problematiza se de fato o gênero se trata de uma construção cultural e o sexo um fator biológico. Para ela, o gênero não deve ser concebido como uma inserção cultural de significado em um sexo previamente dado, pois a categoria de sexo, segundo Butler não é necessariamente dada, ela é cultural e performtivamente construída. A autora ainda nos diz que a produção do sexo como um recurso pré-discursivo deve ser compreendida como efeito do aparato de construção cultural que designamos por gênero (2009).

corpo mais delicado e com curvas (KNIJNIK; VASCONCELOS, 2003). Notamos então a tentativa de recolocar essas mulheres nas normas de gênero, reforçando a dicotomia e reafirmando que futebol é um âmbito de masculinidades. As mulheres que jogam futebol passam a ser associadas com sua sexualidade, ou seja, elas até podem praticar o esporte, desde que mantenham suas características femininas. Ou seja, no mesmo momento em que a Federação Paulista de Futebol incentiva a prática e quer a presença dessas mulheres em campo, seu discurso acaba por encaixá-las dentro de um padrão feminino esperado – ou seja, produz-se ideais normativas.

Para estarem aptas a jogar, elas precisariam exibir corpos mais femininos, ou seja: delicados, com curvas, cabelos e unhas compridas. Precisariam inclusive, usar maquiagem e adequar-se ao padrão de uniforme mais curto e justo. As mulheres consideradas masculinizadas – que possuísem cabelos curtos, usassem roupas largas ou agissem mais próximas de uma performance esperada de um homem heterossexual - eram sumariamente excluídas dos campos. As mulheres negras, que usavam cabelos curtos, trançados ou raspados, também eram impedidas de entrar em campo sob argumentos sexistas e racistas. Elas eram consideradas “*feras* que deveriam permanecer presas em jaulas” (REVISTA PLACAR, 1983).

Para podermos discutir questões relacionadas ao processo de tornar-se jogadora de futebol é preciso evidenciar algumas relações de gênero existentes no meio esportivo, bem como problematizar – mesmo que brevemente – a concepção de futebol como esporte de homem. Diz Fausto-Sterling (2002) que inicialmente, nas Olimpíadas, as mulheres que participavam das competições precisavam desfilar nuas diante de uma banca examinadora, esta daria um parecer sobre a sua verdadeira feminilidade. Isso acontecia, pois acreditava-se que o ato de competir não era características de mulheres de verdade – uma mulher de verdade era caseira, recatada e sensível. Hoje em dia, apesar de não precisarem desfilar nuas diante de uma banca examinadora, as mulheres ainda são submetidas a exames de verificação de gênero e de sexo. Casos

recentes foram os testes aplicados às jogadoras de futebol que disputaram a Copa do Mundo de Futebol Feminino, em 2015 no Canadá⁵⁷.

Logo, no senso comum o futebol é compreendido como um lugar socialmente aceito para o ensino dos habitus masculinos. Uma mulher – mesmo que ainda jovem – que adentra um campo de futebol, que participa de torneios, que disputa lugares e posições em igualdade de condições com os homens e ainda demonstra habilidades com a bola causa desconforto, surpresa, estranheza, vira atração, uma vez que sua presença desconstrói e desloca esse lugar de perpetuação de masculinidades. “Esses corpos e essas práticas tensionam os olhares acostumados ao mesmo, pois desestabilizam representações naturalizadas que colam no masculino e no feminino diversos atributos, comportamentos, virtudes, atitudes... colam, ainda, diferentes gestualidades, aparências e usos do corpo” (KNIJNIK, 2010, p. 9). A frase “é muito macho para ser mulher”, elucida como a masculinização do corpo da mulher esportista é perversamente apontada como um aspecto negativo. Uma vez que evidente em seus corpos, podemos afirmar que não existe positividade nas masculinidades vivenciadas por mulheres quando elas estão no espaço público do mundo esportivo.

Contudo, as relações de masculinidades e feminilidades que se estabelecem no futebol de mulheres precisam ser compreendidas enquanto relacionais, fluidas e contextuais. Se na esfera pública jogadoras masculinizadas são rechaçadas, no espaço privado, elas são desejadas por potenciais parceiras. O contrário, com as lésbicas femininas, não acontece. Elas não sofrem injúrias publicamente e não sofrem com a lesbofobia⁵⁸ da mesma maneira que as primeiras, contudo sua conduta sexual sofre o

57 SALLAS, Javier. Verificação do sexo, nova humilhação para as jogadoras de futebol. Publicado no Jornal Online El País. Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2015/06/01/ciencia/1433159953_245845.html>. Acesso em julho de 2015

58 Lesbofobia é uma série de atitudes e comportamentos hostis dirigidos às mulheres lésbicas, seja como indivíduos, como casal ou mesmo como um grupo social. Assim como a homobofia, a lesbofobia é a causa de muitas injúrias morais e agressões físicas que mulheres lésbicas sofrem em seu dia a dia.

escrutínio similar sofrido pelas mulheres heterossexuais no espaço público quanto no privado. E seus corpos são expostos, de maneira hipersexualizada em calendários, capas de revista e em outros momentos da prática esportiva.

A antropóloga Regina Facchini, ao escrever sobre a sexualidade das mulheres das periferias na cidade de São Paulo, nos mostra que falar sobre agenciamento em um cenário marcado por pobreza, desemprego e violência é algo bastante complexo (2008). Segundo a autora, quando nos propomos a estudar as mulheres “mais escuras” e “mais pobres”, como é o caso das jogadoras de futebol com quem convivi, a situação torna-se mais delicada ainda (FACCHINI, 2008), pois é preciso ter consciência de que, dentro de um campo de possibilidades que se apresentam a elas, os marcadores de gênero, sexualidade, raça e classe mostram-se determinantes e orientadores das experiências pessoais (STOLCKE, 1991; BRAH, 2006).

Dessa forma, o espaço dos jogos, das imprensas, das organizações reguladoras desse esporte torna-se lugar de reprodução de violências: sexismo, homofobia e racismo. Já o espaço privado esportivo – os vestiários, as casas das amigas de equipe, as confraternizações – torna-se espaço onde a performance mais masculina, assim como a lesbianidade que muitas vezes se cola à ela, pode ser experienciada de maneira mais segura.

O futebol no Brasil, sobretudo aquele que está sob os holofotes da imprensa, em vez de aparecer como um lugar de possível expressão de um outro modo de ser mulher – masculina ou feminina -, acaba contribuindo para ratificar um estilo específico e hegemônico de ser mulher: cabelos compridos, ajeitados, não “jeito de homem”. E uma opção sexual: a heterossexual.

V - Entre rezas, lágrimas, suor, menstruação e chulé: etnografia nos vestiários de futebol de mulheres

Por uma etnografia nos vestiários de mulheres

Os sociólogos alemães, Norbert Elias e Eric Dunning, afirmam que se, inicialmente, os estudos sobre os esportes e as práticas esportivas pareciam ter sido ignorados como objeto de reflexão sociológica e mesmo antropológica isso se dava porque tais assuntos eram considerados como algo que se encontrava “situado no lado que se avalia de modo negativo no complexo dicotômico de sobreposição convencionalmente aceito, como, por exemplo, entre os fenômenos de “trabalho” e “lazer”, “espírito” e “corpo”, “seriedade” e “prazer”, “econômico” e “não econômico”” (ELIAS; DUNNING, 1992, p.17). Ou seja, no quadro que orienta o pensamento reducionista e dualista ocidental, o desporto era entendido como uma coisa vulgar, uma atividade de lazer orientada para o prazer, que envolvia o corpo mais do que a mente, e sem valor econômico (ELIAS; DUNNING, 1992).

Contudo, Elias e Dunning (1992) trazem sua valiosa contribuição para a Antropologia do Esporte ao discutirem como o esporte e o lazer fazem parte do processo civilizacional de uma sociedade. Para os autores, não há registro de nenhuma organização humana que tenha existido sem que tivesse algo de equivalente ao esporte moderno. Dessa forma, se pode inferir que cada segmento da sociedade dá um significado social ao esporte e às práticas esportivas. Segundo os autores ainda:

“o desporto pode ser utilizado como uma espécie de ‘laboratório natural’ para a exploração de propriedades das relações sociais, como, por exemplo, a competição e a cooperação, o conflito e a harmonia, que parecem ser, segundo a lógica e os valores correntes, alternativas que se excluem mutuamente, mas que, neste contexto, no que se refere à estrutura intrínseca do desporto, possuem uma interdependência evidente e muito complexa” (ELIAS; DUNNING, 1992, p.18).

Com base nas revisões feitas por Toledo (2001) e Padeski Ferreira e Marchi Junior (2011), percebemos que os estudos sociológicos e

antropológicos brasileiros que problematizam a presença e os significados atribuídos às práticas esportivas na nossa sociedade crescem anualmente. Essa produção revela o esforço, por vezes interdisciplinar, que vem consolidando a temática de estudo tanto nas Ciências Humanas como nas Ciências dos Desportos – Educação Física, Fisioterapia. Destacamos aqui que o esporte é uma atividade na qual o corpo – bem como os seus usos - tornam-se objetos de investigação. Afinal é através da prática esportiva que o corpo é treinado, disciplinado e modificado. Para além da dimensão biológica, o corpo precisa ser compreendido como uma construção sócio-cultural.

Foi em busca de pistas sobre os processos de construção sócio-cultural do corpo atlético de mulheres jogadoras de futebol, que algumas distinções foram se tornando cada vez mais evidentes no decorrer da prática etnográfica. Dentre elas, destaco as diferenças entre as observações realizadas nos espaços públicos dentro do campo – aquele das quatro linhas onde o jogo se desenvolve – e as observações realizadas em espaços mais privados: dentro dos vestiários. As observações realizadas dentro dos vestiários adquirem importância nessa etnografia. Se inicialmente os espaços dos vestiários são pensados como não-lugares (AUGÉ, 1994), na qual pouca ou nenhuma sociabilidade ocorre, na prática etnográfica essa concepção não se sustenta.

Recentemente, na mídia esportiva, dois eventos envolvendo futebol e vestiários foram noticiados (GLOBOESPORTE, 2017; UOL ESPORTES, 2017). O primeiro aconteceu em Julho de 2017, quando quatro atletas de uma equipe de futebol do Rio Grande do Sul foram filmados em uma sessão coletiva de masturbação. Após o vazamento do vídeo nas redes sociais e internet os atletas foram desligados do clube e o presidente do time se manifestou publicamente:

“Fora do horário de expediente não temos nada a ver com a situação. Se quiserem se drogar, beber, são gays ou não, é problema deles. O que tenho que responder como presidente é durante uma viagem, horário de expediente. Aí a responsabilidade seria minha. O Sport Club Gaúcho não é guardião da moral e dos bons costumes de ninguém. A

única coisa foi fazer o vídeo dentro do vestiário⁵⁹ (GLOBOESPORTE, 2017).

O segundo caso, no qual o espaço do vestiário figurou cenário importante para o desenrolar de relações interpessoais, aconteceu entre os meses de Setembro e Outubro do ano de 2017, na equipe francesa Paris Saint Germain. As notícias veiculadas na mídia brasileira alegavam que, durante uma das partidas, os jogadores de futebol Neymar (brasileiro) e Cavani (uruguaio) brigaram dentro do vestiário. O problema, segundo o presidente do clube, é que o desentendimento entre os atletas vazou para a mídia esportiva em menos de 24h. O treinador da equipe à época, Unai Emery, disse em entrevista coletiva à imprensa: "Estamos trabalhando para fechar o vestiário. O que aconteceu aqui não pode ser repetido"⁶⁰ (UOL ESPORTES, 2017). Já o atleta brasileiro, Neymar, foi categórico: "Inventam muitas histórias, falam demais. Falam coisas que não sabem, tentam entrar no nosso privativo, no nosso vestiário, e acabam falando demais"⁶¹ (UOL ESPORTES, 2017).

Os vestiários são, portanto, espaços privados nos quais poucas pessoas podem ter acesso. Jogadores, técnicos, comissão técnica, diretores e presidente dos clubes conseguem entrar nesses espaços; jornalistas também conseguem – em comemorações de títulos, por exemplo -, mas apenas quando as questões de cunho pessoal e profissional entre jogadores, treinadores, diretores e presidente foram conversadas e alinhadas para serem transmitidas à imprensa. É nos vestiários que o/a treinador/a pode falar mais severamente com aquele/a atleta que estiver com o desempenho abaixo do esperado; ou motivar a equipe a persistir em busca da vitória. Como no exemplo acima, é nos vestiários também que os/as jogadores/as estabelecem relações: sejam elas de amizade, sexuais ou mesmo de acirramento. As sociabilidades que

⁵⁹ Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/rs/futebol/noticia/jogadores-deixam-clube-do-rs-apos-vazamento-de-video-com-cena-sexual.ghtml>. Acesso em: 25 nov. 2017.

⁶⁰ Disponível em: <https://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2017/10/03/crise-de-confianca-de-neymar-faz-psg-trabalhar-para-fechar-vestiario.htm>. Acesso em: 25 nov. 2017.

⁶¹ Idem anterior.

acontecem no vestiário são consideradas privadas e permanecem envoltas de segredos.

Dentro das etnografias esportivas desenvolvidas no Brasil, poucos foram os pesquisadores e pesquisadoras que tiveram acesso a esses espaços. Para além dessa tese, outro trabalho que faz referência aos vestiários é o do antropólogo Wagner Xavier de Camargo. Ele aponta, ao etnografar competições internacionais LGBT (jogos de lésbicas, gays, bissexuais e transgêneras/os), que:

“Banheiros e vestiários são espaços edificadas com caráter e propósitos distintos, ao menos, aparentemente. Enquanto os primeiros circunscrevem ações relativas às necessidades fisiológicas, os segundos abrangem, em geral, a higienização dos corpos. As temporalidades de permanência são também diferentes: passa-se rapidamente pelos banheiros (principalmente em espaços públicos) e fica-se mais tempo nos vestiários. Se o espaço do banheiro é individual (mesmo porque não se partilha o mesmo vaso sanitário), o do vestiário é, indubitavelmente, coletivo. Porém, tais espaços apresentam traços comuns, se bem observados (...): são locais discriminatórios de gênero (nesses locais aprendemos a “ser homem” e a “ser mulher”); envolvem uma atmosfera de segredo, onde o que se diz (ou se faz) não transpassa portas ou paredes; são lugares de dejetos múltiplos, que escorrem, vazam e se espalham anônimos e invisíveis; caracterizam-se como represas contentoras da intimidade, que quando partilhada, apenas o é velada e momentaneamente, num lapso de segundos ou minutos” (CAMARGO, 2014, p.63)

O autor centra sua discussão nos vestiários de desportistas homens (gays, bis e trans) e nos explica como que os códigos sexuais e as relações interpessoais incitam práticas de sexo casual neste contexto homossocial (CAMARGO, 2014). Para o autor ainda, o vestiário esportivo torna-se local-chave que permite “os encontros corpo-a-corpo entre os atletas durante competições esportivas. Ao ficarem nus ou seminus, eles/elas se expõem e partilham (mesmo sem querer), intimidades corporais” (CAMARGO, 2014, p.65).

O filósofo Jack Halberstam nos diz que os banheiros – e aqui podemos transpor parte da observação do autor para os vestiários – da forma como nós os conhecemos hoje representam o processo de colapso das estruturas de gênero. Ou seja:

“A frequência com a qual mulheres ‘desviantes em seu gênero’ são confundidas como homens em banheiros públicos, sugere que um grande número de mulheres femininas dispõem uma quantidade significativa de tempo e energia policiando mulheres masculinas/masculinizadas. Algo bastante diferente acontece, é claro, nos banheiros públicos dos homens, onde o espaço é mais propenso a se tornar uma zona de busca sexual (banheirão)⁶² do que um lugar de repressão de gênero. O banheiro dos homens (...) se constitui tanto como uma arquitetura de vigilância como um local de incitação ao desejo, um espaço de interação homossexual e interação homoerótica”⁶³ (HALBERSTAM, 1998, p.23 e 24)

Se os banheiros e os vestiários são considerados, por Jack Halberstam, enquanto lugares nos quais mulheres policiam e controlam mulheres mais masculinas ou “desviantes”, como pensar os vestiários de futebol de mulheres enquanto espaços de encontros sexuais levando em consideração que a grande maioria delas – como visto em capítulo anterior – elegem como alvo do desejo afetivo e sexual mulheres mais masculinas? É nos espaços dos vestiários que algumas mulheres promovem encontros afetivos e sexuais com outras mulheres. O que deixa cada vez mais evidente que os esportes, sobretudo aqueles que são coletivos, podem ser pensados – a partir da

⁶² Banheirão é uma gíria gay que indica lugares públicos, geralmente banheiros, nos quais acontecem encontros sexuais descompromissados entre homens. Apesar do termo não estar escrito no trecho original do autor em questão, resolvi incluí-lo para facilitar a compreensão do espaço e da prática que eles está descrevendo.

⁶³ Tradução livre da autora do seguinte trecho: “The frequency with which gender-deviant ‘women’ are mistaken for men in public bathrooms suggests that a large number of feminine women spend a large amount of time and energy policing masculine women. Something very different happens, of course, in the men’s public toilet, where the space is more likely to become a sexual cruising zone than a site for gender repression. The men’s room (...) constitutes both the architecture of surveillance and the incitement of desire, a space of homosocial interaction and of homoerotic interaction” (HALBERSTAM, p.23 e 24)

perspectiva dos seus praticantes - como espaços de proteção e de manutenção de relações homossociais podendo essas ser – ou não – sexuais.

Nos meses de trabalho de campo, algumas cenas se repetiram à exaustão nos espaços dos vestiários, contudo as situações vivenciadas nesses contextos apresentam especificidades, e por isso, considero estes espaços locais profícuos para análises e observações sobre a construção do corpo atlético, as relações de amizade, de amor, de sexo, de superação e de companheirismo entre mulheres jogadoras de futebol. Vale lembrar, por fim, que os espaços dos vestiários possuem alguns códigos implícitos de segredos variados, portanto algumas histórias, cenas e observações realizadas são descritas sob pseudônimos e, quando for o caso, as equipes também não serão localizadas.

Os vestiários

Assim que as atletas chegam ao campo de futebol, dirigem-se imediatamente ao vestiário contíguo ao gramado. Os vestiários possuem a mesma estrutura em todos os campos: são espaços de alvenaria, quadrados, com duas ou três fileiras de bancos – também feitos de alvenarias – encostados nas paredes. Possuem chuveiros, sem divisórias, e vasos sanitários individuais. Quando elas adentram a esse espaço, começa o que identifico como um processo ritual: despem-se de suas roupas (shorts, blusas, chinelos de dedo) e vestem – lentamente – o uniforme que os/as técnicas deixam organizado no chão do vestiário, ao centro.

Figura 35 – Entrada principal de um vestiário. Foto por Mariane da Silva Pisani. Junho de 2013.

Figura 36 - Uniformes didispostos no chão. Foto por Mariane da Silva Pisani. Junho de 2013

Sentadas, arrumam as caneleiras e depois colocam as meias por cima. Algumas enfaixam, previamente, todos os dedos do pé, para dar sustentação e proteger as unhas que ficam machucadas depois das partidas. Observo, nesse momento, que poucas são as que trazem as unhas feitas em pedicure e muitas delas, inclusive, não possuem alguma unha do pé, pois a mesma foi severamente magoada e/ou arrancada em jogos passados.

Figura 37 - Jogadoras preparando-se para entrar em campo. Ao centro, jogadora enfaixando os pés para proteger de uma possível torção. Foto por Mariane da Silva Pisani. Abril de 2014.

As jogadoras que possuem namoradas, trocam-se dentro dos espaços reservados dos vasos sanitários. Ou, na ausência desses, a namorada faz uma cabaninha de proteção, para que o corpo da parceira não fique exposto aos outros olhos e olhares que não os seus. Isso é uma prática bastante comum entre as atletas que namoram e é respeitado pelas que estão solteiras, ou seja, não se fazem piadas ou gracinhas sobre essa preservação de intimidade. À medida que elas se despem, noto que seus corpos são firmes, fortes, rígidos, musculosos e torneados. Poucas são as meninas que estão fora do peso. Todas possuem alguma alteração estética no corpo: tatuagens, piercings e alargadores de orelha fazem parte da construção corporal dessas mulheres. Elas, contudo, são proibidas de entrar em campo com esses adereços. Assim, outro ritual acontece nesse momento: elas tiram os piercings, os alargadores, os brincos e tapam os buracos deixados por esses com esparadrapos - anéis e

alianças também são retirados. Gastam mais tempo nessa atividade do que vestindo-se para jogar.

Uma cena que se tornou bastante comum são os cuidados despendidos com o cabelo. Todas possuem cabelos compridos e precisam deixá-los presos para poder jogar. Dessa forma, uma jogadora penteia o cabelo da outra e assim vão se arrumando coletivamente. Mãos e cabelos unem-se e diversos tipos de tranças e rabos-de-cavalo vão surgindo. Para segurar as franjas algumas jogadoras usam faixas, outras apenas colocam grampos e outras ainda passam gel fixador. Nenhuma delas joga de cabelo solto e, durante as partidas, não as vejo tocando/arrumando o cabelo em nenhum momento. Protetores solares são usados em abundância, segundo elas, para proteger a pele de ficar mais escura. Todas aplicam desodorante antes de entrar em campo - a maioria usa desodorante masculino - e parte delas também aplicam perfumes antes e depois das partidas – Boticário e Natura são as marcas preferidas. Antes de entrar em campo elas rezam coletivamente, pedindo proteção e bons resultados na partida.

Figura 38 - Chuteiras. Foto por Mariane da Silva Pisani. Fevereiro de 2014.

No intervalo entre os dois tempos do jogo, as jogadoras geralmente

voltam para os vestiários para ouvir do/a técnico/a algumas informações sobre como melhorar o desempenho em campo. É o momento de o/a técnico/a conferir se existe alguma jogadora cansada demais para voltar ao jogo e, se necessário, reestruturar a equipe escalando alguma jogadora que esteja no banco de reservas. Esse momento, de intervalo na partida também pode ser um tanto delicado, caso a equipe esteja perdendo, pois geralmente os/as técnicos/as o utilizam para realizar uma abordagem mais dura com alguma atleta que eles/as julguem não estar *dando o máximo de si* em prol da equipe.

Figura 39 - Cabine dos vasos sanitários. Foto por Mariane da Silva Pisani. Junho de 2013

Por fim, quando o jogo acaba, as atletas voltam para os vestiários novamente. Quando elas vencem a partida que acabou de ser disputada,

geralmente acontecem comemorações dentro do vestiário. Elas cantam, brincam e se abraçam. Quando não ganham, um silêncio coletivo impera e elas se arrumam o mais rápido possível para sair daquele espaço. Independente do resultado da partida – ganhar ou perder –, elas rezam novamente. Se o time for comandado por um técnico homem, nesse momento ele se retira do vestiário; se for mulher, ela permanece no espaço e só então as atletas despem-se dos seus uniformes.

Em seguida, algumas entram nos chuveiros coletivos e tomam banho para retirar do corpo o suor provocado pelo exercício físico. Já outras, geralmente as que possuem namoradas, recolocam suas roupas sem tomar banho. É nesse momento – entre despir-se e entrar no banho - que alguns encontros sexuais podem acontecer ou que olhares de desejo e interesse são trocados entre elas. Quando esses encontros sexuais acontecem, geralmente a iniciativa parte de uma *bofinho* a uma mais *feminina*. Algumas atletas *femininas* tomam a iniciativa nesse jogo do flerte, da conquista e do sexo, contudo, geralmente sobre elas recai uma forte vigilância e punição por seus comportamentos afetivos e sexuais.

Quando duas jogadoras demonstram interesse mútuo no espaço do vestiário, as demais atletas, percebendo a movimentação, retiram-se do local manifestando, na sequência, uma série de piadas e brincadeiras em direção a elas. Pude presenciar, ao longo do trabalho de campo, que os ciúmes e a jocosidade são características que marcam e atravessam as relações, sejam elas de amizade, de namoro ou apenas sexuais.

Concentração

O momento da concentração antecede aos jogos e, algumas vezes, à própria entrada no vestiário. A concentração diz respeito ao momento em que as jogadoras ficam introspectivas pensando na partida que virá e nas dificuldades, por vezes pessoais, que precisam superar. Esse momento é

marcado e embalado por algumas músicas, geralmente com letras motivadoras.

Ao observar esse comportamento mais introspectivo, sentava-me ao lado de uma jogadora e pedia-lhe para dividir o fone de ouvido e eu também ouvir a música que estivesse tocando no celular. Eram momentos em que eu não fazia perguntas, apenas ouvia e observava os corpos falando.

Figura 40 - Atleta se concentrando antes da partida. Foto por Mariane da Silva Pisani. Maio de 2014.

No ano de 2014, umas das músicas preferidas de muitas atletas para se preparar para as partidas de futebol era o funk intitulado “Sonhar” composta e cantada por Mc Gui:

“Não nasci na rua, mas me joguei nela
Sou mero aprendiz na vida de favela

Onde eu tenho certeza que a fé nunca morre
E a vida real não parece novela

Se hoje eu tenho, eu quero dividir
Ostentar pra esperança levar
Pras crianças nunca desistir
Um sonho que leve a gente a acreditar

Eu peço pra Deus o caminho iluminar
Que a luta que eu travo não me traga dor
Eu faço o possível pra gente ganhar
A guerra de miséria que a gente criou

Cê tá ligado o quanto é difícil
Quando lá em cima querem te derrubar
Mas quando embaixo se pede ajuda
Ninguém dá a mão se é pra te levantar

Sonhar, nunca desistir
Ter fé, pois fácil não é, nem vai ser
Tentar até se esgotar suas forças
Se hoje eu tenho eu quero dividir
Ostentar pra esperança levar

Criança quer ser jogador
Pra dar pra família um futuro melhor
Acende essa luz aí no fim do túnel
Que é pra esse menor no futuro enxergar

Minha família tá sempre aumentando
Meus amigos só vêm pra somar
Quando eu sinto que tá me atrasando
Eu já chuto pra longe pra não mais voltar”

A letra da música versa sobre superação, sobre vencer as dificuldades e tornar-se a melhor pessoa que se pode ser dentro das dificuldades que a vida apresenta. A música acima pertence ao gênero musical funk ostentação. A antropóloga Izabela Nalio Ramos realiza uma diferenciação entre os estilos e vertentes do funk, segundo ela: “o funk putaria (...) fala sobre sexo, sedução, flerte. O funk ostentação, fala muito sobre um estilo de vida baseado no consumo de objetos caros (...) e de hábitos como um alto gasto em baladas, festas, viagens (...). O funk *melody*, por sua vez, é uma versão que fala sobre

relacionamentos amorosos e flertes de forma mais romântica. O proibidão fala sobre ‘tráfico e crime’” (RAMOS, 2016, p.131). Realizar essa distinção torna-se importante na medida em que conhecer o estilo musical ouvido e reproduzido entre as jogadoras de futebol nos dá algumas pistas sobre os estilos de vida, vestimenta e sociabilidades que elas estabelecem entre si.

O antropólogo Alexandre Barbosa Pereira (2014), bem como Ramos (2016), analisaram as repercussões do funk ostentação entre jovens das periferias de São Paulo. Segundo os autores, esse estilo de música foi criado no ano de 2008, na cidade de São Paulo e alcançou visibilidade nacional no ano de 2011. Os temas centrais abordados dizem respeito ao consumo e ostentação, e canta-se sobre carro, motos, dinheiro, cordões de ouro, bebidas e mulheres. O objetivo, segundo Pereira e Ramos, é mostrar que através do poder econômico pode-se alcançar prestígio, sair da favela e superar uma vida supostamente repleta de miséria e violência.

Pereira (2014) nos diz que o funk ostentação paulista foi idealizado enquanto contraposição ao funk carioca, que possui letras sexualmente explícitas e que valorizam a criminalidade. Nesse sentido, a difusão do funk carioca na cidade de São Paulo, particularmente entre jovens moradores de bairros periféricos, tornou-se um dos principais problemas para a manutenção da ordem, sobretudo no espaço das ruas e no espaço escolar. A repressão policial, segundo Pereira, nos espaços públicos tornou-se crescente:

Tornou-se muito mais difícil encontrar os pancadões, seja porque eles não aconteciam devido à repressão policial – que dispersava, com bombas de gás lacrimogêneo e sprays de pimenta, a multidão que se aglomerava para dançar em torno dos carros que tocavam o som – seja também porque as poucas festas que aconteciam passaram a não ter a mesma periodicidade de antes, nem a divulgar datas, horários e locais de suas realizações (PEREIRA, 2014, p.3)

Logo, em contraposição ao funk carioca, um movimento musical se anunciou: surgiu o funk ostentação paulista. Segundo Pereira, “os funkeiros do

gênero ostentação são caracterizados por fazerem um ‘funk do bem’, por não falarem de crime, nem de pornografia, ressaltando-se também, na maioria das vezes, a trajetória dos Mcs, de uma origem pobre ao sucesso e ao consumo e posse de bens caros” (2014). Pereira (2014) nos mostra aqui que a estética nas vestimentas – roupas e acessórios caros e de marca – torna-se elemento central para compreensão das influências do funk ostentação na produção de corpos e subjetividades que os/as jovens da periferia incorporam. Além disso, segundo o autor, o funk pode ser associado aos momentos de lazer e sociabilidade entre jovens das periferias da cidade de São Paulo.

Ramos (2016), ao estudar mulheres que integram o movimento do Hip Hop e do Funk na cidade de São Paulo, nos fala que o funk ostentação – para suas interlocutoras - diz respeito sobre:

“ter ou sonhar em ter roupas de grife, carros e casas luxuosas. Apesar de, aos olhos de muitos, estarem reforçando o consumismo, uma característica que pode ser entendida como ‘alienante’, (...) estão, em primeiro plano, cantando a possibilidade de consumo e do sonho do consumo de produtos mais caros e normalmente consumidos por uma elite, através da ascensão financeira como funkeiros profissionais e reconhecidos” (RAMOS, 2016, p.22).

Da mesma forma como observado por Pereira e Ramos - entre suas interlocutoras -, as jogadoras de futebol dessa etnografia possuem e alimentam esse sonho de ter melhores condições financeiras e ostentar isso através de roupas de grife, carros e casas de luxo. Podemos deduzir ainda que o futebol para elas pode ser compreendido como um meio pelo qual elas podem retroalimentar esse sonho, na medida em que percorrendo uma trajetória de sucesso no esporte – se profissionalizando e ganhando dinheiro por seu desempenho em campo - poderão adquirir tais bens.

Não por acaso, a música do MC Gui era uma das mais ouvidas por elas, tanto nos momentos de concentração quanto nos momentos de sociabilidade, na medida em que ele anuncia: “Criança quer ser jogador, pra dar pra família

um futuro melhor. Acende essa luz aí no fim do túnel, que é pra esse menor no futuro enxergar”. O trecho faz alusão a essa passagem, da criança moradora das periferias e favelas que ascende socialmente através da prática do futebol e retorna – como constatado em Pisani (2012) – parte do seu sucesso esportivo em forma de melhores condições para sua família.

A ostentação – desejada e almejada - aparece marcada em seus corpos. Logo, para que possamos pensar na construção de corporalidades esportivas de mulheres jogadoras de futebol a partir desse viés da ostentação precisamos trazer para discussão o sociólogo Pierre Bourdieu, quando o mesmo nos diz que:

“Não há dúvidas de que os julgamentos que pretendem aplicar-se à peessoa em seu todo levam em conta não somente a aparência física propriamente dita, que é sempre socialmente marcada (através de índice como corpulência, cor, forma do rosto), mas também o corpo socialmente tratado (com as roupas, os adereços, a cosmética e principalmente as maneiras e a conduta) que é percebido através das taxinomias socialmente constituídas, portanto lido como sinal da qualidade e do valor da pessoa (...) O héxis corporal é o suporte principal de um julgamento de classe que se ignora como tal: tudo se passa como se a intuição concreta das propriedades do corpo percebidas e designadas como propriedades da pessoa estivessem no princípio de uma apreensão e de uma apreciação globais das qualidades intelectuais e morais” (BOURDIEU, 2011, p.143, grifos do autor).

Essa questão trazida pelo autor nos ajuda a pensar nas músicas ouvidas pelas jogadoras durante a concentração e como essas músicas nos dão pistas sobre a formação do héxis corporal dessas mulheres jogadoras a partir do viés da ostentação. Ou seja, a construção corporal ou o héxis corporal de uma mulher jogadora de futebol passa, portanto, por três estágios: primeiro a manutenção e desenvolvimento de uma aparência física mais atlética que implica, necessariamente, o desenvolvimento de músculos e força física, bem como a manutenção de um baixo índice de gordura corporal. O segundo estágio diz respeito à ostentação de roupas e adereços que indiquem o métier

de jogadora de futebol. Esse estágio fica evidente quando elas utilizam materiais esportivos como chuteiras, caneleiras, shorts e camisas das marcas Nike e Addidas, as principais patrocinadoras de equipes e jogadores de futebol como Neymar Jr e Lionel Messi. É interessante notar que mesmo fora de campo, elas continuam utilizando moletons, calças, camisas, camisetas e tênis dessas marcas nos seus afazeres cotidianos. O terceiro estágio diz respeito as maneiras e formas de agir, andar, falar, sentar, caminhar, rezar, correr, chutar, etc. É o momento em que elas reproduzem técnicas corporais específicas e próprias ao métier jogadora de futebol.

Sabemos que as aproximações entre o funk ostentação, a carreira de jogadores/as de futebol e a formação de um héxis corporal rendem outras abordagens e análises, um dos propósitos é desdobrar esse tema em artigo futuramente. Nosso intuito aqui, contudo, é apontar – mesmo que de maneira breve e inicial – as possíveis aproximações que nos instigam a pensar como esse estilo musical revela um pouco sobre o processo construção de subjetividades e corporalidades entre mulheres jogadoras de futebol da cidade de São Paulo, sobretudo entre aquelas que são negras e moradoras das periferias.

Preparando o corpo e a Preleção do/a técnico/a

Muitas vezes o/a técnico – ou alguém da comissão técnica - fica responsável por levar às partidas todo o material que será utilizado pelas atletas. Em uma das equipes etnografadas, mais do que apenas acompanhar as jogadoras até o campo onde se realizará a partida, a técnica carrega também as bolas, os uniformes (que ela mesma lava e seca depois dos jogos), as chuteiras, os energéticos e repositores de sais minerais, gelo, garrafas de água, spray para massagem muscular, materiais de primeiros socorros e, dentro da sua bolsa de técnica, leva também um pacote de absorventes íntimos e desodorante.

Figura 41- Material esportivo levado pela técnica e jogadoras da equipe. Fotografia por Mariane da Silva Pisani. Abril de 2015.

Essa técnica, especificamente, faz questão, ainda, de que suas atletas utilizem malhas térmicas por baixo dos calções, segundo ela, porque não quer que *macho* nenhum fique olhando para as coxas de suas atletas. A categoria *macho*, serve para indicar, sobretudo, comportamentos e situações pejorativas como: desleixo com a aparência – cabelos curtos e pernas não depiladas, por exemplo -, preguiça de jogar, violência desmedida em campo, corpos excessivamente mal cheirosos depois das partidas, jeitos masculinizados de se vestir e comportar. É interessante notar que os vestiários usados pelas atletas são os mesmos ocupados, na maioria das vezes, por equipes masculinas de

futebol. Sempre que as atletas dessa equipe entravam em algum desses vestiários, não raro elas se deparavam com latas de cerveja vazias, abandonadas. A técnica se enfurecia: “Tá vendo como *macho* é desorganizado e sujo?”, e saía juntando rapidamente as latinhas.

Houve uma manhã em que a jogadora Helena acordou indisposta. Ficara menstruada na noite anterior e sentia as dores que são comuns nos primeiros dias do ciclo menstrual. Encontrei-a chorando no vestiário, tinha algumas colegas da equipe ao seu redor. Ela disse-me que não queria jogar naquele dia, pois seus seios doíam, sentia cólicas terríveis, seu fluxo estava muito intenso e sentia-se muito cansada. Ofereci a ela um comprimido de Buscopan, que havia trazido comigo, para ao menos aliviar as dores. Contudo, antes de poder lhe entregar a cartela do remédio, fui interrompida pela técnica da equipe. Ela se aproximava para conferir o que estava acontecendo com a atleta. A técnica ordenou que Helena levantasse, vestisse o uniforme e se preparasse para entrar em campo.

Elas tiveram uma discussão terrível. De um lado, Helena chorava dizendo que não tinha condições de jogar. De outro lado, a técnica dizia, exaltada: “Você é minha guerreira!! Como eu posso ir para uma guerra se meu soldado não se dispõe a lutar comigo? Se ele me abandona? Abandona seus companheiros? Como que se vence desse jeito?”. As demais atletas se aborreceram com a técnica, afirmando que ela estava abusando da sua posição para obrigar a jogadora a disputar a partida. A mesma calou-se e nada mais disse.

A jogadora Helena acabou não entrando em campo naquele dia. Na volta para casa, Helena continuava chorando. Nada mais se falou ou se comentou sobre o assunto durante alguns dias. Aos poucos, pude observar que as demais jogadoras comentavam entre si que estar menstruada não era motivo suficiente para deixar de ajudar a equipe a conquistar a vitória em jogo. Posteriormente algumas me disseram que também estavam menstruadas naquela dia e nem por isso deixaram o time na mão.

A situação vivenciada pela jogadora Helena, e que se desdobrou entre

suas colegas de equipe, nos ajuda a colocar em evidência como a menstruação, especialmente entre mulheres atletas, é vivida geralmente de duas maneiras: primeiro, como um tabu, ou seja, algo que não se deve comentar ou mencionar publicamente; segundo, como algo precisa ser controlado e manejado de maneira a não interferir no desempenho esportivo. Dois casos, ocorridos nos Jogos Olímpicos de 2016, ilustram as maneiras pelas quais a menstruação de mulheres atletas repercute no meio esportivo.

O primeiro caso aconteceu quando a nadadora chinesa Fu Yuanhui concedeu uma entrevista após ganhar uma medalha de bronze. Se contorcendo de dor a nadadora disse:

“Eu sinto que não nadei muito bem hoje. Eu quero me desculpar com minhas colegas de time por isso. Minha menstruação começou ontem à noite, então eu estou me sentindo muito fraca e cansada, mas sei que isso não é uma desculpa para o meu desempenho!”⁶⁴

A declaração foi recebida com algum constrangimento por parte dos jornalistas que realizavam a entrevista, sendo que alguns deles chegaram a rir de nervoso durante a declaração da chinesa. As repercussões nas redes sociais - Facebook e Twitter - foram diversas. Quando partiam de mulheres, podíamos constatar comentários e colocações favoráveis à nadadora na medida em que defendiam que as cólicas menstruais, bem como a menstruação causavam desconforto e fraqueza. Quando os comentários partiam de homens, podíamos notar um desconhecimento sobre o funcionamento do ciclo menstrual e, em alguns casos, um preconceito pelo fato da nadadora ter entrada menstruada na piscina olímpica. Muitos comentários versavam ainda sobre como a menstruação é um assunto muito particular às mulheres e que a jogadora não deveria ter se exposto publicamente.

Já no segundo caso, a atleta Sarah Menezes (judoca brasileira), que

⁶⁴Disponível em:

https://brasil.elpais.com/brasil/2016/08/16/deportes/1471347099_518778.html. Acesso em 20 de Agosto de 2016.

também disputou os Jogos Olímpicos de 2016, declarou aos jornais à época que na preparação de uma atleta tudo é controlado, inclusive seu período menstrual. Segundo ela: “Temos acompanhamento para tudo. Psicológico, com ginecologista... Até nosso período de menstruação é controlado⁶⁵. A técnica de Sarah, Rosicléia Campos, também se pronunciou: “Nós programamos o ciclo menstrual de cada atleta usando feedback que elas mesmo dão. A Sarah se sente melhor menstruando. Então, é o que fazemos. É possível. Tem muitas atletas que, se lutarem menstruadas, não conseguem render. Outras ficam mais sensíveis. Depende muito”⁶⁶.

Sobre a fadiga e a fraqueza declaradas pela nadadora Yuanhui, a pesquisadora Alexandra David nos diz que “no período pré-menstrual ocorre redução na capacidade de concentração, além de fadiga muscular e nervosa mais rápida. Assim como acontece com atividades aeróbias, o rendimento no treinamento de força é diferente nas diversas fases do ciclo menstrual. Na fase estrogênica (pós-menstrual) o rendimento é melhor do que na progestogênica (pré-menstrual), na qual as atletas ficam irritadas e menos pacientes com os treinos” (DAVID *et al*, 2009, p. 331).

Já a socióloga Karina Felitti aponta que para o senso comum a TPM – Tensão Pré Menstrual –, bem como a própria menstruação, são fatores que trazem transtornos às mulheres, incapacitando-as para a vida cotidiana (FELITTI, 2016). A autora conclui, portanto, que a regulação biomédica do ciclo menstrual aparece como um modo de exercer controle sobre o corpo das mulheres; e que esse controle varia de acordo com a classe social que a mulher em questão ocupa. Segundo Felitti: “las mujeres pobres debían seguir trabajando, sin importar sus estados físicos y anímicos. Una forma de legitimar esta diferencia fue aducir que las obreras usaban el cerebro menos que las estudiantes y que, por esa razón, sus cuerpos sufrían en menor medida las tensiones menstruales” (FELITTI, 2016, p.181). Felitti nos diz, nesse sentido, que no ano de 1944 a propaganda dos absorventes Tampax (comercializados

65 Disponível em: <https://olimpiadas.uol.com.br/noticias/redacao/2016/08/02/sarah-menezes-usa-a-menstruacao-como-arma-no-judo.htm>. Acesso em 05 de Agosto de 2016.

66 Idem anterior.

inicialmente nos Estados Unidos) propagavam que seu uso minimizava as faltas das mulheres operárias em seus serviços fabris. Ou seja, o período menstrual era um período de descanso apenas para as mulheres brancas e da elite. As mulheres pobres, as negras e as operárias permaneciam sob a inscrição dos discursos que menosprezavam a incidência das dores menstruais e TPM.

Preparar o corpo para entrar em campo envolve manejar todas essas questões. Contudo, antes mesmo que pisem nos gramados, as jogadoras precisam ouvir as palavras de apoio, de incentivo e de motivação da/o técnica/o. O/a técnico/a posiciona-se no centro do vestiário. Imediatamente, sentadas nos bancos e vestidas com seus uniformes e chuteiras, as jogadoras silenciam. As conversas se encerram e aquelas que estavam ouvindo músicas retiram seus fones de ouvido. Todas direcionam seu olhar ao/à técnico/a:

“Não há quem possa nos derrubar e é isso que a gente tem que colocar em meta. Porque só ganha, só vence e só conquista aquelas pessoas que têm meta, que têm objetivo. E quem traça um objetivo, tem que permanecer nele até o final.

(...)

Podem aparecer quinhentas coisas nesse percurso, ninguém vai atrapalhar o teu objetivo a não ser que você queira a não ser que você deixe. E eu tenho certeza que as pessoas que estão dentro desse sonho comigo não vão deixar isso acontecer. Tenho certeza. E eu aposto em cada uma de vocês que estão aqui junto comigo nesse momento.” (Trechos do Caderno de Campo. Mariane da Silva Pisani. Junho de 2014)

À medida que vão ouvindo as palavras do/a técnico/a as jogadoras acenam positivamente com a cabeça. Algumas batem palmas em aprovação às palavras proferidas, outras se entreolham e sorriem. Uma das preleções mais impactantes e significativas que acompanhei foi proferida por Ita, técnica da equipe ASAPE. Certo dia, ela disse às suas jogadoras as seguintes palavras:

Hoje vai ser uma outra batalha, superdifícil por conta daquilo que a gente falou. A gente não enfrenta só diretamente os nossos adversários, a gente tem que enfrentar o clima que está aí. O jogo era previsto para o período da manhã, não aconteceu. Nos favorecia, nos ajudaria bastante e houve alteração. Mas assim, não tem que escolher horário, não tem que escolher adversário, não tem que escolher campo. Se é na chuva, vamos embora. Se é no barro, vamos embora. Se é no sol, vamos embora também. Porque eu sou feita de chuva, sol e barro. (Trecho do Caderno de Campo. Mariane da Silva Pisani. Junho de 2014)

Nas palavras de Ita, ser feita de chuva, sol e barro é a característica primordial que diferenciava aquelas jogadoras das demais que participavam da competição. Era o que tornava das jogadoras da ASAPE mais fortes. Era o que as marcava como jogadoras da várzea paulistana. Entre as atletas que ouviam essas palavras, notei um brilho confiante e feroz no olhar. Talvez provocado pelas recordações dos treinos nos campos de barro, seja sob a chuva ou sob o sol; talvez provocado pela injeção de autoestima que Ita lhes aplicava naquele momento. A sensação entre elas - soube depois - é de que não haviam mais obstáculos impossíveis de serem transpostos:

“Não sou, não fui e acredito que não serei uma goleira profissional, mas esse sonho ainda mora aqui no meu coração!! Mesmo não sendo goleira profissional, sou uma goleira varzeana e não tenho vergonha disso. E se você acha emocionante fazer um gol, é porque nunca fez uma defesa.” (Trecho do Caderno de Campo. Mariane da Silva Pisani. Abril de 2016)

Entre muitas das mulheres atletas etnografadas nessa tese, jogar e iniciar sua vida futebolística nos campos da várzea paulistana é motivo de orgulho. O futebol da várzea também aparece como um espaço de pertencimento e vínculo entre elas. A várzea paulistana aparece como um diferencial positivo na formação de jogadoras e constitui parte central da formação delas como pessoa e como jogadoras.

O contexto dos vestiários nos mostram como os corpos das mulheres atletas precisa ser preparados e condicionados para a alta performance esportiva. O corpo delas passa pelo treino diário, que se caracteriza não apenas pela repetição de movimentos – específicos à cada modalidade esportiva –, mas também pela alimentação adequada, pela suplementação alimentar para reposição de sais minerais e outras vitaminas essenciais ao desenvolvimento dos músculos e força, períodos controlados de repouso, reforço muscular, dentre outros cuidados que precisam ser observados nos momentos de preparação para competições esportivas.

A construção desse corpo atlético estabelece alguns padrões: é um corpo que não deve viver uma vida de excessos (álcool, drogas, sexo, alimentação desregrada); não deve se ausentar dos períodos de competição; nem pode falhar dando demonstrações de cansaço, fraqueza ou dor. O antropólogo David Le Breton, contudo, nos diz que a dor na prática esportiva é por vezes desejada, necessária e precisa ser sentida. Para o autor a dor é o enfrentamento simbólico limite que quando vivido pelo/a atleta ajuda-o/a na construção de uma identidade esportiva (LE BRETON, 2003). Ou seja, a dor, quando manejada de maneira adequada e superada, adquire caráter positivo na formação de um/a atleta.

Existem duas expressões entre os praticantes do halterofilismo (bodybuilder) que dizem: “No pain, no gain” (sem dor, sem resultados/ganho) e “a dor é a fraqueza saindo do corpo”. Mesmo entre os/as jogadores/as de futebol, após as partidas, é comum que eles/as permaneçam – entre 30 minutos e 1 hora – submersos/as em banheiras/piscinas de plástico/tachos repletas de gelo para amenizar as dores musculares. Contudo, a própria imersão ocasiona dores e desconfortos. Algumas vezes, inclusive, pude presenciar jogadoras entrando em estado de choque (frio, tremedeiras, câibras, choros compulsivos) durante o processo.

Para Loïc Wacquant (2002), é através da prática diária, cotidiana e contínua do corpo que o boxeador desenvolve um habitus ou espírito pugilista. Para Wacquant existe uma característica “particular que resulta do longo

processo de inculcação do *habitus* pugilístico" (WACQUANT, 2002, p.119). Ou seja, o corpo não é mais produto apenas de uma culturalização, como pensava Marcel Mauss (2003), mas também reflexo de uma "remodelação" que ocorre por intermédio das práticas esportivas.

No contexto dessa etnografia, os corpos das mulheres jogadoras precisam ser treinados cotidianamente para adquirirem o que chamaremos de habitus futebolístico e/ou espírito futebolístico. A menstruação e as dores do ciclo menstrual aparecem como elementos intrínsecos ao corpo da mulher que precisam ser superados. Logo a menstruação das atletas – assim como das operárias fabris da década de 1940 -, passa a ser inserida dentro de um modelo que não permite falhas durante a prática esportiva. Elabora-se, portanto, uma lógica capitalista e industrial de consumo que permite e estimula a venda de absorventes internos e externos próprios para a prática esportiva. Além disso, existe ainda o modelo biomédico de controle e regulação desses corpos, que prescreve e estimula a venda de anticoncepcionais que permitem às atletas a prática contínua das modalidades esportivas, minimizando os efeitos ou mesmo suprimindo o ciclo menstrual.

A jogadora Helena, ao demonstrar “fraqueza” e dor, recusando-se a entrar em campo por estar menstruada, provocou uma reação negativa na técnica e em suas colegas de equipe. Esse caso etnográfico reforça a ideia de que a menstruação de mulheres atletas precisa ser controlada e manejada de maneira a não interferir no desempenho esportivo, uma vez que não entrando em campo naquele dia, nas palavras da técnica, Helena *abandonou* suas companheiras na *guerra*. As críticas à Helena, tanto por parte da técnica quanto por parte das outras atletas, nos mostra ainda que apesar da solidariedade existente entre mulheres futebolistas, a recusa de entrar em campo não é bem recebida e nem aceita de maneira pacífica, torna-se evidente o comprometimento com a prática do futebol. Era preciso que Helena passasse pelo processo de “No pain, no gain”; ou seja, era preciso que ela superasse as dores menstruais e conseguisse alcançar, em prol de todo o grupo, os melhores resultados possíveis naquele dia. Helena transformou um problema pessoal (as cólicas) em um problema que precisa ser enfrentado por todo o

grupo (a ausência dela em campo).

Nesse sentido, portanto, o momento da preleção do/a técnico/a reforça elementos como o orgulho, o sentimento de pertencimento ao coletivo, o vínculo e a confiança entre as jogadoras da equipe, a força e a superação. Para além do corpo forte, treinado e condicionado, as atletas precisam desenvolver também o habitus/espírito futebolístico que por características a tenacidade, a ajuda mútua e o *drible* das dificuldades. É no desenvolvimento individual de cada atleta, que o conjunto, a equipe como um todo, triunfa diante das adversidades – sobretudo dentro de campo, mas também do lado de fora quando elas desenvolvem o sentimento de pertencimento .

Reza

Certo dia, após uma das preleções de Ita, ainda dentro do vestiário, Marcinha – uma das jogadoras – tomou a fala e disse para suas colegas de equipe:

“O povo de Moisés estava perdendo a batalha. Quando Moisés estava passando, Araão e Hur disseram pra ele: “Moisés, vai deixar com que o povo pereça? Vai deixar com que o povo perca a batalha?”. E era povo de Moisés. Moisés disse: “Não. Eu vou buscar um Deus vivo no Monte Carmelo e ele vai responder com fogo”. Então ele subiu a esse Monte e chegando lá, com Araão e Hur do seu lado, viu o povo perdendo a batalha, o povo de Moisés estava perdendo a batalha. Ele observava aquela cena, ele pedia, pedia, pedia pra que o Senhor viesse abençoar. Pra que o povo dele vencesse. E Moisés não conseguia, nada acontecia. Ele, de repente, se ajoelhou, levantou a mão pra cima, e quando ele levantou a mão pra cima o povo começava a vencer. De repente ele cansava e a mão dele se abaixava, e o povo começava a perder a batalha. Araão e Hur percebendo isso foram lá: um segurou de um lado, outro segurou do outro. Eles, juntos, levantaram a mão de Moisés, e disseram assim: “Moisés, nós vamos vencer, porque nós estamos unidos segurando um a mão do outro”. E deixavam a mão de Moisés erguida, porque sabiam que quando a mão de Moisés tava erguida, o povo vencia”. (Trecho caderno de campo de Mariane da Silva Pisani)

Após dizer essas palavras para suas companheiras de equipe, Marcinha terminou sua fala dizendo:

“Então, eu quero dizer pra vocês, a superação de um atleta para com o treinador é quando ele diz “Eu estou machucado, mas eu estou pronto pra guerra”. Então batalhem! Batalhem porque o nosso Moisés está ali (aponta para Ita). Se nós segurarmos a mão dela todos os dias, vamos saber que ela vai estar com as mãos erguida todos os dias por nós, e pedindo, do jeito dela, da maneira dela, pedindo, pra que nós venhamos não só crescer, gente, não só crescer como atletas, mas como pessoas na vida.”
(Trecho do Caderno de Campo de Mariane da Silva Pisani)

Assim como essa cena, durante o tempo de trabalho de campo, pude perceber que os vestiários são locais nas quais a religiosidade se faz presente. Geralmente, após a fala do/a técnico/a da equipe, alguma jogadora toma a fala e cita alguma passagem bíblica ou faz algumas referências a Deus e/ou Jesus que ajude as companheiras na motivação para o jogo que está por vir. Entre as jogadoras da Associação Atlética Pró-Esporte era comum que elas se juntassem em uma roda. Ali, abraçadas, rezavam juntas um Pai Nosso e uma Ave Maria. Porém, diferente de como se reza na igreja – em um tom de voz ameno, calmo, quase que monótono – elas rezavam como se entoassem um grito de guerra: alto, forte, poderoso, ritmado. Observava, inicialmente, esse momento do lado de fora da roda. Via que algumas jogadoras ficavam arrepiadas nos pelos da nuca, dos braços. Depois de algumas semanas acompanhando as jogadoras, passei a integrar a roda de oração também. Elas raramente permitiam que eu ficasse do lado de fora fotografando.

Figura 42 - Roda de oração antes da partida. Acervo pessoal de Mariane da Silva Pisani, foto de abril de 2014.

Figura 43 - Jogadora rezando após marcar um gol. Foto de Mariane da Silva Pisani. Julho de 2014.

Geralmente, depois de rezar o Pai Nosso e a Ave Maria, todas juntavam suas mãos ao centro da roda. Nesse instante Amanda, a capitã da equipe, puxava um “grito de guerra” para incentivar e dar coragem para as atletas que entrariam em campo:

“Capitã: Se Jesus está comigo!
Grupo: Se Jesus está comigo!
Capitã: Comigo Jesus está!
Grupo: Comigo Jesus está!
Capitã: Se Jesus está comigo!
Grupo: Contra mim ninguém será!
Capitã: Um por todos!
Grupo: Todos por um!
Todas: Um, dois, três, ASAPE!”

Sempre buscava não me emocionar ou chorar na frente das atletas, porém houve uma cena etnográfica que me comoveu bastante. Após perderem um jogo da semifinal de um campeonato que disputavam em 2014, todas as atletas se juntaram em roda, como de costume, mas em vez de rezarem as orações corriqueiras, Marcinha começou a cantar uma música. A música, que falava sobre superação pela fé, levou todas as atletas às lágrimas. Se abraçavam, choravam e cantavam. A música misturava-se aos prantos e, mesmo tendo perdido a partida, elas louvavam a Deus, pois reconheciam que somente poderiam – quem sabe – encontrar na fé algum o conforto para o momento.

Acredite que nenhum de nós, já nasceu com jeito
pra super-herói, nossos sonhos a gente é quem
constrói.
É vencendo os limites, escalando as fortalezas,
conquistando o impossível pela fé.

Campeão, vencedor, Deus dá asas faz teu vôo.
Campeão, vencedor, essa fé que te faz imbatível

Te mostra o teu valor.

Tantos recordes você pode quebrar, as barreiras
você pode ultrapassar e vencer!

(Campeão, vencedor – Jamily)

Para além desses momentos, dentro dos vestiários – ou nos espaços mais privados dos jogos – nos campos também havia demonstrações de religiosidade. Algumas jogadoras agradeciam a Deus os gols feitos, ajoelhando-se e levantando os dedos.

VI - CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações finais que apresento aqui têm por objetivo principal resgatar algumas das observações e das análises etnográficas que se sobressaíram ao longo do desenvolvimento desse trabalho de doutorado. O intuito não é, portanto, apresentar conclusões definitivas à pergunta desta tese, mas sim estimular a abertura de novas questões que possam orientar e guiar trabalhos futuros no campo da Antropologia, sobretudo na temática esportes praticados por mulheres.

O primeiro ponto que elenco como importante para o desenvolvimento dessa etnografia foi perceber-me dentro de um processo contínuo de interação, que tinha por características a intensidade, a proximidade e a convivência cotidiana com as interlocutoras. Foi apenas no convívio com as mulheres jogadoras de futebol da cidade de São Paulo que esse trabalho pode se desdobrar, tomando formas não imaginadas antes, passando assim a fazer sentido enquanto etnografia. Deixar-me ser afetada, nas palavras de Favret-Saada, foi o que proporcionou a interação e o livre trânsito nessa rede de mulheres atletas. Para trabalhos futuros, há que se pensar em quão profícuas essas aproximações podem ser, bem como quantos dilemas éticos nossas interações em campo podem impor às nossas pesquisas.

O segundo ponto que destaco aqui é o potencial existente na utilização dos meios audiovisuais para o desenvolvimento da pesquisa. Acredito que por ser um ambiente esportivo, a câmera fotográfica era percebida e aceita de maneira positiva. Talvez, se a etnografia fosse desenvolvida em outros ambientes, a recepção não fosse tão favorável. No contexto futebolístico, contudo, as câmeras fotográficas e filmicas me permitiram livre acesso a todos os espaços de um estádio de futebol e muitas das conversas, situações, histórias e momentos só puderam ser etnografados à medida que me posicionava com a câmera perto das pessoas. Os recursos audiovisuais – fotografias e filmes – serviram também como instrumentos que auxiliaram na produção da etnografia em momento posteriores, quando retornava com os

mesmos e conseguia conversar com as jogadoras sobre outras temáticas que não o futebol.

Nesse sentido, acompanhei ao longo dos últimos anos mulheres que escolhem o futebol enquanto prática esportiva seja na qualidade de prática amadora, profissional ou de lazer. Essas mulheres estabelecem, entre si, redes de apoio e solidariedade, sendo que algumas dessas redes ajudam-nas, inclusive, a lidar com cotidianos por vezes violentos, simbólica ou fisicamente. As redes - que considero como terceiro elemento essencial para o desenvolvimento dessa tese - por sua vez, orientam a circulação dessas jogadoras pela cidade de São Paulo, estabelecendo a partir de diferentes formas de sociabilidade dois tipos de circuito: o futebolístico e o afetivo-sexual.

Os circuitos futebolístico e afetivo-sexual apareceram aqui como o quarto elemento relevante nessa tese. Foi a apenas percorrendo os mesmos que pude estar em contato com mulheres tão diversas e diferentes entre si. Não por acaso, compõem o escopo desse trabalho cinco equipes de futebol praticado por mulheres da cidade de São Paulo. Constatei ainda que as cinco equipes etnografadas mantinham contato e estabeleciam relações de sociabilidade – ora profissionais, ora afetivas – entre si.

O quinto ponto eleito para o desenvolvimento dessa tese é a utilização dos Marcadores Sociais da Diferença. O gênero, a raça e a sexualidade apareceram como categorias de análise essenciais para compreensão de como, a partir do corpo e do futebol, as jogadoras constroem redes de sociabilidade e afetividades diversas. Foi a partir da articulação entre esses Marcadores que evidenciamos que os discursos sobre a participação das mulheres no futebol caminhou, ao longo do tempo, em três direções específicas: as Esferas da Moral, Saúde e Fetichização. Todos esses culminavam por afastar ou restringir de diversas maneiras as mulheres dos campos de futebol.

Pudemos constatar também que as mulheres negras ainda possuem acesso restrito às práticas esportivas, bem como sofrem com atitudes racistas quando conseguem se estabelecer como atleta. Ao mesmo tempo, são essas mulheres negras que muitas vezes fazem do futebol um espaço de

profissionalização, ao contrário das mulheres brancas que geralmente praticam o futebol por lazer/diversão.

Constatamos ainda que a sexualidade das mulheres jogadoras de futebol é um ponto que requer bastante cuidado na hora de ser abordado e analisado, na medida em que a lesbianidade não é vivida por essas mulheres de maneira segura e positiva nos espaços públicos. Assim como a lesbianidade não pode ser vivida de maneira positiva nos espaços públicos, as mulheres que realizam performances corporais mais masculinas também sofrem ataques violentos. Contudo, apesar das violências e da falta de positividade na evidência das lesbianidades e masculinidades no corpo das mulheres jogadoras, as redes e estratégias construídas por elas ajudam-nas a enfrentar e resistir às desigualdades. Elas evocam o sentimento de grupo e pertencimento a partir do futebol, criando redes de sororidade, proteção, afetividade e amizade.

Os vestiários etnografados aparecem como o sexto e último ponto essencial para essa estruturação dessa tese. Foi a partir das relações estabelecidas entre as jogadoras nesses espaços específicos que pude acompanhar como o corpo tornou-se central na articulação de todos os elementos acima mencionados. É a partir e através do corpo atlético que as mulheres jogadoras vivem e circulam na cidade de São Paulo, relacionam-se entre si, disputam partidas, constroem redes de afetos e sociabilidades diversas.

Se dentro de campo as intempéries a serem superadas são a chuva, o sol e o barro; fora de campo muitas das mulheres dessa etnografia viveram situações diversas de violência física e simbólica. A misoginia, o racismo, o sexismo, a lesbofobia e a transfobia aparecem em muitos dos discursos, dos relatos e das observações realizadas. Contudo, foi a partir da prática do futebol e da pertença ao grupo composto por mulheres que dividem um background em comum que muito desses episódios de violência puderam ser manejados e contornados.

Acredito, por fim, que ser feita de chuva, sol e barro, nesse contexto etnográfico significa ser, por excelência, jogadora de futebol.

REFERÊNCIAS

- ADELMAN, M. Mulheres no Esporte: Corporalidades e Subjetividades. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, v. 12, n. 1, p. 11–29, 2006. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/2889/1525>>.
- ADELMAN, M. Fronteiras de mudança: lazer , esporte e práticas femininas no mundo equestre. In: 36º Encontro Anual da Anpocs, Águas de Lindoia. **Anais...** Águas de Lindoia: Portal Brasileiro das Ciências Sociais, 2012. Disponível em: <[ncontro/gt-2/gt20-2/8071-fronteiras-de-mudanca-mulheres-homens-e-o-mundo-do-rodeio-no-brazil-hoje/file](http://anpocs.org/2012/20-2/8071-fronteiras-de-mudanca-mulheres-homens-e-o-mundo-do-rodeio-no-brazil-hoje/file)>. Acesso em: 10 dez. 2017.
- AIRES, L. M. A. **Gestando afetos, concebendo famílias: reflexões sobre maternidade lésbica e reprodução assistida em Aracaju-SE**. 2012. Universidade Federal de Sergipe, 2012. Disponível em: <<https://ri.ufs.br/handle/riufs/3166>>.
- AITCHISON, C. C. **Sport and gender identities: masculinities, femininities and sexualities**. 1. ed. [s.l.] Routledge, 2007.
- ALABARCES, P. Fútbol, leonas, rugbiers y patria: El nacionalismo deportivo y las mercancías. **Nueva Sociedad**, n. 248, p. 28–42, 2013. Disponível em: <http://nuso.org/media/articles/downloads/3988_1.pdf>. Acesso em: 3 set. 2017.
- ALMEIDA, H. B. de. Mulher em campo: reflexões sobre a experiência etnográfica. In: BUARQUE DE ALMEIDA, H.; COSTA, R. G.; RAMÍREZ-GÁLVEZ, M.; SOUZA, É. R. DE S. (Ed.). **Gênero em Matizes**. 1. ed. Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 2002. p. 49–80.
- ALTMANN, H. **Corpo, futebol e relações de gênero**, 2014. .
- AMORIM, A. C. H. **Nós já somos uma família, só faltam os filhos: maternidade lésbica e novas tecnologias reprodutivas no Brasil**. 2013. Universidade Federal de Santa Catarina, 2013. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/106913>>. Acesso em: 25 nov. 2017.
- ANDRADE, R. P. de. **Fotografia e antropologia: olhares fora-dentro**. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.
- ANDREA LACOMBE. **Pra homem já tô eu: Masculinidades e socialização lésbica em um bar no Centro do Rio de Janeiro**. 2005. UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, 2005.

ARANTES, A. A. A guerra dos lugares: mapeando zonas de turbulência. In: ARANTES, A. A. (Ed.). **Paisagens paulistanas: transformações do espaço público**. 1. ed. Campinas: Editora da UNICAMP/Imprensa Oficial, 2000. p. 201.

AUGÉ, M. **Não lugares. Introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Campinas: Papirus, 1994.

BADINTER, E. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BANCO CENTRAL DO BRASIL (BACEN). **Calculadora do cidadão: Correção de Valores**. Disponível em: <<https://www3.bcb.gov.br/CALCIDADAO/publico/exibirFormCorrecaoValores.do?method=exibirFormCorrecaoValores>>. Acesso em: 5 out. 2017.

BANDEIRA, G. A. **“Eu canto, bebo e brigo... alegria do meu coração”: currículo de masculinidades nos estádios de futebol**. 2009. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/15852>>. Acesso em: 8 out. 2017.

BANDEIRA, G. A. **Do Olímpico à Arena: Elitização, racismo e heterossexismo no currículo de masculinidade dos torcedores de estádio**. 2017. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2017. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/169322/001049767.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 8 out. 2017.

BANDY, S. J. Gender and sports studies: an historical perspective. **Movement & Sport Sciences - Science & Motricité**, n. 86, p. 15–27, 11 jul. 2014. Disponível em: <<http://www.mov-sport-sciences.org/10.1051/sm/2013111>>. Acesso em: 3 set. 2017.

BISPO, R. **Senhoras do rebolado: Carreiras Artísticas e Sensibilidades Femininas no Mundo Televisivo**. 2013. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2013.

BITENCOURT, F. G. **No reino do quero-quero: corpo e maquina; técnica e Ciência em um centro de treinamento de futebol - uma etnografia ciborgue do mundo vivido**. 2009. Universidade Federal de Santa Catarina, 2009.

BOCCHI, G. M. M. **Do estádio do Pacaembu para a Arena Corinthians: etnografia de um processo de “atualização”**. 2016. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da Universidade de São Paulo, 2016. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-10032017-152856/pt-br.php>>. Acesso em: 8 out. 2017.

BORDIEU, P. F. **Questões de Sociologia**. [s.l: s.n.]

BOURDIEU, P. **O poder do simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

BOURDIEU, P. F. Classificação, desclassificação e reclassificação. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. M. (Ed.). **Pierre Bourdieu: Escritos de Educação**. 11. ed. [s.l: s.n.]p. 145–181.

BRAH, A. Difference, diversity, differentiation. **Cadernos Pagu**, n. 26, p. 329–376, 2006.

BRASIL. **Decreto-Lei 3.199, de 14 de abril de 1941**Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país. Brasília, 1941. . Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/Del3199.htm>. Acesso em: 2 set. 2017.

BRUSCHINI, M. C. A. Trabalho feminino no Brasil: novas conquistas ou persistência da discriminação? In: XXI Congresso Internacional da Associação de Estudos Latino-Americanos, Pittsburgh. **Anais...** Pittsburgh: Associação de Estudos Latino-americanos, 1998. Disponível em: <<http://biblioteca.clacso.edu.ar/ar/libros/lasa98/Bruschini.pdf>>. Acesso em: 25 nov. 2017.

BUTLER, J. Criticamente subversiva. In: JIMÉNEZ, R. M. M. (Ed.). **Una antología de estudios queer**. Barcelona: Icària Editorial, 2002. p. 55–81.

BUTLER, J. **Ces corps que comptent**. Paris: Éditions Amsterdam, 2009.

CAIUBY NOVAES, S. Imagem, magia e imaginação: desafios ao texto antropológico. **Mana**, v. 14, n. 2, p. 455–475, out. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132008000200007&lng=pt&tlng=pt>. Acesso em: 1 set. 2017.

CAMARGO, W. X. Notas etnográficas sobre vestiários e a erotização de espaços esportivos. **Revista Ártemis**, v. 17, n. 1, p. 61–75, 4 ago. 2014. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/artemis/article/view/17989>>. Acesso em: 25 nov. 2017.

CARDOSO DE OLIVEIRA, R. O Trabalho do Antropólogo: Olhar, Ouvir , Escrever. **Revista de Antropologia**, v. 39, n. 1, p. 13–37, 1996. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/111579>>. Acesso em: 1 set. 2017.

CAUDWELL, J. Gender, feminism and football studies. **Soccer & Society**, v. 12, n. 3, p. 330–344, 10 maio 2011. Disponível em: <<http://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/14660970.2011.568099>>. Acesso

em: 3 set. 2017.

CENTRO DE ESTUDOS DA METRÓPOLE (CEM/CEBRAP). **Mapa da vulnerabilidade social da população da cidade de São Paulo** São Paulo, 2004. .

CHIQUELLO, R. V. **A cidade do futebol. Etnografia sobre a prática futebolística na metrópole manauara**. 2014. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-13052015-112725/>>.

Acesso em: 9 out. 2017.

COLLIER JR, J. **Antropologia visual: a fotografia como método de pesquisa**. São Paulo: Editora da USP, 1973.

CUNHA, T. R. de A. **O Preço do Silêncio: mulheres ricas também sofrem violência**. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2007.

CURI, M. **Espaços da emoção: arquitetura futebolística, torcida e segurança pública**. 2012. Universidade Federal Fluminense, 2012.

DAMATTA, R. Futebol: ópio do povo X drama de justiça social. **Novos Estudos**, v. 3, n. 4, p. 54–60, nov. 1982. Disponível em: <<http://novosestudios.uol.com.br/produto/edicao-04/>>. Acesso em: 8 out. 2017.

DAMATTA, R. Antropologia do óbvio: Notas em torno do significado social do futebol brasileiro. **Revista USP**, n. 22, p. 10–17, 30 ago. 1994. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/26954>>. Acesso em: 8 out. 2017.

DAMO, A. S. **Do dom à profissão: formação de futebolistas no Brasil e na França**. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2007.

DAVID, Alexandra, *et al.*. Incidência da Síndrome Pré-menstrual na Prática de Esportes In *Rev Bras Med Esporte* – Vol. 15, No 5 – Set/Out, 2009.

DE ALCÂNTARA MACHADO, A. C. **Novelas Paulistas**. 5. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1978.

DOUGLAS, M. **Pureza e Perigo**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

DUNNING, E.; MAGUIRE, J. As relações entre os sexos no esporte. In: KNIJNIK, J. (Ed.). **Gênero e esporte: masculinidades e feminilidades**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

EL PAÍS. **Rafaela Silva: Negra, pobre e Silva: o primeiro ouro da Rio 2016 é a cara do Brasil | Esportes | EL PAÍS Brasil**. Disponível em:

<https://brasil.elpais.com/brasil/2016/08/09/deportes/1470695638_790195.html>. Acesso em: 24 nov. 2017.

ELIAS, N.; DUNNING, E. **Em busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

ESPORTUDO. **Top 10: jogadoras mais bem pagas do futebol feminino**. Disponível em: <<http://blog.esportudo.com/top10-jogadoras-mais-bem-pagas-do-futebol-feminino>>. Acesso em: 25 nov. 2017.

FACCHINI, R. **Entre umas e outras: mulheres, (homo)sexualidades e diferenças na cidade de São Paulo**. 2008. Universidade Estadual de Campinas, 2008.

FACCHINI, R. Políticas para “lésbicas” e para “sapatões”: diversidade; diferenças e o enfrentamento ao heterossexismo. In: POCAHY, F. (Ed.). **Políticas de enfrentamento ao heterossexismo: corpo e prazer**. Porto Alegre: Nuances, 2010. p. 103–124.

FACCO, L. **Boca no Trombone: Literatura lésbica contemporânea**. 2003. Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2003.

FARIAS, C. M. da C. **A adoção por casais homoafetivos como concretização do direito ao melhor interesse das crianças e adolescentes**. 2012. Universidade de Fortaleza, 2012. Disponível em: <<http://uolp.unifor.br/uol/conteudosite/F1066341729/Dissertacao.pdf>>. Acesso em: 25 nov. 2017.

FAUSTO-STERLING, A. Dualismos em duelo. **Cadernos Pagu**, n. 17–18, p. 9–79, 2002.

FAVRET-SAADA, J. “Ser afetado”, de Jeanne Favret-Saada. **Cadernos de Campo (São Paulo, 1991)**, v. 13, n. 13, p. 155, 30 mar. 2005. Disponível em: <<http://revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/50263>>. Acesso em: 6 out. 2017.

FELTRAN, G. de S. **Fronteiras de tensão: um estudo sobre política e violência nas periferias de São Paulo**. 2008. Universidade Estadual de Campinas, 2008. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/280325>>. Acesso em: 23 nov. 2017.

FELTRAN, G. de S. Periferias, direito e diferença: notas de uma etnografia urbana. **Revista de Antropologia**, v. 53, n. 2, 10 ago. 2012. Disponível em: <<http://www.journals.usp.br/ra/article/view/37711/40440>>. Acesso em: 21 nov. 2017.

FERREIRA ANTUNES, F. M. R. **“Com brasileiro, não há quem possa!”: futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues**. 1. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade 3: O cuidado de si**. 1. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. [s.l.: s.n.]

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. [s.l.: s.n.]

FRANZINI, F. Futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Revista Brasileira de História**, v. 25, n. 50, p. 315–328, dez. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882005000200012&lng=pt&tlng=pt>. Acesso em: 2 set. 2017.

FRANZINI, F. Em posição de impedimento: as mulheres no país do futebol. **ComCiência**, n. 79, 2006. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=16&id=154>>. Acesso em: 2 set. 2017.

FRÚGOLI JR., H. **Sociabilidade Urbana**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

FRY, P. H. Diferenças, desigualdades, discriminação. In: SOUZA LIMA, A. C. DE (Ed.). **Antropologia e direito: temas antropológicos para estudos jurídicos**. 1. ed. Brasília e Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Antropologia, Contracapa, Laced, 2012. p. 227–233.

FUNDAÇÃO SISTEMA ESTADUAL DE ANÁLISE DE DADOS (SEADE). **Distribuição da População, segundo Grupos do Índice Paulista de Vulnerabilidade Social – IPVS 2000 Município de São Paulo e Subprefeitura de Guaianases**. Disponível em: <<http://produtos.seade.gov.br/projetos/ipvs/analises/mspguaianazes.pdf>>. Acesso em: 8 out. 2017.

GLOBOESPORTE. **Jogadores deixam clube do RS após vazamento de vídeo com cena sexual: Quatro atletas do Gaúcho, de Passo Fundo, tiveram vínculos encerrados depois de protagonizarem ato no vestiário do clube, conforme presidente**. Disponível em: <<https://globoesporte.globo.com/rs/futebol/noticia/jogadores-deixam-clube-do-rs-apos-vazamento-de-video-com-cena-sexual.ghtml>>. Acesso em: 25 nov. 2017.

GOAL. **Quanto dinheiro tem Lionel Messi, e quanto o craque do Barcelona ganha?** Disponível em: <<http://www.goal.com/br/not%C3%ADcias/quanto->

dinheiro-tem-lionel-messi-e-quanto-o-craque-do/ulkhz8wmvwt01opnzo5kxbx9zj>. Acesso em: 25 nov. 2017.

GODIO, M. **Somos Hombres de Platea: A sociedade dos dirigentes e as formas experimentais do poder e da política no futebol profissional em Argentina**. 2010. Universidade Federal de Santa Catarina, 2010. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/93989>>.

GOELLNER, S. V. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 19, n. 2, p. 143–151, 1 jun. 2005. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/16590>>. Acesso em: 3 set. 2017.

GOELLNER, S. V. No país do futebol, Maria tem vez? In: HILDEBRANDT-STRAMANN, R. (Ed.). **Histórias de movimento com crianças**. 1. ed. Ijuí: UNIJUÍ, 2010. p. 23–34.

GOELLNER, S. V.; KESSLER, C. S. A sub-representação do futebol praticado por mulheres no Brasil: mudar o foco para visibilizar a modalidade. In: PINHEIRO, F.; MELO, V. A. DE (Ed.). **A bola ao ritmo de fado e samba: 100 anos das relações luso-brasileiras no futebol**. 1. ed. Lisboa: Edições Afrontamento, 2013. p. 126–135.

GONZALEZ, L. A mulher negra na sociedade brasileira: uma abordagem político-econômica. In: RODRIGUES, C.; BORGES, L.; RAMOS, T. R. O. (Ed.). **Problemas de Gênero**. 1. ed. Rio de Janeiro: Funarte, 2016. p. 399–416.

GROISMAN, A. Fotografia e fotografar: paradigmas, artefatos e artifícios sociais e relacionais. In: **Imagem: Intervenção e Pesquisa**. 1. ed. Florianópolis: EdUFSC, 2006. p. 121–138.

GROSSI, M. P. Gênero e parentesco: famílias gays e lésbicas no Brasil. **Cadernos Pagu**, n. 21, p. 261–280, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332003000200011>.

GROSSI, M. P.; RIAL, C. S.; HEILBORN, M. L. Entrevista com Joan Wallach Scott. **Revista Estudos feministas**, v. 6, n. 1, p. 114–124, 1998. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/12037/11314>>. Acesso em: 24 nov. 2017.

GUEDES, S. L. **O Futebol Brasileiro: Instituição Zero**. 1977. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1977. Disponível em: <<http://cev.org.br/biblioteca/o-futebol-brasileiro-instituicao-zero/>>.

HALBERSTAM, J. **Female Masculinity**. Durham: Duke University Press, 1998.

HARAWAY, D. Gênero para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. **Cadernos Pagu**, n. 22, p. 201–246, jun. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0104-83332004000100009>. Acesso em: 24 nov. 2017.

HELAL, R.; GORDON JR, C. Sociologia, história e romance na construção da identidade nacional através do futebol. **Revista Estudos Históricos**, v. 13, n. 23, p. 147–166, jul. 1999. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewArticle/2092%5Cnhttp://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewFile/2092/1231>>.

HOBBSAWM, E. J. E. A produção em massa das tradições: Europa, 1870 a 1914. In: **A invenção das tradições**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. p. 271–316.

HOLANDA, I. de O. **Escrever para si, escrever sobre si: a literatura lésbica entre o virtual e o impresso**. 215AD. Universidade Federal do Ceará, 215AD.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Estimativas da População Residente nos Municípios Brasileiros com data de 1º de Julho de 2017**. [s.l.: s.n.]. Disponível em: <ftp://ftp.ibge.gov.br/Estimativas_de_Populacao/Estimativas_2017/estimativa_dou_2017.pdf>. Acesso em: 4 out. 2017.

JORNAL O GLOBO. **Aida dos Santos, a mulher que o pódio não pôde suportar**. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/esportes/rio-2016/aida-dos-santos-mulher-que-podio-nao-pode-suportar-18528315>>. Acesso em: 24 nov. 2017a.

JORNAL O GLOBO. **Em 2012, Rafaela Silva foi vítima de racismo após desclassificação**. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/esportes/em-2012-rafaela-silva-foi-vitima-de-racismo-apos-desclassificacao-19877192>>. Acesso em: 25 nov. 2017b.

KESSLER, C. S. **“Entra aí pra completá”: narrativas de jogadoras do futsal feminino em Santa Maria/RS**. 2010. Universidade Federal de Santa Maria, 2010. Disponível em: <<http://repositorio.ufsm.br/handle/1/6197>>. Acesso em: 2 set. 2017.

KESSLER, C. S. **Mais que barbies e ostras : uma etnografia do futebol de mulheres no Brasil e nos Estados Unidos**. 2015. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2015. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/131770>>. Acesso em: 21 nov. 2017.

KNIJNIK, J. D. **Gênero e esporte: masculinidades e feminilidades**. Rio de

Janeiro: Apicuri, 2010.

KNIJNIK, J.; VASCONCELOS, E. Sem impedimento: o coração das mulheres que calçam chuteiras no Brasil. In: COZAC, J (Ed.). **Com a cabeça na ponta da chuteira: ensai-os sobre a psicologia do esporte**. São Paulo: Annablume, 2003.

LAGO, Mara Coelho de Souza. Pesquisar e orientar pesquisas etnográficas em gênero: interdisciplinaridade, subjetividade, relativização como questões. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 26., 2008, Porto Seguro. Anais da 26ª Reunião Brasileira de Antropologia. Porto Seguro: Associação Brasileira de Antropologia, 2008. p. 1 - 10. Disponível em: <http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD_Virtual_26_RBA/grupos_de_trabalho/trabalhos/GT_25/mara_coelho_de_souza_lago.pdf>. Acesso em: 10 out. 2017.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago: University of Chicago Press, 2003.

LE BRETON, D. **Adeus ao corpo: antropologia e sociedade**. Campinas: Papirus, 2003.

LOPES, D. **O homem que amava rapazes e outros ensaios**. Belo Horizonte: Autentica, 2002.

MAGNANI, J. G. C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 17, n. 49, p. 11–29, jun. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v17n49/a02v1749.pdf>>. Acesso em: 21 nov. 2017.

MAGNANI, J. G. C. O Circuito: proposta de delimitação da categoria. **Ponto Urbe**, n. 15, p. 1–13, 2014. Disponível em: <<http://pontourbe.revues.org/2041>>. Acesso em: 24 nov. 2017.

MARCELINO, S. R. de S. **Mulher negra lésbica: a fala rompeu o seu contrato e não cabe mais espaço para o silêncio**. 2011. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2011.

MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MCCLINTOCK, A. **Couro Imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial**. 1. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

MEDEIROS, C. P. **Mulheres de Kêto: etnografia de uma sociedade lésbica na periferia de São Paulo**. 2006. UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, 2006.

MEINERZ, N. **Entre mulheres. Etnografia sobre relações homoeróticas femininas em segmentos médios urbanos na cidade de Porto Alegre**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.

Melânia Luz: a primeira mulher negra na história a representar o Brasil em uma Olimpíada. Disponível em: <<http://www.justicadesaia.com.br/melania-luz-a-primeira-mulher-negra-na-historia-a-representar-o-brasil-em-uma-olimpiada/>>. Acesso em: 24 nov. 2017.

MELO, M. H. F. de. **Narrativas de Futebol: Etnografia da Mídia no Avaí FC (Florianópolis/SC)**. 2012. Universidade Federal de Santa Catarina, 2012. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/99261>>. Acesso em: 9 out. 2017.

MELO, M. H. F. de; GODIO, M. **O túnel Azul**Brasil, 2008. .

MIRA, M. C. O masculino e o feminino nas narrativas da cultura de massas ou o deslocamento do olhar. **Cadernos Pagu**, n. 21, p. 13–38, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332003000200003&lng=pt&tlng=pt>. Acesso em: 21 nov. 2017.

MORAES, E. V. **Fazendo gênero e jogando bola: futebol feminino na Bahia anos 80-90**. 1. ed. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 2014.

MOURA, E. J. L. de. **As relações entre lazer, futebol e gênero**. 2003. Universidade Estadual de Campinas, 2003. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/274928?mode=full>>. Acesso em: 2 set. 2017.

MUND, S. **Entrevista do dia: a pioneira Kazue Ueda**. Disponível em: <<https://judofeminino.wordpress.com/2010/08/19/entrevista-do-dia-a-pioneira-kasue-ueda/>>. Acesso em: 24 nov. 2017.

MURAD, M. **A violência no futebol**. São Paulo: Benvir, 2012.

NOGUEIRA, J. K.; FELIPE, D. A.; TERUYA, T. K. Conceitos de gênero, etnia e raça: reflexões sobre a diversidade cultural na educação escolar. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 8: Corpo, Violência e Poder, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: UFSC, 2008. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST1/Nogueira-Felipe-Teruya_01.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2017.

O ESTADO DE S. PAULO. **Vila Mariana: um dos bairros mais “queridinhos” de SP**. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/geral,vila-mariana-um-dos-bairros-mais-queridinhos-de-sp,1603916>>. Acesso em: 5 out. 2017.

O ESTADO DE S. PAULO. **PMs da região do Butantã e de Itaquera causaram mais mortes: Moradores afirmam que o número de viaturas nas ruas aumentou, mas é perceptível o medo de falar sobre a situação.** Disponível em: <<http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,pms-da-regiao-do-butanta-e-de-itaquera-causaram-mais-mortes,1654353>>. Acesso em: 7 out. 2017.

OGLESBY, C. A. Myths and realities of black women in sport. In: GREEN, T. S.; OGLESBY, C. A.; ALEXANDER, A.; FRANKE, N. (Ed.). **Black Women in Sport Foundation**. Reston: Aahperd Publications, 1981. p. 1–18.

OLIVEIRA, J. G. de. **Prazer e risco nas práticas homoeróticas entre mulheres**. Curitiba: Appris, 2016.

OLIVEIRA, V. A. de. **Periguetes, sapatos e mulherzinhas: (des) construindo o que é “ser mulher” no campo de futebol**. 2014a. Universidade Federal de Goiás, 2014. Disponível em: <<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/3973/2/Dissertação - Valleria Araujo de Oliveira - 2014.pdf>>. Acesso em: 2 set. 2017.

OLIVEIRA, V. A. de. **Periguetes, sapatos e mulherzinhas: (des) construindo o que é “ser mulher” no campo de futebol**. 2014b. Universidade Federal de Goiás, 2014. Disponível em: <<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/3973/2/Dissertação - Valleria Araujo de Oliveira - 2014.pdf>>. Acesso em: 2 set. 2017.

ONLINE ETYMOLOGY DICTIONARY. **Origin and meaning of Sport**.

PACHECO, L. T. **Tragédias, batalhas e fracassos: as derrotas brasileiras nas Copas do Mundo (1950 - 1982)**. Goiânia: Cênone Editorial, 2010.

PADESKI FERREIRA, A. L.; MARCHI JUNIOR, W. A Constituição da Sociologia do Esporte no Brasil: uma análise do campo acadêmico e científico. In: **Anais...**2011.

PAULILO, M. I. S. O Peso do Trabalho Leve. **Revista Ciência Hoje**, v. 5, n. 28, p. 64–70, 1987.

PEREIRA, A. B. Funk Ostentação em São Paulo: imaginação, consumo e novas tecnologias da informação e da comunicação. **Revista de Estudos Culturais**, v. 1, p. 1–18, 2014. Disponível em: <<http://each.uspnet.usp.br/revistaec/?q=revista/1/funk-ostentacao-em-sao-paulo-imaginacao-consumo-e-novas-tecnologias-da-informacao-e-da>>.

PIASON, A. da S. **Mulheres que Amam Mulheres: Trajetórias de Vida; Reconhecimento e Visibilidade Social às Lésbicas**. 2009. PONTIFÍCIA

UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL, 2009.

PICKETT, M. W. **The Invisible Black Woman In The Title IX Shuffle: An Empirical Analysis And Critical Examination Of Gender Equity Policy In Assessing Access And Participation Of Black And White High School Girls In Interscholastic Sports**. 2009. University of Miami, 2009. Disponível em: <http://scholarlyrepository.miami.edu/oa_dissertations/288>. Acesso em: 24 nov. 2017.

PICKETT, M. W.; DAWKINS, M. P.; BRADDOCK, J. H. Race and Gender Equity in Sports. **American Behavioral Scientist**, v. 56, n. 11, p. 1581–1603, 10 nov. 2012. Disponível em: <<http://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0002764212458282>>. Acesso em: 24 nov. 2017.

PIERUCCI, A. F. **Ciladas da diferença**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2000.

PISANI, M. da S. **“Muito samba e pouco trabalho”: a representação dos jogadores de futebol brasileiros que atuam no exterior**. 2010. Universidade Federal de Santa Catarina, 2010. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/105233?show=full>>. Acesso em: 1 set. 2017.

PISANI, M. da S. **Poderosas do Foz: trajetórias, migrações e profissionalização de mulheres que praticam futebol**. 2012. Universidade Federal de Santa Catarina, 2012. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/100982>>. Acesso em: 1 set. 2017.

PISANI, M. da S.; SOARES DE ALMEIDA, C. 100 anos de torcida: a presença feminina nas arquibancadas de futebol em Florianópolis, ontem e hoje. In: III Seminário Nacional Sociologia e Política: Repensando desigualdades em novos contextos, Curitiba. **Anais...** Curitiba: 2011.

PISCITELLI, A. G. Interseccionalidades, direitos humanos e vítimas. In: MISKOLCI RICHARD;; PELÚCIO, L. (Ed.). **Discursos fora da ordem: sexualidades, saberes e direitos**. 1. ed. São Paulo: Annablume, 2012. p. 199–227.

PONTEROTTO, D. Trivializing the Female Body: A Cross-cultural Analysis of the Representation of Women in Sports Journalism. **Journal of International Women's Studies**, v. 15, n. 2, p. 94–111, 2014. Disponível em: <<http://vc.bridgew.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1755&context=jiws>>. Acesso em: 3 set. 2017.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO (PNUD); INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA); FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO (FJP). **Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil**. Disponível em: <<http://www.atlasbrasil.org.br/2013/>>. Acesso em: 4 out. 2017.

RAMOS, I. N. **Entre “perifeminas” e “minas de artilharia”: participação e identidades de mulheres no hip hop e no funk**. 2016. Universidade de São Paulo, 2016.

REVISTA PLACAR. A Bela... e as Feras. **Revista Placar**, p. 48–50, out. 1983. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=wUk27LXg1jEC>>. Acesso em: 6 out. 2017.

REVISTA PLACAR. Futebol feminino: As garotas batem um bolão (e até trocam de camisas depois do jogo!). **Revista Placar**, p. 32–39, ago. 1995. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=dnD_Gfc1lhoC>. Acesso em: 6 out. 2017.

REVISTA PLACAR. Cuidado Piranhas: Elas não usam batons de cores berrantes, nem fazem fiu-fiu para o primeiro que passa. Mas são, com muito orgulho, o primeiro e o único time de futebol de Piranhas. **Revista Placar**, p. 38–40, ago. 1996a. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=TovyGZjk8ogC>>. Acesso em: 6 out. 2017.

REVISTA PLACAR. Valeu Meninas! E Agora?: As jogadoras brasileiras surpreenderam com o quarto lugar nas Olimpíadas. Agora, além de superar os traumas de um passado recheado de histórias de homossexualismo, querem acabar com as fofocas do presente para que o futebol femini. **Revista Placar**, p. 46–50, set. 1996b. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=hhwh6G60eKMC>>. Acesso em: 6 out. 2017.

REVISTA PLACAR. O futebol enGATINHA: As bonitinhas costumam sentar no banco de reservas e os jogos ainda não são dos mais atraentes. Mas o Campeonato Paulista de futebol feminino aposta na seriedade e começa a conquistar sua torcida. **Revista Placar**, p. 38–41, maio 1997. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=517t4howgGIC>>. Acesso em: 6 out. 2017.

RIAL, C. Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior. **Horizontes Antropológicos**, v. 14, n. 30, p. 21–65, dez. 2008a. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832008000200002&lng=pt&tlng=pt>. Acesso em: 1 set. 2017.

RIAL, C. Fronteiras e zonas na circulação global dos jogadores brasileiros de futebol. **Antropologia em Primeira Mão**, v. 109, p. 1–24, 2009a. Disponível em: <<http://cev.org.br/arquivo/biblioteca/4029802.pdf>>. Acesso em: 1 set. 2017.

RIAL, C. “Porque todos os “rebeldes” falam português?” A circulação de jogadores brasileiros/sul-americanos na Europa, ontem e hoje. **Antropologia em Primeira Mão**, v. 110, p. 1–22, 2009b. Disponível em: <http://www.ludopedio.com.br/v2/content/uploads/152254_110.pdf>. Acesso em: 1 set. 2017.

RIAL, C. El invisible (y victorioso) fútbol practicado por mujeres en Brasil. **Revista Nueva Sociedad**, n. 248, p. 114–126, 2013. Disponível em: <http://nuso.org/media/articles/downloads/3995_1.pdf>. Acesso em: 2 set. 2017.

RIAL, C. Ainda um “Ponga un exótico” ou uma mudança efetiva? A participação das mulheres na mídia Brasileira na Copa. **Cuadernos del Mundial**, v. 2, p. 2–4, 2014. Disponível em: <http://cuadernosdelmundial.clacso.org/pdf/Cuadernos_Mundial_N2_CLACSO.pdf>. Acesso em: 2 set. 2017.

RIAL, C. S. Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior. **Horizontes Antropológicos**, v. 14, n. 30, p. 21–65, dez. 2008b. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832008000200002&lng=pt&tlng=pt>. Acesso em: 1 set. 2017.

RIAL, C. S. “Porque todos os “rebeldes” falam português?” A circulação de jogadores brasileiros/sul-americanos na Europa, ontem e hoje. **Antropologia em Primeira Mão**, v. 110, p. 1–22, 2009c. Disponível em: <http://www.ludopedio.com.br/v2/content/uploads/152254_110.pdf>. Acesso em: 1 set. 2017.

RIAL, C. S. Fronteiras e zonas na circulação global dos jogadores brasileiros de futebol. **Antropologia em Primeira Mão**, v. 109, p. 1–24, 2009d. Disponível em: <<http://cev.org.br/arquivo/biblioteca/4029802.pdf>>. Acesso em: 1 set. 2017.

ROBIN, A. **Les filles de banlieue populaire: footballeuses et “garçonnes” de “cité”: “mauvais genre” ou “nouveau genre”?** Paris: L’Harmattan, 2008.

RODRIGUES FILHO, M. **O negro no futebol brasileiro**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editoria Civilização Brasileira S.A., 1964.

ROMERO, E. **Corpo, mulher e sociedade**. 1. ed. Campinas: Papirus, 1995.

SANTOS NETO, J. M. dos. **Visão de jogo: primórdios do futebol no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

SCHWARCZ, L. K. M. Racismo “à brasileira”. In: ALMEIDA, H. B. DE; SZWAKO, J. (Ed.). **Diferenças, igualdade**. 1. ed. São Paulo: Berlendis e Vertecchia, 2009. p. 239.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, v. 20, n. 2, p. 71–99, dez. 1995. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>>. Acesso em: 9 out. 2017.

SECRETARIA MUNICIPAL DE ESPORTES E LAZER (SEME-PMSP). **Site Oficial dos Jogos da Cidade de São Paulo - Edição 2014**. Disponível em: <http://www.jogosdacidade.prefeitura.sp.gov.br/forms/frm_Apresentacao.aspx>. Acesso em: 24 nov. 2017.

SECRETARIA MUNICIPAL DE TRABALHO E EMPREENDEDORISMO (SMTE). **Atlas Municipal 2007**. Disponível em: <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/trabalho/informacoes/atlas_municipal/>. Acesso em: 5 out. 2017.

SECRETARIA MUNICIPAL DE URBANISMO E LICENCIAMENTO (SMUL-PMSP). **População Total e Analfabeta de 15 Anos e Mais e Taxa de Analfabetismo - Município de São Paulo, Subprefeituras e Distritos Municipais - 2000 e 2010**. Disponível em: <http://infocidade.prefeitura.sp.gov.br/htmls/8_populacao_total_e_analfabeta_d_e_15_anos__2000_10517.html>. Acesso em: 8 out. 2017a.

SECRETARIA MUNICIPAL DE URBANISMO E LICENCIAMENTO (SMUL-PMSP). **Domicílios ligados ou Não à Rede de Esgoto - Município de São Paulo, Subprefeituras e Distritos Municipais - 2010**. Disponível em: <http://infocidade.prefeitura.sp.gov.br/htmls/11_domicilios_ligados_ou_nao_a_r_ede_de_esgo_2010_10524.html>. Acesso em: 6 out. 2017b.

SECRETARIA MUNICIPAL DE URBANISMO E LICENCIAMENTO (SMUL-PMSP). **População Residente por Grupos de Idade e Sexo - Município de São Paulo e Distritos Municipais - 2013**. Disponível em: <http://infocidade.prefeitura.sp.gov.br/htmls/7_populacao_residente_por_grupos_de_idade__2013_595.html>. Acesso em: 5 out. 2017a.

SECRETARIA MUNICIPAL DE URBANISMO E LICENCIAMENTO (SMUL-PMSP). **Estimativas de Domicílios em Favelas - Município de São Paulo, Prefeituras Regionais e Distritos Municipais - 2008 a 2016**. Disponível em: <http://infocidade.prefeitura.sp.gov.br/htmls/9_estimativas_de_domicilios_em_favelas_2008_10781.html>. Acesso em: 6 out. 2017b.

SECRETARIA MUNICIPAL DE URBANISMO E LICENCIAMENTO (SMUL-

PMSP). **Distribuição das Favelas - Município de São Paulo, Subprefeituras e Distritos Municipais - 2013.** Disponível em: <http://infocidade.prefeitura.sp.gov.br/htmls/9_distribuicao_das_favelas_2013_516.html>. Acesso em: 6 out. 2017c.

SENADO NOTÍCIAS. **Negras são vítimas de mais de 60% dos assassinatos de mulheres no país.** Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2013/11/21/negras-sao-as-vitimas-de-mais-de-60-dos-assassinatos-de-mulheres-no-pais>>. Acesso em: 25 nov. 2017.

SILVA, G. C. e. **Narrativas sobre o futebol feminino na imprensa paulista: entre a proibição e a regulamentação (1965-1983).** 2015. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-10092015-161946/>>. Acesso em: 2 set. 2017.

SILVA, D. A. da. **Enfim mães! Da experiência da reprodução assistida à experiência da maternidade lésbica.** 2013. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2013.

SILVEIRA, V. T.; VAZ, A. F. Doping e controle de feminilidade no esporte. **Cadernos Pagu**, n. 42, p. 447–475, jun. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332014000100447&lng=pt&tlng=pt>. Acesso em: 25 nov. 2017.

SOARES, A. J. História e Invenção de Tradições no Campo do Futebol. **Estudos Históricos**, v. 13, n. 23, p. 119–146, jul. 1999. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2087>>. Acesso em: 9 out. 2017.

SOARES DE ALMEIDA, C. **Boas de bola: um estudo sobre o ser jogadora de futebol no Esporte Clube Radar durante a década de 1980.** 2013. Universidade Federal de Santa Catarina, 2013. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/106921?show=full>>. Acesso em: 2 set. 2017.

SOARES DE ALMEIDA, C. Belas e feras, nós e as masculinizadas: discursos, corporalidades e significações. In: KESSLER, C. S. (Ed.). **Mulheres na área: gênero, diversidade e inserções no futebol.** 1. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016. p. 107–133.

SOARES DE ALMEIDA, C.; PISANI, M. da S. Carreiras e profissionalismo de futebolistas brasileiras após a regulamentação do Futebol. **Labrys, études féministes/ estudos feministas**, v. 28, p. 1–20, dez. 2015. Disponível em:

<<https://www.labrys.net.br/labrys28/sport/caroline.htm>>. Acesso em: 6 out. 2017.

SOARES DE ALMEIDA, C.; PISANI, M. da S.; JAHNECKA, L. De apostas, promessas e sonhos: alguns projetos interrompidos e facilitados de futebolistas não-célebres. **Espaço Plural**, v. XIV, n. 29, p. 170–192, 2013a. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/espacoplural/article/view/10453/7541>>. Acesso em: 6 out. 2017.

SOARES DE ALMEIDA, C.; PISANI, M. da S.; JAHNECKA, L. De apostas, promessas e sonhos: alguns projetos interrompidos e facilitados de futebolistas não-célebres. **Espaço Plural**, v. XIV, n. 29, p. 170–192, 2013b. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/espacoplural/article/view/10453/7541>>. Acesso em: 6 out. 2017.

SOARES DE ALMEIRDA, C. **Boas de bola: um estudo sobre o ser jogadora de futebol no Esporte Clube Radar durante a década de 1980**. 2013a. Universidade Federal de Santa Catarina, 2013. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/106921?show=full>>. Acesso em: 2 set. 2017.

SOARES DE ALMEIRDA, C. **Boas de bola: um estudo sobre o ser jogadora de futebol no Esporte Clube Radar durante a década de 1980**. 2013b. Universidade Federal de Santa Catarina, 2013.

SOUZA, E. A. P. de. **Outro olhar sobre a multidão: práticas de sociabilidades entre os torcedores organizados dos clubes de Recife**. 2012. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012. Disponível em: <<http://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/19111>>. Acesso em: 8 out. 2017.

SOUZA, E. A. P. de. **Fazer Alianças: Uma escolha determinante dos grupos organizados de torcedores de futebol no Brasil entre o protagonismo e a invisibilidade**. 2016. Universidade Federal de Pernambuco, 2016.

SOUZA JÚNIOR, O. M. de. **Futebol como projeto profissional de mulheres: interpretações da busca pela legitimidade**. 2013. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/275104>>. Acesso em: 2 set. 2017.

SPAGGIARI, E. **Família joga bola: Constituição de jovens futebolistas na várzea paulistana**. 2014. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-01062015-180120/publico/2015_EnricoSpaggiari_VCorr.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2017.

STAHLBERG, L. T. **Mulheres em campo: novas reflexões acerca do feminino no futebol**. 2011. Universidade Federal de São Carlos, 2011. Disponível em: <<https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/225>>. Acesso em: 21 nov. 2017.

STIGGER, M. P. **Educação Física, Esporte e Diversidade**. 1. ed. Campinas: Autores Associados, 2005.

STOLCKE, V. "Sexo está para gênero, assim como raça para etnicidade?" **Estudos Afro-Asiáticos**, n. 20, p. 101–119, 1991.

STRATHERN, M. **O gênero da dádiva: problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na melanésia**. 1. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2006.

SUFFOLK, M. T. Professional Female Bodybuilding: Self- Determination Theory Approach. **Journal of International Women's Studies**, v. 16, n. 3, p. 71–85, jul. 2015. Disponível em: <<http://vc.bridgew.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1815&context=jiws>>.

TOLEDO, L. H. de. **Torcidas Organizadas de futebol**. 1994. Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.

TOLEDO, L. H. de. **Lógicas no Futebol: Dimensões Simbólicas de um Esporte Nacional**. 2000. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000. Disponível em: <http://200.144.182.130/ludens/images/publicacoes/logicas_no_futebol.pdf>. Acesso em: 8 out. 2017.

TOLEDO, L. H. de. Futebol e Teoria Social: aspectos da produção acadêmica brasileira (1982-2002). **Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**, v. 52, p. 133–165, 2001.

TRUTH, S. **E não sou uma mulher?** Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/e-nao-sou-uma-mulher-sojourner-truth/>>. Acesso em: 8 out. 2017.

UOL ESPORTES. **Falta de sigilo no vestiário irrita Neymar: PSG busca forma de blindar time**. Disponível em: <<https://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2017/10/03/crise-de-confianca-de-neymar-faz-psg-trabalhar-para-fechar-vestiario.htm>>. Acesso em: 25 nov. 2017.

VELHO, G. **Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea**. 6. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

VELHO, G. **Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas**. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

VELHO, G. **Um antropólogo na cidade: ensaios de antropologia urbana**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

WACQUANT, L. J. D. **Corpo e alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe**. 1. ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

ZAMBONI, M. Marcadores Sociais da Diferença. **Sociologia: grandes temas do conhecimento (Especial Desigualdades)**, p. 14–18, 2014. Disponível em: <http://www.agenciapatriciagalvao.org.br/dossie/wp-content/uploads/2015/07/ZAMBONI_MarcadoresSociais.pdf>.